UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

LENICE LINS GOULART

O CANTO DAS SENHORAS

ANÁLISE DO *DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC)* DE *VELHAS MULHERES* DA PONTA DO TUBARÃO, NO RIO GRANDE DO NORTE.

Natal – Rio Grande do Norte
2007

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

LENICE LINS GOULART

O CANTO DAS SENHORAS

ANÁLISE DO *DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC)* DE *VELHAS MULHERES* DA PONTA DO TUBARÃO, NO RIO GRANDE DO NORTE.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.

Linha de Pesquisa:
Sociedade, Dinâmicas Culturais e Memória.

Área de Concentração:
Cultura e Representação.

Orientadora:
Prof.ª Dr.ª Lore Fortes

Natal – Rio Grande do Norte
2007

Divisão de Serviços Técnicos

Catalogação da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede

Goulart, Lenice Lins.

O canto das senhoras : análise do discurso do sujeito coletivo (DSC) de velhas mulheres da Ponta do Tubarão, no Rio Grande do Norte / Lenice Lins Goulart. – Natal, RN, 2007.

244 f.

Orientadora : Lore Fortes.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

1. Discurso - Análise - Dissertação. 2. Sujeito coletivo – Dissertação. 3. (Des)historicização – Dissertação. 4. Mulheres velhas – Dissertação. 5. Ponta do Tubarão – Rio Grande do Norte - Dissertação. I. Fortes, Lore. II. Título.

RN/UF/BCZM CDU 808.51(043.3)

TERMO DE APROVAÇÃO

LENICE LINS GOULART

O CANTO DAS SENHORAS

ANÁLISE DO *DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC)* DE *VELHAS MULHERES* DA PONTA DO TUBARÃO, NO RIO GRANDE DO NORTE.

Dissertação aprovada em 04 de maio de 2007como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**, *Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN*, pela seguinte Banca Examinadora:

Lore Fortes *– Orientadora*
Doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília – UnB
Professora do Departamento de Ciências Sociais da UFRN

Fernando Lefèvre
Doutor em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo – USP
Professor Titular da Universidade de São Paulo – USP

Edmilson Lopes Júnior
Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
Professor do Departamento de Ciências Sociais da UFRN

Natal – Rio Grande do Norte
04 de maio de 2007

Aos meus pais:
Alice Albuquerque e *Luiz Pereira Lins e a minha avó Nena*
(*In memoriam*).

Aos meus amores:
José Paulo, Paula, Renata, Thiago e Makarios.

AGRADECIMENTOS

Às mulheres da *Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual – Ponta do Tubarão*, as senhoras e seu canto: *Dona Bebé, Dona Mãezinha, Comadre Lelé, Dona Livinha, Dona Cota, Dona Maria de Valdemar, Dona Mirian, Dona Dodóia* e *Dona Marluce*, informantes, mestras de saberes e esperança.

Ao *Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais* da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGCS/UFRN).

À professora Drª. *Lore Fortes*, minha orientadora.

À minha equipe de trabalho de pesquisa de campo: *Elisa Paiva e Diogo Moreno.*

Às amigas e amigos colaboradores: *Maria Júlia de Paiva Almeida, Vitor Joanni, Marlúcia Elias Farias, Pe. Murilo, Luis Ribeiro da Silva (Ita), Cassilda, Dorcas, Vera, Eliane, Rosa Maria A. Figueredo, Leda Maria Pereira Lins e Luis Henrique Lins*.

Ao meu companheiro *José Paulo de Melo Goulart*.

Às minhas filhas *Paula* e *Renata*, e ao meu filho *Thiago*.

À minha parceira *Eliane Ivo Pinheiro*.

Ao meu amigo/irmão *Makarios Maia Barbosa*.

Às minhas irmãs e irmãos.

Às *amigas e amigos*, colegas do PPGCS/UFRN,

Aos *professores e professoras* do PPGCS/UFRN.

Ao professor Dr. *João Emanuel Evangelhista de Oliveira*, coordenador do PPGCS/UFRN.

Aos amigos *Otânio Costa Revoredo* e *Geraldo Bonfim T. Júnior*, funcionários do PPGCS/UFRN.

À banca examinadora: *Prof. Dr. Edimilson Lopes Júnior* (UFRN), *Prof. Dr. Fernando Lefèvre* (USP) e *Prof.ª Dr.ª Lore Fortes* – Orientadora (UFRN).

É a encarnação do *self* feminino que se desenvolve ao longo da história da humanidade, bem como na história de vida de cada mulher em especial; sua realidade é que estabelece os parâmetros da vida, tanto individual como coletiva.

Erick Neumann

Aprendeste agora o meu canto? Adivinhastes o que quer dizer? [...] entoai o meu canto! Entoai agora vós o canto cujo título é “Outra vez” e cujo sentido é “por toda a eternidade”.

Nietzsche

RESUMO

A participação de mulheres com mais de sessenta anos no rito social de criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual – Ponta do Tubarão, no Rio Grande do Norte, é o objeto central desta pesquisa. Este trabalho busca analisar o discurso oral destas senhoras, na tentativa de *historicizar* tal participação neste rito, apontando as ações de *des-historicização* que, no Ocidente, retiram as mulheres da cena comunitária desvalorizando ou tornando invisíveis os seus papeis de agentes da construção social. As reflexões decorrentes desta pesquisa, realizadas a partir do exemplo de uma comunidade pesqueira tradicional do litoral brasileiro, denunciam os mecanismos de dominação masculina que se instauram no "silêncio" do *hábitus*, tais como: os discursos de poder (que são responsáveis pela eternização das estruturas da divisão sexual) e os princípios de divisão social e cultural correspondentes. A presente pesquisa acata o discurso oral de *Velhas Mulheres* como uma prática de vida comunitária significativa, na comunidade de Diogo Lopes – Macau/RN. A criação comunitária da *RDSE – Ponta do Tubarão* como instrumento de gestão político-social é também aceita aqui como processo conduzido por atores sociais vários. Eles reagiram às ameaças desenvolvimentistas que se abateram e ainda tentam se abater sobre o equilíbrio dos ecossistemas de sua região. A metodologia utilizada na pesquisa apóia-se nos discursos orais destas senhoras como representações sociais do grupo em foco, sobre os quais se aplica o método de *Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).*

Palavras-chave: Análise do Discurso, Sujeito Coletivo, *(Des)Historicização*, Mulheres Velhas, Ponta do Tubarão.

ABSTRACT

The participation of women of more than 60 years of age in the social ritual of the creation of the Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual ("Sustainable Development State Reserve") at Ponta do Tubarão, in the state of Rio Grande do Norte, is the central object of this research. This work is an attempt to analyze the oral discourse of these women, to understand the historical participation in this ritual, pointing out the actions for *de-historicization* that, in the Western world, take women out of the community scene making their roles less important or invisible as agents of social construction. The reflections that take place in this research, using as a starting point, the example of a traditional fishing community on the Brazilian coast, and denounce the mechanisms of male domination that try to "silence" their *hábitus*, such as: the discourse of power (that is responsible for the permanent division of sexual structures) and of the correspondent social and cultural division. The present research respects the oral discourse of the *Elderly Women* as a significant practice of community life in Diogo Lopes in Macau, Rio Grande do Norte. The creation of the community of *RDSE in Ponta do Tubarão* as an instrument for political and social management is also accepted here as a process conducted by various social actors that react to developmental threats that have interfered with and are still trying to interfere with the equilibrium of the regional ecosystem. The methodology used in the research is supported in the oral discourse of these women as social representations of a focus group, on which the method of the *Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)* ("Collective Subject Discourse Analysis") is applied.

Keywords: Discourse Analysis, Collective Subject, (*de)historicization*, Elderly Women, *Ponta do Tubarão*.

RESUMEN

La participación de las mujeres con más de sesenta años en el rito social de creación de la Reserva de Desarrollo Sostenible de la Provincia – Ponta do Tubarão, en Rio Grande do Norte, es el objeto central de esta investigación. Este trabajo busca analizar el discurso oral de estas señoras en la tentativa de historicizar tal participación en este rito, apuntando las acciones de des-historicidad ya que, en el Occidente, retiran a las mujeres de la escena comunitaria desvalorizando o tornándolas invisibles en sus papeles de agentes de construcción social. Las reflexiones decurrentes de esta investigación, localizada específicamente a partir del ejemplo de una comunidad pesquera tradicional del litoral brasilero, donde denuncian los mecanismos de dominación masculina que se instauran en el "silencio" del ''habitus", y como se plasman en los discursos de poder (que son responsables y eternizan las estructuras de la división sexual) y los principios de división social y cultural correspondientes. La presente investigación acata el discurso oral de las Mujeres Mayores como una práctica de vida comunitaria significativa, en la comunidad de Diogo Lopes – Macau/RN. La creación comunitaria da RDSE – Ponta do Tubarão como instrumento de gestión político-social es también aceptada aquí como proceso conducido por actores sociales varios, que reaccionaron a las amenazas del desarrollo que se abatieron y aún intentan abatirse sobre el equilibrio de los ecosistemas de su región. La metodología utilizada en la investigación se apoya en los discursos orales de estas señoras como representaciones sociales del grupo en foco, sobre las cuales se aplica el método del Análisis del Discurso del Sujeto Colectivo (DSC).

Palabras-claves: Análisis del Discurso, Sujeto Colectivo, (Des)Historicidad, Mujeres Mayores.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO *13*

CAPÍTULO I – UM CANTO DE BEIRA DE MAR *22*

1.1 *AS SENHORAS QUE CANTAM* – **DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS** *22*

1.1.1 As *Velhas Mulheres* da beira do mar ***22***

1.1.2 Mulheres pesqueiras – Mulheres comunitárias ***29***

1.1.3 Acompanhando o calendário das *Velhas Mulheres* – Uma etnografia fílmica ***35***

1.2 *ONDE ENTOA O CANTO DAS SENHORAS* – **MERGULHO CONTEXTUAL** *40*

1.2.1 A pesca artesanal como meio de subsistência ***47***

1.2.2 Educação, saúde pública comunitária e formação profissional ***50***

1.2.3 Aspectos geológicos e ambientais da região ***52***

1.2.4 Impactos ambientais na *RDSE – Ponta do Tubarão* ***55***

1.3 *ONDE ENTOA O CANTO DAS SENHORAS* – **MERGULHO HISTÓRICO** *60*

1.3.1 Breve histórico da preservação do meio ambiente em Diogo Lopes ***60***

1.3.2 Uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável ***66***

1.3.3 Formação do Conselho Gestor ***72***

1.3.4 Implantação da *RDSE – Ponta do Tubarão* ***73***

CAPÍTULO II – *AS SENHORAS DO CANTO* – APORTANDO NA BEIRA DO MAR *75*

2.1 *OS ENCANTOS DO CANTO* – **O FATO SOCIAL EM QUESTÃO** *53*

2.1.1 Aportando na Ponta do Tubarão ***77***

2.1.2 Aproximações nos *Encontros Ecológicos da RDSE – Ponta do Tubarão* ***84***

2.2 *OUVINDO O CANTO DAS SENHORAS* – **ESCOLHAS E DESDOBRAMENTOS** *88*

2.2.1 Projeto piloto – Procedimentos ***90***

2.2.2 Projeto piloto – Resultados ***94***

2.2.3 Projeto piloto – Discussão da Aplicação do Método ***95***

2.3 APRENDENDO A OUVIR AS *VELHAS MULHERES* – **METODOLOGIA** *97*

2.3.1 Uma abordagem reflexiva ***98***

CAPÍTULO III – ANÁLISE DO *DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC)* *106*

3.1 UMA ABORDAGEM ANALÍTICA *106*

3.1.1 Por uma abordagem *quali-quantitativa* ***109***

3.2 ANÁLISE DO *DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC)* – **INTRODUÇÃO** *112*

3.2.1 Sobre o método primordial da pesquisa ***115***

3.2.2 Sobre os conceitos de *Discurso* e *Sujeito* ***117***

3.2.3 Sobre a Análise do *Discurso do Sujeito Coletivo – DSC* ***121***

3.3 ANÁLISE DO *DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC)* – **APLICAÇÃO** *123*

3.3.1 Procedimentos e aplicações – roteiro, sujeitos e entrevistas ***123***

3.3.1.1 Procedimentos de elaboração do roteiro de entrevistas 123

3.3.1.2 Aplicação (roteiro de entrevistas) 125

3.3.1.3 Procedimentos para a escolha dos sujeitos 126

3.3.1.4 Aplicação (escolha dos sujeitos) 127

3.3.1.5 Procedimentos para a realização das entrevistas 127

3.3.1.6 Aplicação (realização das entrevistas) 128

3.3.2 Procedimentos – tabulação dos dados ***129***

3.3.3 Aplicação – tabulação dos dados ***130***

3.3.3.1 Procedimentos (montagem dos IADs) 131

3.4 ANÁLISE DO *DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC)* – **RESULTADOS** *134*

CONCLUSÃO *141*

REFERÊNCIAS *156*

APÊNDICES *159*

Apêndice A – Transcrição das Entrevistas ***159***

Apêndice B – IAD 1 – *Expressões-chave, Idéias Centrais* e *Ancoragens* ***194***

Apêndice C – IAD 1 – *Grupamentos* ***212***

Apêndice D – IAD 2 – *DSC Trabalho* ***217***

Apêndice E – IAD 2 – *DSC Comunidade* ***221***

Apêndice F – IAD 2 – *DSC Família, Educação e Religiosidade* ***230***

ANEXOS *233*

Anexo A – Lei da *RDSE – Ponta do Tubarão* ***233***

Anexo B – Síntese dos *Encontros Ecológicos da RDSE – Ponta do Tubarão* ***236***

INTRODUÇÃO

> Se uma mulher conseguir manter esse dom de ser velha quando jovem e jovem quando velha, ela sempre saberá o que vê...
>
> **Clarissa Pinkola Estes**
> *(Mulheres que correm com os lobos: Mitos histórias).*

O canto das "velhas mulheres" ecoa em toda humanidade, desde sempre, e sua ressonância faz vibrar todo o nosso *self*. Seu canto encanta a nós, os viventes. Nesse *canto* maravilhoso, construído entre o real e o imaginário, percebemos que se elaboram as tradições, as formas mais elementares da vida cotidiana. Onde as ações de gestar, alimentar e nutrir são essenciais aos processos de viver em coletivo, instituidoras de modos de viver, de conviver e de manter a vida.

"Velhas mulheres" são mulheres velhas com grande repertório de vida. São mulheres que têm forte influência e poder de decisão na consciência de seus grupos sociais. Caracterizam-se por agir com grande responsabilidade e desenvolvem uma *práxis* facilmente assimilada pelos jovens. Isto pode ser observado quando elas se dispõem a agir e relatar suas práticas cotidianas. Neste trânsito criativo entre as fortes "lutas" do cotidiano (dos trabalhos repetidos nos dias) e as funções de criar sonhos, nutrir esperanças, as "velhas mulheres" da história do mundo educam gerações com sua rica oralidade.

Com a presente dissertação buscamos compreender o discurso oral de algumas "velhas mulheres", ou seja, das *Velhas Mulheres* da comunidade pesqueira de Diogo Lopes, no litoral norte do Rio Grande do Norte, distrito do Município de Macau, no Brasil. Estas senhoras são responsáveis por muitos dos acontecimentos comunitários que estimularam e promoveram a criação da *Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual - Ponta do Tubarão*. Consideramos tal criação como fato social deflagrador de um conjunto de fenômenos

socioculturais e históricos que colocam Diogo Lopes na pauta política do meio ambiente e da economia comunitária do Nordeste do Brasil contemporâneo.

Estas senhoras que compõem o *corpus* de referência de informe primordial desta pesquisa, são mulheres com mais de sessenta anos. Conforme a Organização Mundial de Saúde – OMS, nos países em desenvolvimento, ou seja, países de periferia, as pessoas que se situam nessa faixa etária, são classificadas como *velhas*. Nos países desenvolvidos ou países centrais, ainda segundo a OMS, são consideradas *velhas* pessoas a partir de 65 anos.

Nesta pesquisa, entendemos como *Velhas Mulheres* pessoas possuidoras de saberes socialmente construídos, com toda uma *história de vida* e uma *prática comunitária* significativas. Consideramos que resiste na presença social ativa das *Velhas Mulheres* de Diogo Lopes uma qualidade discursiva que, ao mesmo tempo em que submerge na estrutura cotidiana dos ritos sociais tradicionais, emerge como discurso de poder eficaz. Esse discurso contribuiu de modo especial para a criação da *RDSE – Ponta do Tubarão*.

O título que escolhemos para esta dissertação – ***O CANTO DAS SENHORAS*** – é uma tentativa de compreensão da complexa teia em que ecoa a voz destas mulheres nesta comunidade. A expressão “O canto das Senhoras” é uma ilustração metafórica, tomada aqui no sentido de “voz melodiosa e harmoniosa”, voz que segue um sistema de valores e que se localiza no coletivo, que é “cantada” e “ouvida”, e é capaz de organizar o tempo e o espaço de cada ação deste coletivo, na busca de objetivos comuns a todos.

A presença desta voz, no coletivo de onde surge, é o sentido primeiro que pretendemos entender com esta dissertação, pois, desde o primeiro momento em que nos aproximamos desse “canto”**,** percebemos que essas senhoras, no exercício diário de seus afazeres domésticos, põem seu discurso no centro do discurso mundial, onde quer que haja uma luta pela preservação da vida.

Consideramos que o “canto” é também o “lugar” onde a voz fala, bem como o “lugar” sobre o qual ela fala numa performance de ser e de se fazer ser. Sendo assim, esta “voz” existe como possibilidade de construção de “um lugar” no imaginário de quem a ela tem acesso. Não existindo nos trânsitos dos discursos institucionais, ou midiáticos, ou culturais, os problemas, assim como as suas causas, e as lutas e modos de resolução destes problemas, desenvolvidos por esta pequena comunidade, passam a existir através deste “canto” de *Velhas Mulheres*, ocupando o vazio discursivo, político e social.

No tocante ao lugar social em questão – a comunidade praieira e pesqueira de Diogo Lopes – este “canto” tende a ser um eco da “voz” do mar, da praia, do mangue, do estuário, enfim, a voz da vida. O “canto” das *Velhas Mulheres* ecoa como a “voz de sereias” e representa, também, um lugar do *feminino*: uma possibilidade discursiva da mulher nas lutas da sociedade contemporânea e um lugar da diversidade de gênero neste grupo social específico.

No entanto, aqui, acatamos o *feminino* não apenas como marco de uma diferenciação arquetípica, singular, mas, em complexidade, como performance política de diferença e de ação política na construção social.

Uma das epígrafes desta dissertação, colhida no livro **A Grande Mãe**, de Erick NEUMANN (1974, p. 292), utiliza o simbolismo do *feminino* que gera e mantém a vida orgânica, para ressaltar a multiplicidade de discursos que operam na “voz” das mulheres como uma “performance social do *feminino*”. Outra, de Nietzsche (“arrancada” da parte inicial do livro: **Assim Falou Zaratustra**), desvenda uma espécie de aurora da função instigadora do “canto de eternidade”, na sua repetição (no “outra vez”), como forma alusiva à educação, à transmissão de saberes que há nas vozes comuns aos que habitam um mesmo lugar, um mesmo “canto”.

Estas percepções do “canto” como performance “de ser” (afirmação) e de “fazer ser” (educação) nos inquietam. E, assim, em alusão às senhoras de Diogo Lopes como “senhoras do canto”, três grandes questões nos fazem refletir:

1) Qual a origem desse canto?

2) Por que esse canto nos encanta?

3) É possível dimensionar a força desse canto?

Estas questões são reflexivas, ou seja, também “ecoam” em nós. Instigam-nos a repensar nossa condição feminina pela repetição das forças de dominação e de resistência que ocorrem em nossas vidas.

Por isso, pretendemos nortear esta pesquisa numa relação dialógica reflexiva que, conforme proposta por COULON (1995), designa a equivalência entre **descrever** e **produzir** uma interação entre a **compreensão** e a **expressão** dessa compreensão. Mas, muito mais fortemente, amparamo-nos no pensamento de BOURDIEU (2003), condicionando a **reflexividade** como estratégia metodológica - modo de operar um olhar sobre a **dominação masculina** em suas forças manifestas: visíveis e, principalmente, invisíveis - na tentativa de analisar a participação das mulheres no rito social de criação da *RDSE - Ponta do Tubarão*.

Estas forças, também construídas na tradição através de mecanismos de dominação e discursos de poder, são responsáveis pela eternização das estruturas da divisão sexual e dos princípios de divisão correspondentes. Os princípios de divisão das coisas do mundo em pares, quase sempre redutíveis à oposição entre feminino e masculino, estimulam as diferenças sexuais, para que permaneçam imersas no conjunto de oposições que organizam todo o cosmos. (BOURDIEU, 2003). Neste jogo de divisão sexual, em que a força é a regra fundamental frente à disputa de poder, o *feminino* tem sido colocado em oposição ao *masculino* e, de modo sistemático e tradicionalmente aceitável, sob uma condição de inferioridade.

Esse princípio de divisão se faz presente então no mundo social em estado objetivado, e em estado incorporado nos *habitus*, ele funciona como princípio gerador de categorias de percepção, pensamento e ação. O *habitus* é, segundo BOURDIEU (2003), um sistema de disposições adquiridas pelo indivíduo durante seu processo de socialização. Essas disposições podem ser atitudes e inclinações a: perceber e sentir; fazer e pensar, comportamentos e valores aprendidos e interiorizados. Assim, o *habitus* orienta práticas e os gestos mais automáticos, como a forma de andar, mover o corpo, falar, alimentar-se ou sentar.

Esta pesquisa, portanto, concentrou-se no esforço de contar criticamente a história da participação destas senhoras na luta de sua comunidade, rompendo com forças tradicionais de *des-historicização* que, no percurso da humanidade, retiram das mulheres seu papel de agentes de construção social.

Ancoramo-nos nesta pesquisa, na construção de um discurso do sujeito coletivo, a partir de uma etnografia densa (Cf. CLIFFORD, 2002), através da pesquisa realizada com nove mulheres da comunidade. Levamos em conta suas características pessoais, ideológicas e práticas comunitárias significativas. Assim, objetivamos analisar o discurso oral das *Velhas Mulheres* (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003), nossa área primordial de interesse, desenhando o corpo da sua fala não só em sua ordem visível, mas também na ordem invisível (MERLEAU-PONTY, 2005, p. 127), aquela que não se deixa conhecer, representada através das retificações, hesitações, redundâncias, imprecisões e desconexões, como em sua performance cotidiana.

Tecer alguns trançados do tempo passado no tempo presente da história da comunidade de Diogo Lopes, que tentamos (re)contar através do canto das *Velhas Mulheres*, é refletir sobre uma experiência comunitária de partilha e solidariedade. Cada velha mulher desta comunidade traz dentro de si uma história de vida comunitária, originária, por isso, ao

falar do passado no presente dessas mulheres, propomo-nos um olhar singular sobre um lugar que para muitos, para os visitantes, é bastante desconhecido.

Os visitantes são aqueles que em qualquer condição (turista, cientista, estudante ou mero caminhante), se encantam com a acolhida hospitaleira dessa gente**.** Neste lugar de velhas histórias, somos recebidos em casas simples, com estilo próprio, como um velho amigo ou um parente querido. Assim, em Diogo Lopes, conforme nos aproximamos do modo de viver daquelas pessoas, somos conduzidos com segurança a conhecer no presente o passado: um tempo de união, de luta, de resistência, características marcantes.

No tocante à segmentação de nossa sociedade, consideramos absolutamente importante a presença dos mais diversos personagens sociais da Ponta do Tubarão na criação de sua Reserva, visto que este processo foi conduzido por vários atores sociais que reagiram às ameaças desenvolvimentistas ao equilíbrio dos ecossistemas. O referido processo resultou num poder de mobilização social capaz de fazer valer os seus direitos. No entanto, optamos pelas *Velhas Mulheres*, a fim de contar parte dessa luta.

Os motivos desta escolha, além dos apontamentos óbvios, estarão espalhados por todo este texto. Todavia, consideramos que este trabalho pode ser desdobrado em pesquisas futuras que verifiquem, por exemplo: a participação de homens, mulheres jovens, crianças, de categorias profissionais distintas, de outras comunidades sócio-políticas presentes na região, enfim, das mais variadas formas de protagonistas sociais, das mais variadas áreas na fundação e gestão da *RDSE – Ponta do Tubarão*.

Assim, a criação da *RDSE – Ponta do Tubarão* é aceita aqui como rito e como um fato social que motivam a pesquisa do discurso oral de *Velhas Mulheres* da comunidade de Diogo Lopes – Macau/RN, senhoras com mais de sessenta anos, com uma prática de vida comunitária significativa.

Neste sentido, apresentamos esta dissertação na seguinte ordem de conteúdos. No **Capítulo I –** UM CANTO DE BEIRA DE MAR – fazemos uma descrição das *Velhas Mulheres* de Diogo Lopes como agentes prioritários no rito de criação da *RDSE – Ponta do Tubarão* e problematizamos a comunidade estudada, o seu entorno e o fato social em questão, destacando nuances substanciais da luta social e política que esta comunidade vem travando, desde fins do século 20, para conservar seu modelo de vida. Ainda neste Capítulo, mostramos o calendário das *Velhas Mulheres* de Diogo Lopes e os modos da etnografia fílmica que se procedeu na pesquisa. A seguir, fazemos um mergulho contextual nos modos de produção da pesca artesanal como meio de subsistência da região.

Neste contexto, a educação, a saúde pública comunitária e a formação profissional da comunidade são discutidas, em paralelo aos aspectos geológicos e ambientais da região. Ainda neste capítulo, discutiremos os impactos ambientais e a implantação da *RDSE – Ponta do Tubarão,* a partir de um mergulho histórico neste fato social, para: destacar as estratégias de preservação do meio ambiente; mostrar o que é uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável e como se dá a gestão e os modos de sua implantação.

O **Capítulo II** – **AS SENHORAS DO CANTO – APORTANDO NA BEIRA DO MAR** – contém a abordagem metodológica central e as bases conceituais que norteiam a pesquisa, assim como aspectos da presença das Senhoras do Canto na comunidade e seu modo de ação calcado no pensamento tradicional coletivo. Aqui, a implantação da *Reserva da Ponta do Tubarão* é discutida, tomando como referência nossas aproximações por ocasião dos *Encontros Ecológicos*. Para tanto, as escolhas e desdobramentos da pesquisa são apresentados, a partir de um **projeto piloto do DSC**, em que pomos em discussão a aplicação deste Método. A seguir, a Metodologia preferencial da pesquisa é discutida, no formato de abordagem reflexiva.

O **CAPÍTULO III – ANÁLISE DO *DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC)* –** mostra à aplicação do método primordial *de Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)* das *Velhas Mulheres* de Diogo Lopes. Este método apóia-se nos discursos orais destas senhoras como representações sociais do grupo em foco, a comunidade pesqueira da *RDSE – Ponta do Tubarão*. Esta proposição de pesquisa ancora-se no Método de *Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)*, criado por Ana Maria Lefèvre e Fernando Lefèvre (USP). Ao final deste terceiro capítulo, apresentamos um conjunto de análises da comunidade estudada.

Tratamos, neste Capítulo III, das reflexões da abordagem analítica e os significados da abordagem *quali-quantitativa* que pretendemos na pesquisa. Depois, apresentamos uma introdução da *Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)*, discutimos o método primordial, os conceitos de discurso e sujeito e o *DSC*. A seguir, demonstramos como se deu a aplicação do *DSC*: os procedimentos e a tabulação dos dados. Por fim, sintetizamos os procedimentos para a montagem dos instrumentos de análise do discurso e os resultados da análise da pesquisa.

Ainda organizamos nesta dissertação, a **Conclusão** e as **Referências** utilizadas. A seguir, inserimos, nos acréscimos do texto, partes complementares que resultaram do esforço desta pesquisa, ou seja, um **Apêndice** contendo, na íntegra, as entrevistas realizadas com as *Velhas Mulheres* de Diogo Lopes e os *IADs – Instrumentos de Análise do Discurso*, propostos pelo Método do *DSC*. No espaço destinado aos **Anexos**, incuímos a lei estadual que implanta a *RDSE – Ponta do Tubarão* e um resumo dos *Encontros Ecológicos*, documentos que fundamentam os argumentos desta dissertação.

Por fim, explicamos que, tendo sido esta pesquisa realizada em uma ambiência social específica, portadora de aspectos culturais próprios, como falas e modos de linguagem peculiares, alguns termos lingüísticos aparecerão traduzidos de modo sucinto no próprio

corpo do texto onde se localizam. Este recurso visa substituir a presença de um Glossário, a fim de tornar o texto mais fluente.

CAPÍTULO I

UM CANTO DE BEIRA DE MAR

> [...] Ah, meu peixe de asas, eu quero voar / Sair do oceano de tez poluída / Cantar um galope fechando a ferida / que só cicatriza na beira do mar!
>
> **Zé Ramalho** (Beira Mar)

1.1 *AS SENHORAS QUE CANTAM* – **DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS** [1]

1.1.1 As *Velhas Mulheres* da beira do mar

Na composição do quadro central de informantes da pesquisa, acolhemos um número de nove *Velhas Mulheres*, com características comunitárias similares e construções individuais significativamente distintas, compondo um tecido social representativo da comunidade em estudo. São elas: 1) Maria Isabel Gomes – **Dona Bebé** (97 anos); 2) Maria das Dores, **Dona Cota** (77 anos); 3) Francisca Gomes dos Anjos Crispim, **Dona Mãezinha** (71 anos); 4) Maria das Dores Queiroz de Miranda, **Dona Maria de Valdemar** (71 anos); 5) Miriam Oliveira do Nascimento (62 anos); 6) Maria de Nazaré, **Dona Lelé** (62 anos); 7) Maria do Livramento M. da Costa, **Dona Livinha** (62 anos); 8) Maria Auxiliadora de A. Silva, **Dodóia** (59 anos); 9) **Marluce** Ribeiro de Souza (56 anos).

[1] As imagens das *Velhas Mulheres* de Diogo Lopes (***Figuras 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10***) que aparecem nestas tiras e aparecerão reproduzidas isoladamente nas páginas seguintes, foram retiradas das gravações em vídeo da pesquisa etnográfica, exatamente dos momentos em que davam seus depoimentos. Os créditos são dos cineastas Elisa Paiva e Diogo Moreno.

Apresentamos as *Velhas Mulheres*, “sujeitas” desta pesquisa:

Dona Bebé é uma forte senhora de 97 anos, completamente lúcida e ativa, possui profunda capacidade oral de articular o pensamento com clareza e em ordem cronológica. É uma dona de casa, pescadora, a mais antiga de todas as *Velhas Mulheres*. É mãe, avó, bisavó e tataravó. Seu discurso é acatado com profundo respeito e consideração por todos os membros da comunidade. É conhecida por ter um jeito forte e doce de falar e quando fala, aos poucos, constrói em seus relatos a história de sua luta cotidiana. Costuma frisar que quando ainda era pescadora, ao tempo em que aguardava a volta do marido do mar, todos os dias, lutava sozinha para a criação dos seus filhos. Conta que possui muita força nos braços, que aprendeu com o seu pai a governar um barco, a construir casas, que é boa no traço da massa da alvenaria e que sabe fazer piso. Suas histórias podem ser, de fato, análogas às histórias da mulher contemporânea, no tocante à dupla jornada de trabalho, pois ambas, na maioria das vezes, mantêm a responsabilidade de cuidar da casa, de cuidar dos filhos e ainda de prover o sustento familiar. A motivação dessa escolha foi o fato de Dona Bebé ser uma das moradoras mais antigas da comunidade, tendo sido a única moradora da Ilha do Tubarão, entre

1910 e 1950. Todas as outras *Velhas Mulheres*, de uma forma ou de outra, estão, na comunidade, ligadas a ela, quer seja por laços familiares, quer seja por ocupação social de algum lugar na coletividade.

Cota, ou **Dona Cota**, é uma mulher que está sempre sorrindo e que apresenta um corpo enérgico para uma pessoa que tem 77 anos, denotando muito menos idade. É dona de casa, filha de Dona Bebé. É mãe e avó. Foi ela quem criou as irmãs e os irmãos mais novos e manteve uma unidade familiar, enquanto Dona Bebé saía para pescar. No tocante à ação comunitária, ela ocupa um lugar de significação, como exemplo de tradição familiar, mantendo o grupo social em unidade de afeto e comunhão.

Dona Lelé é também filha de Dona Bebé e se tornou líder comunitária por seu poder de resistência política. É a caçula da família, tem 62 anos. É mãe e avó. Muito decidida, fala com a clareza de quem tem uma compreensão da

vida para sobreviver e conquistar um espaço no mundo. Também, como todas as demais, é mãe de família e dona de casa. Destaca-se por uma consciência dos problemas universais que assolam também sua comunidade e, sem hesitar, enfrenta as forças mais poderosas para garantir as relações éticas, políticas e sociais de Diogo Lopes. Cuida dos mais velhos, assim como das crianças, e tem papel decisivo na história de criação da *RDSE – Ponta do Tubarão*.

Dona Mãezinha, foi uma das primeiras professoras da comunidade, cujo nome, nos dias de hoje, é sempre dado às turmas de alfabetização, em sua homenagem. É mãe e avó. É associada ao clube de mães e atua desde cedo como *rezadeira de terço* [2], "puxa" o terço onde houver necessidade, fala que herdou de sua mãe esse dom que lhe permite agir como uma espécie de apoio emocional, psicológico e moral para o seu grupo.

[2] A crendice popular ressalta e Cascudo registra em **Meleagro**: "a reza pode tudo". É capaz de espantar almas penadas, curar males espirituais e físicos, promover "graças" e até ser aplicada para fins nitidamente pessoais, como arrebatar o coração do moço pretendido ou proteger o homem crente de possíveis inimigos. Mas a força da oração não é conhecimento exclusivo da tradição nordestina. Por todo o país onde haja se disseminado o culto católico e mesmo africano, hão de surgir às orações fortes e a crença no poder oculto da força Divina. (CASCUDO, 1978, p. 134).

Dona Maria de Valdemar, ligada à cultura local, gosta de participar de todas as atividades. É artesã e costureira do clube de mães. É mãe e avó. Organizava os blocos de carnaval, colocava três blocos na rua. Hoje está aposentada pela Prefeitura de Macau, como enfermeira prática, pois, dedicou muito de sua vida aos trabalhos de parteira, tendo "botado no mundo" um grande número de crianças, por mais de trinta anos. É evangélica e não participa mais do carnaval, nem dos festejos católicos.

Dona Miriam, uma senhora calma e recatada, dona de casa. Seu cotidiano é dedicado aos trabalhos domésticos e aos cuidados da Igreja. É mãe e avó. Uma pessoa tímida que tem uma participação indireta e significativa nas atividades comunitárias, pois, sua casa torna-se "quartel general", concentrando uma boa parte das atividades logísticas dos eventos. Cuida das netas para que suas filhas dediquem-se, sem preocupações, às lutas comunitárias.

Dona Livinha está sempre à frente dos ritos comunitários, defende com “toda garra” seu “canto”. É mãe de família, avó e educadora. No pastoril, é a mestra do Cordão Encarnado. Sua ação de articuladora comunitária tem promovido significativamente transformações no conceito de coletivo e nas práticas sociais às quais se dedica. Nos ritos litúrgicos da Igreja Católica, ocupa lugar de destaque como ministra. Professora dedicada estimula em seus alunos a preservação ambiental, ao mesmo tempo em que é poetiza e cultiva as artes.

Dodóia é sócia do clube de mães e participa ativamente dos eventos comunitários. É mãe e avó. É uma das organizadoras do bloco carnavalesco “O Bode”. Este bloco possui formato semelhante ao Bumba-Meu-Boi dos festejos dramáticos brasileiros, e no reinado de Momo, percorre a cidade toda, sempre animando a comunidade. No pastoril, é a mestra do Cordão Azul. Destaca-se por seu trabalho na cozinha, durante as

festividades e eventos comunitários. No dia-a-dia, sua relação de afetividade é um grande exemplo para todos.

Marluce é a única do grupo que não nasceu em Diogo Lopes. É mãe e avó. Veio morar na comunidade ainda adolescente, desde então, participa das atividades culturais. É artesã, trabalha com labirinto e crochê. Está na luta pela criação da reserva desde as primeiras reuniões. Dá como exemplo de "força" da mulher de Diogo Lopes o enfrentamento das condições adversas, "brutas", como diz, e destaca-se por ter estimulado suas filhas a estudarem e se formarem.

A força dessas senhoras, atrizes do fato social que interessa a esta pesquisa, emerge em suas ações culturais e na estrutura das narrativas de suas ações, quando contam os fatos da infância, até os tempos atuais. Suas presenças são parte fundamental do rito de criação da *RDSE – Ponta do Tubarão*. São as *ações culturais dessas senhoras* – a estrutura das narrativas de suas ações – o que consideramos como ***Discurso*** nesta pesquisa.

Estes discursos são traços políticos de construção de uma cultura de convivência, a partir da manipulação dos sonhos, das dificuldades, dos anseios, dos desejos, das conquistas, das angústias, enfim, dos acontecimentos mais gerais que formam o cotidiano de sua comunidade e que aqui são expressos em sua oralidade. É com este comportamento que estas mulheres afirmam sua condição de habitante de uma Reserva Ambiental, e dizem o que esta

Reserva significa para elas. Aqui, cada um(a) é ***Sujeito*** e a Reserva é patrimônio, é bem comum dos que dela cuidam. Buscamos, nos discursos destas senhoras, encontrar a importância da transmissão cultural e da vivência do grupo social que reflete seus valores, crenças, hábitos e visões de mundo.

Essas senhoras vêm participando do processo que constitui uma reação social ao desenvolvimentismo predatório instaurado na região, ameaçando o equilíbrio dos ecossistemas. Efetivam seu poder de mobilização social, capaz de fazer valer os seus direitos e de re-educar suas dinâmicas sociais na direção de uma nova forma de sociedade, de ***Coletivo***.

As *Velhas Mulheres* pesqueiras, na condição de testemunhas vivas do passado e do modo de viver do passado, nos falam do presente, de sua experiência, daí sua importância na geração da Reserva, como exemplo de resistência político-cultural. Para elas, preservar a vida através dos trabalhos comuns, domésticos, da arte e dos ritos religiosos e cívicos, exercitando o pensamento ecológico, é função do sagrado. É disso que fala o canto das *Velhas Mulheres* que em sua práxis mantêm a "mesa" sempre posta, o "altar" sempre erigido, a "casa" aberta, como lugar onde "sujeitos" se constroem pelos elos afetivos, históricos e políticos.

1.1.2 Mulheres pesqueiras – Mulheres comunitárias

A mulher desenvolve um papel importante em duas atividades de crescente interesse nos países em desenvolvimento e na América Latina: pesca artesanal e aqüicultura costeira, segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura – FAO [3], em seus relatórios desde 1997. Embora mais da metade dos alimentos cultivados no mundo sejam produzidos por mulheres e a segurança alimentar depender de sua contribuição, é fato que as mulheres tendem a ser participantes invisíveis em todo o processo de desenvolvimento. Elas

[3] Fonte: Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação – FAO. *Food and Agriculture*. Colhido em http://www.fao.org/, em 26 de outubro de 2006.

não dispõem do poder necessário para ascender aos meios de acesso aos recursos, à capacitação e ao financiamento de projetos. Fatores como analfabetismo, falta de representação social e jurídica resultam, em nível mundial, no recebimento de não mais que 5% dos recursos financeiros destinados à extensão e capacitação da mulher que trabalha.

Em nossa cultura, as mulheres pescadoras, assim como as demais trabalhadoras, sempre tiveram um papel significativo no processo produtivo. Na pesca, mais especificamente na pesca estuarina, realizada em ambientes próximos a terra, como rios, lagoas e manguezais, as mulheres são mão de obra ativa. Elas se responsabilizam pelo conserto das redes de pesca e pelo beneficiamento e comercialização do pescado, tarefas imprescindíveis à construção da cadeia produtiva da pesca.

No entanto, ao longo do tempo, essas trabalhadoras foram ocultadas por uma divisão social do trabalho fortemente centrada na presença masculina, divisão esta que define o mar como espaço de homens e posiciona as mulheres na beira do mar, no mangue e na terra.

Em nossa pesquisa bibliográfica, encontramos poucos registros de atividades pesqueiras exercidas por mulheres no Brasil. SILVA (1988, p. 105) faz uma pequena referência, quando fala: “que as pescadoras da Ilha de Itamaracá tinham mais regularidade no trabalho, não só no trabalho doméstico, mas, sobretudo, na atividade pesqueira”. Na intenção de apresentar as particularidades de um grupo que também faz parte do universo da pesca, esse trabalho não tem o objetivo de (des)construir categorias simbólicas existentes.

Em Diogo Lopes/Macau, as mulheres desempenham inúmeras atividades, algumas delas dedicam-se à catação de mariscos, ou seja, escavar a lama do mangue para retirar os mariscos e comercializá-los na comunidade. Esta profissão de marisqueiras é, historicamente na comunidade e nos litorais desta região, uma atividade feminina.

Assim como em várias comunidades pesqueiras do Brasil, na *RDSE – Ponta do Tubarão*, a catação manual de mariscos é uma atividade comum, freqüente e que ocorre ao

longo do ano. Entretanto, algumas mulheres sobrevivem exclusivamente da exploração de mariscos e/ou outros moluscos, sustentam suas famílias, criam seus filhos e adquirem alguns bens materiais, como moradia própria, por exemplo.

Em pesquisa realizada com marisqueiras desta comunidade, DIAS (2004) constatou que as mulheres que desenvolvem esta atividade na comunidade também estão na luta em busca de verem seu trabalho da pesca reconhecido e que das mulheres entrevistadas que possuem a carteira de pescadora, 85,7% adquiriram esse direito apenas recentemente (fevereiro a setembro de 2004), nas proximidades das eleições municipais para escolha de prefeitos e vereadores. E que 100% destas marisqueiras recém-cadastradas apontaram interesses políticos, como o motivo facilitador da concessão da carteira.

Figura 11 – **Marisqueira**.

(Frame recolhido como fotografia do vídeo documentário **A Importância da Preservação**, direção de José Paulo de Melo Goulart e João Fernandes; produção de Lenice Lins Goulart, 2004).

A catação de mariscos é realizada predominantemente por mulheres (crianças, adolescentes e adultas), entre 12 e 60 anos, que moram em condições precárias e desconhecem seus direitos trabalhistas. As marisqueiras passam de 1 a 6 horas no mangue, vão 2 a 7 dias por semana. Os mariscos são capturados manualmente ou com auxílio de

objetos como faca ou colher. A produção mensal de mariscos é, em média de 459,8 kg, que é vendida na própria comunidade, por cerca de R$ 3,53 o quilo, resultando em uma renda mensal por marisqueira de cerca de R$ 108,00 (DIAS, 2006).

Morar próximo ao mangue, processamento do produto na própria casa, facilitando paralelamente exercer as suas funções domésticas e permitir que alguns filhos sejam levados para a pescaria, são fatores prováveis da predominância de mulheres nessa atividade.

Ao retornarem da pescaria, as marisqueiras carregam os sacos ou monoblocos com o produto pescado nos ombros, até suas casas, os sacos quando cheios pesam cerca de 40 kg. Elas mesmas catam na mata a lenha, e iniciam o processo de cozimento, 92,3% das marisqueiras utilizam fogo à lenha para fervura dos búzios. DIAS (2004).

A atividade de marisqueira, por mais que ocupe grande parte do processo produtivo em Diogo Lopes, corresponde apenas a uma pequena parte do grande esforço que fazem as mulheres neste lugar. São elas que, praticamente, conduzem a maior parte da produção local em terra, além do fato de continuarem: mães, donas de casa, agentes comunitárias, esposas, etc. Acumulam jornadas de trabalho, domésticas e produtivas, como a grande maioria das mulheres.

Destacamos aqui algumas atividades que mulheres de Diogo Lopes desempenham, incluindo especialmente neste quadro as atividades realizadas pelas *Velhas Mulheres*, sujeitas desta pesquisa, na tentativa de apresentar a complexidade de inter-relações na cadeia produtiva desta comunidade. São mulheres e, portanto, poderiam “viver” o mito da fragilidade, construído pela dominação masculina. Tal mito nos oprime há séculos e se reafirma nas referências às mulheres, como: “dondocas”, “madames” etc. Ao invés disso, trabalham, se sacrificam e se comprometem com afinco na manutenção da sociedade.

As mulheres da Ponta do Tubarão obrigam-se em seu cotidiano a desenvolver vários papéis ao mesmo tempo, sobrecarregando-se com esforços múltiplos que vão desde a

manutenção da família até a produção econômica. São, assim, uma força de trabalho ativo desde as “sagradas” responsabilidades com os afazeres domésticos, até à realização profissional. Sobrando-lhes pouco ou nenhum tempo para se dedicarem a si mesmas; estas mulheres são comprometidas com as obrigações sociais, comunitárias e com a tradição cultural em que se localizam.

São mães cozinheiras, mães conselheiras, mães rezadeiras, mães; são irmãs curandeiras, irmãs parteiras, irmãs enfermeiras, irmãs; são filhas da Virgem Maria, filhas de muitas Marias, filhas da terra marinha, filhas; são esposas tratadeiras, esposas camaradas, esposas caprichosas, esposas; são a família.

São professoras, ensinam nas escolas formais e no cotidiano, ajudam as crianças, jovens e adultos a compreenderem o que acontece ao seu redor e apostam no futuro como solução para uma vida digna. São educadoras, dirigem as escolas, organizam os centros sociais comunitários, os clubes de mães, as associações e as instituições populares; formam opinião na comunidade; são agentes de saúde física, psicológica e espiritual, ministrando atos litúrgicos nas Igrejas, rezando, tratando das dores do corpo e da alma de sua gente.

São mulheres de muitas habilidades: fazem os serviços gerais, a merenda; limpam o chão, lavam a louça, lavam e passam a roupa, costuram e enfeitam, pintam e bordam; foram, no passado anterior à refrigeração elétrica, amparo na pescaria, quando recebiam o peixe na beira do mar, *escalavam-no* (limpar tirando as víceras), estendiam-no ao sol para secar, *quebravam-no* (dobrar o peixe que secou aberto), *engarajavam-no* (acomodar o peixe em reservatórios para o transporte e a conservação), *comercializavam-no,* e ainda hoje *comercializam-no* na região.

Figuras: 12, 13 e 14 – Peixes secando (estendidos) ao sol na comunidade de Diogo Lopes: tradição que as mulheres realizam na praia, correspondendo à divisão social do trabalho.

(Imagens: Elisa Paiva).

Hoje, muitas destas mulheres continuam a realizar estas atividades além das novas formas de profissionalização. São comerciantes, fazem o dinheiro circular na comunidade, renovam o fluxo de bens de consumo e duráveis. Mas também são criadoras, artesãs, artistas, poetisas, atrizes, cantoras, dançarinas, palhaças, animadoras culturais, fazem a alegria e a festa, os ritos de solidariedade e de comunhão. São ambientalistas por necessidade, consciência e convicção. E buscam melhorar o "seu mundo", com a certeza de que isto pode mudar o Mundo.

Figuras 15, 16 e 17 – Dona Lelé em três momentos de relevância comunitária: uma ação religiosa, uma discussão política e uma animação cultural

(Imagens: Elisa Paiva e Diogo Moreno).

O esforço das mulheres de Diogo Lopes pode ser reconhecido em três grandes campos de ação, visto que elas se dedicam a **gestar**, a **alimentar** e a **manter** a comunidade. Gestam, geram, "dão a luz"; alimentam, nutrem suas gerações no campo político, espiritual e material; e, assim, mantém a estrutura comunitária e seu meio ambiente. Estas ações concentram

aspectos dos ritos tradicionais e universais, comuns às comunidades deste porte, na família, na estrutura da cadeia produtiva e no movimento sociocultural.

1.1.3 Acompanhando o calendário das *Velhas Mulheres* – Uma etnografia fílmica

Como parte da metodologia de pesquisa de campo, realizamos uma *etnografia fílmica* dos principais eventos do calendário comunitário de Diogo Lopes. Este trabalho de acompanhamento da presença das Velhas Mulheres se deu no período de junho de 2005 a maio de 2006, para documentar suas presenças nos ritos socioculturais do lugar.

Durante o ano, a comunidade realiza eventos que são referências de encontros coletivos; são festas populares, religiosas, celebrações e datas tradicionalmente comemoradas na sociedade brasileira. Nesse período, estivemos profundamente interessadas nos acontecimentos que circundavam a problemática central de nossa pesquisa.

Para dar dimensão metodológica a este interesse, realizamos o que DE FRANCE (2000) considera uma *etnografia fílmica*, ou seja, um registro audiovisual dos fatos, direto da convivência com as fontes, com a finalidade de montar um referencial de dados válidos e analisá-los posteriormente em exercício reflexivo. Nestes anos, concentramos nossa atenção nos eventos em que as Velhas Mulheres de Diogo Lopes tinham papel decisivo no planejamento, na organização, na realização, ou mesmo na fruição comunitária. São eles [4]:

> *Janeiro*
> **Férias** (sem data precisa).
>
> **Importância para a comunidade**: Lazer e trânsito de relações sociais.
>
> **Participação das *Velhas Mulheres***: Dona Lelé organiza piqueniques em viagens para outras localidades da região, e até mesmo para outros estados, em que muitas das senhoras participam; ou elas passam os dias no rancho, nas praias.
>
> *Fevereiro*
> **Carnaval** (com data variável).
>
> **Importância para a comunidade**: No passado, o carnaval já foi muito festejado, hoje tudo acontece em Macau/RN. Em 2006, a Sra. Simone tentou realizar uma

[4] As imagens apresentadas na descrição deste calendário são da etnografia fílmica da pesquisa, captadas por Elisa Paiva e Diogo Moreno.

reviver o carnaval do passado, como dizem elas, “de antigamente”, e montou o bloco de rua, chamado “Resgate dos Índios”, que contou com a participação de adultos e crianças. Para acompanhar o bloco, havia música tocada por triangulo e sanfona.

Participação das *Velhas Mulheres*: Organizavam os blocos e participavam dos festejos, das nove mulheres entrevistadas, duas ainda continuam participando das atividades.

Março – Sem festividades.

Abril
Semana Santa (sem data precisa).

Importância para a comunidade: É quando celebram a Paixão de Cristo e vivenciam a Campanha da Fraternidade, acompanham o calendário religioso da Igreja Católica e tem a necessidade de mostrar à comunidade a Paixão de Cristo, quando os fiéis da Igreja são divididos em grupos, cada um com uma dirigente (sempre mulheres), organizados para cada rua da comunidade, a fim de estudarem o tema da Campanha Nacional da Fraternidade.

Participação das *Velhas Mulheres*: São responsáveis pela coordenação de grupos, são também responsáveis pelo encaminhamento de festejos e de infra-estrutura da Paixão de Cristo. No ultimo encontro, antes da *Semana Santa*, os grupos de ruas se reúnem para fazer uma celebração.

Figura 18 – Coroação de Nossa Senhora. (Imagem: Elisa Paiva).

Maio
Festa das Flores com a Coroação de Nossa Senhora.

Importância para a comunidade: Durante todo o mês de maio acontecem eventos sobre as “flores de maio”, esses eventos culminam com a coroação da imagem católica de Nossa Senhora, exatamente no dia 31. É a festa mais importante da comunidade, atrai pessoas de fora, os familiares que moram em outros municipios e aproveitam para visitar a família. Esta festa conta com muitas atividades que possibilitam o envolvimento de grande parte da população. Durante a coroação que acontece no final da missa, são reafirmados os preceitos de fé. As festividades de maio têm como objetivo material angariar fundos para os serviços da Igreja. No mês de maio, dentro dos festejos das flores, há ainda uma *Festa Social* que acontece no Clube, com apresentação de bandas de música. Esta festa é de responsabilidade dos diretores do Clube.

Participação das *Velhas Mulheres*: Responsáveis por toda a logística religiosa e pelo leilão que ocorre no evento. Neste evento, fica definitivamente marcada a

presença comunitária destas senhoras.

Junho
Festa Junina (acompanha o calendário cível brasileiro).

Importância para a comunidade: Um momento de grande lazer comunitário, com festejos particulares e públicos, inclusive, com a apresentação de quadrilhas (*Escolas* – com as crianças; *Reciclagem* – com os jovens; *Rancho* – com os jovens; *Frinfa Afoguiado* – só com homens; *Cabaço furado* – só com mulheres; *Arraiá da Fundação – FASOP* – com membros da terceira idade) As festas de junho servem para a arrecadação de fundos em prol das entidades comunitárias.

Participação das *Velhas Mulheres*: Responsáveis pela festa como um todo. Embora cada quadrilha tenha um responsável, estes, são os próprios puxadores (condutores dos passos da dança, animadores). **Dona Lelé** é a responsável pela quadrilha *Cabaço furado* e pelo *Arraiá da Fundação*.

Figura 19 – V Encontro Ecológico da RDSE – Ponta do Tubarão. (Imagem: Diogo Moreno).

Julho
Encontros Ecológicos da RDSE – Ponta do Tubarão (sem data pré-estabelecida).

Importância para a comunidade: Evento de profunda importância para a região, especialmente no tocante à educação ambiental da população e para o desenvolvimento de políticas comunitárias de preservação e utilização do meio-ambiente, com atividades desenvolvidas nas três comunidades (Diogo Lopes, Sertãozinho e Barreiras). Este evento, criado como uma estratégia política para defender o "seu canto", é o momento em que se abrem, para a comunidade, espaços de discussões oficiais acerca de sua realidade.

Participação das *Velhas Mulheres*: As *Velhas Mulheres* iniciaram o movimento preservacionista na região, aglutinando a comunidade em torno da defesa do meio ambiente e das tradições pesqueiras. Até hoje, elas são elementos decisivos na organização dos Encontros Ecológicos e na logística de sua realização, inclusive cozinhando e trabalhando na infra-estrutura.

Figura 20 – Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes. (Imagem: Elisa Paiva).

Agosto (Dia 15)
Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes.

Importância para a comunidade: Realizada na Comunidade de Sertãozinho, conta com a participação das três comunidades (Barreiras, Diogo Lopes e Sertãozinho). Evento simbólico para a união religiosa dos padroeiros dessas comunidades, quando, cada um no seu andor segue a procissão nos barcos e encontram-se no mar, juntam-se e voltam para a Paróquia de Diogo Lopes. Em seguida a procissão vai a pé para a Paróquia de Sertãozinho, onde acontece a missa campal e a Festa Social, com diversões variadas, entre elas um leilão de comidas, para arrecadar fundos para a Igreja de Sertãozinho.

Participação das *Velhas Mulheres*: Estão sempre à frente de todas as atividades. São elas as mais instigadas e instigadoras da união dos santos, pois consideram este fato religioso importantíssimo para a união dos moradores de cada comunidade e para a coletivização das causas e das lutas por melhores condições de preservação ambiental e de respeito às tradições.

Figura 21 – Regata de Veleiros de Diogo Lopes. (Imagem: Diogo Moreno).

Setembro
Regata de Veleiros de Diogo Lopes (sem data definida).

Importância para a comunidade: Esta competição de barcos à vela, criada pelos homens que trabalham ao redor das práticas de mar, tem função de lazer e de união destes trabalhadores, inclusive, com uma premiação bem disputada. É um momento de lazer para os pescadores e suas famílias e é, também, uma espécie de "abertura" para a festa do padroeiro da comunidade. Na Regata de Veleiros são arrecadados fundos para as associações, nas diversas barracas de comidas que circundam a praia.

Participação das *Velhas Mulheres:* Responsáveis pelas barracas de venda de comidas e bebidas, para angariar fundos.

Figura 22 – Procissão de São Francisco – Padroeiro de Diogo Lopes. (Imagem: Diogo Moreno).

Outubro
Festa do Padroeiro de Diogo Lopes, **São Francisco de Assis** (sem data definida).

Importância para a comunidade: Este festejo tem duração de nove dias, com atividades que disseminam a união e a partilha. É uma festa religiosa com desdobramentos de quermesse e de festejo brincante popular, com leilão, fogos de artifício, parque de diversão, música e barracas, durante os dias de acontecimento.

Participação das *Velhas Mulheres:* Durante a novena, fazem caminhadas pelas ruas da comunidade, levando o Santo para passar a noite nas residências que o solicitam. Nos dois últimos dias, cada pessoa leva algo para o café da manhã da casa onde o santo dorme, e há uma grande partilha de alimentos entre todos os presentes. Quando o padre não pode comparecer a algum dos lugares de novena, elas "celebram" os ritos equivalentes à missa. São elas quem mais canta durante toda a procissão; preparam as crianças para a Primeira Eucaristia; passam o mês vestindo roupas de cor marrom em homenagem ao santo franciscano; organizam toda a festa religiosa e social.

No evento final da novena, elas apresentam o Pastoril da Terceira Idade, dançando e cantando.

Figura 23 – Pastoril das* Velhas Mulheres *de Diogo Lopes. (Imagem: Diogo Moreno).

Novembro – Sem festividades.

Dezembro – No Natal, a comunidade passa a festa em família, depois dos ritos sagrados da Igreja.

Durante um ano, filmamos o calendário de eventos desta comunidade. Acompanhamos e observamos atentamente seus ritos e o seu cotidiano, em seu contexto sociocultural. Conversamos com pessoas e ouvíamos atentamente suas histórias de pesca e de viver. Percebemos em seus discursos uma ordem invisível que nos motivou a buscar respostas para os questionamentos da nossa investigação.

Do calendário de eventos da comunidade de Diogo Lopes, registramos os *Encontros Ecológicos da RDSE – Ponta do Tubarão*, a *Regata de Veleiros*, a *Festa de São Francisco de Assis*, a *Festa Social*, a *Festa das Flores*, enfim, os eventos importantes. Em todos esses eventos, encontramos a presença marcante das *Velhas Mulheres*, e vimos que há um comportamento recorrente de "dar de comer". Tal comportamento, além da música e da dança, da fé e dos rituais tradicionais de congregação, de união, é pleno de significação do modo materno como essas senhoras educam a comunidade.

O papel de alimentar, que há nos seus gestos de solidariedade e de união comunitária, vai desde as divisões da tarefa de alimentar, nas celebrações da festa do padroeiro e das novenas do mês de maio, até o famoso leilão de comidas, para angariar fundos para as atividades da paróquia e para os eventos comunitários que ocorrem nas festas. Assim, a partilha é um traço de equilíbrio social forte no agir e no discurso dessas mulheres.

1.2 *ONDE ENTOA O CANTO DAS SENHORAS* – **MERGULHO CONTEXTUAL**

No litoral norte brasileiro, no Estado do Rio Grande do Norte, existem três comunidades pesqueiras que mantêm as atividades do trabalho pesqueiro produtivo, ao mesmo tempo em que se dedicam à preservação biótica e ambiental, são elas: Barreiras, Diogo Lopes e Sertãozinho. Desde o início do século XX, estas três comunidades buscam, a partir de compostos culturais tradicionais e à base de muita discussão coletiva, equilibrar o esforço do trabalho produtivo com a preservação de alguns elementos das formas pesqueiras tradicionais e, assim, preservar o meio ambiente.

Para estas comunidades, meio-ambiente significa: o mangue com seu *estuário* – braços de mar que se formam pela desembocadura de um rio, o berçário da vida marinha – e, ainda, suas relações socioculturais, comunitárias e os valores práticos, morais e subjetivos, que julgam necessários à sua existência.

Figura 24 – Vista da área de contato da comunidade com o rio e com o mangue.

(Frame recolhido como fotografia do vídeo documentário **A Importância da Preservação**, direção de José Paulo de Melo Goulart e João Fernandes; produção de Lenice Lins Goulart, 2004).

Estas comunidades estão localizadas no município norte-rio-grandense de Macau, que tem uma população estimada em 25.521 habitantes, situados numa área da unidade territorial de 788 km², segundo o IBGE. Macau destaca-se no cenário potiguar como um significativo pólo de produção de sal marinho; ocupa o primeiro lugar na produção estadual e nacional de Petróleo e Gás – extraídos no mar através das plataformas de Aratum e Macau Mar – além da extração em terra, possuindo o seguinte quadro financeiro demonstrativo:

MACAU código: 240720	**Ano de 2001 (Mil Reais)**
Descrição	*Valor*
Valor adicionado na agropecuária	88
Valor adicionado na Indústria	177.862
Valor adicionado no Serviço	49.157
Dummy [5]	2.713
Impostos	5.904
PIB a Preço de mercado corrente	230.304

MACAU código: 240720 [6]	**Ano de 2002 (Mil Reais)**
Descrição	*Valor*
Valor adicionado na agropecuária	356
Valor adicionado na Indústria	310.100
Valor adicionado no Serviço	65.358
Dummy	5.300
Impostos	5.928
PIB a Preço de mercado corrente	376.441

Na sede do município de Macau, ainda segundo os dados do IBGE, residem cerca de 2611 pessoas na faixa etária de 60 a 80 anos, sendo que deste total, 808 habitantes estão na faixa de 60 a 64 anos; 503 habitantes estão na faixa de 65 a 69 anos; 535 habitantes, na faixa de 70 a 74 anos; 420 habitantes, na faixa de 75 a 79 anos e 345 habitantes de 80 anos acima.

Este município é o maior produtor estadual dos peixes sardinha e avoador. Neste contexto, encontram-se as comunidades de Diogo Lopes, Barreiras e Sertãozinho, e 80% da produção do município provêm destas comunidades. A diversidade da fauna, abundante neste

[5] O *dummy* financeiro representa o diferencial entre os juros recebidos e os pagos, isto é, juros imputados como receita às instituições financeiras que não correspondem ao valor efetivo gerado nessa atividade. Cf. SEADE <http://www.seade.gov.br/produtos/pib/index.php?tip=not>.

[6] Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Resultados da Amostra do Censo Demográfico 2000. Informações de acordo com a Divisão Territorial vigente em 01 de janeiro de 2001. Colhidas no *site*: http://www.ibge.gov.br, em 13 de julho de 2006.

ecossistema ainda intacto e preservado em sua forma natural, permite a sobrevivência e o desenvolvimento local destas comunidades. Os moradores se orgulham porque em suas comunidades as crianças em idade escolar encontram-se na escola, um fato considerável nesta região.

Entre estas comunidades e o mar situa-se a restinga da Ponta do Tubarão, conhecida pelos nativos como “Costa”. Essa área é formada de material não consolidado, de areias fluviais re-trabalhadas pelas correntes marinhas litorâneas e movimentos de marés com influência eólica. A grande importância da restinga é formar uma cunha, faixa de terra entre o mar aberto e a enseada, que possibilita a formação de um ecossistema composto de ilhas de manguezais, com fauna e flora típicas do mangue.

Figura 25 – Foto aérea da região do estuário de rio e mangues que formam a riqueza natural do ecossistema da RDSE – Ponta do Tubarão.

(Imagem: Getúlio Moura).

No contexto historiográfico, sabemos que, desde 1579, os franceses já conheciam a península do Tubarão e chamaram-na de “*Camballu*”, talvez “*Canibalis*”, segundo Getúlio MOURA (2005, pp. 375-376). Cartas náuticas e mapas do século XVII identificam a região

como "*Unapatuban*", assim denominada pelos índios potiguares. O nome Diogo Lopes, atribuído à comunidade, descende, ainda segundo MOURA (2005), de uma passagem histórica do período da colonização portuguesa, quando três irmãos portugueses (ou espanhóis), Diogo, Viegas e Gaspar Lopes, aportaram naquela praia e ali fizeram residência. Os irmãos Viegas e Gaspar migraram para outros lugares, deixando Diogo morando ali. Com o tempo, o nome do colonizador Diogo Lopes, que foi senhor da região, passou a ser a marca da descendência histórica que delimita geograficamente a comunidade.

Hoje, Diogo Lopes tem uma população de aproximadamente 2695 habitantes, sendo 1.288 mulheres e 1407 homens (IBGE, Censo 2000). Acreditam-se alegres e festeiros, e, de fato, possuem um calendário festivo intenso que assinala práticas comunitárias e socialização dos saberes. Diogo Lopes é um distrito do Município de Macau, localizado a 15 km da sede deste município e é o maior dentre os que formam a comunidade.

Diogo Lopes localiza-se geograficamente ao longo de um vasto estuário, às margens do rio/maré, rio Tubarão, próximo ao manguezal. O manguezal é uma fonte de recursos naturais que favorece a fixação dos moradores e o estabelecimento de relações sociais, pois eles exercem a mesma atividade econômica, a pesca. O ambiente marinho tem valor ambiental, paisagístico e produtivo e é considerado por todos como espaço de viver e de trabalhar. Conforme dados do IDEMA, de 2004.

Segundo moradores, historicamente, a comunidade de Diogo Lopes que hoje se encontra dentro da *RDSE – Ponta do Tubarão* cresceu em razão do pescado, devido à fartura daquele rico estuário, sempre explorado de forma sustentável. A exceção foi a da captura predatória da lagosta e do caranguejo, outrora abundantes. O manguezal foi ameaçado pela carcinicultura, hoje, quase extinta. Eles apontam outro risco ao manguezal e à praia: as atividades petrolíferas na área, como: a extração do petróleo e os ductos do pólo petroquímico de Guamaré.

Contam também que, na praia de Diogo Lopes, existia uma grande frota de embarcações pescando lagostas e peixes. Grande parte dessa frota pertencia a “Seu” Francisquim, filho natural de Diogo Lopes. Outro grande empreendedor de Diogo Lopes foi seu Manoel Augusto, dono de frota de barco e com uma consciência ecológica que o fazia muito avançado para o seu tempo, porque, à época, ele não pescava a lagosta no período da reprodução.

Hoje, Diogo Lopes conta com muitas embarcações que durante a semana servem para o trabalho, e em finais de semana e feriados, são utilizadas para o lazer das famílias e amigos, para passear na restinga. Prova deste volume de embarcações é a existência, entre os meses de setembro e outubro de cada ano, da Regata de Veleiros, que movimenta um número muito grande de pessoas, proveniente de várias cidades do Rio Grande do Norte e até do Ceará, para este evento.

Durante a Regata de Veleiros, enquanto os homens, adultos e crianças, divertem-se nas competições, as mulheres estão trabalhando na organização do evento e nas barracas de comidas típicas, oportunidade de arrecadarem fundos para as obras e atividades comunitárias.

Figuras 26 e 27 – Regata de Veleiros Diogo Lopes. E Velhas Mulheres trabalhando nas barracas.
(Imagens: Diogo Moreno).

Adentrando mais na comunidade, do litoral a terra, vê-se que as ruas centrais de Diogo Lopes são pavimentadas com paralelepípedos, suas margens urbanizadas contêm quiosques e

barzinhos. Na beira do rio, existem aproximadamente cerca de dez ranchos de pescadores para o recebimento do pescado e para a negociação dos peixes. Ali, são também guardados os apetrechos de pesca, é feito o beneficiamento do peixe, a confecção e conserto de redes, e estes ranchos são também utilizados como local de encontro dos pescadores.

As residências, localizadas na área mais central da comunidade, em geral, são conjugadas, construídas em terrenos adquiridos, em sua maioria, via posse: presente de políticos, herança de família, doação de familiares, empréstimos, ou alugadas. Os terrenos com escrituras em cartório são poucos, grande parte deles são contratos de gaveta, vendas de terceiros que adquiriram por meio de sistema de posse ou invasão (IDEMA, 2004).

Na comunidade, existe uma subprefeitura para a administração local e uma rádio comunitária FM (100.5 Mhz). No momento, a FM comunitária está desativada por ter perdido a concessão. Mesmo assim, alguns membros da comunidade se mobilizam para reativá-la.

A atividade agrícola não é desenvolvida devido ao tipo de solo (arisco), incompatível para a agricultura. Percebemos que não existe feira em Diogo Lopes, a população se desloca para Macau, aos sábados, com a finalidade de fazer compras. O comércio desta localidade é de pouca expressividade, constituído de algumas mercearias que se localizam nas residências de moradores.

Em Diogo Lopes há igrejas das religiões católica e evangélica, agência de correios e telégrafos, escolas estadual, municipal e particular, posto de saúde com atendimento médico e dentário, além de serviços de enfermagem. Conta também com praças, quadra de esporte, clube e sede de diversas entidades de representação social. Possui energia elétrica, abastecimento de água encanada para parte das residências, sistema de telefonia em cerca de 30% das residências, alguns orelhões, iluminação pública, sistema de transportes: para **Macau**, em ônibus, ao custo R$ 2,00 (dois reais) e transportes alternativos, as vans, ao custo de R$ 2,50 (dois reais e cinqüenta centavos); para **Natal**, em ônibus, ao custo de R$ 18,50

(dezoito reais e cinqüenta centavos). Existe também o transporte particular, direto e diário, com destino à capital do estado, ao custo de R$ 25,00 (vinte e cinco reais), feito em carros passeio.

Toda a comunidade participa do ciclo da pesca em diferentes atividades, direta ou indiretamente. Os homens dedicam-se à pesca, e parte das mulheres se ocupa de atividades ligadas à pesca, à educação e à saúde da comunidade. As escolas e o Programa de Saúde da Família - PSF são dirigidos por mulheres.

O montante maior da renda da população de Diogo Lopes provém da pesca, da aposentadoria ou pensão, do comércio nas mercearias e de empregos na Prefeitura Municipal e em instituição governamental. Mesmo existindo um laboratório de larvas e viveiros de camarão, o número de empregos oferecido à comunidade nessa atividade é muito pequeno.

1.2.1 A pesca artesanal como meio de subsistência

A comunidade que é tipicamente de pescadores, tem a pesca artesanal como maior fonte de renda. Uma parte representativa da comunidade vive direta ou indiretamente dessa pesca que desencadeia uma rede produtiva: pescaria (peixes, lagostas e camarão) e mariscagem (moluscos), atividades desenvolvidas por pescadores e marisqueiras; tratadores do peixe; atravessadores (compradores dos peixes); mestres de barcos; mergulhadores; marceneiros navais; carregadores; fabricantes de rede; comerciantes do produto. Essa rede produtiva conta ainda com atividades: frigorífica e fabricação de gelo. Como dissemos, essas atividades interligadas em rede criam um fortalecimento do viver em comunidade.

A pesca artesanal é o maior meio de subsistência de Diogo Lopes. Nesta comunidade, pesca-se em duas modalidades: 1) **pesca estuarina**, desenvolvida no mangue, tradicionalmente exercida por mulheres e 2) **pesca marítima**, tradicionalmente exercida por homens. Os pescadores adentram o mar sem instrumentos tecnológicos de apoio à navegação,

contando, para a operação, tão somente a experiência dos mais antigos e com saberes adquiridos na tradição, como a capacidade de observação dos astros, dos ventos e das marés. Esses conhecimentos são transmitidos por seus ancestrais, os mais velhos da comunidade, ou pela interação com os companheiros do ofício, na prática diária. O trabalho da pesca é realizado em sistema familiar ou em parceria, com remuneração feita a partir da divisão em partes do que foi produzido na pescaria.

O trabalhador da pesca desenvolve uma das profissões mais antigas do mundo. No Brasil, ela é anterior à colonização portuguesa. Os pescadores passaram a ter direitos a benefícios previdenciários com a promulgação da Constituição de 1988. Em regime de assegurado especial, eles têm direito à aposentadoria, seguro por acidente, pensão por morte, auxílio-doença e auxílio-reclusão. Para pleitear esses benefícios, precisam estar filiados a uma colônia de pescadores que cumpre papel semelhante ao de sindicato.

A pesca é a atividade de trabalho preponderante na *RDSE – Ponta do Tubarão*. Esta atividade caracteriza-se por dois processos produtivos: *pesca industrial*, marcada pelo alto custo econômico e ecológico, pela tecnologia de capturas de peixes com aparelhos como GPS (Sistema de Posicionamento Global, do inglês *Global Positioning System*) [7], grandes embarcações, como navios pesqueiros e pela concentração da captura em poucas espécies; *pesca artesanal*, marcada pelo baixo custo econômico e ecológico, pela incidência da captura de diversas espécies, utiliza-se de tecnologias de captura simples em pequenas embarcações, como a jangada, o paquete, a canoa e o barco de pequeno porte movido a motor.

[7] O GPS é um sistema de posicionamento por satélite, por vezes incorretamente designado de sistema de navegação, utilizado para determinação da posição na superfície da Terra ou em órbita, que é constituído por uma constelação de 24 satélites (Cf. pt.wikipedia.org/wiki/GPS).

Figura 28 – Puxando a rede no barco – uma lição de pesca artesanal.
(Fotografia do Arquivo de Comissão de Justiça e Paz de Diogo Lopes, 2006).

O produto das pescarias garante uma subsistência tanto ancorada no princípio da segurança alimentar, parte do que é pescado é destinado ao consumo familiar, como no da geração de renda, pelo processo de comercialização da parcela de pescado que fica destinada a esse fim. Essa prática é comum em outras comunidades, conforme observado por LANNA (1995).

No Brasil, os pescadores sempre foram esquecidos das políticas públicas. Em 1967, o Código de Pesca definiu o pescador como aquele que faz da pesca sua profissão ou principal meio de vida e instituiu o primeiro registro profissional, Registro Geral da Pesca (RGP). Em 2005, o governo federal, por meio da Secretaria Especial de Aqüicultura e Pesca (SEAP), promoveu o *Programa de Valorização do Pescador Profissional*, onde se insere o cadastramento e recadastramento de pescadores profissionais brasileiros para atualizar o Registro Geral da Pesca. O objetivo central do recadastramento é saber quais são? Quantos são? Onde estão? E como estão os pescadores.

Colônias de pescadores são entidades civis sem fins lucrativos que existem para defender os direitos e interesses dos pescadores. No município de Macau/RN existem duas colônias de pescadores formalmente constituídas, denominadas de Z-9 e Z-41. Este fato difere da maioria dos municípios brasileiros que, obedecendo ao que manda a constituição brasileira, possui apenas uma colônia cada.

A colônia Z-9 situa-se no município de Macau e a colônia Z-41, no distrito de Diogo Lopes. Esta última foi criada em 11 de outubro de 1997 para atender reivindicações desta comunidade. Atualmente esta colônia registra aproximadamente 800 sócios. Antes de 1997, a comunidade contava com uma capatazia, representação local dos pescadores, agregada à colônia Z-9.

1.2.2 Educação, saúde pública comunitária e formação profissional.

No tocante à educação, a comunidade de Diogo Lopes demonstra ter orgulho do fato de as crianças, em idade escolar, estarem devidamente matriculadas e freqüentando a escola. Em conversas com as crianças e observando os painéis expostos nas escolas, percebemos um forte compromisso com a preservação ambiental. Em estudos e pesquisa realizados em 2005 pelo IDEMA, observou-se que a cidadania se transformou em estatuto formal: a população busca um objetivo comum, pelo exercício das responsabilidades que se traduz no cotidiano.

Nesta localidade, as discussões dos assuntos coletivos são formais e acontecem nas Associações Comunitárias. Existe ali um programa social, desenvolvido pela Petrobrás, empresa nacional da indústria do Petróleo, com sede própria, situada estrategicamente entre as comunidades de Diogo Lopes e Barreiras, denominado Espaço Cultural de Diogo Lopes “Rancho”. Essa sede foi inaugurada em 2005, e atende cerca de 300 crianças, com aulas de artes, desenho, pintura, dança, teatro e computação.

Ao perceber a preocupação dos moradores com a educação, realizamos uma pesquisa piloto, nas escolas das comunidades de Diogo Lopes e Sertãozinho (consideradas pelo IBGE uma só comunidade), para verificar a situação escolar dessas crianças. Encontramos um número considerável de estudantes, 920 alunos, matriculados e freqüentando as aulas, do pré-escolar, ensino fundamental, segundo grau ao EJA – Educação para Jovens e Adultos. Vimos também que o corpo docente é formado, em sua maioria, por professores com curso em nível superior e com pós-graduação, em nível de especialização. Esses dados confirmam a impressão que tivemos inicialmente: de que a educação permeia a vida desta comunidade.

Estudos realizados pelo IDEMA (2005) comprovam que os pescadores aos 50 anos não têm mais condições para a pesca. Os motivos apresentados foram: a) utilização de compressores inadequados (bujão de cozinha) para os mergulhos na pesca da lagosta, b) exposição excessiva aos raios solares, c) não possuem mais a força necessária para o trabalho com as redes de pesca nos barcos, d) necessidade de permanecerem muitas horas acordados.

Estes estudos mostram que, sem condição para pesca, eles se aposentam e passam a desenvolver outras atividades na cadeia produtiva. Em nossos estudos bibliográficos não encontramos informações específicas sobre a saúde das pescadoras. Em nossa visita ao PSF – Programa de Saúde da Família, a direção mostrou-se preocupada, em relação ao alto índice de hipertensos e diabéticos na população. Essa direção reconhece a necessidade de implantação de programas educativos para esta parcela da população.

Outro aspecto que devemos ressaltar, aproximando as ações de formação educacional às ações públicas de saúde coletiva, na comunidade de Diogo Lopes, é o tratamento dado ao lixo. Mesmo com sua importância ecológica e social, a comunidade não dispõe de serviço de tratamento do lixo. O lixo produzido pelos moradores é recolhido através de um trator/caçamba, todas as manhãs, de segunda-feira a sábado. O município não possui uma estratégia de acomodação do lixo em local apropriado, o mesmo é jogado nas dunas,

comprometendo o lençol freático. Uma das grandes preocupações da comunidade é o processo de beneficiamento da tainha, visto que as vísceras retiradas dos peixes são jogadas diretamente no rio Tubarão.

As atividades da indústria petrolífera, desenvolvidas nesta localidade, exigem profissionais qualificados com conhecimentos específicos. A Petrobrás, indústria beneficiada com as riquezas fósseis da região, não absorve a mão de obra local, constituída eminentemente por pescadores. Não há formação específica para pessoas da comunidade, também não há nenhuma discussão sobre a possibilidade de montagem ali de um curso para este fim, nem por iniciativa da Petrobrás, nem dos membros da própria comunidade.

A Petrobrás atua na região extraindo petróleo do mar, a partir de plataformas marinhas que se localizam no litoral próximo à comunidade. Ali a Petrobrás possui vários pólos de trabalho e, como forma compensatória, junto à comunidade, paga ao município de Macau valores de Royalty e desenvolve projetos voltados à caracterização, à conservação ambiental, ao monitoramento e à recuperação da biodiversidade com a finalidade de conhecer a biota e avaliar as áreas que estão sob a influência das plataformas. A maioria destes projetos é realizada em parceria com universidades e instituições de pesquisa no Brasil e exterior.

1.2.3 Aspectos geológicos e ambientais da região

A comunidade pesqueira de Diogo Lopes é constituída por uma ambiência de caatingas, vegetação de restinga, mangue, mata de quixabeira, campos com vegetação *halofítica* (de vegetação da faixa litorânea que vive e/ou tolera solos alcalinos, ricos em sais de cálcio e sódio), além de campos de dunas, e cerca de 2000m de zona costeira marinha.

A destinação produtiva da área, nos últimos anos, tem convivido com o fato de esta comunidade estar inserida em uma localidade de intensa atuação da indústria petrolífera, o que torna a região vulnerável e passível de ser atingida por derrames de óleo e vazamento de

gás. Além disso, também está localizada numa região costeira, sujeita a processos erosionais e progradacionais contínuos (diz-se quando a linha da costa está em avanço constante sobre o mar), influenciados por agentes hidrodinâmicos (ondas marítimas, correntes e marés) assim como transporte de sedimentos (restos geológicos, orgânicos e inorgânicos), conforme nos indica Michael Vandesteen Silva Souto, em sua dissertação de mestrado, realizada no Programa de Pós-Graduação em Geodinâmica e Geofísica da UFRN, em 2004.

Estudos em andamento no Centro de Ciências Exatas e da Terra e o Programa de Pós-Graduação em Geodinâmica e Geofísica da UFRN mostram que os processos de sedimentação e erosão ocorridos na área, contribuem para a formação das dunas subaquosas, pontais e restingas, devido ao transporte litorâneo e eólico, que formaram áreas de armazenamento de prisma de maré o que favorece a ação erosiva das correntes de maré (SOUTO, 2004).

A sedimentação e a erosão, como fatores predatórios do meio ambiente, aparecem como pontos exteriores de ações complexas, resultados de processos naturais e de intervenção humana, em longas faixas de tempo que comprometem o organismo vivo do estuário, da vida marinha, do mangue e da restinga. Esta é mantida como um bem comum pela comunidade.

A população desta região depende direta ou indiretamente da Ponta do Tubarão, utilizando-a tradicionalmente em uma relação de *sustentabilidade*. E, ainda, serve de ponte de ligação entre os pescadores e o mar. Preservar esse bem comum é inserir-se na política mundial e no discurso de preservação do meio ambiente. Atualmente a política de desenvolvimento sustentável busca propiciar condições de preservar os recursos naturais e proporcionar uma vida saudável para as gerações atuais e futuras.

Figura 29 – Vista aérea da comunidade de Diogo Lopes, do braço de mar da Ponta do Tubarão, com significativa presença da região da restinga e do estuário.

(Imagem: Getúlio Moura).

A *Declaração sobre o Ambiente Humano* que foi estabelecida na *Conferência de Estocolmo*, em 1972, tinha o objetivo de servir de inspiração e orientação à humanidade para a preservação e melhoria do ambiente humano. Essa declaração foi 20 anos depois discutida pela *Conferência do Rio de Janeiro (Rio 92)* e, mais recentemente, pela *Conferência de Joanesburgo, na África do Sul (Rio +10).* Esses eventos tinham por princípio orientar para uma educação ambiental como forma de preservar a natureza.

A agenda política da *Conferência Rio 92* enfocou a procura de meios de cooperação entre as nações para lidar com problemas ambientais globais, como: poluição, mudança climática, destruição da camada de ozônio, uso e gestão dos recursos marinhos e de água doce, desmatamento, desertificação e degradação do solo, resíduos perigosos e a perda da diversidade biológica. A conferência culminou com a elaboração da Agenda 21, um programa pioneiro de ação internacional sobre questões ambientais e desenvolvimentistas, voltado à cooperação internacional e ao desenvolvimento de políticas para o Século XXI. Suas

recomendações incluíram novas formas de educação, preservação de recursos naturais e participação no planejamento de uma economia sustentável.

No Brasil, com a definição do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, em 2000, e sua regulamentação em 2002, surgiu a categoria "Reserva de Desenvolvimento Sustentável" nas Unidades de Conservação do grupo de Uso Sustentável. A criação da *RDSE – Ponta do Tubarão* tem como objetivo: preservar a natureza e, ao mesmo tempo, assegurar as condições e os meios necessários para reprodução e melhoria dos modos e da qualidade de vida; explorar os recursos naturais das populações tradicionais, bem como valorizar, conservar e aperfeiçoar o conhecimento e as técnicas de manejo do ambiente desenvolvidos por estas populações.

1.2.4 Impactos ambientais na *RDSE – Ponta do Tubarão*.

Estudos realizados pela pesquisadora Thelma Lúcia Dias, (em sua tese de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas – Zoologia, da Universidade Federal da Paraíba), mostram que os principais impactos ambientais na área da *RDSE – Ponta do Tubarão* e seu entorno são da seguinte ordem:

a) ***existência e expansão de projetos de carcinicultura (criação de crustáceos)*** – instalados dentro e fora da *RDSE – Ponta do Tubarão* contaminando as águas subterrâneas da Reserva. Os viveiros de crustáceos, como mecanismo indiscriminado de produção industrial, promovem danos irreparáveis ao meio ambiente, como: **destruição** direta de mangue para a construção dos tanques; **poluição** da água do rio devido à descarga de efluentes sem tratamento; **contaminação** de peixes e outros recursos pesqueiros pelos produtos tóxicos utilizados nos viveiros e devolvidos ao manguezal;

b) ***acúmulo de lixo no leito e margens de águas da região (fluviais e marítimas)*** – o lixo doméstico é acumulado em partes das dunas que são utilizadas como *lixão*. Além disso, alguns moradores despejam lixo no leito do rio. Esse lixo se acumula nas margens ou é levado pela maré, causando: **morte** do estuário por contaminação; **contaminação** das águas do rio Tubarão; **contaminação** do lençol freático (submerso às dunas da região) que viabiliza, de modo orgânico, a sustentação geológica ao ambiente e à vida (vegetal e animal); **gestação** de focos de insetos e outros organismos causadores de doenças; **poluição** visual;

c) ***despejo de esgotos urbanos no rio Tubarão*** – as comunidades da *RDSE – Ponta do Tubarão* não possuem saneamento básico. Muitas moradias ainda são de taipa e nem todos os domicílios de alvenaria possuem fossas, por isso grande parte dos esgotos domésticos é despejada no Rio Tubarão. Esses problemas têm como conseqüências: **contaminação** da água do rio; **contaminação** de peixes e outros recursos pesqueiros explorados no manguezal; poluição visual; **gestação** de focos de insetos e outros organismos causadores de doenças; **poluição** visual;

d) ***assoreamento do manguezal da*** *RDSE – Ponta do Tubarão* – em virtude da deposição natural de areia nos mangues, devido ao avanço do mar e dos fortes ventos, a dinâmica costeira na área marinha da *RDSE – Ponta do Tubarão* já ocasionou e continua provocando a destruição de mangues pela deposição natural de sedimento nesses ambientes. Este processo é causado pelo avanço do mar que cava algumas áreas e aterra outras. Atualmente este fenômeno está bem evidente em alguns trechos da Reserva. Algumas das conseqüências provocadas por esse fenômeno são: **perda** de habitat para diversos organismos aquáticos e terrestres; **diminuição** de alguns recursos naturais disponibilizados pelo manguezal; **alteração** da paisagem natural do ecossistema;

e) ***destruição de mangues*** – a retirada de plantas de mangue para usos diversos na área da Reserva é uma atividade que, de geração para geração, tem se afirmado como um problema ambiental crônico. Os troncos de árvores de mangue, nesta tradição, são utilizados para construção de casas de taipa, ranchos de pescadores, embarcações, como lenha para fogões, entre outros usos domésticos e industriais;

f) **d*estruição de vegetação terrestre nativa*** – as folhas do mangue são amplamente utilizadas para alimentar caprinos e eqüinos. Entretanto, tem-se observado que a retirada excessiva destas plantas tem afetado a estrutura dos bosques de mangue na *RDSE – Ponta do Tubarão,* que, em alguns locais, deixa imensos clarões na floresta. Algumas das possíveis conseqüências destas atividades são: **perda** de habitat para diversos organismos aquáticos e terrestres; **diminuição** dos recursos naturais disponibilizados pelo manguezal; **perda** de áreas de reprodução de organismos aquáticos e terrestres; **comprometimento** da função de proteção da costa;

g) ***pesca predatória*** – a pesca artesanal é a principal atividade na área da *RDSE – Ponta do Tubarão,* mas apesar do caráter artesanal, alguns apetrechos, utilizados em determinadas pescarias, ocasionam a captura de indivíduos muito jovens e a destruição de microhabitats fundamentais à reprodução e desenvolvimento de espécies de peixes, crustáceos, moluscos e outros organismos aquáticos do manguezal e área marinha. Nesta atividade, destacam-se as pescarias que utilizam rede de arrasto, cujas malhas são inadequadas para o tipo de pescado do mangue e para as particularidades desse ecossistema na *RDSE – Ponta do Tubarão*. Algumas possíveis conseqüências da pesca predatória nesta área são: **interrupção** do desenvolvimento de espécies jovens e comercialmente

importantes; **destruição** de habitats subaquáticos; **escassez** de recursos pesqueiros diversos; **diminuição** da produção pesqueira; **sobrepesca** (pesca acima da capacidade da natureza se reproduzir) de determinadas espécies;

h) ***despejo de vísceras no rio Tubarão*** – a produção de sardinha da *RDSE – Ponta do Tubarão* contribui com cerca de 80% da produção de sardinhas, tornando Macau o maior centro produtor deste pescado do Estado do Rio Grande do Norte. Diariamente, cerca de 5.000 toneladas de sardinha são capturadas em alto mar pelos barcos motorizados. As vísceras representam 30% desta produção, mas como esse material não é reaproveitado nem tem um destino certo, é despejado no leito do rio Tubarão e/ou nas dunas adjacentes à comunidade de Diogo Lopes. Alguns fatos verificados e outros possíveis de acontecer devido a essa atividade são: **poluição da água** do rio Tubarão; **excesso de matéria** orgânica na água; **diminuição do oxigênio** dissolvido na água; mau cheiro intenso; **atração de organismos** que podem causar doenças; **poluição** visual; **contaminação** de organismos aquáticos, especialmente os filtradores;

i) ***construções desordenadas nas margens do rio*** – a falta de planejamento urbano, por parte do município, o não cumprimento da legislação vigente e o acelerado processo de expansão urbana têm resultado na ocupação desordenada da margem direita do Rio Tubarão, ao lado das comunidades pesqueiras da Reserva. Moradias e casas comerciais são construídas livremente em áreas que correspondem ao próprio rio, ficando inundadas durante a preamar. Há uma necessidade urgente de se ordenar essas construções que podem levar a conseqüências como: **interrupção** do curso natural do rio; **assoreamento** do rio; **poluição** visual; **perda de habitats** para organismos aquáticos.

Os seres humanos,em busca do desenvolvimento, dedicam-se a atividades que degradam o meio ambiente, comprometendo os recursos naturais, a ponto de tornar a biota no planeta insustentável. Problemas desta ordem exigem que medidas emergenciais sejam tomadas, visto que, os recursos naturais e a vida no planeta correm riscos.

Diante desses problemas, a comunidade despertou para a necessidade de fazer algo por ela mesma, e a criação da *RDSE – Ponta do Tubarão* foi de suma importância para esta comunidade. Essa importância resulta do esforço conjunto de pensar uma Lei que atendesse as suas necessidades prementes. Aos órgãos ambientais, coube a tarefa de elaboração de uma metodologia para a implantação da *RDSE – Ponta do Tubarão* e do Plano de Manejo. As *Velhas Mulheres* da região tiveram uma participação fundamental nesse processo.

1.3 *ONDE ENTOA O CANTO DAS SENHORAS* – **MERGULHO HISTÓRICO**

A história da construção de reservas ambientalistas, no Brasil e na grande maioria dos países, é de luta e de mobilização comunitárias. Estes movimentos pautam suas reivindicações em críticas ao modo de utilização e de desenvolvimento de políticas ambientais que são apresentadas por diversos seguimentos da sociedade. Eles apontam preocupações com a continuidade de sistemas naturais ou de ameaças de cunho social e humano.

1.3.1 Breve histórico da preservação do meio ambiente em Diogo Lopes

Por volta dos anos de 1950, famílias destas comunidades passavam a época da safra da pescaria morando na restinga ou na ilha do Tubarão. Neste local, a comunidade construía ranchos ou caiçaras (espécie de cabana construída com troncos e palhas de carnaúba) para serem utilizados por todos, tanto para servir de apoio as atividades de pesca, quanto para passar o dia de lazer. Segundo Silva (2004, p. 11) “o povo desta comunidade sempre foi apegado a seu chão, porém não se apropriava ou acumulava, nunca se preocupando em legalizar suas terras, tudo era partilhado como bem comum”.

Na década de 1990, um pescador que não era natural da região, mas residia ai, construiu um rancho na restinga e mudou-se para lá com a família. Em 1995, este pescador começou a falar para os moradores da comunidade que a restinga tinha dono e ele era o vigia (espécie de guardião da propriedade privada).

Em 1996, foi registrado um incêndio na costa, onde dois ranchos foram queimados: o de Dona Lelé e o de Ribinha. No local do incêndio, havia marcas de pneus de carro. Algumas pessoas de Diogo Lopes atribuem este sinistro à ação criminosa de “uns italianos”, que haviam passado pela comunidade no dia anterior. O crime revoltou a população que se rebelou, criando forte rejeição a esses “italianos”. Através de várias manifestações de

protesto, entre elas a manipulação de cartazes em passeatas, onde se liam palavras de ordem de combate à ação do incêndio. Neste período, alguns moradores pintaram muros da cidade com frases contra a presença desses estrangeiros naquela comunidade, dificultando, ao máximo, o que essas pessoas queriam fazer. Este fato foi noticiado pela mídia.

Jornal de Natal

Natal, segunda-feira, 25 de março de 1996

Violência e destruição contra pescadores

DIOGO LOPES/MACAU

Diogo Lopes: um dos litorais mais belos do RN

Dona Nazaré mostra o que resiou de seu rancho: tudo aponta para o Grupo de Italianos

DESCASO E OMISSÃO

INFORMAÇÕES

Figura 30 – Notícia do incêndio em Diogo Lopes, em que se confirma a resistência social das Velhas Mulheres.

(Recorte do Jornal de Natal, de 25 de março de 1996).

O escritor Getúlio Moura nos informa que o município de Macau tem registro de ter vivido uma história marcada por incêndios. Os primeiros registros desses sinistros são datados de 1860, quando um grande incêndio destruiu o primeiro prédio do povoado construído em 1825, onde estava guardado um grande fardo de algodão; em 1908, o altar mor da Igreja Matriz construído em madeira foi destruído; em 1956, foi a vez do salão nobre da Câmara Municipal que funcionava no segundo pavimento do prédio da Prefeitura, este incêndio foi

apagado com a participação eficiente dos escoteiros; em 1966, o prédio da CCN – Companhia Comércio e Navegação, e mais uma vez, o grupo de escoteiros teve participação ativa para debelar o incêndio; em 1977, mais dois incêndios ocorreram em um curto intervalo de tempo, destruindo os barracos comerciais da Praça Cap. José da Penha e do lado sul do mercado público, todos construídos de madeira, cheios de tecidos, calçados, miudezas, comidas etc., deixando arruinados seus proprietários; em 1982, queimaram a Biblioteca Pública, quando foi extinto um valioso acervo literário. Comentou-se que a documentação contábil da Prefeitura era guardada na Biblioteca. A causa destes incêndios foi atribuída a problemas nas instalações elétricas. (MOURA, 2005, p.151).

Em Diogo Lopes, no entanto, os moradores não se conformaram com os incêndios dos ranchos e procuraram, a partir de sua própria percepção do fato criminoso, agir em retaliação, especialmente contra os estrangeiros que circulavam na região. Fizeram, como por exemplo, o controle do transporte de barco. Cientes de que pessoas “de fora” necessitariam dos barcos para se deslocarem até a costa, um grupo de pessoas da comunidade foi conversar com cada dono de barco do lugar, solicitando a estes que negassem ajuda àqueles visitantes, devido às suspeitas que tinham contra eles. Assim, ocorreu que, atentos à presença e intenção desses “italianos”, membros da comunidade boicotaram a solicitação de um barco com a finalidade de fotografar a restinga, nenhum dono de barco se disponibilizou a transportá-los. Um grupo de mais ou menos 50 pessoas acompanhava de longe, na intenção de impedir que qualquer pescador indeciso transportasse os “italianos”.

Estes fatos foram contados por moradores do lugar, nos primórdios desta pesquisa, quando começamos a participar do cotidiano da comunidade, na preparação dos Encontros Ecológicos. Percebemos, com este tipo de comportamento, que a comunidade iniciava, nos idos de 1990, uma campanha de mobilização preservacionista.

Dona Lelé, uma senhora de 62 anos, conhecida na região por sua liderança na comunidade e atuação solidária, convenceu os indecisos e registrou um boletim de ocorrência, na Delegacia de Polícia Civil, denunciando o ataque aos ranchos. A população buscou a Delegacia do Patrimônio da União, a Capitania dos Portos, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e a imprensa escrita, na tentativa de ser ouvida para proteger sua sociedade e cultura.

Esta mesma comunidade requereu o uso da tribuna da Câmara dos Vereadores de Macau/RN e ali fez desta denúncia, uma atitude política. Este ato provocou profunda consternação aos vereadores que promoveram, no dia seguinte, uma sessão extraordinária na própria comunidade para tratar o fato. Nesta ocasião, a população da comunidade estava quase toda presente, o que demonstra a crescente mobilização local.

Desses fatos nasceu o desejo em alguns moradores de garantir a área para a população. Buscando informações em órgãos públicos ligados ao meio ambiente e ao patrimônio público, a população desta comunidade começou a ouvir falar em APA (Área de Preservação Ambiental) e passou a sonhar em criar uma APA na Ponta do Tubarão.

Figura 31 – Imagem aérea da região em processo de assoreamento pela carcinicultura em Diogo Lopes, fazenda de cultivo de camarão na comunidade de Sertãozinho, atualmente desativada.

(Imagem: Getulio Moura).

No final de 1999, o Rio Grande do Norte passou a produzir camarão em cativeiro, em grande escala, promovendo uma verdadeira febre desta cultura. A comunidade tornou-se, novamente, alvo da cobiça de empresários descomprometidos com o meio ambiente. Alguns carcinicultores (produtores de camarão em cativeiro) destruíram uma área de quatro hectares de manguezal nativo na área de Sertãozinho, devastando mangue, removendo dunas e derrubando quixabeiras seculares, a fim de construir viveiros para o cultivo de camarão.

Crime ambiental em Diogo Lopes

O desmatamento de 15 hectares de mangue, numa área do Patrimônio da União, no distrito de Diogo Lopes, localizado a 28 quilômetros de Macau, vem revoltando à comunidade que já acionou o Ibama e o Ministério Público, através da Associação de Desenvolvimento Comunitário de Diogo Lopes-(Adecodil), pedindo punição para os responsáveis pelo crime que compromete o equilíbrio ecológico da área.

Pág. 07

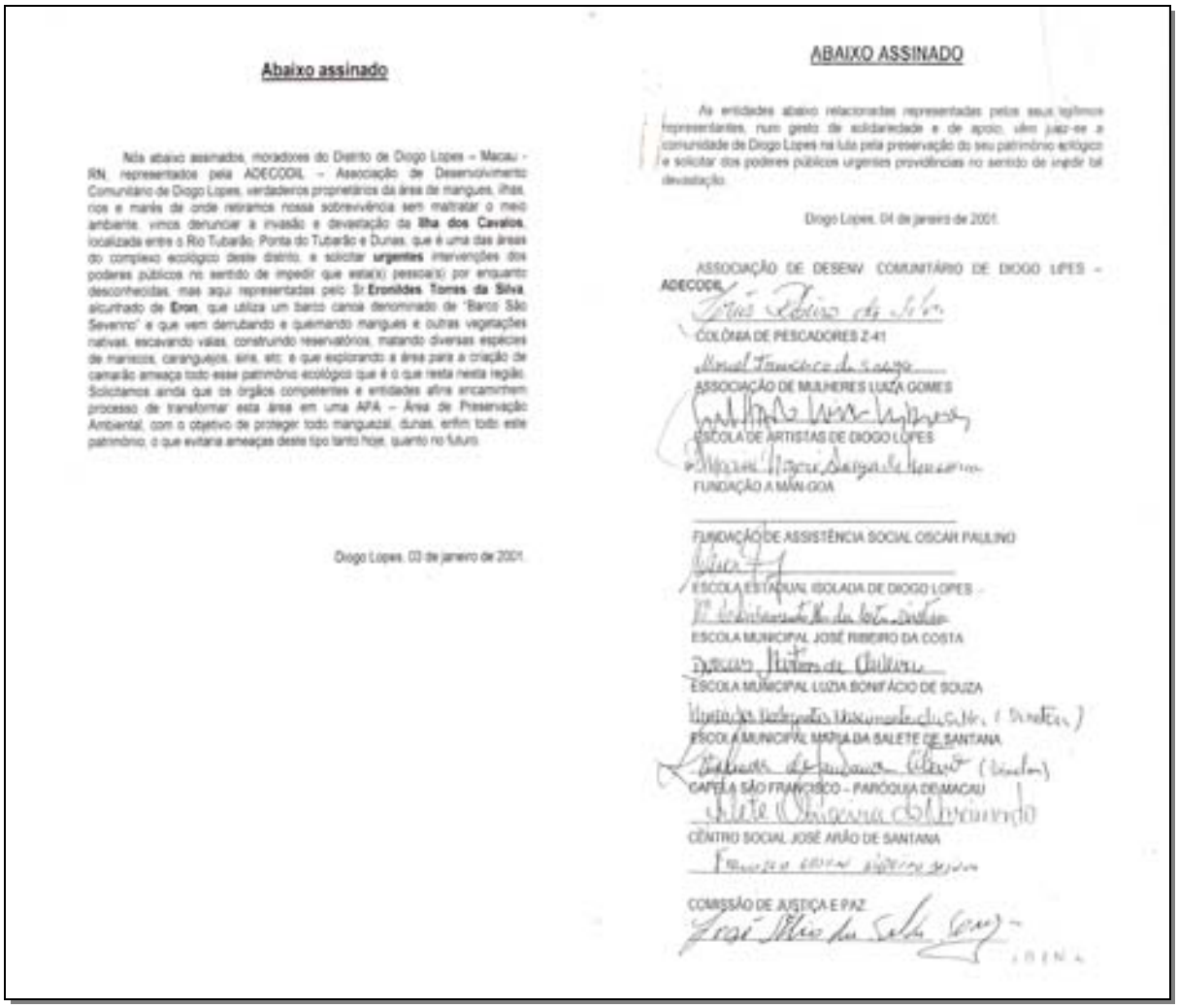
Figura 32 – Denúncia de crime ambiental - Trabalhadores abrindo canais em Diogo Lopes.

(Recorte de Jornal do Arquivo do Padre Murilo).

Assim, a população das comunidades, sentindo-se ameaçada, mobilizou-se e percorreu, novamente, os caminhos da denúncia. Dessa vez, além do *Instituto Brasileiro do*

Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), procurou também o *Instituto de Desenvolvimento Econômico e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte (IDEMA)*, além das emissoras de televisão.

Em janeiro de 2000, a população encontra trabalhadores abrindo canais para a construção de viveiros de camarão. Após fotografar tudo, esta população elaborou um documento de reivindicação, um abaixo assinado, com 522 assinaturas, em nome de 14 entidades de representação comunitária com sede em Barreiras e Diogo Lopes, e deu mostra do seu estado de vigilância permanente, em favor de sua comunidade.



Abaixo assinado

Nós abaixo assinados, moradores do Distrito de Diogo Lopes – Macau - RN, representados pela ADECCOIL – Associação de Desenvolvimento Comunitário de Diogo Lopes, verdadeiros proprietários da área de mangues, lhas, rios e marés de onde retiramos nossa sobrevivência sem maltratar o meio ambiente, vimos denunciar a invasão e devastação da **Ilha dos Cavalos**, localizada entre o Rio Tubarão, Ponta do Tubarão e Dunas, que é uma das áreas do complexo ecológico deste distrito, e solicitar **urgentes** intervenções dos poderes públicos no sentido de impedir que esta(s) pessoa(s) por enquanto desconhecidas, mas aqui representadas pelo Sr **Eronildes Torres da Silva**, alcunhado de **Eron**, que utiliza um barco canoa denominado de "Barco São Severino" e que vem derrubando e queimando mangues e outras vegetações nativas, escavando valas, construindo reservatórios, matando diversas espécies de mariscos, caranguejos, siris, etc. e que explorando a área para a criação de camarão ameaça todo esse patrimônio ecológico que é o que resta nesta região. Solicitamos ainda que os órgãos competentes e entidades afins encaminhem processo de transformar esta área em uma APA – Área de Preservação Ambiental, com o objetivo de proteger todo manguezal, dunas, enfim todo este patrimônio, o que evitaria ameaças deste tipo tanto hoje, quanto no futuro.

Diogo Lopes, 03 de janeiro de 2001.

ABAIXO ASSINADO

As entidades abaixo relacionadas representadas pelos seus legítimos representantes, num gesto de solidariedade e de apoio, vêm juaz-se a comunidade de Diogo Lopes na luta pela preservação do seu patrimônio ecológico e solicitar dos poderes públicos urgentes providências no sentido de impedir tal devastação.

Diogo Lopes, 04 de janeiro de 2001.

ASSOCIAÇÃO DE DESENV. COMUNITÁRIO DE DIOGO LOPES – ADECCOIL

COLÔNIA DE PESCADORES Z-41

ASSOCIAÇÃO DE MULHERES LUIZA GOMES

ESCOLA DE ARTISTAS DE DIOGO LOPES

FUNDAÇÃO A MÃN-GOA

FUNDAÇÃO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL OSCAR PAULINO

ESCOLA ESTADUAL ISOLADA DE DIOGO LOPES

ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ RIBEIRO DA COSTA

ESCOLA MUNICIPAL LUZIA BONIFÁCIO DE SOUZA

ESCOLA MUNICIPAL MARIA DA SALETE DE SANTANA

CAPELA SÃO FRANCISCO - PARÓQUIA DE MACAU

CENTRO SOCIAL JOSÉ ARÃO DE SANTANA

COMISSÃO DE JUSTIÇA E PAZ

Figura 33 – Primeira página do Abaixo-Assinado elaborado pela Associação de Desenvolvimento Comunitário de Diogo Lopes em defesa da região.

Este documento foi encaminhado ao IDEMA, solicitando a criação de uma *Área de Preservação Ambiental (APA)* na região. A população buscou o apoio da *Procuradoria da República*, através do *Procurador dos Direitos do Cidadão* e da *Ordem dos Advogados do Brasil (OAB)*.

Segundo alguns discursos apresentados por moradores nos Encontros Ecológicos, neste primeiro momento de organização, a comunidade não estava completamente coesa em torno desta causa. Alguns moradores preocupados em garantir o peixe (no rio e no mar) e os caranguejos (no mangue), para manterem seu modelo de pesca artesanal, desejavam a Reserva; outros, devido às promessas de emprego e renda, que uma forma de empreendimento industrial na região pudesse trazer, estavam indecisos. As pessoas mais atuantes dessa comunidade procuraram apoio de pessoas de fora, para acelerar o processo de criação desta APA e, ao mesmo tempo, esclarecer os indecisos. Elas entendiam como promessas essas melhores condições de vida e que a verdadeira riqueza estava ali, diante de todos.

Nesta luta, a comunidade conheceu a Sra. Marlúcia Elias de Farias, bióloga da *Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio Grande do Norte (EMPARN)* que, em visita a um amigo morador da Reserva, teve conhecimento da luta dos pescadores através de um encontro com o líder comunitário, Sr. Luiz Ribeiro da Silva (Itá) que lhe solicitou apoio. A Sra. Marlúcia, reconhecendo o dilema que aquela população enfrentava: entre emprego e renda e o desejo preservacionista, propôs, como solução, a criação de uma Unidade de Conservação.

1.3.2 Uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável

O Sistema Nacional de Unidades de Conservação cria, em 2000, a Lei 9.985 de 18 de julho de 2000, e a regulamenta em 2002. Esta Lei define a categoria “Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS)” nas Unidades de Conservação do grupo de Uso Sustentável. A criação de uma RDS tem como objetivo “preservar a natureza e, ao mesmo

tempo, assegurar as condições e os meios necessários para a reprodução e a melhoria dos modos e da qualidade de vida e exploração dos recursos naturais das populações tradicionais, bem como valorizar, conservar e aperfeiçoar o conhecimento e as técnicas de manejo do ambiente, desenvolvido por estas populações".

De 2001 a 2006, a comunidade, a Sra. Marlucia Elias de Farias e pessoas simpatizantes da causa idealizaram e realizaram Encontros Ecológicos, com a finalidade de abordar os pontos fundamentais para proteção da Ponta do Tubarão e seu entorno, com os seguintes objetivos: a) preparar a população local; b) trazer o apoio da sociedade para a causa; c) consolidar o respaldo, jurídico e científico, necessário ao pleito, frente aos órgãos ambientais nas estâncias municipal, estadual e federal.

Ao todo foram seis Encontros Ecológicos. No terceiro Encontro, a Governadora do Estado do Rio Grande do Norte, Sra. Vilma de Faria, sancionou a Lei nº 8.349 de 18 de julho de 2003 que garante a preservação de 12.960 hectares de mangues, dunas e área marinha, estendendo-se por duas milhas além da costa. (Cf. Anexos).

Durante a sessão da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte, para votação da lei que cria a *RDSE – Ponta do Tubarão*, o Relator do Projeto, Deputado Estadual Sr. Fernando Mineiro, ressaltou que, pela primeira vez na história desta Assembléia Legislativa, um projeto de lei, elaborado pelo povo, era aprovado integralmente por unanimidade dos partidos. No dia 05 de junho de 2003, foi criada a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual – Ponta do Tubarão. A criação desta *RDSE – Ponta do Tubarão* só foi possível graças à capacidade de auto-organização das comunidades de Barreiras, Diogo Lopes e Sertãozinho.

A *RDSE – Ponta do Tubarão* é a região compreendida pelo sistema do Rio Tubarão, a *Ponta do Tubarão*; engloba também as dunas e a restinga adjacentes às comunidades pesqueiras de Barreiras, Diogo Lopes e Sertãozinho (pertencentes ao município de Macau) e

as comunidades agrícolas de Mangue Seco I, Mangue Seco II e Lagoa Doce (pertencentes ao Município de Guamaré).

Figura 34 – Presença de membros da comunidade na Assembléia Legislativa do RN na luta pela criação da RDSE – Ponta do Tubarão.

(Imagem: José Paulo Goulart e João Fernandes).

Figura 35 – Presença de membros da comunidade na Assembléia Legislativa do RN na luta pela criação da RDSE – Ponta do Tubarão.

(Imagem: José Paulo Goulart e João Fernandes).

Na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte, quando da votação da lei pelos deputados estaduais, a comunidade se fez representar por cerca de 150 moradores de

Barreiras, Diogo Lopes e Sertãozinho, além de outras pessoas que, direta ou indiretamente, lutaram por esse “sonho” e acompanharam essa votação.

Depois de criada a Reserva, dois deputados tentaram modificar o texto da lei no artigo que impede a implantação de projetos de carcinicultura na área e ainda a expansão dos dois projetos já existentes. Para impedir tais iniciativas, as comunidades recorreram a dois deputados favoráveis à Reserva, houve manifestos de apoio tanto de entidades como de pessoas, o que resultou na retirada das emendas propostas. Estas não chegaram a entrar em nenhuma pauta do plenário. Logo depois da criação da *RDSE – Ponta do Tubarão* foi eleito seu Conselho Gestor.

A história da criação da *RDSE – Ponta do Tubarão*, hoje, é contada por vários atores sociais que participaram direta e indiretamente do rito de criação. Essa história tem recortes com múltiplos olhares: de estudiosos, pesquisadores, moradores das comunidades e órgãos ambientais. Entre eles há o consenso de que esta Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual é uma conquista de todos.

Os Encontros Ecológicos promovem, através da sua *práxis*, um exemplo de união e cidadania na construção da história da *RDSE – Ponta do Tubarão*. *Práxis* é aqui compreendida, para além do entendimento já tão difundido nas ciências do homem, do **conhecimento** e da filosofia, como pensa Pierre Bourdieu, ou seja:

> As relações diferenciais dos indivíduos imersos em um espaço social comum e cujas estruturas foram incorporadas desigualmente e desigualmente traduzidas em escalas e sistemas de apreciação e de julgamento da realidade. Essa retradução, referenciada e baseada em posições homólogas dentro do espaço social, acaba sendo investida em objetos reais, em atividades, em práticas, em julgamentos e gostos. Esse investimento obedece a uma lógica da distinção e se traduz em um resultado classificatório, em um estilo de vida. (BOURDIEU, 2006, p. 134).

Essa práxis se evidencia na participação das comunidades, quando buscam soluções que encerram práticas sociais, culturais, políticos e econômicos. A educação é a mola fundamental na construção desta *práxis*. É pela educação das pessoas que se obtém o

envolvimento, a participação efetiva. É por meio dela que advêm os benefícios para as comunidades locais. Falar de desenvolvimento sustentável é promover um processo educativo que significa manutenção da cultura e dos meios que asseguram o sustento; é promover a distribuição eqüitativa dos bens obtidos, a preservação dos recursos naturais e, por conseguinte, a integridade do meio ambiente. O desafio agora para essa população é a implantação da *RDSE – Ponta do Tubarão* e de sua Lei e, assim, garantir o uso dos recursos naturais de maneira sustentável. Isso implica em um conhecimento sobre os recursos naturais existentes na Reserva e as diferentes formas de uso pelas comunidades tradicionais.

Essa Lei, Artigo 5º, proíbe as seguintes atividades: instalação de novos empreendimentos de carcinicultura e ampliação da área dos viveiros de camarão já instalados na área da Reserva, além da captura de cavalos marinhos e peixes para fins ornamentais. Assim, esta população conseguiu criar um canal de acesso institucionalizado para a discussão dos problemas. Um exemplo disto advém da ampliação da produção de conhecimento para dar vazão às questões que emanam do cotidiano.

Há bem pouco tempo, professores de Diogo Lopes, sentindo a necessidade de se aperfeiçoar, juntaram-se a outros professores do município de Macau e solicitaram a uma universidade particular uma Especialização em Pedagogia, com aulas a serem ministradas no município, pois o deslocamento para a capital era inviável. Prontamente atendidos, arcaram com as despesas e, em suas monografias de conclusão de curso, voltaram seu olhar para temas ligados a seu canto, ou seja, a *RDSE – Ponta do Tubarão*. Esses trabalhos foram apresentados durante o *V Encontro Ecológico da RDSE – Ponta do Tubarão*.

As discussões nas comunidades da Reserva apresentam além de interesses básicos uma visão mais clara de que é importante participar e, mais importante ainda, compreender o discurso que conduziu a criação desta Reserva. Em seu depoimento, acerca da participação da comunidade nesses encontros, a Sra. Simone falou:

> Antes nas mesas redondas tinha espaço para uma ou duas pessoas da comunidade, que estavam mais á frente, tinha mais conhecimentos dos problemas, isso foi ampliando, e praticamente a gente avançou, que a comunidade avançou. Apesar de que consideradas há 03 anos atrás como uma comunidade de índios de pessoas menos esclarecidas, hoje a gente participando das mesas redonda, tá comprovando, mostrando, tanto para nossos companheiros nativos, como para as pessoas que estavam socializando com a gente. Que não era isso, nós tínhamos potencial e a gente só precisava de alguém que instigasse isso, alguém que estimulasse esse dom essa coisa que estava reservada.

Figura 36 – Limpeza do manguezal por crianças moradoras de Diogo Lopes, durante o Encontro Ecológico.
(Imagem: Diogo Moreno).

Todos os anos, durante os Encontros Ecológicos, os moradores, as crianças das escolas e os participantes do Encontro promovem uma limpeza do mangue. Em entrevista realizada com a estudante Hênia Carla, moradora da comunidade de Diogo Lopes, durante a limpeza do manguezal realizada no *V Encontro Ecológico*, percebemos em sua fala uma atualização no discurso. Ele faz emergir uma consciência ecológica construída a partir das necessidades sócio-históricas do conhecimento acerca do meio ambiente. Esta atualização é fruto da mistura entre os diversos discursos que permeiam o cotidiano atual da comunidade. Ela diz:

> A importância de limpar a natureza é pra ver o seu mundo melhor e aconselhar os adultos, porque têm muitos adultos, hoje em dia, que judéia com a natureza só por gosto próprio. Teve uma vez que eu fui pra praia lá na costa eu vi o pescador pegando peixe, pescou um bocado, jogando os pequenininhos lá na areia e deixando os grandes dentro do barco. Então isso eu vi que não era certo. Então desde aquele dia eu acho que o melhor mesmo é ajudar a natureza a produzir. Limpar o mangue, fazer muitas coisas e deixar o nosso ambiente limpo. Porque se você fosse a natureza você não gostaria que sujasse você. Então eu quero que quando vocês

> assistir isso, por favor, eu quero que vocês ajudem a preservar a natureza. Quando você vi uma pessoa jogando lixo mesmo que seja um adulto ou uma criança você converse com ela e pida a ela pra colocar o lixo no lugar dele. Porque a natureza é muito mais importante para nós. Porque a gente foi feito dela e só sobrevive com ela.

Figura 37 – Limpeza do manguezal por crianças moradoras de Diogo Lopes, durante o Encontro Ecológico. (Imagem: Diogo Moreno).

1.3.3 Formação do Conselho Gestor

De acordo com o Art. 6º da Lei que instituiu a criação da *RDSE – Ponta do Tubarão*, o Conselho Gestor é constituído como instância deliberativa, para o planejamento estratégico da unidade. Esse Conselho, constituído de sete membros permanentes, teve seus conselheiros eleitos e empossados no dia 12 de setembro de 2003.

Os participantes do Conselho Gestor da *RDSE – Ponta do Tubarão* são os seguintes: Instituto de Desenvolvimento Econômico e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte – IDEMA; Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis e da Amazônia Legal – IBAMA; Gerência Regional do Patrimônio da União; representantes das Prefeituras de Macau e de Guamaré; representantes das Câmaras Municipais de Macau e de Guamaré; representante do setor produtivo instalado na *RDSE – Ponta do Tubarão* e uma

Instituição de Ensino Superior, escolhida pela comunidade local, para desenvolver atividades de pesquisa na área da Reserva; conta também com representantes de dez entidades civis, sediadas nos Municípios de Guamaré e Macau.

O primeiro Conselho Gestor da *RDSE – Ponta do Tubarão*, com representantes eleitos para o período de dois anos, além dos membros do IDEMA, IBAMA, DPU e das Câmaras Municipais e Prefeituras de Macau e Guamaré, contou com a participação das seguintes representações: *Petróleo Brasileiro S/A (PETROBRÁS)*; *Universidade Federal da Paraíba (UFPB)*; *Centro Social Pio XI*; *Conselho Pastoral dos Pescadores (CPP)*; ILEAÔ; *Associação de Mulheres Luzia Gomes*; *Comissão de Justiça e Paz – CJP/Macau*; *Colônia de Pescadores Z41*; *Associação do Desenvolvimento Comunitário de Diogo Lopes (ADECODIL)*; *Associação dos Moradores de Mangue Seco (ASCOMAS)*; *Paróquia de Macau* e *Grupo Ecológico Ponta do Tubarão*.

1.3.4 Implantação da *RDSE – Ponta do Tubarão*.

A Lei estadual nº 8.349, de 18 de julho de 2003, regulamenta a criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual - Ponta do Tubarão, mas, conforme leis congêneres, condiciona a efetivação da luta popular através de ritos institucionais de implantação, que asseguram a participação ativa das comunidades residentes, em todas as etapas do processo de implantação. São elas:

> 1. “planejamento e gestão do seu desenvolvimento através do Zoneamento Ambiental e Plano de Manejo”;
> 2. “crescimento econômico e o uso racional dos recursos naturais, gerando riqueza para a população, respeito a sua cultura e garantindo a qualidade ambiental”;

3. “efetivo envolvimento da população nas definições do seu Zoneamento e Plano de Manejo”.

A *RDSE - Ponta do Tubarão*, que se localiza entre os municípios de Macau e Guamaré, conforme o mapa de Limites geográficos, divulgado pelo IDEMA, é um foro significativo de discussão, resultado da mobilização comunitária.

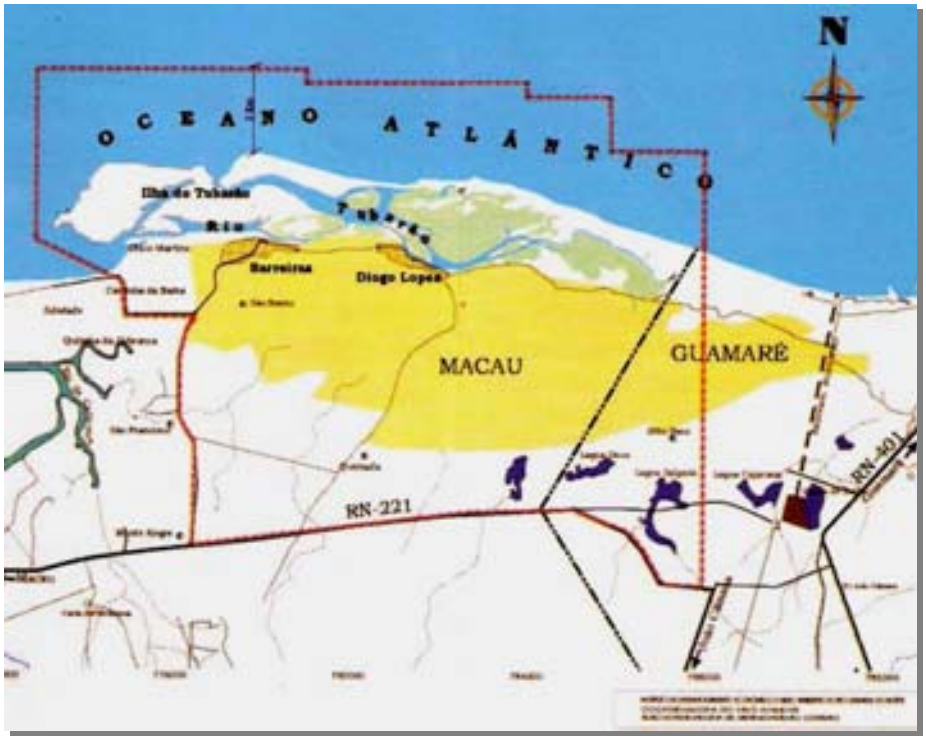


Figura 38 – Mapa de localização da RDSE – Ponta do Tubarão. Delimitada pela linha pontilhada vermelha. [8]

[8] Segundo o Relatório da Elaboração do Zoneamento e Plano de Manejo para a *RDSE – Ponta do Tubarão*, realizado pelo Idema, de setembro de 2004 a julho de 2005 (de onde se recolheu o presente mapa), os mapas temáticos elaborados para caracterização geoambiental foram os de uso e ocupação do solo, na escala 1:10.000, unidades ambientais e potencialidades, utilizando para tanto um conjunto de imagens do satélite Ikonos 2 referente ao ano de 2001.

CAPÍTULO II

AS SENHORAS DO CANTO – APORTANDO NA BEIRA DO MAR

> Quando eu abrir a minha garganta, essa força tanta / Tudo que você ouvir, esteja certa que estarei vivendo / Veja o brilho dos meus olhos e o tremor das minhas mãos / E o meu corpo tão suado, transbordando toda raça e emoção / E se eu chorar e o sal molhar o meu sorriso / Não se espante, cante que o teu canto / É minha força pra cantar / Quando eu soltar a minha voz, por favor, entenda / É apenas o meu jeito de viver, o que é amar...
>
> **Gonzaguinha** (Sangrando)

2.1 *OS ENCANTOS DO CANTO* – **O FATO SOCIAL EM QUESTÃO**

Como vimos na parte inicial desta dissertação, a pesquisa está ancorada no rito de criação da *RDSE – Ponta do Tubarão*, aqui tomado como um fato social que revela o espírito de solidariedade e de cooperação, força e coragem de vários protagonistas.

Durante os Encontros Ecológicos e na observação do cotidiano desta comunidade, percebemos uma forte presença das *Velhas Mulheres*. Verificamos que elas têm uma percepção aguçada e uma grande experiência de vida comunitária. Tais competências dão a essas senhoras uma força capaz de conduzir a comunidade nos momentos de tomada de decisões. A voz delas circula como a voz de muitos outros atores sociais. Suas experiências e palavras são consideradas e acolhidas sem censura.

Observamos uma apropriação de saberes destes atores sociais em suas pesquisas, realizadas nas Universidades Federal, Estadual e Potiguar do Rio Grande do Norte, a qual foi demonstrada nas mesas redondas durante os Encontros Ecológicos.

Os contextos dessa luta estão descritos em uma etnografia densa, a partir de observação participante do rito de criação da *RDSE – Ponta do Tubarão* e em uma etnografia fílmica de aproximadamente 48 horas de imagens gravadas em câmera digital. Filmamos

nesta comunidade, suas práticas cotidianas, a preparação e execução dos eventos. Estes procedimentos metodológicos serão analisados e farão parte desta pesquisa.

Podemos dizer que levantamos um acervo etnográfico e fílmico, bem como realizamos uma observação participante, e com base neste material deslocamos o discurso das *Velhas Mulheres* pescadoras da comunidade de Diogo Lopes, mais precisamente, da periferia, aqui entendida como a cozinha, para o centro do discurso desta dissertação.

Considerando o enfoque dado ao objeto de estudo desta pesquisa, passaremos agora a observar de que modo agiram e como se localizaram as *Velhas Mulheres* de Diogo Lopes, em todos esses episódios que marcaram a criação da *RDSE – Ponta do Tubarão*.

Pretendemos desde já, que as ações destas senhoras sejam consideradas, desde sempre, ações culturais, visto que foram geridas a partir do viver próprio destas mulheres, em seus ritos cotidianos, como **estratégias de ser**, caminhos para fazer valer o seu próprio caráter e sua condição feminina.

Consideramos como condição feminina, um conjunto de práticas culturais às quais mulheres do Ocidente estão submetidas. No sentido de que são obrigadas a acatar e a manter em operação um *modos* de confirmação e aplicação dos sistemas de valores que regem seu comportamento. Tais sistemas de valores se ancoram numa pedagogia formativa de mulheres que funciona a partir da tradição educativa. Maneira prática que as mulheres, pelo *habitus*, adquirem e incorporam nas suas formas de existir, nas suas relações com os vários interlocutores com quem dialogam em vida e nas suas formas gerais de *estar no mundo*.

Bourdieu entende por *habitus* “um sistema de disposições adquiridas pelo indivíduo durante seu processo de socialização, que orienta práticas e os gestos mais automáticos, como a forma de andar, mover o corpo, falar, alimentar-se ou sentar”. BOURDIEU (2003, p. 60).

Então, como se deu a participação das senhoras na luta pela criação da *RDSE – Ponta do Tubarão*? Esta participação remonta aos primórdios de luta da comunidade de Diogo

Lopes, quando todos estavam preocupados com a ingerência de “estrangeiros” no viver local, inclusive pelos crimes que ali ocorreram, como por exemplo, os incêndios dos ranchos.

A comunidade toma consciência da invasão e dominação que ameaça alterar o estado de normalidade de seu canto, sua cultura e sua tradição. Sentindo-se ameaçada com a queima de seus ranchos e confiante em seu poder de organização e de suas práticas comunitárias de inclusão, reage em duas frentes: a) busca na lei, através do Estado, a garantia de manutenção de seu canto, fazendo valer seus direitos; na ciência, a apreensão de novos discursos; b) busca em suas atividades e em seus *modos* de vida a reverberação de seus discursos.

Aproximando-nos do discurso das *Velhas Mulheres* da Ponta do Tubarão, encontramos fortes vestígios da *reverberação* de uma verdade que nascia diante de seus próprios olhos, quando essas senhoras, agentes culturais – diretos ou indiretos – deste processo de criação da *RDSE – Ponta do Tubarão* deixaram emergir essa força latente. Cientes de seu papel social, as *Velhas Mulheres* lutam pela manutenção de seu corpo social.

2.1.1 Aportando na Ponta do Tubarão

A partir da necessidade de atualização de seus saberes e discursos, vários moradores da *RDSE – Ponta do Tubarão* buscaram apoio em entidades e instituições do Rio Grande do Norte, como as universidades da região, os centros de ciência, alguns organismos sociais, para que, através dos diversos conhecimentos provindos destas fontes, especialmente o conhecimento acadêmico, pudessem compreender o que ocorria em suas localidades, mais que isso, pudessem ter este apoio para construir seu caminho de luta.

Quando observamos os discursos de alguns destes moradores, compreendemos que este tipo de estratégia de diálogo externo não parece ter sido encomendado de modo sistemático e consciente, mas, ao contrário, de modo espontâneo e fortuito. Podemos mesmo crer que foi na tomada de consciência de sua realidade social e ambiental, da beleza de seu

"canto", que estes moradores se organizaram em um modelo dialógico de grupo social. Esse grupo tem como grande força motivadora os Encontros Ecológicos que aproximam às lutas de Diogo Lopes e, com elas colaboram, muitos outros atores sociais.

Fomos convidados e levados a participar destes *Encontros Ecológicos da RDSE - Ponta do Tubarão*, por acreditar na urgência da preservação e sustentabilidade ecológico-econômica, por acompanhar os esforços daqueles moradores e por tentar compreender como tratam os problemas ambientais, sem os deslocar de suas dimensões sociais e históricas. Na qualidade de pesquisadora, tivemos a oportunidade de realizar a observação participante.

O encontro entre nossas crenças pessoais e as diversas formas como os moradores de Diogo Lopes organizam seus discursos motivou-nos a esta pesquisa. Essa discussão em torno de saberes e de transmissão de saberes de gente de mais idade, de gente que não tem formação científica, de gente que tem respeito pelos modos díspares, paradoxais, mesmo, com que a vida nos desafia, é o que queremos promover aqui. Por isso, esta aproximação com as *Velhas Mulheres*.

Este valor de *reflexividade* é o que tem nos movido, ou seja, este diálogo sem fim, frutífero e desafiador, construído: de um lado – entre os urgentes desafios de Diogo Lopes e, do outro – dos nossos interesses cidadãos; entre nossas condições de mulher, de aprendiz e a forma de viver e ver o mundo das *Velhas Mulheres* da *RDSE – Ponta do Tubarão*. Vendo de outra maneira um diálogo elaborado entre as crenças dessas senhoras, suas causas e lutas, e nossas próprias crenças, culturais e femininas. É neste tipo de *reflexividade*, bem aos moldes de como BOURDIEU (2006 p. 50) nos propõe, ou seja, compreender porque se compreende e como se compreende, que nos situamos.

Por estas razões, optamos por ancorar esta pesquisa em uma abordagem *reflexiva* que também se faz desenvolver a partir de uma metodologia dupla que confronta, em diálogo, processos de abordagem distintos, para garantir resultados coerentes, ainda que amplos. Ou

seja, uma abordagem de trabalho circunstancial – apoiada na *descrição e na análise etnográfica* – com objetivo – *quanti-qualitativo* – fundado na *Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)*.

Estamos tranqüilas em admitir nossa identificação com as *Velhas Mulheres*, sem negar nossa parcialidade em relação ao modo como são tão sábias em suas vidas, sem no entanto perder o poder de verificação, de cientificidade. Assim, a um só tempo, abordamos o objeto de estudo desta pesquisa com criticidade, de historicização, de análise e de afeto, de reflexibilidade.

Nosso primeiro contato com a comunidade pesqueira da Ponta do Tubarão foi avassalador, comovente e mostrou-nos o caminho para realizar esta pesquisa de mestrado. Tudo aconteceu em 2001, quando fomos convidadas pela senhora Marlúcia Elias de Farias, para a organização e viabilização do *I Encontro Ecológico de Diogo Lopes e Barreiras*. Dessa época para cá, essas mulheres têm ocupado um lugar de profunda significação em nossa vida.

E é do modo como os discursos dessas *Velhas Mulheres* são eficazes na sua comunidade, especialmente na formação de uma consciência coletiva e comunitária da gestão ambiental de sua aldeia, de que trata esta pesquisa.

Chegamos a Diogo Lopes em uma quinta-feira, ao final da tarde, a fim de participar de uma reunião para efetivar as idéias de realização do Encontro. À noite, fomos apresentadas aos moradores da comunidade. Fomos recebidas com carinho e expectativa.

Em reunião no Centro Comunitário Augusto Ribeiro, os moradores discutiam com a Sra. Marlúcia os últimos detalhes da organização do Encontro. As tarefas infra-estruturais eram distribuídas para todos os presentes. O grupo era constituído por mais ou menos vinte pessoas. Havia um conflito gerado entre a linguagem técnica, abordada pelos palestrantes, e a linguagem simples dos pescadores. O que os pescadores chamavam de rio, os técnicos

chamavam estuário. A Sra. Marlúcia explicava com paciência cada detalhe a fim de aproximar esses saberes.

BOSI (2003, p. 158) pensa que, “se existem duas culturas, a erudita terá que aprender muito da popular: a consciência do grupo e a responsabilidade que advém dela, a referência constante à práxis e, afinal, a universalidade”. Creio que os moradores estavam abertos ao diálogo com os técnicos que, por sua vez, tiveram desde o início dos contatos a preocupação de não impingir nenhuma verdade absoluta, não atropelar sequer, pela linguagem, os saberes da comunidade. O aprendizado mútuo, entre moradores e técnicos, resultou no sucesso deste Encontro.

Figuras 39 e 40 – Procissão do Padroeiro em Diogo Lopes.

(Imagens: Diogo Moreno)

Estando em Diogo Lopes tivemos a oportunidade de participar de vários ritos de passagens e realizar a *observação participante* durante as festas religiosas, tanto na festa de São Francisco, Padroeiro da comunidade, como na Coroação de Nossa Senhora. Observamos que na celebração e nos cânticos, além da afirmação dos preceitos, há uma ordem invisível na qual se reafirmam os valores de fé, conformação, devoção e de manutenção das “virtudes” das mulheres a exemplo de Nossa Senhora. Valores como virgindade, pureza, mãe protetora.

Figuras 41 e 42 – Festa da Coroação de Nossa Senhora.

(Imagens: Elisa Paiva)

Nos ritos de passagem, assim como nos Encontros Ecológicos, percebemos que esta comunidade confia em si mesma, não “aceita” fatalisticamente a exploração assume posições ativas com relação à necessidade de sua própria luta, pela conquista de liberdade e de sua afirmação no mundo. Pauta-se em princípios de Paulo Freire, quando ele afirma que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão. É preciso um permanente esforço de reflexão sobre suas condições concretas, a reflexão conduz à prática”. (FREIRE, 2004, p. 52). Encontramos esse pensamento em vários cartazes afixados em diferentes ambientes dessa comunidade.

Percebemos, portanto, a partir do rito da criação da *RDSE – Ponta do Tubarão*, que a comunidade está comprometida com a libertação, não se deixando alienar, impõe-se a uma educação problematizadora; busca a libertação autêntica que é a humanização em processo. (FREIRE, 2004, p.66).

O que chamava a nossa atenção nesses diálogos didáticos era o poder de mobilização da população pesqueira. Percebemos também que os grupos de trabalho eram, na maioria, coordenados por mulheres da comunidade e que estas mulheres demonstravam mais interesse pelos temas abordados, discutiam mais e traziam exemplos concretos para ilustrar os assuntos. O representante geral da comunidade era o Sr. Luis Ribeiro da Silva, um pescador conhecido por Itá, além de alguns casais e de um grupo de jovens adolescentes.

Durante esse Encontro Ecológico, os pescadores cederam gentilmente suas casas, mudando-se para as casas de seus parentes, a fim de acomodar os palestrantes e convidados, uma vez que nestas comunidades ainda não existiam pousadas nem hotéis. Ficamos hospedados na casa do casal, Arlete e Dário, uma professora e um pescador da comunidade de Diogo Lopes. Ao chegarmos a sua casa, tivemos a surpresa de ter nosso nome e dos demais hóspedes afixados às portas dos quartos, onde nos hospedaríamos durante os três dias daquele Encontro Ecológico. Esta era uma demonstração do nível de organização do evento, em grande parte, por iniciativa dos próprios moradores.

Figuras 43 e 44 – Mãezinha e Dona Lelé – Velhas Mulheres trabalhando nos Encontros Ecológicos.
(Imagens: Diogo Moreno)

As refeições eram oferecidas em uma residência que fora desocupada exclusivamente para transformar-se em refeitório. A mesa era farta com uma variedade de pratos, à base de peixes e frutos do mar. Ao escrever essas lembranças, recordamos o gosto do búzio e da sardinha. A alegria das cozinheiras era contagiante. Se por algum motivo atrasávamos para a refeição, nossa comida estava cuidadosamente guardada. Não faltava nada para os convidado. Mais tarde, descobrimos que as cozinheiras eram diretoras de escolas do povoado e representantes da comunidade. Começamos a perceber que havia uma forte influência das

mulheres na construção desta dinâmica social, e, que elas possuíam um grande poder de decisão.

Ao nos aproximarmos mais dessas mulheres, oferecemo-nos para ajudá-las na cozinha. Pediram-nos para ir ao mercadinho local comprar algumas verduras que faltavam para o almoço. Depois, prontificamo-nos a buscar as sardinhas. Notamos certo estranhamento nas pessoas, pois não sabiam que conhecíamos o local onde estavam as sardinhas. Tranqüilizamos a todos, conhecíamos o caminho, pois acabáramos de chegar do mercadinho. Todos se olharam e ninguém entendia o que dizíamos. Foi quando esclarecemos que poderíamos voltar ao mercadinho e ali comprar as latas de sardinha. Todos começaram a rir. Agora, éramos nós que não entendíamos nada. Por que riam? Era simples: nós pensamos em sardinhas em lata, portanto, acreditávamos poder comprá-las no mercadinho. Elas falavam em sardinha fresca, portanto, só as acharíamos no mar. Rimos bastante e, sem graça, descobrimos que Macau é o maior produtor deste tipo de pescado do Brasil.

Fomos designadas pela coordenação do evento para trabalhar com uma equipe de jovens moradores, a fim de recepcionar os palestrantes e convidados, direcioná-los para seus alojamentos, distribuir fichas das refeições, preparar e distribuir kits contendo: material de divulgação, camisetas e bonés. Também era da nossa responsabilidade distribuir kits para os pescadores e demais participantes dos eventos.

Nesse primeiro contato foi muito rico o diálogo entre a comunidade local e a comunidade científica, assim pudemos perceber que o sentimento preservacionista era compartilhado por todos.

Foi quando ouvimos o canto da vida que ecoava no cotidiano daquela gente, canto este soado a partir dos saberes e dos quereres de um grupo de *Velhas Mulheres* que, como todos daquela jornada, interessava-se por preservação, cuidado, educação, melhoria de vida,

respeito às tradições populares, especialmente religiosas, e produção de qualidade de vida pelo cuidado com o patrimônio natural que ali existe.

2.1.2 Aproximações nos *Encontros Ecológicos da RDSE – Ponta do Tubarão*

Figuras 45, 46, 47, 48, 49 e 50 – Velhas Mulheres gerando, alimentando e mantendo a vida, nos Encontros Ecológicos da RDSE – Ponta do Tubarão.

(Imagens: Diogo Moreno).

Nos *Encontros Ecológicos da RDSE – Ponta do Tubarão*, estivemos atentas aos movimentos das *Velhas Mulheres* e constatamos que, mesmo atarefadas, estavam sempre alegres. Em seus passos firmes, elas tinham algo peculiar que percebíamos, mas não conseguíamos identificar. As decisões que tomavam, sempre em grupo, não perdiam o foco central que era o bem estar da comunidade.

Nos afazeres "domésticos" dos Encontros Ecológicos, percebemos uma presença constante e "útil" dessas mulheres na condução dos trabalhos de organização, apoio, alimentação e de serviços gerais. Elas fazem o serviço pesado e apesar de trabalharem com afinco, em todo o processo, não participavam efetivamente do centro das discussões e das tomadas de decisões.

Pudemos perceber, assim, que a forte inserção que elas demonstram ter nas ações comunitárias, nos ritos de celebração religiosa, no imaginário das narrativas orais e nos serviços básicos de manutenção, não corresponde, na prática, à influência institucional que deveriam ter nos Encontros Ecológicos.

Após o *II Encontro Ecológico*, fomos convidadas pelas *Velhas Mulheres* a passar um fim de semana de lua cheia, na costa, junto a seus familiares. Na data marcada, uma sexta feira de lua cheia, chegamos à comunidade de Diogo Lopes no início da noite quando, a lua prateada iluminava o mar. Nesse clima de expectativas, unimos nossas famílias e embarcamos numa aventura para nós desconhecida.

A proposta que nós recebemos das *Velhas Mulheres* era passar dois dias na costa, hospedados no rancho (quatro estacas fincadas no chão batido com cobertura de palhas de carnaúba), construído um pouco distante da praia, próximo ao mangue. Explicaram-nos que, assim localizados, estávamos protegidos pela cobertura vegetal e da dissipação pelos ventos.

A proposição das senhoras nos instigou a uma ação dupla, complementar. Ao mesmo tempo em que nos aprofundávamos numa relação de afeto e intimidade, vimos esboçado o

percurso de uma observação direta e distanciada do viver concreto destas senhoras. Este procedimento nos colocou numa situação privilegiada para a pesquisa: ao mesmo tempo profunda, precisa, consciente, distanciada e crítica.

Ao atravessarmos o estuário em um barco a motor, afastando-nos da terra, o primeiro impacto que sentimos foi o da perda de contato com o espaço urbano que nos era familiar. A lua já estava alta quando chegamos à costa, entusiasmadas, deixamo-nos levar pela maravilhosa sensação que tomava conta de nós. Num misto de medo e felicidade, ajudamos a descarregar o barco. Parte da alimentação que iríamos consumir no final de semana já estava pronta, a outra parte iria ser cozida em um fogo à lenha, improvisado ao lado do rancho.

Iluminadas apenas pela luz da lua, sem água encanada, energia elétrica e celular, começamos a sentir uma paz intensa e uma alegria contagiante tomou conta de todos nós. Cantamos até tarde da noite um repertório de músicas antigas ao som do violão, ao redor de uma fogueira. Numa permanente observação, à luz da lua, começamos a perceber melhor a força intrínseca dessas *Velhas Mulheres*.

Nessa noite, não conseguimos dormir. Além da natural excitação, sentimos falta do conforto urbano, da proteção das paredes, da cama, pois tivemos que dormir no chão, na areia fofa da praia, na parte de dentro do *rancho*. Tínhamos apenas uma linha imaginária a nos separar da parte de fora do rancho. Este estar dentro, estando fora apavorou-nos e fascinou-nos, levando-nos a pensar na condição de *ser* da comunidade e de *não-ser* da comunidade; de *ser mulher* e de estar tentando investigar o que é *ser mulher* neste complexo emaranhado de significações. Esta condição reflexiva propiciou, pelo menos, pensar esta temática.

O céu, no entanto, estava límpido e, observando do canto em que nos encontrávamos, podíamos ver as estrelas, o Cruzeiro do Sul e as Três Maria, sem dificuldades, pelas brechas das palhas; sentimos vontade de registrar tudo que estávamos vendo.

Aos poucos, conquistando e sendo conquistadas, passamos a fazer parte de todos os *Encontros Ecológicos* e, durante seis anos, estávamos sempre, ao mesmo tempo, do lado de fora estando do lado de dentro daquele canto, dando apoio incondicional a esta comunidade.

A partir dessa proximidade social, escolhemos, dentre essas *Velhas Mulheres,* as que melhor representavam nossas suposições e começamos efetivamente a pesquisa, nas condições principais de uma "comunicação não violenta".

> Quando o interrogador está socialmente muito próximo daquele que ele interroga, ele lhe dá, por sua permutabilidade com ele, garantias contra a ameaça de ver suas razões subjetivas reduzidas a causas objetivas; suas escolhas vividas como livre, reduzidas aos determinismos objetivos revelados para análise. Por outro lado, encontra-se também assegurado neste caso um acordo imediato e continuamente confirmado sobre os pressupostos concernentes aos conteúdos e às formas da comunicação: esses acordos se afirmam na emissão apropriada, sempre intencional, de todos os sinais não verbais, coordenados com os sinais verbais, que indicam quer como tal o qual enunciado deve ser interpretado, quer como ele foi interpretado pelo interlocutor. (BOURDIEU, 1997, p. 697).

Quando resolvemos voltar nosso olhar para o fato social do rito da criação, foi de bom grado que todas as mulheres disponibilizaram-se a colaborar com nosso trabalho; estão sempre prontas a atender qualquer solicitação de esclarecimentos que precisarmos. O trabalho que desenvolvemos, cumpriu um caminho de diálogo entre "objeto" e "sujeito"; realizou um trajeto de experimentação, reflexão e discussão, que lhe foi necessário, tendo o *DSC*, por vezes, sido apresentado às informantes.

2.2 *OUVINDO O CANTO DAS SENHORAS* – **ESCOLHAS E DESDOBRAMENTOS**

Em 2004, produzimos um vídeo documentário de 25 minutos, dirigido por Paulo Goulart e João Fernandes, intitulado: **A Importância da Preservação - a história da Reserva Ponta do Tubarão**. O vídeo destaca como o discurso preservacionista produzido pelas comunidades e sua união conseguiram mobilizar entidades ambientais, jurídicas, científicas e ONGS em defesa do meio ambiente. Apresenta a beleza local, como vivem as comunidades, além de mostrar as espécies vegetais e animais características dos seus ecossistemas.

Confessamos que na realização deste trabalho, dia após dia na comunidade, cada vez mais nos deixamos levar pelo modo como as senhoras de Diogo Lopes conduziam os fatos de suas vidas. Era que como ao falar, cantassem, de tão coerente e sábio que era esse modo de falar em favor da coletividade, da preservação e do desenvolvimento sustentável; esse modo é seu discurso.

Foi a partir deste canto que nos sentimos motivadas a estudar o cotidiano das *Velhas Mulheres* que fizeram parte, pelo menos, dos últimos cem anos da história daquele lugar. Desta maneira, ainda sem muita clareza sobre metodologia ou aportes teóricos, apresentamos ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, um projeto amplo para pesquisa no mestrado, cujo título era: **Memória de Pescadores: a socialização dos saberes na *Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual - Ponta do Tubarão no* RN**.

O projeto de pesquisa foi aprovado e destinado à área de atuação Cultura e Representação, do PPGCS, onde ganhou corpo e desenvolveu-se a ponto de ser apresentado em diversos eventos acadêmicos locais e nacionais. Nesta condição, o trabalho desenvolvido cumpriu um caminho de experimentação, reflexão e discussão. Conforme dissemos anteriormente.

Neste caminho, apresentamos este trabalho a outros pesquisadores, em congressos e encontros de diversas áreas do saber: no *XII – CISO – Encontro de Ciências Sociais*, na cidade de Belém/PA; na *XII – Semana de Humanidades em Natal/RN*; no *V Encontro Norte Nordeste de História Oral*, na cidade de São Luiz/MA; no *III Encontro Sul Sudeste de História Ora,l* na cidade de Juiz de Fora/MG; no *Congresso Latino Americano de Turismo*, na cidade de São Paulo [9]; e no Destinations2006, o 3º Encontro Anual do Fórum Mundial de Turismo para a Paz e Desenvolvimento Sustentável em Porto Alegre/RS. Estas práticas discursivas oportunizaram um diálogo, com pesquisadores brasileiros e de fora do país, que foi fundamental à impressão de valores críticos à realização do trabalho.

Optamos experimentar o *Método de Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)* que propõe uma ampliação dos modos de abordagem dos discursos individuais de um determinado grupo em estudo, pela formação (construção) de um discurso síntese, coletivizado deste grupo de indivíduos; procuramos garantir uma mesma unidade de sentido de conteúdos (abordagem qualitativa), sem perder o vínculo mensurável da pesquisa (abordagem quantitativa).

Para uma melhor compreensão deste método, os seus autores propõem uma forma de compreensão da leitura dos discursos dos indivíduos informantes de uma dada pesquisa a partir da metáfora do canto; ou seja, o canto coral que coletiviza vozes individuais para dar um sentido unitário à voz. “No coral, como no DSC, as vozes isoladas cantam, cada uma a seu modo, mas sempre a mesma música, que, no entanto, como fato coletivo, constitui produto diferente daquela música que soa em cada uma das vozes consideradas isoladamente.” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p. 56).

[9] Esse trabalho foi transformado em artigo, em parceria com a professora Dr.ª Lore Fortes, minha orientadora, e aceito para publicação no livro com a denominação de "Meio Ambiente, Esporte, Lazer e Turismo: Estudos e Pesquisas no Brasil 1966 - 2006", coordenado pelos professores Drª. Ana Cristina Pimentel Carneiro de Almeida (UFPA) e Dr. Lamartine Pereira DaCosta (UGF), com a publicação prevista para 2007.

É neste território de cruzamento entre a necessidade de aporte da realidade, de luta pela preservação do meio ambiente e da cultura de produção de bens de sobrevivência, necessários à sustentabilidade da comunidade pesqueira de Diogo Lopes, em aproximação com o método de *Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)*, que nos inspiramos para realizar o vídeo documentário mencionado anteriormente.

Para as filmagens desse vídeo, passamos a freqüentar as comunidades em diversas ocasiões com a finalidade de captar imagens de pessoas em seus afazeres cotidianos - pesqueiros – e, entrevistá-las, às vezes de forma aleatória, outras vezes indicada por moradores. E assim, passamos cinco meses observando o cotidiano das pessoas.

Dentre os entrevistados, devemos mencionar: Padre Antônio Murilo de Paiva, representante da Igreja Católica, com uma grande importância e influência na história de Diogo Lopes. Padre Murilo contou-nos que, durante o período em que era responsável por aquela paróquia, a orientação a esta comunidade era dada através das pastorais que, como sabemos, fundamentam-se na pedagogia da libertação [10] e nos ensinamentos pedagógico e sócio-políticos de Paulo Freire.

Esse documentário foi distribuído para as comunidades, órgãos ambientais, Câmara dos Deputados, além de participar de festivais; foi veiculado em TVs abertas e a cabo em várias capitais do país. A presente pesquisa de mestrado é uma outra produção que decorre do fato de se estar ouvindo o canto das senhoras de Diogo Lopes.

[10] Pedagogia pensada e desenvolvida pelo educador brasileiro, Paulo Freire, intimamente relacionada com a visão do terceiro mundo e das classes oprimidas, na tentativa de conscientizá-las politicamente. As maiores contribuições desta pedagogia foram no campo da educação popular para a alfabetização e a conscientização política de jovens e adultos operários, chegando a influenciar em movimentos como os das Comunidades Eclesiais de Base (CEB). No entanto, a obra de Paulo Freire ultrapassa esse espaço e atinge toda a educação, sempre com o conceito básico de que não existe uma educação neutra: segundo sua visão, toda a educação é, em si, política. (Cf. FREIRE, 1989, pp. 18-34).

2.2.1 Projeto piloto – Procedimentos

Utilizamos como base de coleta de dados a entrevista semi-estruturada. Todas as entrevistas foram feitas na residência de *Dona* Maria das Dores, onde *Dona* Isabel reside, num único dia, em julho de 2004. E para este trabalho, haverá a análise de uma única resposta dada a uma única questão posta na entrevista, ou seja: “Como tem sido sua vida na Ponta do Tubarão?”.

Os procedimentos são correspondentes à metodologia escolhida. Verificamos a percepção e experiência das senhoras da *RDSE – Ponta do Tubarão* sobre a vida, utilizando-nos da metodologia da pesquisa qualitativa, inspirada, criativamente, na *Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).* Deste modo, o trabalho dá-se pelos seguintes procedimentos:

1. Primeiramente, a oralidade das *Velhas Mulheres* é considerada em forma de “ícone”, como a manifestação do seu pensar e do seu sentir o mundo;
2. A percepção que se deve ter destes “ícones” é a de que estes elementos discursivos são “questões abertas”, chaves de manifestação de vontade, desejo, necessidade, razão, percepção de mundo, portanto, um “outro objeto” de análise;
3. É preciso extrair do discurso o sentido de cada ícone e seu desdobramento em “questões abertas”, recorrendo à construção de “idéias centrais do discurso”, pela identificação do uso de suas “expressões-chave”;
4. O contexto em que se dá o discurso oral, descrito pela percepção presencial do pesquisador qualitativo, também deve servir como base contextualizadora;
5. Estes elementos (ícones, idéias centrais, expressões-chave e contexto) deverão formar um texto coeso, muito embora possam advir de diferentes fontes orais, da mesma localidade e do mesmo contexto;
6. O resultado da operação anterior será sistematizado em um quadro síntese, tornando-se categorias de análise, o mais fiel possível às suas manifestações orais de origem;

7. Assim, dá-se a leitura destas categorias e sua re-elaboração textual, analítica e contextual.

Produzimos registros audiovisuais da *RDSE – Ponta do Tubarão*, a fim de grafar iconicamente o contexto sócio-cultural em que vive essa comunidade e a oralidade das memórias pretendidas. A técnica de gravação das imagens dá-se em câmera digital.

É oportuno informar que as estratégias de produção de outras formas de registro e expressão da vida da *RDSE* como o vídeo documentário **A Importância da Preservação:** a História da Reserva Ponta do Tubarão, têm sido nossa preocupação, no sentido de devolver, em intercâmbio e interação com a comunidade, um olhar diferenciado, através do material coletado. Objetivamos possibilitar aos moradores da comunidade uma reflexão sobre suas imagens, a realidade de sua comunidade e os desdobramentos de suas ações.

Figura 51 – Dona Bebé, Dona Lelé e Dona Cota. A grande mãe e as grandes filhas.
(Imagem: José Paulo Goulart).

Retomando a explicação do Método de *Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)*, devemos, inicialmente, considerar que todas as operações metodológicas deste instrumental estarão relacionadas à luta que se desenvolve na comunidade, isto é, pela

preservação cultural e pela manutenção da vida natural. Os contextos de abordagens são descritos na própria etnografia fílmica realizada, com a obtenção de imagens em vídeo, registradas em mídia digital (MiniDV).

Na coleta de dados para este Projeto Piloto, encontramos as *Velhas Mulheres* para a entrevista, no dia 26 de julho de 2004, às 9:00h, na sala da casa de Cota, onde havia uma mesa grande, retangular, com cadeiras de madeira esmaltadas. A mesa estava forrada com uma toalha branca, bordada em renda de labirinto. Sobre a mesa havia um jarro com flores artificiais, vermelhas, tipo papoulas.

Dona Bebé estava sentada no lado esquerdo da mesa, dando as costas para a porta principal da casa, recebendo no lado esquerdo a luz da rua. Esta senhora de 95 anos só demonstra um pouco sua longa idade devido à completa ausência de dentes. Possui excelente capacidade de articular o discurso. Demonstra independência no encadeamento das idéias e um pensamento ético e realista. Estava bem arrumada, com os cabelos presos (em forma de cocó [11]), usava vestido azul, com estampas de flores em azul mais escuro, relógio de pulso grande, digital, e óculos de grau em acetato amarelo. Não usa nenhuma maquiagem. Nas mãos tinha um lenço branco dobrado em quatro partes, que *Dona* Bebé durante a entrevista arrumava o tempo todo. Ela fala, de um modo geral, de sua vida, de sua família, das histórias de seu lugar. O contexto é esse. O detalhe que recorto diz respeito à acontecimentos de saúde e trabalho de seu esposo [Ele].

Cota, sempre sorrindo, recebeu-nos com alegria. Posicionou-se no lado direito da mesa, mais distante de sua mãe, Dona Bebé, e permaneceu quieta, em silêncio, até ser convidada a falar. Estava com vestido estampado em azul e branco, de mangas curtas (à japonesa), com decote curto (em "U"), com viés branco no decote. Mantinha os cabelos amarrados à semelhança de sua mãe, com uma presilha, tipo "piranha", metálica. Seu corpo é

[11] Segundo o **Dicionário HOUAISS eletrônico da Língua Portuguesa**, *Cocó* é o apanhado de cabelo enrolado em espiral ou em forma de concha, e fixado na cabeça por meio de grampos, varetas, fios elásticos etc. Também, birote, carrapicho, cocó, pericote, periquito, pirote, pitó, pitote, totó.

enérgico como não se vê em mulheres de 72 anos. Sua fala é mansa, compassada e tranqüila. Sempre sorrindo, demonstra timidez, mas também, profunda seriedade nas coisas que conta. Não usa nenhuma maquiagem. O detalhe que recortamos diz respeito a acontecimentos relacionados à exploração do trabalho infantil e às formas de controle social sobre a mulher, desde a infância.

Dona Lelé está sentada à esquerda da mesa, de costas para a rua, entre a mãe e a irmã. Tem 60 anos, decidida, fala com a clareza de quem tem uma compreensão da vida, especialmente construída com base nas lutas em que sua família empreendeu para garantir seu espaço no mundo. Estava vestida com blusa azul celeste, com estampas minúsculas, diferentemente de sua mãe e irmã. Mantém os cabelos presos com rabo de cavalo. Não usa nenhuma maquiagem nem bijuterias. O detalhe que recortamos de sua fala, diz respeito a acontecimentos de trabalho e família.

2.2.2 Projeto piloto – Resultados

Em suma, o Projeto-Piloto apresentou os seguintes Resultados:

> *Idéia central:* fé, conformação, obediência, satisfação e coragem.
>
> ***DSC***
>
> *"[...] Ele estava assim, assentado [...] no cais. Aí, lá vem um homem com um galão nas costas, vendendo um quarto de bode. Se aproximou e perguntou? O que o senhor tem? Aí Ele contou que estava com febre e se tremendo. O homem disse: - Olhe aqui o remédio. Repare aqui pra essa carne! Ele disse que assim que olhou para a carne do bode, já foi todo se tremendo, tremendo, tremendo... E essa foi a última vez que teve essa febre. [...] Comecei a compreender as coisas com a idade de sete anos. Ele deixou de trabalhar, pegou uma paralisia nas pernas. E nós é quem mantinha a casa. A gente ia pro armazém, pisar sal, e tomava conta da casa. A gente se levantava quatro horas da*

> *manhã, para moer o milho, fazia o cuscuz e eu ia vender, com meu irmão que morreu. Seis horas a gente voltava para tomar banho, tomar café e ir para a escola. A vida da gente foi assim com muito sofrimento. [...] Comecei a ser a dona da casa, cozinhando, lavando, passando... Eu era pequena e não alcançava no fogão, subia em um banquinho. Não ia olhar diversão nenhuma. Pai não deixava".*

2.2.3 Projeto piloto – Discussão da Aplicação do Método

A forma que escolhemos para apresentar os resultados da presente pesquisa segue a orientação dos proponentes do método de *Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)*, os professores Ana Maria LEFÈVRE e Fernando LEFÈVRE, com pequenas variações, em razão do caráter original desta formulação em nosso campo de trabalho, também, fruto da experimental inaugural do método que procedemos no Projeto de Pesquisa Piloto, conforme descrevemos anteriormente.

Percebemos na análise do *DSC* traços da presença mítica do sacrifício de **bode**[12], comuns nas narrativas primitivas e nos cultos atuais de religiões afrodescedentes, em que um sujeito, um ator social, atribui à figura de um bode poderes de cura de uma enfermidade, como conta a tradição dos gregos antigos. Na origem da tragédia, o drama se divide em tragédia (*trágos*, **bode** + *oidé*, canto + sufixo *ia*), comédia (*cômos* + *oidé*, canto, + sufixo *ia*) e drama satírico, em que o **bode** também está presente; ou no sacrifício ritual do **bode** sagrado, o *pharmakós* (aquele que é imolado pelas faltas de outrem) para a purificação da pólis; reminiscência dos antigos protetores, os sátiros, que são "homens-**bode**", o famoso bode expiatório. [13]

---

[12] Difícil é supor o imaginário nordestino sem a presença dos contos fabulosos e das estórias de Trancoso. Mitos oriundos de tantas terras, próximas e distantes, fundem-se e contaminam-se de originalidade criativa. Permanece nas estórias que a oralidade dissemina, conforme nos ensina Cascudo em **Os Cinco Livros do Povo**, "a força viva e nova, trazida por viajantes, notícias vagas, coisas lidas, tudo amalgamado e conduzido na memória popular, vivendo sempre!"

[13] Cf. BERTHOLD, 2005; NIETZSCHE, 2001.

Nas lendas dos Orixás, especificamente na lenda de Exu, conta VERGER (1981) que Aluman estava desesperado por causa de uma grande seca e faz um trato com Exu (o mais benevolente dos Orixás, se for tratado com consideração e generosidade) para conseguir água. Aluman decidiu, então, oferecer a Exu grandes pedaços de carne de **bode**. Exu comeu com apetite desta excelente oferenda. Só que Aluman havia temperado a carne com um molho muito apimentado. Exu teve sede, uma sede tão grande que toda a água de todas as jarras que ele tinha em casa, e que tinham, em suas casas, os vizinhos, não foi suficiente para matar sua sede. Exu foi à torneira da chuva e abriu-a sem pena. A chuva caiu de dia e de noite, sem parar. Os campos de Aluman tornaram-se verdes. Aluman, reconhecido, ofereceu a Exu carne de **bode** com o tempero no ponto certo da pimenta, e o bode torna-se, mais uma vez, o elemento de purificação, de cura, de remédio, como na narrativa do DSC.

Outro fato que se percebe nessa narrativa é a transformação social da casa, onde o pai não é mais a força produtiva e, a mulher e os filhos assumem a provisão e a manutenção. A fé e o mito, assim como os papéis sociais, misturam-se forçando uma nova ordem. As figuras femininas, nestas narrativas, são a força da ação e a força do discurso.

Desta maneira, como resultados e discussão acerca do **Método de Análise dos Discursos do Sujeito Coletivo (DSC)**, experimentados neste Projeto de Pesquisa Piloto, comprovamos a validade de sua aplicação. A seguir, portanto, apresentamos a forma central da pesquisa em seus aspectos metodológicos.

2.3 APRENDENDO A OUVIR AS *VELHAS MULHERES* – **METODOLOGIA**

Aprendemos que o pensamento reflexivo é um processo em que “a construção do objeto não é uma coisa que se produza de uma assentada [...] é um trabalho de grande fôlego, que se realiza pouco a pouco, por retoques sucessivos, por toda uma série de correções”. (BOURDIEU, 2006, p. 27). E vimos também que ele implica em uma participação crítica. O pensamento reflexivo e a atitude crítica são condutores de leituras que permitem uma melhor compreensão do fenômeno observado.

A metodologia central deste trabalho pode ser considerada um exercício que se diz reflexivo, visto que procura abordar o objeto de estudo em duas formas de ação: uma abordagem central reflexiva, em que os fatos pesquisados serão tratados de modo tradicional na pesquisa etnográfica qualitativa nas Ciências Sociais; e, em uma abordagem analítica, em que os fatos da pesquisa passam por um viés do método objetivo (DSC), pouco utilizado nas Ciências Sociais que aproxima as abordagens quantitativas e qualitativas num processo de análise icônica dos discursos de sujeitos coletivos.

Com espírito crítico, apoiadas sobre capacidades de observação e de raciocínio, percebemos dois níveis de entendimento dos dados coletados em entrevistas, como vimos no Projeto de Pesquisa Piloto. Em um primeiro nível, a pesquisa será de caráter propício à reflexão e busca contextualizar com minúcias o objeto. Ao mesmo tempo, em outro nível, mais técnico, a prática passa a ser orientada em procedimentos de extremo rigor, que apresentam dados quali-quantitativos para a análise. Este modelo apóia-se sobre formações culturais tanto do objeto, quanto do olhar da pesquisadora, oferecendo os instrumentos ou as bases teóricas para melhor compreender os processos em jogo e melhor compreender a si mesma.

Assim, o fluxo de investigação não se ancora só na observação, na interpretação, na análise, na antecipação, mas também na memorização, na comunicação oral e na escrita e até mesmo no vídeo, uma vez que a reflexão nem sempre se desenvolve em circuito fechado nem de imediato.

2.3.1 Uma abordagem reflexiva

Apresentamos abaixo, em um exercício reflexivo, todas as fases do processo etnografico, narradas a partir das experiências entre as teorias discutidas nas aulas do mestrado e as observações participativas nos eventos da comunidade. Entendemos que a experiência está intimamente ligada à interpretação (CLIFFORD, 2002, p. 36). Com essa compreensão, e com base nos modelos de etnografias (presencial e fílmica) chegamos aos seguintes resultados.

A) Abordagem Inicial com Encontros Ecológicos de Diogo Lopes e Barreiras:

No processo de organização dos três primeiros Encontros Ecológicos, criados como estratégia de reação coletiva em favor de seu canto, percebemos a presença da força feminina na organização destes eventos. Observamos que a comunidade parecia uma grande família. A religiosidade era representada nas residências, todas as casas visitadas possuíam nas paredes quadros, nas molduras reconhecemos: Nossa Senhora, Jesus, o Papa João Paulo II e, ao lado, o Padre Murilo. Como não o conhecíamos ainda, buscamos informações com a dona da casa para saber quem era aquela figura posta junto às figuras célebres da Igreja Católica. Fomos informadas de que se tratava do Padre Murilo que havia sido pároco da comunidade e mantinha laços de estreita ligação com a realidade espiritual e social daquele grupo.

Neste momento inicial, toda a comunidade empenhou-se em acolher os visitantes e oferecer-lhes o melhor que a “casa” possuía. Percebíamos os mínimos detalhes: a recepção, o

alimentar, o cuidar para que nada faltasse a cada pessoa que era recebida como parte da família. Tudo funcionava em sintonia com as propostas dos Encontros cujos temas desencadeavam, ano a ano, um elo a partir da problematização dos acontecimentos.

Esse elo acontece através dos temas amplamente discutidos com a comunidade nesses Encontros Ecológicos: construção, conquista e crescimento, ou seja, 2001 – Construindo o Desenvolvimento Sustentável; 2002 – Em defesa do nosso Futuro e 2003 – Pela Implantação da Reserva. Durante os festejos de abertura do *III Encontro*, a governadora do Estado assinou o pedido de criação da Reserva e enviou à Assembléia Legislativa para ser apreciado. (Cf. Síntese dos Encontros Ecológicos, nos **Anexos**).

B) Resultado: criação do objeto desta pesquisa

Este fato social, em que a comunidade fez valer seus direitos, levou-nos a refletir sobre o que estaria relacionado a essa performance. Estaria ligada aos saberes da tradição? E pensando mais: as mulheres velhas dariam respostas a estas indagações? Sentimo-nos motivadas a pesquisar mais a fundo: que motivação encontrou esta comunidade e por que ela se permitiu ser diferente de outras comunidades? Por qual razão ela disse “não” a esse “desenvolvimento instantâneo” que a levou a conquistar para si o direito de escolher o seu próprio futuro?

Durante o *III Encontro Ecológico* saímos às ruas portando uma filmadora digital e começamos a filmar esse canto e seus moradores em seu cotidiano. Assim, iniciamos a etnografia fílmica que é capaz de nos revelar detalhes do cotidiano os quais, devido à complexidade dos acontecimentos, deixamos de perceber à hora das entrevistas.

Etnografia fílmica é uma estratégia de registro antropológico de processos humanos e sociais, muito defendida na atualidade das ciências humanas. No artigo **Crônica de um verão – Reflexo e invenção de seu próprio tempo**, de Cléber Eduardo, acerca do filme

antropológico **Crônica de um Verão**, de Jean Rouch e Edgar Morin, publicado no número 60 da *Revista ContraCampo* [14], fica claramente definida a serventia, para as Ciências Sócias, da *etnografia fímica*, a qual utilizamos em nossa pesquisa.

Assim, segundo EDUARDO, a *etnografia filmica* é um recurso importante para a pesquisa etnográfica, no pensamento moderno e contemporâneo, visto que, para compreender as conquistas e progressos da antropologia contemporânea, faz-se necessário entender os modos procedimentais desta ciência. Diz ele:

> A etnografia pré-câmera tinha como elemento mediador entre o observador e os observados a escrita. O antropólogo via e relatava em palavras. A memória era seu filtro entre o real e o texto, e sua bagagem teórica e ideológica preenchiam os hiatos, de modo a se criar um fio condutor linear e aparar as contradições. A entrada em cena da câmera conferiu ao observado fílmico uma referência epistemológica mais legítima. Trata-se, afinal, de evidência. Pode ser vista. (EDUARDO – *site* da Internet, visitado em 21 de novembro de 2006).

Ainda segundo Cléber Eduardo, documentar não tem caráter divino e onisciente, exige enquadramento e escolhas. Para ele, o filme etnográfico continuou a ter como base a observação do real, mesmo que esse real seja provocado pelo cineasta-etnógrafo (ou etnógrafo-cineasta). Este assunto é muito desenvolvido por Claudine de France que é inclusive citada por Eduardo. Ela definiu como antropologia fílmica, essa modalidade de "registrar em imagens o homem como ele é apreendido pelo filme, na unidade e na diversidade das maneiras como coloca em cena suas ações, seus pensamentos e seu meio ambiente". (FRANCE, 1982, p. 121).

Voltando à pesquisa, depois deste breve apanhado teórico sobre *etnografia fílmica*, é conveniente falar que, a cada Encontro Ecológico, percebíamos com mais nuances o poder de mobilização e organização das comunidades. Ao refletirmos sobre estes fatos, dimensionamos o quanto se pode aprender com as duas comunidades: tradicional e científica, cada uma com seus saberes e formas de aprendizagem. Dessa forma, com a população, fomos atualizando

[14] Artigo colhido na página: <*http://www.contracampo.com.br/60/cronicadeumverao.htm*> da Internet, em 21 de novembro de 2006.

nossos discursos, agora somos possuidoras de novos saberes aprendidos através dos ritos comunitários, além das palestras, oficinas e cursos.

No transcurso da pesquisa, descobrimos que nossos saberes comuns eram o caminho mais certeiro para nos conectar ao pensamento articulado, contemporâneo. Foi assim que nos dedicamos, com exclusividade, a este estudo.

Largamos nossas atividades de produção cultural, por perceber, depois dos estudos da complexidade, que estávamos reduzindo nosso esforço e nosso tempo ao poder contábil que exprime o predomínio do econômico sobre todas as forças do pensamento, resolvemos mudar. Passamos a freqüentar outros espaços, a dialogar com outras pessoas, a ter outra consciência e a lutar por causas, como a *RDSE – Ponta do Tubarão*.

Encontramos a memória daquelas mulheres da comunidade pesqueira da *RDSE – Ponta do Tubarão* e, com esse ato de percepção deste "outro", reencontramos nossa infância, nossas avós, nossa mãe, nossas tias naquelas senhoras de muitos saberes, de muitos poderes. A memória e o discurso são, para estas mulheres, formas de poder, de influência, de intervenção política em sua realidade. Essas memórias, tão bem expressas nas oralidades poético/políticas daquelas mulheres idosas, prenderam-nos, chamaram-nos, fizeram-nos entender que são, por si sós, um pertinente objeto de estudo para o nosso trabalho na pós-graduação.

C) Participações nos Encontros

Os *Encontros Ecológicos da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual – Ponta do Tubarão* foram produzidos de 2001 a 2006, por diversos organizadores, dentre eles, as comunidades de Barreiras, Diogo Lopes e Sertãozinho e as entidades ambientalistas.

Para efeito desta pesquisa, estudamos os conteúdos de cinco destes eventos: **2001**, quando nos aproximamos da comunidade e passamos a compor o quadro de convidados; e

assim por diante, em **2002**, **2003**, **2004** e **2005**. Nos conteúdos estudados, consideramos: os temas dos encontros, os objetivos, as metodologias de trabalho, os encaminhamentos e os resultados de cada um dos Encontros.

Observamos que eles constituíram uma estratégia política que se originou no seio da própria comunidade. Este nosso raciocínio decorre da análise dessa estratégia: a população solicita às instituições locais (municipais, estaduais e federais) a realização de algum trabalho que possa preservar seu ***canto***, tão ameaçado por diversas formas de exploração.

Os Encontros Ecológicos funcionam também como estratégia político-educativa de discussão e busca de soluções para os problemas da comunidade. Nesta prática, os Encontros demonstram o envolvimento e o desejo de iniciar algo em defesa do meio ambiente, ao mesmo tempo, apontam a possibilidade de desenvolvimento sustentável para a população.

Os temas geradores das discussões apresentam uma base de fundamentos educacionais, históricos, geográficos, sociais, políticos, ecológicos, etc. Seus objetivos estão expressos nos próprios temas e refletem as idéias, as ações, as tomadas de decisões e os encaminhamentos da comunidade. São claros, operacionais e conduzem a um grande fórum de discussão. O que é possível perceber pela metodologia utilizada que inclui dinâmica de grupo, cursos, oficinas, mesas redondas, palestras, exposições, exibição de filmes, debates, eventos culturais e concursos: artístico, literário e desenhos, além da produção de jornais e revistas. Essa metodologia revela-se muito rica pela variedade de procedimentos.

Os **encaminhamentos** são os resultados desse grande fórum de discussão, cuja motivação vem da própria comunidade e o incentivo gerado pela metodologia utilizada nesses Encontros. Esse fórum cria um espaço de discussão oficial. E os resultados alcançados estão expressos nas grandes conquistas: o conhecimento científico, o reconhecimento das atitudes individuais e comunitárias, o sentimento de realização da população, a criação e Implantação

da *Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual – Ponta do Tubarão*. Esses Encontros, por sua importância social, alcançam uma ampla divulgação na mídia e na impressa.

Durante o *5º Encontro Ecológico da RDSE – Ponta do Tubarão,* cujo tema era **Comunidade e Reserva de Mãos Dadas**, verificamos uma atualização dos discursos dos moradores. Nesse encontro o número de palestrantes "de fora" era igual ou menor ao número de palestrantes "de dentro", moradores da comunidade apropriados de novos saberes, adquiridos nesses encontros e em seus estudos de graduação e pós-graduação, em nível de especialização. Voltaram seu olhar para sua comunidade, pela problematização e busca de respostas para seus questionamentos. Repassam esses conhecimentos para a sua comunidade, ao assumir para si a responsabilidade e a continuidade das propostas iniciais do *I Encontro Ecológico*.

D) Aproximação com as *Velhas Mulheres*

Ano a ano consolidava-se uma amizade e um respeito mútuo entre nós e as *Velhas Mulheres* da comunidade, após passarmos um fim de semana na costa, fomos convidadas por *Dona* Livinha para o aniversário de 90 anos de seu pai, Sr. Lauro Martins da Silva, carinhosamente conhecido na comunidade por Paiaia. Mais uma vez, tivemos a oportunidade de conhecer um pouco mais esta comunidade. A festa foi no Clube Social Augusto Ribeiro, teve início com a celebração de uma missa por três padres. Novamente, encontro vestígios dessas mulheres nos detalhes do rito social.

Durante a missa vimos que a comunidade estava intimamente ligada por laços consangüíneos e, como havíamos imaginado antes, era realmente uma grande família. Após a missa foi oferecido bolo e refrigerantes aos presentes.

Paiaia, como gosta de ser chamado, dispõe-se a dar-nos uma entrevista. Dessa forma descobrimos que ele era um antigo pescador, sobrevivente de naufrágios e um poeta popular

da tradição cordelista. A *Mulher* é o tema inspirador de suas poesias. Abaixo, apresentamos duas estrofes de um poema composto em gênero poético do "Martelo"[15], que tem o título **O Valor da Mulher**. De rima feita por aproximação sonora e semântica, os trechos do poema de Paiaia descrevem um ideal de mulher, inspirado no mito do *eterno feminino*:

> A mulher é divina em toda idade
> Em criança a mulher é quase santa
> Quando moça possui beleza tanta
> Que se crê ser irmã da divindade
> A mulher é um ente de bondade
> Como mãe poderá chamar-se arcanjo
> Como esposa a mulher é quase anjo
> Como irmã a mulher também é boa
> Como amante é consolo da pessoa
> Que se vê em tormento ou desarranjo
>
> A estimada mulher nunca é grosseira
> Adorada a mulher nunca é *prejura*
> Enfeitada a mulher é criatura
> Que conserva a beleza a vida inteira
> Por que a mulher é companheira
> Elegante bonita e virtuosa
> A mulher é irmã gêmea da rosa
> Como a rosa também tem seus espinhos
> Que colhida ao seco sem carinho
> Fere a mão da pessoa desastrosa.
> [...]
>
> **Lauro Martins da Silva – Paiaia** (O Valor da Mulher)

Há mulheres que podem ficar lisonjeadas com estes versos, pois, existe um tom de muita generosidade e, até mesmo, de "boa vontade" neles. Mas, há também neles, um "texto" oculto, uma voz que fala genericamente de uma "mulher" absolutamente idealizada, a qual se distancia dos conflitos diários, especialmente, dos conflitos de ordem social e histórica.

Naquele momento, mesmo muito encantadas com os versos de Papaia, não nos parecia aceitável acreditar que as mulheres de Diogo Lopes pudessem se reconhecer no ideal de mulher que surgia nos elogios poéticos dos versos de Paiaia, pois, estes estavam completamente marcados pelo mito do "eterno feminino" (BOURDIEU, 2003) que não as

[15] O Martelo (Décima decassilábica) é um gênero de poesia oral que se caracteriza por conter estrofes formadas por dez versos, pertencente ao universo do Repente popular nordestino, ou seja, do verso dito de improviso, cantado na frente do ouvinte espectador. (SANTOS, 2006, p. 124-127).

coloca no lugar de “guerreiras”, condição que ocupam na comunidade, conforme se intitulam em seus discursos e nós já havíamos percebido.

E) Escolha dos sujeitos sociais para a pesquisa com o DSC

Para a construção do *Discurso do Sujeito Coletivo - DSC* e de acordo com a metodologia adotada, organizamos a amostra com base nas características observadas nos sujeitos sociais em seu cotidiano. Escolhemos as *Velhas Mulheres* da comunidade de Diogo Lopes, Macau/RN, são senhoras com mais de 60 anos, com uma história de vida comunitária significativa, possuidoras de saberes socialmente construídos, atuantes nos ritos sociais e religiosos.

Ancoradas em uma etnografia densa e respaldadas em uma etnografia fílmica, optamos pela escolha intencional de sete mulheres. Para entrevistá-las, levamos em conta suas características pessoais, ideológicas e suas práticas comunitárias. À amostra inicial, acrescentamos mais duas mulheres com 60 anos incompletos, por entendermos que elas possuem características semelhantes às do grupo estudado.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DO *DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC)*

3.1 UMA ABORDAGEM ANALÍTICA

A *tirinha* de História em Quadrinhos de Calvin [16], popularmente publicada em diversos jornais do mundo, que aparece no início desta reflexão sobre o modelo de pesquisa escolhido, atenta para uma crítica às formas de pesquisa quantitativa, por demonstrar que, mediante os dados estatísticos, certos valores de informação podem não conferir com a realidade.

Grosso modo, os segmentos de informações mensurados na pesquisa quantitativa são validados através da montagem de um quadro classificatório de análise dos dados colhidos em campo. Podemos denominar esse quadro de "categorização convencional", ele nos auxiliará na compreensão estatística da expressão do pensamento do grupo estudado.

> Na categorização convencional, o agrupamento dos discursos, condição considerada necessária para produzir conhecimento ou entendimento através da eliminação da variabilidade individual, não pertinente ao fenômeno pesquisado é, pois,

[16] **Calvin *(Figura 52)*** é um famoso personagem das Histórias em Quadrinhos (tirinhas), publicado em diversos jornais do mundo inteiro. Criado por volta de 1984, pelo cientista social William "Bill" Watterson (EUA), o personagem é um garotinho loiro que anda pela casa arrastando seu tigre de pelúcia. Inteligente, criativo e carismático, Calvin recebeu seu nome em homenagem a Calvino (filósofo e teólogo francês do século XVI que foi uma das figuras chaves na reforma protestante) e seu amigo tigre, Haroldo (Hobbes), foi batizado em referência a Thomas Hobbes, filósofo britânico do século XVII). Watterson teria escolhido estes nomes por acreditar que os dois foram os grandes responsáveis pelos conceitos religiosos e morais americanos, que muitas vezes são colocados em xeque nas tiras. A tirinha de Calvin é favorita de dez entre dez leitores de tiras. Material colhido em: www.calvinandhobbes.com, em 29/09/06, às 14:32 horas.

> classificatório. *O que passa a valer é o nome ou o título da classe, deixando os discursos empíricos de existir* justamente na medida em que as categorias, ou seja, o nome das classes passa a existir em seu lugar, ou seja, a ser o signo ou, como diria Pierce[17] *representamem* de seu entendimento ou conhecimento. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003, p. 19).

A investigação quantitativa atua em níveis de realidade que são lidos e classificados como dados válidos quando se apresentam aos sentidos perceptíveis dos aparatos de investigação de modo direto, numérico, estatístico e cientificamente computáveis. A condição para a "cientificidade", neste caso da pesquisa quantitativa, como afirmam LEFÈVRE e LEFÈVRE (*Op. cit.*, p. 19), é, portanto, a categorização dos discursos, a transformação das idéias, fatos e opiniões informados pelos sujeitos pesquisados em quadros reduzidos ou equalizados em formato de classes, ou isto é, de instrumentos arbitrários de leitura e entendimento do universo estudado.

O formato quantitativo não tem sido apropriado para compreender "os porquês" de uma determinada ação ou comportamento social enfocado. Os custos para a realização de uma pesquisa de opinião, por exemplo, não são razoáveis, pois, para que as respostas sejam colhidas direta e facilmente, e que o tratamento quantificável seja realizado de modo prático e operacional, a amostra de dados deve ser grande o suficiente para possibilitar uma análise estatística confiável.

Em compensação, por entendermos este conjunto de fragilidades, consideramos, nesta pesquisa, indispensável a utilização de elementos do método qualitativo, pela necessidade de ouvir o que as pessoas (sujeitos em questão) têm a dizer. Assim, na interpretação dos resultados da pesquisa poderemos explorar as idéias e preocupações que estes sujeitos têm sobre os assuntos que lhes envolvem.

No entanto, este uso tão claro e necessário, não nos desobriga da crítica a este tipo de abordagem, a qual fazemos na busca da consolidação aprofundada do entendimento objetivo e subjetivo da realidade em análise. Desse modo, o formato qualitativo, por sua vez, é realizado

[17] PIERCE, C. S. *Semiótica e filosofia*. São paulo: Cultrix/Edusp, 1975. [Nota da citação].

aqui para aferir aspectos subjetivados ao fato social de Diogo Lopes. O que definimos como aporte qualitativo utilizável da pesquisa foi para compreender:

> **1)** que os discursos das *Velhas Mulheres* de Diogo Lopes são moldados na existência do mundo e que elas, fazendo parte deste mundo, fazem sentido nele e seus discursos fazem com que este mundo tenha sentido;
>
> **2)** que a sociedade é constituída de processos de todas as ordens, agrupados em micros eventos, sistemas, modelos e práticas humanas e não de um "todo", universal, genérico e unitário, e que, assim, as senhoras de Diogo Lopes se apropriam deste nível de consciência para desenvolverem as mais variadas formas de convivência, de convergência de ações e de políticas comunitárias;
>
> **3)** que o movimento social que se dá em Diogo Lopes, assim como nas demais comunidades deste formato e dimensão, surge e se retro-alimenta a partir da ação individual de cada sujeito que se agrupa em coletividades de ação e estas são fundamentais à configuração das sociedades; portanto, que suas subjetividades têm valor de troca discursiva;
>
> **4)** que não existe um método único possível, capaz de abarcar a totalidade e a complexidade do mundo, com suas diversas formas manifestas de organização, fatos que mais nos destacam um dos outros e que, por isso mesmo, unificam: as nossas diferenças;
>
> **5)** que a realidade das *Velhas Mulheres* só pode ser apreendida pelos recortes de nossa percepção frente a ela.

Portanto, com a utilização destes fundamentos do modelo qualitativo de abordagem na pesquisa buscamos entender o contexto de Diogo Lopes e aproximamo-nos, o máximo

possível, do valor de subjetividade deste ambiente social e humano na composição dos dados. Isto para, ao invés de classificar os fatos arbitrariamente em quadros numéricos, dar espaço à observação dos diversos fenômenos que constituem o grupo estudado, e respeitar os grandes eventos e os fatos que se manifestam na pesquisa, ambos com importância fundamental para a análise.

3.1.1 Por uma abordagem *quali-quantitativa*

Em observância às críticas que ocorrem aos modelos quantitativos e qualitativos de pesquisa, anteriormente apresentadas, tem sido cada vez mais recorrente em pesquisa social, a utilização de uma aproximação destas abordagens. Neste sentido, optamos pelo modo *quali-quantitativo* do método de *Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)*.

A abordagem *quali-quantitativa* se destina, entre outros objetivos, ao redimensionamento das estratégias de ação na pesquisa, considerando as limitações que os modelos quantitativo e qualitativo, quando empregados em separado, apresentam.

Nesse sentido, a oposição entre pesquisa quantitativa e qualitativa é arbitrária, visto que decorre de uma classificação por dicotomia das necessidades de investigação e de uma hierarquização do valor dos resultados investigados. O conjunto de dados quantitativos e qualitativos, segundo Minayo, não significa uma oposição, mas antes, uma complementação, “pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente” (MINAYO, 2002, p. 22).

Para Figueiredo (2004), este tipo de pesquisa aparece de forma cada vez mais freqüente, pois integra dados qualitativos e quantitativos em um único estudo, permite que cada método ofereça o que tem de melhor e evita as limitações de cada abordagem. Associar as investigações dos significados dos dados às análises estatísticas nas relações humanas pode privilegiar uma compreensão dos temas estudados, facilitando a interpretação dos dados obtidos. A abordagem *quali-quantitativa* é aquela que “permite a complementação entre

palavras e números, as duas linguagens fundamentais da comunicação humana". (POLIT; HUNGLER, *apud* FIGUEIREDO, 2004, p. 108).

Ao optarmos por uma abordagem *quali-quantitativa*, tentamos mostrar que o fizemos para realçar os aspectos positivos destes formatos de pesquisa, transitando entre os dois modelos, a fim de captar as minúcias da presença e do discurso de nossas informantes acerca do rito social em estudo, no processo de abordagem de campo, de registros e de montagem de um quadro referencial de análise. É esta a proposição do Método de *Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC),* ao qual nos filiamos como estratégia de pensar e fazer a pesquisa social.

Este tipo de pesquisa revela áreas de consenso e de desacordo comunitário. Ela também determina quais idéias geram uma forte reação social, tomando como referência o valor emocional que estas idéias manifestam no discurso e no comportamento de cada indivíduo abordado.

O principal operador metodológico desta pesquisa encontra-se situado na *Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)*, como veremos a seguir. No entanto, como apoio ao método principal de análise, conforme mencionamos, decidimo-nos também pelo uso da *metodologia reflexiva*.

Orientamo-nos neste apoio metodológico reflexivo, para chegar a uma definição de um modo de pesquisar que, comum às Ciências Sociais, também pudesse atuar de modo análogo na aplicação do método da análise do *DSC*. Nesse processo, aplicamos algumas técnicas usuais da abordagem qualitativa, ou seja: etnografia tradicional, etnografia fílmica, diários de campo, observação participante, entrevista individual (formais, informais, estruturadas, não-estruturadas), entrevista em grupo, imagens (vídeo, fotografias), coleta de narrativas, histórias de vida e análise de material escrito/impresso. Neste percurso, pudemos:

1) delimitar a escolha do fato social a ser estudado e definir que grupo de informantes seria pesquisado. Desse modo, abordamos a criação da *RDSE – Ponta do Tubarão* como fato social e as *Velhas Mulheres* de Diogo Lopes como sujeitas da pesquisa;

2) assumir o *Discurso Coletivo* das *Velhas Mulheres* de Diogo Lopes, como Objeto de Estudo;

3) definir o alcance do *olhar reflexivo,* como interesse pretendido no trabalho, para compreender o alcance da dominação masculina que ocorre no campo de estudo;

4) delimitar a temática da pesquisa, localizando inclusive o apoio teórico-metodológico primordial (*Análise do Discurso do Sujeito Coletivo – DSC*);

5) determinar o recorte de tempo disponível e de período possível para a "preparação, execução e apresentação da pesquisa";

6) formar a equipe de pesquisadores de apoio no processo e decidir o que cada um deveria realizar no trabalho. No caso, optamos por Diogo Moreno e Elisa Paiva, estudantes das Ciências Sociais e da Comunicação, respectivamente, pois sabíamos que tinham interesse em realizar experiências voluntárias de *etnografia fílmica,* como processo de apreensão documental para o discurso social e científico;

7) definir quais os recursos disponíveis para o trabalho. Nesta pesquisa nós bancamos os custos, pois, não contamos com nenhum tipo de subvenção, nem bolsa de estudo, nem custeio;

8) estabelecer precisamente as práticas a serem realizadas em colaboração ao processo de *Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)* e seu método primordial.

Para uma compreensão da abordagem *quanti-qualitativa* desenvolvida, optamos pela apresentação do modelo metodológico em convergência com o próprio objeto de investigação. Esta é, portanto, nossa formulação de uma proposição de *Abordagem Analítica*. Desta maneira, podemos perceber o modo de operação do mecanismo instrumental de pesquisa, ou seja, a *Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)*, em ação, na abordagem do discurso das *Velhas Mulheres* da comunidade de Diogo Lopes, no município de Macau, no Estado do Rio Grande do Norte.

3.2 ANÁLISE DO *DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC)* – **INTRODUÇÃO**

A *Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)* é o desdobramento de um trabalho de proposição teório-metodológica na pesquisa qualitativa, que, inicialmente, pode ser considerada, tendo como referência três publicações distintas no mercado editorial brasileiro, são elas: 1) **O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa**, publicado pela Editora da Universidade de Caxias do Sul (EDUCS), em 2000, organizado por Fernando Lefévre, Ana Maria Cavalcanti Lefévre e Jorge Juares Vieira Teixeira; 2) **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos)**, também publicada em Caxias do Sul, pela EDUCS, em 2003; e 3) **Depoimentos e discursos: uma proposta de análise em pesquisa social**, publicada em Brasília, pela Editora Líber Livro, 2005, organizada pelos pesquisadores Ana Maria Lefèvre e Fernando Lefèvre.

A Metodologia de *Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)* que utilizamos nesta pesquisa e apresentamos como Método de trabalho na presente dissertação, concentra-se na utilização dos encaminhamentos propostos por Ana Maria Lefèvre e Fernando Lefèvre nas publicações: **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos)**, de 2003, e **Depoimentos e discursos: uma proposta de análise em pesquisa social**, de 2005.

A presente escolha deve-se ao fato de considerarmos que nas duas últimas publicações, portanto, mais atualizadas, a proposição metodológica em questão tornara-se mais efetiva para uma utilização na pesquisa qualitativa em Ciências Sócias. Esta atualização do trabalho com o *DSC*, como propõem seus autores, possibilita a leitura dos dados quantificáveis com grande valor de subjetividade; põe "em prática um enfoque *quali-quantitativo* [...] alimentando significativamente o tamanho das amostras e buscando-se

associações entre todo tipo de variáveis objetivas e os discursos coletivos correspondentes" (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003, p. 7).

A *Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)* é considerada neste trabalho como uma metodologia de preparo ou processamento da matéria-prima dos depoimentos colhidos na pesquisa empírica, no grupo social estudado, para que, sobre essa matéria-prima preparada, que revela o que pensam coletividades, possam ser exercitadas explicações: sociológica, antropológica, filosófica, ética, política, educacional, literária e do próprio senso comum, capazes de dar conta do por que pensam assim as coletividades pesquisadas.

A leitura dos discursos das *Velhas Mulheres* de Diogo Lopes como dados quantificáveis com maior valor de subjetividade, possibilitou-nos uma análise aprofundada do "pensar" coletivo desta comunidade como conjunto de saberes do *senso comum* que se organizam em ações político-sociais, as quais resultaram numa transformação social, no caso, a criação de uma reserva de desenvolvimento sustentável estadual. Outra aplicabilidade significativa desta leitura qualificável dos dados, que o método do *DSC* proporciona, é, em relação às *Velhas Mulheres* de Diogo Lopes, pela descoberta de ações de reflexão do "olhar" da pesquisadora em sinergia com o "objeto da pesquisa" e, como um desdobramento disto, uma reflexão acerca da *condição feminina*.

O *Método de Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)* caracteriza-se, pois, por apresentar um esforço sistêmico para compreendermos o pensamento unificado de um determinado grupo de sujeitos. Esse pensamento se reflete nas suas falas (colhidas através de entrevistas); é organizado em descrições técnicas (instrumentos de análise de dados), para que depois possamos analisá-lo de modo coerente (qualitativo e quantitativamente).

Isto porque, diferentemente das tradicionais "interpretações" que se debruçam sobre a unidade individual de um dado discurso, a análise que pretendemos com o *DSC* se concentra

em discursos coletivos, em uma quantidade representativamente sólida de indivíduos do mesmo grupo social estudado.

No processo, tendo sido realizadas as duas fases iniciais da aplicação do Método, a fase da **Análise** considera como material válido para o trabalho, os dados coletados e extraídos de cada uma das entrevistas das *Velhas Mulheres*.

3.2.1 Sobre o método primordial da pesquisa

Acreditamos que o nível de escolhas do trabalho metodológico, nesta pesquisa, corresponde às necessidades que se apresentaram no trabalho de campo. E assim, tentamos, através do rigor procedimental, assegurar a aplicabilidade dos meios de trabalho propostos no *DSC*, para garantir validade e profundidade, tanto nos dados recolhidos, como em sua análise, de maneira a respeitar o modo de pensar de nossas informantes, as *Velhas Mulheres*.

A análise do *Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)* obedece a uma metodologia central que compreende três fases do trabalho de pesquisa (preparação, execução e análise):

1. *Preparação para a pesquisa*:
    - Reconhecimento, a partir da *observação participante*, do conjunto de pressupostos que norteiam os entendimentos iniciais da realidade do grupo de indivíduos estudados em seu local de existência;
    - Elaboração de um *plano piloto de pesquisa* acerca do objeto de estudo;
    - Montagem do *referencial teórico* de fundamentação da pesquisa;
    - Montagem do *aparato instrumental* de abordagem e de coleta de dados (questionários, roteiros de entrevistas, roteiro de filmagens, modelos de descrição etnográfica, etc.);
    - Montagem da *equipe de pesquisa* de campo;
    - *Treinamento do olhar* dos participantes da equipe de pesquisadores;

- Desenvolvimento de *técnicas de observação* pertinentes à realidade em estudo;

2. *Execução da coleta de dados*:
    - Viagens a Diogo Lopes, no período de setembro de 2005 a agosto de 2006 para:
        - *Captação livre de imagens contextuais* (cotidiano, eventos religiosos e sociais, de trabalho e de lazer) do objeto de estudo;
        - *Realização das entrevistas* audiovisuais com as principais informantes (sujeitas/objetos de estudo) desta pesquisa;
        - *Realização das entrevistas* audiovisuais com informantes secundários desta pesquisa (membros da comunidade);
        - *Aplicação de questionários* de acordo com o modelo de análise proposto no DSC;
        - *Observação participante* do cotidiano das *Velhas Mulheres* e da comunidade de Diogo Lopes;
        - *Descrição densa das informantes* em seus contextos de discurso (entrevistas e fatos em contextos cotidianos);
3. Análise do material recolhido
    - Tabulação dos dados coletados:
        - *Transcrição escrita das entrevistas;*
        - *Montagem dos quadros isolados de IAD – Instrumentos de Análise de Discurso;*
        - *Construção do DSC a partir dos IAD;*
    - Análise dos DSC.

3.2.2 Sobre os conceitos de *Discurso* e *Sujeito*

> Discurso é conversa escrita e falada e o pensamento que lhe serve de base. De acordo com Michel Foucault, o discurso é sociologicamente importante porque a

> maneira como falamos e pensamos sobre o mundo modela o modo como nos comportamos e o tipo de mundo que, como resultado, ajudamos a criar. É através do discurso que construímos o que experimentamos como realidade e, logo que aprendemos a pensar e a falar sobre a realidade de uma maneira particular, não podemos deixar de desligar nossa capacidade de nela pensar em um incontável número de outras maneiras. (JOHNSON, 1995, p. 74).

Discurso, para uma compreensão teórica nesta pesquisa, "[...] não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar." (FOUCAULT, 2005, p. 10). Neste sentido, acompanhando Michel Foucault, *Discurso* é uma interdição, dos sujeitos individuais em seus grupos sociais, do "desejo/poder" de ocupar um lugar de ação face ao grupo. Mesmo uma reflexão do sujeito para com a sua própria subjetividade (como se olhasse e falasse com o espelho) é o *Discurso* uma ação de coletividade, pois, coloca o sujeito em posição de "poder" sobre si, movendo a ação, obrigando-o a uma conseqüência frente ao seu "estado" de coletividade.

O *Discurso* ocorre quando não podemos dizer "o tudo", encerrar em profundidade absoluta uma questão, assim como, quando não podemos calar "o tudo", quando precisamos falar algo em circunstância, ou seja, algo que seja significante para o coletivo, quando se necessita ocupar, com a fala, um lugar de poder sobre a realidade, ou seja, quando necessitamos promover uma interdição pela fala.

Para Foucault, esta interdição acontece em três formatos discursivos claros: 1) o Tabu do objeto; 2) o Ritual da circunstância; e 3) o Direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala. Este jogo dos três tipos de interdição é dinâmico, e ocorre em complexidade, não possibilitando hierarquias de valor entre os motivos de interdição, mas um cruzamento necessário à instituição de um poder de fala, de *Discurso*. Neste cruzamento, os tipos de interdição se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. Esta estrutura será utilizada, a seguir, quando discutiremos a escolha das *Velhas Mulheres* de Diogo Lopes como informantes primárias desta dissertação.

Foucault, em sua obra, esteve interessado na formação do discurso, especialmente, de que forma as maneiras de pensar e conversar surgiu na sociedade e como afetam a vida social. Seu interesse especial concentrava-se em duas áreas: a loucura e a sexualidade, as quais considerava socialmente construídas. Para ele, não há loucura e sexualidade, exceto na medida em que seres humanos criam idéias sobre elas através da conversa e de outras formas de discurso.

Da mesma forma, compreendemos que o uso do *Discurso,* portanto, constrói o perfil de sujeito, de sua constituição, ao denunciar seus interesses e suas necessidades, sua filiação e sua prática social e política. No âmbito do conceito de *Discurso* que nos interessa para a composição do corpo de referência desta pesquisa, ainda seguindo o quadro conceitual foucaultiano, não há separação entre *discurso verdadeiro* e *discurso falso*. A separação que se reconhece neste tema é historicamente constituída.

Para os antigos, por exemplo, o *Discurso* que profetizava o futuro não só anunciava o que ia se passar, mas contribuía para a sua realização, suscitava a adesão dos homens e se tramava assim com o destino. Com o passar dos séculos em que o mundo Ocidental se constituiu, o conceito de *Discurso* falso e verdadeiro se modificou até o ponto em que, nos nossos dias, mesmo quando nos deparamos com uma adição à produção dos *Discursos* do valor de “saber” e de “poder”, esses discursos ainda são tomados como verdades absolutas.

Para Foucault, “a verdade se deslocou do ato ritualizado, eficaz e justo, da enunciação, para o próprio enunciado: para o seu sentido, sua forma, seu objeto, sua relação e sua referência.”. (FOUCAULT, 2005, pp. 14-15). Desta maneira, a verdade de saber, enquanto prática socialmente divulgada, no mundo Moderno e nos dias atuais, condicionou um valor hierárquico de poder aos sujeitos dos *Discursos,* bem como aos lugares de onde estes sujeitos os enunciavam.

Os processos de análises de discursos tornaram-se, na atualidade, práticas de profundas contribuições para o entendimento do mundo, de sua diversidade e de suas realidades. Nesta perspectiva, a escolha de um mecanismo de verificação da influência e da ingerência do discurso oral das *Velhas Mulheres* de Diogo Lopes na criação, fundação e manutenção da *RDSE – Ponta do Tubarão*, como propomos nesta pesquisa, parece-nos necessária.

No entanto, esta verificação científica só é possível se considerarmos o composto coletivo destes discursos, se compreendermos a presença unitária dos indivíduos informantes, mais que isso, a presença destes discursos individuais no coletivo. A distinção arbitrária, ou seja, teórico-metodológica, entre *sujeito* e *coletivo*, tem neste trabalho o objetivo de fomentar entendimentos possíveis dos sentidos de desejo e poder, na prática dos indivíduos e suas ações comunitárias.

Sendo assim, tornou-se absolutamente necessária a construção de um corpo textual que significasse pontos de convergência e de divergência sociais entre os informantes desta pesquisa, isto é, traços de coletividade discursiva, relevantes ao entendimento *quanti-qualitativo* das práticas sociais da comunidade estudada.

Por Sujeito, compreendemos aqui o *sujeito do discurso*, "uma noção necessária para precisar o estatuto, o lugar e a posição do sujeito falante (ou do locutor) com relação a sua atividade linguageira." (PATRICK; MAINGUENEAU, 2004, p. 457).

Para os autores Charaudeau Patrick e Dominique Maingueneau (2004), esta noção de ser falante leva a considerar as relações que o sujeito mantém com os dados da situação de comunicação na qual se encontra. Nesta situação, ainda se encontram os procedimentos de discursivização, os saberes, as opiniões e crenças que este sujeito possui e que supõe serem compartilhados com seus interlocutores no coletivo.

Essa noção foi objeto de diferentes definições no transcurso da história da Lingüística e das Ciências Sociais. E cada uma destas definições aparece, ao longo dos últimos séculos, testemunhando a posição teórica de seus autores.

> Para Pêcheux, o *sujeito do discurso* [grifo nosso] não se pertence, ele se constitui pelo 'esquecimento' daquilo que o determina" (1975:228). Trata-se do fenômeno da interpelação do individuo em sujeito do seu discurso [...] pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina", porque o sujeito é sobredeterminado por pré-construídos ideológicos ("efeito Munshausen", ibid: 223).
> Para Ducrot, no quadro daquilo que ele determina *pragmática integrada*, devemos distinguir, no sujeito que produz o ato da linguagem, um ser *empírico* exterior a todo ato de linguagem, um *ser de discurso* (o locutor), responsável pelo enunciado, um *ser de pura enunciação* (o enunciador) que determina o ponto de vista do enunciado (1984).
> Para Charaudeau, no quadro de uma problemática da alteridade, o sujeito do discurso é, ao mesmo tempo, sobredeterminado – mas somente em partes – pelos condicionamentos de ordens diversas, e livre para operar suas escolhas no momento de focalizar seu discurso. Ele é, ao mesmo tempo, coagido pelos dados da situação de comunicação (contrato) que o conduzem a se comportar discursivamente de uma certa maneira, e livre de se *individuar*, o que o leva a usar estratégias. Para tratar desse mecanismo complexo da discursivização, esse autor propõe distinguir um *sujeito comunicante de um sujeito interpretante* externos ao dito (nível situacional), um *sujeito enunciador* e um *sujeito destinatário* interno ao dito (nível discursivo). (Charaudeau, 1988e). (PATRICK; MAINGUENEAU, 2004, p. 457).

Desta forma, é conveniente considerar que o *sujeito do discurso* é um sujeito composto de várias denominações, como indica PATRICK; MAINGUENEAU (2004, p. 457). Ele é polifônico, uma vez que é portador de várias vozes enunciativas, ou seja, de polifonia. Ele é dividido, pois carrega consigo vários tipos de saberes, dos quais uns são conscientes, outros são não-conscientes, outros ainda, inconscientes. Enfim, ele se desdobra na medida em que é levado a desempenhar alternativamente dois papéis de bases diferentes: papel de sujeito que produz um ato de linguagem e o coloca em cena, imaginando como poderia ser a reação de seu interlocutor; e, papel de sujeito que recebe e deve interpretar um ato de linguagem em função do que ele pensa a respeito do sujeito que produziu esse ato. Cada um desses papéis conduz o sujeito do discurso a se lançar em operações diferentes. No primeiro caso, ele exerce o papel de codificador; no segundo, o papel de decodificador, sendo, em ambos os casos, produtos de inferências que não são exatamente idênticas.

3.2.3 Sobre a Análise do *Discurso do Sujeito Coletivo – DSC*

> [É necessário] aceitar se confrontar com essa memória sob a história que sulca o arquivo não escrito dos discursos subterrâneos. O interesse desse heterogêneo discursivo, feito de cacos e de fragmentos, é que ele permite recuperar as condições concretas da existência das contradições através das quais a história se produz, sob a repetição das memórias "estratégicas". Essa recuperação implica também construir os meios da análise lingüística e discursiva e supõe uma reflexão sobre aquilo que trabalha em e sob a gramática, na borda discursiva da língua. Não se trata, portanto, de reinventar o mito anti-lingüístico da palavra-livre, bela selvagem que escapa às "regras" . (Michel Pêcheux. O estranho espelho da Análise do Discurso, 1981). (PÊCHEUX *apud* GREGOLIN, 2004, p. 111).

Localizam-se no lugar da Lingüística, em cruzamento com todos os aparatos da formação da língua e da linguagem, estes conhecimentos acerca dos sujeitos e dos discursos, porém, no caso da presente pesquisa, este nível de informação específica é considerado como aporte ilustrativo ou aparato de contextualização. Interessamo-nos, particularmente, pelos conceitos em uso, dos termos discurso e sujeito, de modo a orientar uma percepção aprofundada do método aplicado na análise do DSC.

Entre Michel Foucault, Michel Pêcheux, teóricos da área do conhecimento os quais abordam a Análise de Discurso, e os proponentes do DSC, os pesquisadores Ana Maria Lefèvre e Fernando Lefèvre, encontram-se bases conceituais comuns. Como dissemos anteriormente, interessou-nos a apresentação destes conceitos para, de modo informativo, preparar a apresentação do método DSC.

O trânsito de pesquisas em Ciências Sociais com a Lingüística e a Semiótica não é algo inédito na contemporaneidade. As ciências cumprem assim uma perspectiva interdisciplinar necessária à formulação de novos campos de entendimento do mundo a partir da análise de discursos, como nos mostram Lefèvre e Lefèvre:

> Na base da criação do Discurso do Sujeito Coletivo, como proposta de organização de dados discursivos em pesquisa qualitativas de representação social, está a questão semiótica da iconicidade e do interpretante, no sentido que Pierce confere aos termos. (2003, p. 27):

Estes processos interdisciplinares apontam também, no objeto desta pesquisa, a qualidade de coletividade com que os discursos das *Velhas Mulheres* são produzidos. Sendo

assim, o conceito de coletivo que nos interessa aqui é o de “soma de iguais”, defendidos pelos proponentes do DSC.

> Um dos obstáculos está ligado à própria idéia de *coletivo*. Com efeito, para muitos, coletivo ou coletividade parecem estar associados à idéia de um conjunto de indivíduos, ou de artefatos, ou de atributos *iguais*.
> Uma decorrência metodológica dessa concepção de coletivo é a de que para obter um produto coletivo, via pesquisa empírica, seria preciso somar, iguais.
> Assim, para obter pensamentos coletivos, via pesquisa empírica, seria preciso somar pensamentos individuais iguais. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p.27).

Compreendemos, portanto, *coletivo* como o sentido do composto que abrange muitas pessoas ou coisas, ou qualquer tipo de unidade que, a partir de uma sintonia de características em comum, diga respeito àquilo que pertence a um número plural de pessoas; exatamente naquilo que diz respeito ou interesse a toda esta coletividade.

3.3 ANÁLISE DO *DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC)* – **APLICAÇÃO**

Com base na perspectiva teórico-metodológica que desenvolvemos nas partes anteriores, partimos para a apresentação/aplicação do *DSC*, tomando como ponto de motivação inicial o fato social do rito de criação da *RDSE – Ponta do Tubarão*.

Consideramos que a criação desta *Reserva* é um fato social significativo para a população em estudo, motivo central de uma reorganização sociopolítica da região. O objeto primordial aqui abordado é o *Discurso* das *Velhas Mulheres* pescadoras desta *Reserva* que, conforme a base hipotética deste trabalho, teria ingerência na sua criação.

Este discurso sujeitado e coletivizado revela um nível de socialização de saberes de sujeitos minoritários, em ação, por uma causa pública e histórica da comunidade onde ocorre. Neste processo as *Velhas Mulheres* têm um papel funtamental.

3.3.1 Procedimentos e aplicações – roteiro, sujeitos e entrevistas

Como já dissemos, a proposta do *DSC* utiliza a forma tradicional de coleta de dados das pesquisas nas Ciências Sociais, como proposta para tabulação de informações provenientes de questões (fechadas e abertas), aplicadas no trabalho de campo. No entanto, o procedimento central do *DSC* difere da pesquisa tradicional por investir na aproximação das formas de abordagens, considerando a unidade icônica do resultado dos discursos como chave de análise.

3.3.1.1 Procedimentos de elaboração do roteiro de entrevistas

1) Elaboração do roteiro de perguntas, considerando que na construção do roteiro de investigação, o pesquisador deve se preocupar com uma elaboração criteriosa de perguntas, as

quais respondam exatamente aquilo que deseja investigar. Neste item, precisamos levar em conta também os seguintes pontos relevantes na elaboração de um roteiro de entrevista:

a) *Antes de formular uma questão, devemos definir os objetivos que pretendemos atingir – Fazer uma descrição criteriosa dos objetivos que pretendemos atingir com a pergunta formulada;*
b) *Devem ser evitadas questões que levem o sujeito entrevistado a produzir representações cognitivas, quando o pesquisador procura acessar representações comportamentais ou atitudinais (devem ser evitadas perguntas que lembrem o "banco escolar", isto é, que ensejem respostas puramente teóricas);*
c) *Devem ser evitadas questões que induzam respostas diretas;*
d) *Não devem ser feitas perguntas cujo único objetivo é produzir reações emocionais;*
e) *Não devem ser formuladas perguntas que não ensejem discursos;*
f) *Não devem ser formuladas perguntas inadequadas para a população alvo;*
g) *Não devem ser feitas perguntas que levem à incompreensão do enunciado;*
h) *Todo roteiro de perguntas deve ser previamente testado em população-piloto;*

As entrevistas se consubstanciam como a matéria prima das representações sociais, ou seja, os discursos professados pelos sujeitos sociais passam a ter valor simbólico de reflexão sobre o viver, o pensar e o dizer do grupo estudado. Assim, a pergunta ideal para uma pesquisa qualitativa é aquela com a qual se busca, através de depoimentos, fazer emergir nos discursos, representações sociais passíveis de análise criteriosa. Esta perspectiva condiciona as questões planejadas à obediência aos seguintes preceitos:

a) *Levar o entrevistado à produção de um discurso;*

b) *Levar o entrevistado a responder com exatidão aquilo que o pesquisador está investigando;*

c) *Levar o entrevistado a responder o que acha e não o que o entrevistador tem em mente;*

d) *Ser uma questão apropriada e perfeitamente compreensível pelo sujeito entrevistado;*

e) *Ter sido uma questão pré-testada em sujeitos equivalentes aos da pesquisa proposta.*

3.3.1.2 Aplicação (roteiro de entrevistas)

Para a elaboração do **roteiro de entrevista**, contendo as perguntas com as quais realizamos o quadro de análise do *DSC* e respectivos objetivos, consideramos, inicialmente, a necessidade de uma aproximação maior com as áreas de interesse das senhoras de Diogo Lopes. Objetivamos os assuntos que circundavam seu campo enunciativo, suas áreas de interesse e seu repertório cultural, o que só foi possível, graças à metodologia de aporte que aplicamos. Chegamos ao seguinte resultado da elaboração do **roteiro**, com as **questões** abaixo:

1. **A maneira de viver da pesca, dos dias de hoje, é igual à maneira de pescar do seu tempo de menina, o que mudou nestes anos?**

   OBJETIVO: Saber como o tempo passou na vida das senhoras entrevistadas, em relação à ação do trabalho pesqueiro e ás formas de convívio com o mar e o meio ambiente.

2. **A senhora gosta de participar da vida de sua comunidade?**

   OBJETIVO: Saber os níveis de participação das velhas senhoras na vida de sua comunidade.

3. Em que momento e como a senhora dá a sua opinião sobre os problemas da comunidade?

OBJETIVO: Conhecer as formas de apresentação do discurso oral das Velhas Mulheres.

4. Como é que a senhora faz para que as pessoas da comunidade aceitem sua opinião sobre coisas do trabalho, da família, da educação dos filhos, da saúde, do dinheiro, da religião, enfim, da vida?

OBJETIVO: Saber se a opinião das Velhas Mulheres é aceita na comunidade e como reagem socialmente aos problemas e às inter-relações socioculturais.

5. Os mais jovens da comunidade aprendem as coisas que a senhora sabe e conta para eles?

OBJETIVO: Saber se e como fomenta o discurso oral das velhas senhoras a transmissão de seus saberes para a comunidade em que vivem.

6. A senhora acha que a criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável vai trazer benefícios para a comunidade e para o meio ambiente?

OBJETIVO: Saber quais são os graus de consciência que as velhas senhoras possuem acerca da problemática ambiental e das atitudes de criação da RDSE - PONTA DO TUBARÃO.

3.3.1.3 Procedimentos para a escolha dos sujeitos

1) A escolha dos sujeitos dos discursos, deve:

a) constituir um universo limitado de ação da pesquisa, onde seja possível o conhecimento de todos os elementos que o compõem;

b) permitir o conhecimento aprofundado das características de todo ou de quase todo o universo a ser pesquisado;

c) *ser uma escolha intencional desses sujeitos a serem pesquisados, levando em conta suas características pessoais e ideológicas.*

3.3.1.4 Aplicação (escolha dos sujeitos)

A escolha dos sujeitos representou o primeiro momento prático de aplicação do método. Essa escolha se deu pela opção de trabalharmos com mulheres de mais de sessenta anos, levando em conta suas características pessoais, ideológicas e suas práticas comunitárias as quais se integram à problemática do fato social a fim de privilegiar seus discursos sobre o tema em estudo.

3.3.1.5 Procedimentos para a realização das entrevistas

Conforme o método do *DSC* os procedimentos para a realização das entrevistas são os seguintes:

1) preparo do ambiente:

- considerar que a entrevista busca atender a uma pesquisa de representação social, portanto, devemos resgatar a linguagem e os pensamentos que movem as ações; que movem o mundo cotidiano e, termos cuidado para que as entrevistas não se percam. Uma entrevista não pode ser aplicada ao mesmo sujeito entrevistado, isto pode acarretar um *efeito-aprendizagem*;
- garantir a privacidade das entrevistas, considerando um lugar fechado, para a proteção do entrevistado e do entrevistador;
- garantir questões de qualidade técnica do material produzido, evitando ruídos e turbulências;

2) preparo do equipamento:

- as entrevistas devem ser gravadas e transcritas integralmente;

- o equipamento deve ser previamente testado;

3) clima da entrevista:

- como se trata de pesquisa de representação, o clima deve ser o mais informal possível;
- devemos manter o entrevistado à vontade, para que fale livremente sobre os temas propostos;
- evitar, mesmo com o clima de descontração, que a entrevista se torne uma conversa, onde emergem gestos de concordância ou discordância, ou qualquer outro tipo de indução ao sujeito entrevistado;
- o entrevistador deve manter o controle da entrevista, inclusive cumprindo, com certa facilidade, o roteiro que planejou;

3.3.1.6 Aplicação (realização das entrevistas)

As **entrevistas** das *Velhas Mulheres* foram gravadas em audiovisual (sistema digital em MINIDV), realizadas durante o *VI Encontro Ecológico da RDSE – Ponta do Tubarão*, no mês de julho de 2006.

Marcamos encontro com as senhoras, cada um com data precisa, em suas residências. Na preparação do ambiente da entrevista, foi perguntado a cada senhora o lugar de sua preferência para dar seu depoimento. Apenas Dodóia foi entrevistada no “rancho”, enquanto trabalhava na preparação da comida do Encontro, por sua própria decisão. As demais foram ouvidas em suas casas, cada uma em seu *canto*. Ao serem perguntadas, todas preferiam falar na cozinha, com exceção de Mãezinha que preferiu o terraço da entrada de sua casa. Não foram para a cozinha Dona Bebé que tem 97 anos, foi entrevistada em seu quarto e, Livinha, pois sua cozinha estava em obras.

Em cada local de entrevista, acomodamos a entrevistada no lugar de sua escolha, localizávamos a câmera, o mais discretamente possível, em sua direção e, quando a ambiência não favorecia a captação de som de qualidade pela própria câmera, acoplávamos um microfone de lapela na entrevistada. Antes de iniciarmos as perguntas e, portanto, a gravação, solicitávamos que assinassem os termos de concordância com o uso de seu depoimento nesta pesquisa científica e conversávamos sobre amenidades do cotidiano, para deixá-las à vontade. Todas assinaram os documentos, com exceção de Dona Bebé que foi representada por sua filha Lelé As senhoras, no momento das entrevistas, estavam vestidas conforme seus cotidianos, sem nenhuma produção prévia.

3.3.2 Procedimentos – tabulação dos dados

A seguir, apresentamos de modo direto e sistemático, o processo de análise do *DSC*, conforme o propõe Ana Maria LEFÈVRE e Fernando LEFÈVRE (2003, pp. 46-55).

Os componentes de leitura das respostas dadas ao questionário geram, por identificação, os *Instrumentos de Análise de Discurso (**IAD**)*, contendo:

- *Expressões-Chave (**ECH**)* – que têm a função de destacar a essência dos depoimentos;
- *Idéias Centrais (**IC**)* – são os temas dos depoimentos, sobre os quais o sujeito está falando: o que sente e pensa*;*
- *Ancoragens (**AC**)* – a manifestação lingüística de uma dada teoria ou ideologia ou crença que aparece no discurso do informante, mas que se ancora em outra fonte, muitas vezes, contraditoriamente posta ao que pensa o sujeito do discurso.

As *Ancoragens*, diferentemente das *Idéias Centrais* que estão sempre presentes nos depoimentos, somente serão consideradas quando estiverem concreta e explicitamente presentes nesses depoimentos, o que nem sempre acontece. É importante notar que tanto a *Idéia Central* quanto as *Ancoragens* vêm das mesmas *Expressões-Chave*. A diferença entre a

Idéia Central e a *Ancoragem* é que a mesma *Expressão-Chave* remete tanto para o sentido mais direto do discurso, representado pela ***IC***, quanto para a teoria, a ideologia ou a crença subjacente, representadas pela ***AC***.

Realizada esta **tabulação dos dados**, temos o agrupamento dos discursos que é a condição necessária para produzir conhecimento ou entendimento, através da variabilidade individual.

3.3.3 Aplicação – tabulação dos dados

A tabulação dos dados válidos desta pesquisa obedeceu às diretrizes do método, sem alterações. No entanto, tendo sido grande o volume de textos produzidos nas entrevistas transcritas, ou seja, nas nove respostas (nove senhoras) dadas a cada uma das seis perguntas, optamos por não apresentar o **IAD 1**, contendo a cópia integral das entrevistas em formato de tabela como os demais. A transcrição integral destas entrevistas, de onde retiramos as Expressões-chave, será disponibilizada, nos Apêndices desta dissertação, em formato de texto.

Inicialmente, **transcrevemos** as entrevistas que haviam sido coletadas e gravadas e dividimos o trabalho em três etapas:

1ª) o texto foi transcrito do oral para o impresso, sem preocupações gramaticais ou formais – apenas considerando as palavras;

2ª) o texto escrito sofre uma correção a partir de uma leitura acompanhada pela assistência do vídeo. Nesta etapa, a gramática básica (ortografia e coesão textual) é considerada;

3ª) o texto corrigido é novamente submetido à leitura acompanhada, buscando-se respeitar as pausas respiratórias e a prosódia particular das entrevistadas e os regionalismos de sua fala.

É importante ressaltar que não houve nenhuma correção gramatical, no sentido de aplicação da Norma Culta da Língua Portuguesa à fala das senhoras. Não providenciamos, no momento das transcrições, nenhuma adulteração do fluxo do texto ou do sentido de algumas palavras os quais apresentem incorreções ou equívocos, de acordo com as exigências da Lingüística brasileira. Assim, consideramos que este nível de respeito às falas das senhoras, além de ético, corresponde à necessidade de aproximação com o discurso, conforme o modo material como se apresenta, para a montagem eficaz do DSC e de sua posterior análise.

3.3.3.1 Procedimentos (montagem dos IADs)

Tendo sido todas as entrevistas coletadas, gravadas e transcritas, para a **tabulação dos dados**, seguimos rigorosamente os seguintes passos:

1º) Analisamos isoladamente as respostas de todas as *Velhas Mulheres* entrevistadas. Dessa forma, o primeiro passo consistiu em **copiar**, integralmente, o conteúdo de todas as respostas referentes a todas as questões no **IAD 1** – *Instrumento de Análise de Discurso* 1 que nesta dissertação aparece em formato de texto, no **Apêndice 1**, consoante explicação anterior;

2º) Imprimimos o **IAD 1** e recolhemos as ***Expressões-chave*** de todas as respostas das seis perguntas, no texto transcrito das entrevistas, utilizando-nos do recurso gráfico do *marca-texto* em cor **rosa**, no material impresso. Para tanto, obedecemos à seguinte ordem: primeiro destacamos as ***Expressões-chave*** da **questão 1**, de todas as informantes, depois, da **questão 2**, em seguida da **questão 3**, e assim por diante. Com essas ***Expressões-chave***, montamos a tabela do **IAD 1** das ***Expressões-chave***;

3) A partir da tabela do **IAD 1** das ***Expressões-chave***, identificamos em cada uma das respostas, através do efeito gráfico de mudança de cor (da fonte do texto) para **AZUL**, as ***Idéias Centrais (IC)*** e as enumeramos na célula imediatamente abaixo da tabela. A seguir, na mesma tabela, identificamos e recolhemos as ***Ancoragens (AC)***, através da marcação do

fundo do texto com a cor **CINZA**, e as colocamos na célula abaixo das ***Idéias Centrais*** (Esta tabela, contendo as ***Expressões-chave***, as ***Idéias Centrais*** e as ***Ancoragens***, encontra-se no **Apêndice 2**);

4) A partir da tabela anterior, montamos o **IAD 1 do GRUPAMENTO**, separando e organizando ***Idéias Centrais*** e ***Ancoragens***, por temática, em tabela suplementar (**Apêndice 3**), sem divisão por questão e nem por informante. Nesta fase do trabalho, identificamos três grandes áreas temáticas recorrentes nos discursos das *Velhas Mulheres*: Grupamento **A** – "**Trabalho**"; Grupamento **B** – "**Comunidade**"; e Grupamento **C** – "**Família, Educação e Religiosidade**";

5) Organizamos uma ***Ancoragem-síntese*** para cada Grupamento (**Apêndice 4**), desdobrando os assuntos das ***ICs*** e das ***ACs***, aproximando-as das ***ECH***;

6) Construímos o ***DSC das Velhas Mulheres***, organizado por **Grupamento**, o que corresponde à construção do **IAD 2** – *Instrumento de Análise de Discurso* 2. Para construirmos o *DSC* de cada grupamento, identificados nos passos anteriores, foram utilizados três **IADs 2**: um para o **Grupamento "A" - Trabalho**, outro para o **Grupamento "B" – Comunidade**, e outro para o **Grupamento "C" – Família, Educação e Religiosidade**. As etapas para a construção do *DSC* foram as seguintes:

a) Copiamos do **IAD 1** todas as *Expressões-Chave* do **Grupamento A** e as colamos na coluna correspondente às *Expressões-Chave* do **IAD 2**, depois, repetimos a mesma operação para os demais Grupamentos;

b) Construímos os ***DSCs*** de cada **Grupamento**, "discursivando", ou seja, tornando seqüencial o agrupamento das *Expressões-Chave*, dando coesão ao fluxo do texto, obedecendo a uma esquematização de sentido, com a preocupação de não alterar o fluxo do pensamento colhido no depoimento. Para tanto, foram introduzidos no texto do *DSC* ***conectivos*** de ligação (assim, então, logo, em fim, por exemplo), quando

tornou-se impossível evitar esta alteração. A pretensão foi a de alterar minimamente o pensamento das informantes, de modo que a narrativa final fosse a síntese coletiva dos discursos individuais. Mesmo os discursos paradoxais, opostos, quando reunidos num fluxo coeso, não significaram estranhamentos, distorções, pelo contrário, tomaram um sentido de *contradição*, necessário e inerente a qualquer discurso que se constrói em grupo. Essa construção comprova a eficácia do método do *DSC* que se propõe a ser um aparato de representação do discurso do grupo. Importante salientar que na composição textual do ***DSC*** eliminamos, como sugere o método, os particularismos de sexo, idade, eventos, doenças específicas etc., os quais são próprios de cada sujeito, pois, para que haja conectividade entre as partes do discurso esta *desparticularização* foi fundamental. Eliminamos também as repetições de idéias, mas somente idéias idênticas, ditas da mesma maneira; as idéias similares, construídas em frases inéditas, com sentidos culturais enriquecedores, foram mantidas, bem como foram mantidas aquelas que denunciavam aspectos relevantes investigados na pesquisa.

Os proponentes deste método aconselham, para a construção do ***DSC,*** que utilizemos TODO o material encontrado nas *Expressões-Chave*. Ainda segundo os autores, uma vez que o *DSC* é uma “fala” ou um “depoimento coletivo”, não devemos colocá-los entre “aspas”, pois, não se trata de citação.

3.4 ANÁLISE DO *DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC)* – **RESULTADOS**

Tendo sido formulados mais de um ***DSC***, contendo os temas: trabalho, comunidade, família, educação e religiosidade, cinco assuntos mais recorrentes nos discursos das senhoras de Diogo Lopes, organizamos três grupamentos: **A** – "Trabalho"; **B** – "Comunidade" e **C** – "Família, Educação e Religiosidade"; apresentaremos, a seguir, conforme e método utilizado, um Quadro-Síntese, com os resultados da pesquisa. Lembramos que as entrevistas transcritas em seu teor completo e os *Instrumentos de Análise dos Discursos 1* e *2*, contendo todas as fazes e produtos desta pesquisa, aparecem nos **Apêndices** desta dissertação.

Nessa apresentação dos resultados da pesquisa, consoante sugestão dos proponentes do método do *DSC* (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003, pp. 56-57), optamos por conduzir a análise por um discurso que organiza e *discursiva* as *Idéias Centrais* e *Ancoragens* dos Grupamentos, compondo, assim, um *texto-síntese* dos *DSCs*, onde comentamos nossas percepções vividas na pesquisa, inclusive aquelas experimentadas na *reflexividade* a que nos propusemos, para estabelecer um diálogo entre "os resultados da pesquisa científica" e as "percepções reflexivas" que foram vividas junto à comunidade.

A análise se concentrou em três etapas distintas e complementares. No **primeiro momento**, buscamos compreender o fluxo histórico do viver das *Velhas Mulheres*, para historicizar "o que viveram", "como viveram", "de que modo se construíram" e construíram seu mundo, sua comunidade. Tentamos compreender também que problemas mais as incomodaram durante estes cem anos que suas vidas alcançam, para, finalmente refletir sobre sua presença na luta pela criação da *RDSE – Ponta do tubarão*. No **segundo instante**, buscamos entender o significado cultural de sua história, tentando contextualizá-la com percepções da realidade que apareceram em seus discursos, a fatos, conflitos e preocupações atuais. No **terceiro momento**, por fim, tentamos adentrar, com a propriedade de quem

também é mulher, também é mãe, também sofre as agruras da dominação masculina, no conteúdo simbólico dos seus discursos, identificando e refletindo os problemas, as dores, mas também apontando as estratégias de solução, as descobertas, os encaminhamentos e as críticas.

Apresentamos no quadro abaixo, em formato de texto discursivado, em *itálico*, *espaço simples*, os resultados da *Análise do Discurso do Sujeito Coletivo,* das *Velhas Mulheres* de Diogo Lopes – uma narrativa síntese e híbrida das *Idéias Centrais* e *Ancoragens* do *DSC* das *Velhas Mulheres,* costurada com os comentários de nossa própria reflexividade:

Resultados
QUADRO-SÍNTESE
***DSC** das Velhas Mulheres: trabalho, comunidade, família, educação e religiosidade.*
Antigamente, em Diogo Lopes, a pescaria era brutal e o pescador ia pro mar com pouco ou sem alimento certo. As coisas eram difíceis, havia sofrimento e dependia-se muito da Natureza. Havia divisão sexual do trabalho: os homens pescavam no alto-mar, além da Costa, e as mulheres tratavam o peixe em terra. As mulheres trabalhavam com o peixe. Agora tudo é diferente, as mulheres não tratam mais o peixe. Hoje não se pode mais trabalhar como antes. Hoje, os homens tratam o peixe. *Os homens iam pescar e as mulheres trabalhavam em terra, faziam o trabalho braçal. Muito trabalho com o peixe, dia e noite. O trabalho com o peixe (tratar) era exaustivo (dia e noite). O trabalho com o peixe era exaustivo. Trabalho no armazém, pilando o sal. Trabalho braçal para consumo e não para subsistência. Pisava o sal pra ganhar dinheiro e juntar pra comprar roupas e calçados. No passado, os utensílios de cozinha eram de barro. Tinha uma mulher que os fazia e trazia do Ceará pra vender em Diogo Lopes. Tratava-se do peixe para deixá-lo seco e vender para compradores de fora. O trabalho com o peixe como meio de sustento da família e desenvolvimento social.* *O trabalho era familiar, passado (herdado) de mãe para filha. Desde cedo as crianças trabalhavam com o peixe na Costa e aprendiam ofícios profissionais. As crianças iam pra Costa ajudar no trabalho com o peixe, que envolvia muita gente, principalmente a família. O pai pescava no mar, a mãe tratava o peixe na praia, nos armazéns, e as filhas tomavam conta das crianças pequenas em casa e ajudavam no tratamento do peixe.* *O trabalho era unicamente pesqueiro e não havia instrução profissional. O trabalho com a pesca teve declínio por escassez de peixe e por falta de gerenciamento. O peixe era moeda de troca. Havia fartura de lagosta, as pessoas ganhavam muito dinheiro com ela e hoje já não há mais. Mudança de modos de trabalhar e viver. Ontem, não havia onde vender o peixe. Vendia-se a compradores de fora (Matutos). Hoje o peixe é comprado por comerciantes dos frigoríficos.* *Atualmente, em Diogo Lopes, existe a falta de condição para o trabalho. Como crítica desencantada, fala-se da pouca oferta de vagas de trabalho na comunidade. Falta de emprego na comunidade, especialmente para os jovens. E ainda mais a existência do "pistolão", do clientelismo e assistencialismo político, que perduram no lugar. Assim como, existe uma necessidade de doação, pelo poder público, de um armazém para os pescadores,*

independentemente da Colônia de Pescadores, para que realizem suas necessidades diárias de preparação para a pesca e para o convívio social e de lazer.

Mas há ainda muita opinião dominante – repressiva e reificante – acerca do trabalho produtivo e da mensura do valor de produção. Por outro lado, existe muita reflexão sobre a mudança de postura atual frente ao trabalho, muita gente que considera desigual e cheia de mordomias.

Por isso, buscaram apoio nos princípios do trabalho comunitário. Trabalho de base na preparação de uma consciência de grupo. O trabalho em movimento tem trazido coisas boas para a comunidade. Embora exista quem questione a necessidade de muitas reuniões e trabalho, deixando as ações de casa em segundo plano.

Mas todos sabem que as mulheres trabalham em muitas atividades, especialmente as de serviços gerais e braçais, para dar sustento às famílias. Até no trabalho de empregada doméstica, das mulheres, pra ajudar no sustento e na construção da família. No início, fizemos parte dos primórdios dos Encontros Ecológicos, cooperando na realização, dando apoio e prestando serviço, sem cobrar nada, sem querer nada. Agora é o Turismo Comunitário. As Velhas Mulheres trabalhavam sem ganhar nada nos outros Encontros, antes da mudança e que agora, depois da mudança, não podem mais trabalhar. Elas começaram a trabalhar sem ganhar nada, mas quando agora, podem ganhar alguma coisa, estão de fora. Muitas estão sentindo falta de não está lá, na cozinha, trabalhando, fazendo comida. Mas estão satisfeitas porque agora são várias pessoas fazendo aquilo que elas fazia só, com um grupinho. Mas elas não podem competir com quem tem restaurante, na produção de alimentação para os Encontros, pois precisariam investir muito em matéria prima e para gratificar o pessoal que lhes apoiava, antes, gratuitamente, comunitariamente, agora com remuneração.

O trabalho é acatado como profunda realização pessoal e projeção social. Embora muitos ainda descartem os mais velhos no sistema produtivo, eles continuam em disponibilidade para cuidar das pessoas doentes e velhas da comunidade. E o trabalho continua. E quanto mais desenvolve o trabalho, mais chama atenção, mais o povo gosta, mais o povo quer. E isso é o quê os mais velhos acham importante. As mulheres são guerreiras e conseguem o que querem em Diogo Lopes.

Percebe-se no discurso das Velhas Mulheres de Diogo Lopes que elas consideram que houve uma mudança do perfil de trabalho das moças, das mulheres e dos homens. Assim como, que elas fazem uma crítica à não-participação dos homens nas questões comunitárias daquela localidade. Pois são da opinião que se deve ter participação ativa como representante social. Participação ativa nas reuniões, compartilhando opiniões, ter um pensamento ambientalista acerca da escassez de peixes, um pensamento autônomo e libertário de oposição ao fluxo geral, um pensamento dialógico persistente, com convencimento ideológico, um pensamento político-participativo, de política de ação compartilhada, contra a poluição ambiental e social.

Em Diogo Lopes do passado não se tinham exigências de controle do tempo, nem de segurança, os casamentos eram feitos entre parentes de uma mesma família, havia a esperança católica na harmonia que gera união e comunhão nos grupos. Hoje, há o estímulo ao estudo como forma de mudança de condição de trabalho, pois sempre existiu a falta de condição para o trabalho. E só o diálogo, como forma de convencimento, pode mudar a realidade.

Diante do desmatamento, a Reserva é uma possibilidade de conhecimento e preservação. Pode também trazer desenvolvimento e trabalho para todos. As Velhas Mulheres têm um discurso ambientalista comunitário, especialmente ambientalista. Um discurso ambientalista, pois Diogo Lopes é um lugar quieto, mas com um povo de união. Diogo Lopes é uma comunidade acolhedora e permite a moradia de pessoas de diversos

lugares. Possuem um discurso ambientalista que faz crítica à exaltação e supervalorização dos sujeitos externos à comunidade ("os de fora") em detrimento da população da comunidade (nativos – "os do lugar").

Dizem: – A pesca predatória é danosa à Natureza. A gente enfrentou uma batalha no meio de um bocado de homens armados de foice. A gente dentro de um mangue, só com a fé de Deus, sem nem uma arma. A gente foi a uma guerra e fomos vencedoras.

As mulheres são guerreiras e conseguem o que querem em Diogo Lopes. E sabem que as necessidades criam estratégias de luta e sobrevivência.

Assim, as pessoas se reúnem muito para discutirem seus problemas. Há uma comunhão comunitária como política de grupo, um "viver em união" que cria princípios do trabalho comunitário. Os problemas da comunidade são discutidos e resolvidos em grupo, pelas mulheres, pois têm consciência coletiva e de necessidade de grupo, consciência da força de sua voz, como instrumento de promoção pessoal e de organização coletiva, consciência da importância da política de preservação que advém com a Reserva, consciência da luta e da condição de luta das mulheres, consciência da necessidade de mobilização da comunidade, consciência da necessidade de participação discursiva nos problemas comuns ao grupo, consciência das necessidades comunitárias, consciência de pertencimento à comunidade, consciência de sua importância nas reuniões na comunidade e de que o grupo acata seu modo de pensar e agir, consciência do papel político nas relações sociais, consciência do valor e do poder da argumentação...

Antes, as pessoas cortavam o mangue de machado, traziam os galhos grandes, pé de mangue inteirinho. Com a criação da Reserva, a gente usa a Natureza sem prejudicá-la. Antes da Reserva, todo mundo tirava madeira do mangue, ainda tem gente que tira, mas quando uma pessoa vê e sabe, denuncia. Mangues são coisas que a gente tem mesmo que preservar. Antes havia muito peixe (franco), hoje não há mais. Mas a Reserva melhorou muita coisa em Diogo Lopes. A única coisa que não melhorou mesmo diz respeito à limpeza ambiental. Nos Encontros, os organizadores colocam depósito pra lixo nas ruas, mas o povo da comunidade ainda não se acostumou a usá-los.

Tem alguns que não aceitam a Reserva e dizem: "Eu nasci aqui e me criei, com todo mundo arrancando esse mangue, tirando pra dar de comer aos bichos, e ele nunca acabou!". Outros, já aceitam. A gente já vê as próprias crianças, educadamente, pegando as coisas e jogando no lixo. Nós trabalhamos, não só isso na nossa casa, como na escola, com as crianças.

A Reserva melhorou muita coisa. Trouxe muita coisa boa, pra a comunidade. Tem muita gente que não entende ainda e diz assim: "É, esse povo são muito besta. O povo empata e deixa de fazer um rancho, uma casa, na beira da praia. Fica com uma história de uma Reserva. Porque tudo é proibido?" É proibido porque agora há uma Reserva e as coisas têm que ter um limite. É gente que diz que a criação da Reserva é ruim. Mas não é! A Reserva veio para fazer a benfeitoria da comunidade, por que vai gerar emprego. As pessoas que já têm um estudo, já podem se colocar ali. Isso é trabalho de base, na preparação de uma consciência de grupo.

Mudou muito de antigamente para hoje. Mas na comunidade, muita gente ainda tem esgoto que corre para o meio da rua. Isso é um descaso muito grande. Tem muita gente que despeja o esgoto na praia. Uma falta de higiene da própria comunidade. Não é nem de uma pessoa. É coisa que não podia existir. O pessoal vai lá pra Costa e faz sujeira.

É que muitas destas pessoas não foram à luta que nem a gente foi. Tem gente que não gosta de opinar e prefere ficar isolada. Gente que não sabe dizer nada sobre a Reserva, que ainda diz: "Não sei se eles trazem mais alguma coisa de melhoria pro lugar, porque eu ainda não vi. Não sei sobre o que é que eles falam!". Mas só a preservação ambiental e cultural é uma conquista grande, para lutar contra os princípios "pequeno-burguês" de

individualismo, de auto-protecionismo, anti-comunitário, que ainda resiste por lá.

O povo ainda não reconhece que a Reserva foi e é uma conquista. Que o progresso é danoso para as coisas "tradicionais". O progresso no tempo mudou muitas coisas. O tempo passa e a gente nota que mudou muita coisa. Era mais difícil, foi ficando melhor numas coisas e pior noutras. Hoje está tudo poluído. Há mudança de modos de trabalhar e viver. Mas não tem mais nem analfabeto na comunidade. Até as pessoas de idade, agora tem estudo. Hoje em dia, com todo mundo esclarecido, entendem o que é uma Reserva, pra que serve o meio ambiente.

O Conselho comunitário é eficaz. O trabalho continua. E quanto mais desenvolve o trabalho, mais chama atenção, mais o povo gosta, mais o povo quer. E isso é que é importante. O trabalho em movimento tem trazido coisas boas para a comunidade. Tem que opinar pra ocupar um espaço político no grupo.

Dentro do próprio Encontro Ecológico existe mudança. Agora foi a mudança da data do evento, e que ninguém sabia que mudaria, dificultando mais ainda as suas estratégias de ação; esta mudança que houve na estrutura dos Encontros em favor do Turismo Comunitário. Sei que eles trazem uma camisa para um, um boné pra outro. Mas é preciso dialogar, reconhecer a representação social participante.

As Velhas Mulheres fazem parte dos primórdios dos Encontros Ecológicos, cooperando na realização, dando apoio e prestando serviço, sem cobrar nada, sem querer nada, elas trabalhavam sem ganhar nada nos outros Encontros, antes da mudança e que agora, depois da mudança, não podem mais trabalhar. Começaram a trabalhar sem ganhar nada, mas quando agora, podem ganhar alguma coisa, estão de fora. É preciso ter cuidado com o modo de organização protecionista dos grupos na comunidade.

A disputa por dinheiro dentro dos encaminhamentos da infra-estrutura dos Encontros Ecológicos denuncia uma falta de unidade, mostra o protecionismo e a desunião, que ocorre em todo grupo social.

As Velhas Mulheres não podem competir com quem tem restaurante, na produção de alimentação para os Encontros, pois precisariam investir muito em matéria prima e para gratificar o pessoal que lhes apoiavam, antes, gratuitamente, comunitariamente, agora com remuneração.

Algumas delas estão sentindo falta de não está lá, na cozinha, trabalhando, fazendo comida. Dizem-se satisfeitas, porque tem várias pessoas fazendo aquilo que elas fazia sós, em um pequeno grupo. Triste, dizem que nos acontecimentos comunitários, é melhor trabalhar de graça de que trabalhar por dinheiro.

Se não fosse essa luta nossa, tão grande, para construirmos essa Reserva, talvez Diogo Lopes estivesse privado para os nativos. E a gente ainda está aqui, todas com os braços erguidos, pra enfrentar tudo novamente. Se fosse preciso.

A juventude é completamente diferente da do passado, não acompanham a tradição. A juventude, com "essa loucura", descartam os mais velhos. A droga não é vida e acaba com a vida. Não vêem as campanhas anti-drogas, veiculadas nas mídias? Alguns jovens pedem conselho e acatam as orientações.

Há muito preconceito social de classe nas coisas que o povo diz. Às vezes, algumas pessoas mais velhas, não participam dos eventos por que não podem sair de casa, para não deixarem de cumprir as obrigações, nem para ficarem devendo favores à família, que, segundo algumas, atrapalha muito. Dizem que hoje as moças não querem trabalhar no serviço braçal. Enfatizam que hoje os homens tratam o peixe e apresentam, até, certa indisponibilidade para participar dos ritos da comunidade. Numa espécie de submissão acrítica. De um tradicionalismo de submissão, frente à opressão masculina. Tradicionalismo em calar diante das situações e evitar o confronto. Condição da mulher de obediência ao marido e às necessidades dos filhos. Conformação passiva à realidade. Consciência do

gosto do silêncio. Obediência ao discurso recorrente da "dominação masculina" – a mulher tem que, primeiramente, cumprir suas obrigações domésticas –, discurso este que é repressivo sobre a responsabilidade da mulher, que é recorrente da tradição da população de Diogo Lopes. Discurso de controle do ***masculino*** *sobre o* ***feminino****.*

Muito disto é fruto de uma consciência repressiva, apoiada na decrepitude da idade, que descarta as mais velhas do sistema produtivo. Mas elas continuam em disponibilidade para cuidar das pessoas doentes e velhas da comunidade, para participar da vida da comunidade, colaborando, ajudando no que for preciso. Demonstram prazer em ajudar os carentes e idosos, gostam de participar em brincadeiras animadas, de participar da vida da comunidade. Elas apresentam um discurso do desenvolvimentismo auto-sustentável, que une tradicionalismo cultural com um discurso politizado. Tradicionalismo cultural para participar dos eventos da comunidade: eventos da Igreja, nos Encontros Ecológicos e nos eventos similares.

Tradicionalismo. Tradição religiosa do pai que se transmite para a família, os filhos. O trabalho era familiar, passado (herdado) de mãe para filha, que segue a tradição que tinha a mãe, de rezar. Cada uma ao seu modo, com seu estilo próprio. Participação ativa e constante nas "rezas". Consciência de um "dom" divino que a diferencia do grupo social.

O progresso no tempo mudou muitas coisas. O progresso é danoso para as coisas "tradicionais". Mudou muito de antigamente para hoje. A juventude, com "essa loucura", descarta os mais velhos. É a mudança de modos de trabalhar e viver. Tudo descarta os mais velhos no sistema produtivo. É preciso respeito ao passado no presente – cultivar a memória viva. Viver em união no tradicionalismo cultural. É preciso ter esperança, como se diz na Igreja Católica, na harmonia que gera união e comunhão nos grupos.

Eu tenho prazer em participar dos eventos da Igreja. Mas também tenho prazer na participação nos eventos dos Encontros Ecológicos e em outros eventos deste tipo. Tenho amigas que têm prazer em participar unicamente dos eventos da Igreja. Tradicionalismo. Prazer em participar unicamente dos eventos da Igreja... eu penso que é por que não aceita a juventude. A juventude de hoje é completamente diferente da do passado. Não acompanham a tradição.

Os jovens não gostam de aprender os modos da tradição para continuarem o que faziam seus pais. As mães do passado gostavam muito de ensinar o que elas sabiam às filhas e aos filhos. Alguns jovens até pedem conselho e eu tenho alegria em ensinar a qualquer pessoa, principalmente quando encontro um jovem que acata as orientações, que aprendem com o conselho dos mais velhos. Acredito que o importante é fazer o conhecimento se perpetuar.

Sempre trabalhei muito. Trabalhei de empregada doméstica das mulheres pra ajudar no sustento e na construção da família. Fiquei viúva e assumi o sustento da família sozinha, sem precisar trabalhar em outros lugares, apenas com as prendas domésticas. Às vezes, não participo dos eventos por que não posso sair de casa, para não deixar de cumprir as obrigações, nem dever favor à família, que atrapalha muito. Mas gosto muito de participar.

Eu lutei muito na minha vida. Prestando atenção a tudo no mundo, para criar meus filhos. Hoje em dia eu fico mesmo pensando, como pode uma mãe criar seus filhos na rua, fazendo arte? A mãe em casa dormindo e os meninos roubando as coisas das casas dos outros. Não. Isso ta errado!

Papai nunca me botou na escola. Ele dizia que não botava filhas pra estudar para que quando a gente crescesse não escrevesse cartas para os namorados. Tradicionalismo. Sempre fui submissa frente aos ditos masculinos. Em Diogo Lopes, os casamentos eram feitos entre parentes de uma mesma família. Era coisa de comunhão comunitária, como política de grupo. Mas Diogo Lopes é uma comunidade acolhedora e permite a moradia de pessoas de diversos lugares. Quando moça não saía de casa por causa do pai, depois, por

causa do marido. Hoje, tomo conta das netas para que as filhas possam sair de casa para trabalhar. Minhas filhas sabem das coisas. Tenho orgulho dos meus filhos que sabem ler e estudaram.

Hoje, não se vê homens querendo fazer faculdade, mas mulheres sim. Eu estímulo todo mundo ao estudo, como forma de mudança de condição de trabalho. Ter educação é uma forma de ascensão social. Falo por que sei que tenho força na minha voz. Sempre fui ouvida, por que minha voz é como um instrumento de promoção pessoal e de organização coletiva.

Graças ao nosso esforço e aos poderes de Deus, não tem mais nem analfabeto na comunidade. Até as pessoas da minha idade, agora tem estudo. Mas hoje em dia, com todo mundo esclarecido, entendendo o que é uma Reserva, pra que serve o meio ambiente, não era pra ter mais isso de lixo, sujeira, ignorância. Tem alguns que não aceitam a Reserva, e dizem: "Eu nasci aqui e me criei, com todo mundo arrancando esse mangue, tirando pra dar de comer aos bichos, e ele nunca acabou!". Outros já aceitam. A gente já vê as próprias crianças, educadamente, pegando as coisas e jogando no lixo. Nós trabalhamos, não só isso na nossa casa, como na escola, com as crianças.

Não sei sobre o que é que eles falam. Faço crítica à falta de unidade, ao protecionismo e à desunião, que ocorre no grupo social na comunidade e não posso calar diante das situações. Não sou de evitar o confronto. Por exemplo, diante do desmatamento, a Reserva é uma possibilidade de conhecimento e preservação. Pode também trazer desenvolvimento e trabalho para todos. A Reserva melhorou muita coisa em Diogo Lopes. A única coisa que não melhorou mesmo diz respeito à limpeza ambiental. Nos Encontros, os organizadores colocam depósito pra lixo nas ruas, mas o povo da comunidade ainda não se acostumou a usá-los. Precisam de formação educacional. Por mais que tenham uma religiosidade cristã, prazer em participar dos ritos da Igreja. Eu mesma tenho consciência de minha crença no catolicismo. Vivo o ideal de convivência sem conflito. E sou ambientalista. Eu moro em uma Reserva e sou ambientalista. Tenho um discurso ambientalista, uma prática ambientalista.

CONCLUSÃO

O *canto* de "mulheres velhas" [18] é uma experiência de vida que quase sempre passa despercebido nas tramas do modo de viver contemporâneo, mas que, quando se faz presente, quando se torna audível, encanta. Somos encantadas, desde sempre, pelo canto de "mulheres velhas". Esta temática nos envolve desde muito tempo. Por sermos mulheres, por termos consciência do tempo e por sabermos o poder que tem o gesto de cantar.

O objeto desta pesquisa, como um *canto* que se ouve na praia, chegou-nos de modo quase imperceptível, precisamos apurar nossa capacidade de audição, de percepção, ao máximo, para detectarmos, entre os diversos ruídos da vida moderna, as sonoridades desse *canto*, sua riqueza simbólica e seu poder no mundo, nas ondas da realidade.

Iniciamos a pesquisa em 2001, no *I Encontro Ecológico de Diogo Lopes e Barreiras*, mesmo sem sabermos, formalmente, que já a estávamos iniciando. Mas para dar a importância devida ao *canto* dessas *Velhas Mulheres* o qual nos encantava e, que soava com grande importância para a sua comunidade, inclusive como um possível modelo de organização para o futuro, faltava-nos um aparato teórico-metodológico competente.

Durante os dois últimos anos, como aluna pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, pudemos aprofundar estudos preparatórios, optar por estratégias metodológicas e, sob orientação da professora Lore Fortes, abordar as *Velhas Mulheres* de Diogo Lopes e, por conseguinte, ouvir o seu *canto*. E assim empreender uma análise que pretendemos seja de grande utilidade; que compense e recompense a ajuda inestimável de tantos colaboradores: teóricos estudados, passando pelo método utilizado, até os amigos e familiares e a comunidade pesquisada.

---

[18] Nesta Conclusão, os trechos que aparecerem "entre aspas" dizem respeito a falas recolhidas do *DSC* das *Velhas Mulheres* de Diogo Lopes, ou de estranhamentos lexicais, comuns ao fluxo das idéias no texto, conforme a regra geral em vigor.

Como em todos os esforços que nos desafiam, as dificuldades que se apresentaram nesta pesquisa foram tratadas com a objetividade do trabalho sistêmico – muitas vezes, com a certeza da dúvida, em que a solução era a aplicação do método. Noutras vezes, quando o método não resolvia, aplicamos a generosidade do tempo, a paciência da espera, a humildade de quem aprende. De modo que ainda duvidamos de muita coisa, e esperamos que as ações do tempo possam frutificar desdobramentos das questões que, por enquanto, não conseguimos resolver ou, simplesmente, perceber, no presente trabalho.

Neste sentido, devemos iniciar esta conclusão, apontando como resultado primeiro da pesquisa um imenso cabedal de aprendizagens – das práticas do trabalho científico, das práticas do diálogo acadêmico, das práticas do viver. Algumas destas aprendizagens vieram do senso comum, recebemos da generosidade das *Velhas Mulheres* de Diogo Lopes, de sua gente. Os saberes que estas senhoras construíram com suas vidas são inúmeros e, possivelmente, infinitos. E elas não se negaram a divisá-los conosco, a comungá-los com a pesquisa acadêmica, de modo que se há algum valor neste trabalho, muito se deve a estas senhoras, a quem seremos gratas para sempre.

Esta pesquisa é, portanto, o resultado da união de dois modos de ouvir a voz de sujeitos humanos, significativamente localizados na realidade: um tradicional que se ancora na observação participante do senso comum, no contato direto e na reflexividade que possa advir desse contato; e outro, da aplicação de um método *quali-quantitativo* de análise do *Discurso do Sujeito Coletivo – DSC*.

Essas duas formas de viver a pesquisa e o uso dos dois formatos de abordagem (*qualitativa e quantitativa*) possibilitaram-nos a consciência de que estamos oportunizando às nossas informantes, objetos/sujeitos dessa pesquisa, um lugar para que seu *canto* pudesse ser ouvido, pudesse reverberar. Assim, localizamo-nos em *reflexividade* crítica na pesquisa: observando, lendo, ouvindo, e, de modo sistemático, dialogando.

Faz-se necessário dizer que o trabalho com o Método de Análise do *Discurso do Sujeito Coletivo – DSC* propiciou-nos uma percepção profunda das subjetividades e dos traços culturais de coletividade que constituem as *Velhas Mulheres* de Diogo Lopes, possibilitou-nos o reconhecimento de grande parte das estruturas de dominação que submergem aos seus discursos; corroborou nossa visão crítica da dominação masculina e dos gestos de desaparecimento das mulheres na vida coletiva e facilitou nossas estratégias de historicização da vida dessas senhoras, tema central desta pesquisa.

Portanto, do *DSC* das *Velhas Mulheres* da Ponta do Tubarão, tomado como aparato metodológico de abordagem do pensamento de um grupo social, emergiram situações de conformação que denunciam ações de dominação a que essas mulheres se submetem. Ao mesmo tempo, deste mesmo aparato, emergiu a maneira de viver dessas mulheres: o modo como compreendem seu lugar, a força com que por ele lutaram e lutam, a resistência com que se localizam no grupo e uma proposição de resignificação deste viver, que repercute em seu canto, sua voz, seu discurso.

A leitura sistêmica dos dados recolhidos e organizados na construção do *DSC* das *Velhas Mulheres* da comunidade de Diogo Lopes levou-nos a entender que existe uma forte ingerência desses discursos no rito de criação da *Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual Ponta do Tubarão*.

Levou-nos a entender também que as *Velhas Mulheres* usam esses discursos a fim de fazer valer os direitos comunitários pela manutenção de uma vida sustentável e passar os conhecimentos adquiridos, em sua trajetória e vivência comunitária, às novas gerações, e assim, preservar sua tradição.

Consideramos que, a apresentação dos resultados da análise do *DSC*, apresentada no **Capítulo III** desta dissertação, é conclusiva. No entanto, verificamos que algumas questões

circundantes à aplicação do método, as quais passam em transversalidade ao formato de investigação adotado, carecem de uma reflexão que nos propomos a seguir.

Inicialmente, gostaríamos de considerar que o mito fundador da *RDSE – Ponta do Tubarão* é o modo de pesca artesanal. Pois, na cadeia produtiva, esse modo possibilita uma ação comunitária, uma vez que é na Costa que se localiza um rico manancial de vida (mangue, estuário e braço de mar) e que, é também na Costa que se tem, historicamente, o início da vida comunitária daquele povo. Por isso quando os italianos atearam fogo aos ranchos de pescadores, mexeram com o imaginário dessa população, atiçando as mulheres a uma luta preservacionista, como mães que protegem seus filhos. Então, elas passaram a usar seu poder de discurso para manter unida a comunidade em prol dessa causa.

Ao optarmos pela análise do discurso, escolhemos uma abordagem arqueológica, nos moldes como pensa Foucault, ou seja, uma compreensão das relações que os discursos estabelecem com os sujeitos, com a História, com as práticas discursivas. Ainda como Foucault, entendemos por prática discursiva um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiu, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa.

Na intenção de marcar a presença das *Velhas Mulheres* no rito de criação da *RDSE – Ponta do Tubarão*, construímos uma arqueologia no sentido foucaultiano para analisar a movimentação dos enunciados dessas senhoras, ou seja, a movência dos discursos que enunciam os atos historicamente situados, vividos por estas senhoras, e traça os caminhos da pesca, do pescador, delas próprias, nas lutas comunitárias de seu *canto*.

Através desta arqueologia, nosso objetivo fora o de *historicizar* tal participação neste rito, apontando as ações de *des-historicização* que, no Ocidente, retiram as mulheres da cena comunitária, desvalorizando ou tornando invisíveis os seus papeis de agentes da construção

social. As reflexões decorrentes desta pesquisa, que se pautou no exemplo de uma comunidade pesqueira tradicional do litoral brasileiro, denunciam os mecanismos de dominação masculina que se instauram no "silêncio" do *hábitus*, como nos ensina Bourdieu, tais como: os discursos de poder (que são responsáveis pela eternização das estruturas da divisão sexual) e os princípios de divisão social e cultural correspondentes.

Acreditamos que ao tratar essa história aproximamo-nos de Bourdieu (2003), quando registrarmos a participação ativa das *Velhas Mulheres* na cadeia produtiva da pesca. Registro igualmente importante é o dos seus discursos, bem como a análise da relação entre eles, os quais nos possibilitaram a compreensão de que essas mulheres desempenham papéis no processo produtivo, nos cuidados com suas famílias, como chefes da família e, muitas vezes, como mantenedoras do grupo familiar.

Ao descreverem suas vidas, desde o tempo em que iam para a Costa, do passado de sua infância até hoje, quando trabalham no cotidiano de sua comunidade, as *Velhas Mulheres* reconstituem sua participação em toda a cadeia produtiva da pesca e da sociedade. Para elas, o trabalho se inicia em casa, no preparo da comida para o marido, pai, ou irmão, quando vão partir para o mar e prossegue com a chegada do peixe, no processo de: escalar, tratar, estender, engarajar e vender. Mesmo que estejam presentes e atuantes nesse processo, seu papel no setor é quase despercebido: sua contribuição tem sido ignorada historicamente. Em nossos estudos bibliográficos e nos relatórios técnicos que analisamos, não encontramos registros relevantes de sua atuação. Em suas falas não se reconhecem pescadoras.

"Os homens iam pescar e as mulheres trabalhavam", como nos contam. Dito assim, a relação de diferenciação sexual das funções no trabalho produtivo do peixe parece simples. Mas, quase invisivelmente, é na aceitação tácita do pescar como "algo que não se define ao certo", sublimado, mas que define a identidade da atividade produtiva, portanto, privilegiada. Lidar com o peixe na praia, no trabalho exaustivo de preparação do produto comercial, é algo

natural, aceito sem destaque, como conseqüência da atividade da pesca, sobre o qual se estabelece uma das forças mais opressivas que ocorre sobre as mulheres de Diogo Lopes. Esta prática obriga-as a “dá o jeito”, ou seja, a se conformar com sua condição de trabalho e, ao mesmo tempo, fazer a manutenção do grupo social – gestar o viver, nutrir a vida, manter a organização familiar, portanto, social.

Lendo o “quase invisível”, percebemos que as *Velhas Mulheres* entendem o trabalho como forma de suprir as necessidades materiais da comunidade, como base de realidade sociocultural, não apenas como produção comercial. Este lugar na beira, inclusive do mar, é sempre o de espera, de não-ação, de submissão. Em suas falas fazem uma clara ligação do trabalho de seus pais [pescadores] com a abundância das pescarias. A partilha é, de início, ancorada na “caridade” exercida pelo pai. Assim, as *Velhas Mulheres* denunciam o interdito, ou seja, uma parte da dominação masculina que nem mesmo podem enxergar e, que tenta também fazê-las desaparecer do trabalho produtivo. O que não é possível, visto que sempre coube a elas o trato dos peixes, parte fundamental desse trabalho.

Desde a infância, as crianças são incluídas nos ritos do trabalho, das danças e da religião. As *Velhas Mulheres* foram inseridas desde cedo, por suas mães, suas tias, pelas mulheres velhas do seu tempo de infância, nos problemas sociais da comunidade. Através de ritos cívicos e religiosos aprendem a zelar pelo seu povo. Receberam dos pais uma herança de responsabilidade com o bem estar da comunidade. Pelas práticas da religião, receberam as crenças e as valias morais e sociais. Deste modo, fica claro que as práticas de trabalho pesqueiro, assim como os hábitos ou costumes, são patrimônios adquiridos, são como uma herança cultural, passada de geração para geração, através de ritos e usos.

O discurso *historicizado* das *Velhas Mulheres* evidencia o avanço da atividade pesqueira, também pontua a mudança da mão de obra na cadeia produtiva da pesca. A introdução dos carros frigoríficos, na conservação do peixe no gelo, aparece como um fato

que quebra um elo no ciclo da pesca. O fato de não ser mais necessário tratar o peixe na praia, para salgar, acomodar e armazenar, retira estas mulheres da cadeia produtiva. Não há mais necessidade de sua mão de obra. Poucos peixes passam por esse processo de tratamento e os homens assumem a atividade.

No passado, durante a fartura de peixe, sua vida era difícil, porque tinham muito o que fazer, em jornadas duplas de trabalho, às vezes, triplas. Seus esforços, muitas vezes, iam além do trabalho de preparação do produto e da manutenção da família. Tornavam-se comerciantes. Pois, não havia compradores na região e precisavam negociar com quem vinha de outros lugares. Num tempo em que os pescadores esperavam pelo vento e elas, pelas bênçãos de Deus.

No tempo da escassez de peixe, tinham fé, pensavam, buscavam alternativas, usavam outras habilidades domésticas, aprimoravam seus conhecimentos de mundo, inventavam oportunidades. Mas todo este esforço parece, até hoje, que não existiu, tornou-se invisível, interditado, “traduzido” nas malhas da linguagem como uma ação natural de sua condição de ser mulher.

Por isso seu discurso é denunciatório, porque revela este invisível. Podemos identificar a força destas mulheres no seu *canto* que é uma voz de minoria, ou seja, de poucas pescadoras, de poucos sujeitos da beira do mar, de poucas mulheres, e o que é mais marcante, de *Velhas Mulheres* que se encontram à margem de um mundo masculino, na periferia da vida “civilizada”.

A vida sempre se apresentou difícil para elas, sem oportunidades, num mundo de trabalhos de dia e de noite, um trabalho sem fim. A chegada do gelo e a conseqüente mudança nos modos de produção retiraram as mulheres pesqueiras da beira mar, empurrando-as de volta para o espaço da casa. E os problemas que a falta da pesca acarreta, elas acreditam que podem resolver com trabalho. Viram e vêem no trabalho a oportunidade de sustento de suas

famílias. Hoje, é no diálogo comunitário que buscam uma saída, não apenas a sustentabilidade de suas famílias, mas da comunidade como um todo.

A discordância é encarada pelas *Velhas Mulheres* como um processo interacional, portanto, "negociável". Muito inspiradas nos preceitos católicos, demonstram habilidades de ação política e buscam se relacionar com os outros, com os que divergem, tendo em vista a obtenção de resultados comuns desejados. Percebem também que a união das comunidades, sua harmonização e interação são fundamentais para fazer valer seus direitos e aspirações.

Dentro ou fora da cadeia produtiva do peixe, nesse canto de beira de mar, as *Velhas Mulheres* "prestam atenção a vida", como dizem, e desenvolvem habilidades e práticas comunitárias que possibilitam sustentabilidade. Apreendem o que é ser mulher num mundo dito masculino e estão sempre propondo soluções e novos modelos de superação dos problemas que se apresentam.

Aqui, fazemos outra reflexão, visto que tratamos de um assunto tão complexo que é o da participação de mulheres nos ritos sociais. Quando falamos dessa participação, temos a sensação de que esse fato parece um "avanço" da sociedade nas questões feministas, ou do feminino, como preferimos. Assim, como também parece que as mulheres nunca fizeram nada, ou fizeram muito pouco, algo insignificante e, só agora, estão "fazendo" algo de útil na realização dos ritos sociais. Dito assim, destacando o modo de dizer, forçando um olhar sobre a existência das mulheres e sua luta diária podemos ver um pouco do todo invisível que é sua presença na sociedade.

Depois que dissermos isso, logo ficaremos um pouco espantadas, bastante espantadas, com esta conversa e trataremos de contrapor às mulheres a existência de homens, inclusive, diferentes, não-machistas etc., como se sempre, ao falarmos de mulheres, obrigatoriamente estivéssemos contrapondo os homens, entrando num combate de sexos. Então, aos poucos, o combate entre homens e mulheres tomará a cena. Gastará nossa paciência e desvelará nosso

cansaço. Por fim, falaremos de homens no sentido geral, “universal”, para dar fim ao conflito. E mais uma vez as mulheres terão de conviver com uma realidade invisível, em que elas trabalham muito, esforçam-se muito, sofrem injustiças e são oprimidas e ninguém suporta, ao menos, conversar sobre isso, sem trazer os homens para “dar fim” aos problemas.

Não se trata de enfrentar homens. Isso é tão idiota quanto deixar as mulheres ocultas. Quando falamos de mulheres, falamos de mulheres. Destacamos o que elas fazem em suas vidas, para que todos saibam que elas o fazem. Sublinhamos os problemas que elas enfrentam para que todos, até mesmo os homens, saibam que estes problemas existem e que tornam a vida de todos nós, mulheres e homens, pior.

Quando as mulheres são velhas, então, tudo fica mais difícil. Porque, que além de ser mulher, ela está “usada”, “gasta”, sem força, sem atrativos, sem a beleza das publicidades do capitalismo selvagem, sem saúde e, na grande maioria, sem poder de decisão na família ou na comunidade onde reside.

Não pretendemos, aqui, apresentar as *Velhas Mulheres* de Diogo Lopes como super-heroínas, ou mesmo heroínas, nada que não seja a sua condição real de sujeitos sociais, passíveis de todos os problemas. Trata-se, ao contrário, de problematizar o seu modo de viver e de ver o mundo, destacando dos seus gestos e, sobretudo, dos seus discursos coletivos, a necessária contribuição que elas têm dado ao grupo social onde vivem.

O que não é nada fácil, pois como sabemos, na atualidade, devido à transformação da sociedade produtiva e ao estimulo à mudança de compreensão e de aceitação das forças que operam sobre os grupos sociais, podemos perceber um redimensionando do papel dos membros da família. Na provisão e manutenção da casa, o homem (pai) não representa mais a força produtiva única, hegemônica. Neste novo formato de sociedade, a mulher (mãe) é estimulada, cada vez mais, a assumir posturas de provisão e de manutenção.

Essas mudanças pelas quais passam a sociedade e, sobretudo, o viver das mulheres não suplantam ou substituem em nossa realidade, os antigos papeis que elas assumiam. Ainda lhes são exigidos paralelamente ao “sucesso” profissional, os hábitos de submissão doméstica e, deste modo, elas passam a ocupar funções duplas, sobrecarregando-se de trabalho, muito embora, no universo simbólico, seus esforços tornem-se invisíveis e, mais uma vez, sobre si assentam-se a opressão e a responsabilidade.

Às mulheres é exigido, ainda, a conformação a esta dura realidade. Ao percebermos que as atividades que desenvolvemos têm sempre um valor econômico, cultural ou simbólico “inferior”, sabemos que nossos esforços são simplesmente desconsiderados, que somos desconsideradas, e mesmo assim somos conclamadas a responder a diversos “chamados” de responsabilidades, de obrigações, aos quais não podemos dizer: NÃO!

É deste modo que opera a “dominação masculina” – quando torna nosso trabalho invisível, desconsidera nossos esforços, valorando mal nossa produção.

No tempo antigo, éramos proibidas de aparecer e de opinar; nos tempos atuais, não há uma proibição formal, mas o poder de representação não é dividido igualmente entre os sujeitos produtivos, cabendo sempre às ações do masculino o valor de força e poder. Ao feminino, atribuem-se, desde tempos remotos, valores de delicadeza, quando não, de fraqueza.

Neste mundo de divisão sexual, como representação do poder e da força, acatam-se, no universo simbólico, o sexo masculino, encerrando no corpo do homem, o lugar desta representação. No sexo feminino, e no corpo da mulher, ancoram-se o simbólico da fragilidade e da imprecisão. Dessa maneira, como nos diz Bourdieu (2003), a mulher é condenada a ser vista e se sentir em uma “condição feminina”: condição biológica de “fragilidade” e, no mundo do trabalho, “pueril e tola”.

Em nossa análise da história que ocorre nos discursos das *Velhas Mulheres* de Diogo Lopes, não encontramos vestígios dessa “condição feminina” em suas vidas, não encontramos

vestígio dessa fragilidade “feminina” em seus esforços. Essas mulheres foram acostumadas, desde criança, a assumirem posturas comunitárias e a desenvolverem trabalhos braçais e intelectuais. Nas ausências dos homens, não só quando estavam ou quando estão ao mar, mas, principalmente, quando se ausentam dos problemas da comunidade, no cotidiano, obrigam-nas a assumirem sozinhas as responsabilidades de gestar, nutrir e manter a comunidade.

Forçadas pelo modo de viver e pela estrutura familiar a ficarem em casa, registram que “às vezes, a família atrapalha”, por exigir da mulher uma postura de esforço concreto e administração subjetiva. Em um jogo de interações sociais, cujas regras não são as mesmas, iguais, para todos os jogadores. Entendem, a nosso ver, que o domínio dessas habilidades desenvolvidas ao longo da vida, habilidades de união, de partilha, de pescadoras e de viver comunitário são como um “dom” de Deus, ou uma determinação da realidade.

No entanto, não sendo reconhecidas pela categoria de pescador(a), essas mulheres não conseguem se filiar às colônias de pescadores, tradicionalmente presididas e usufruídas por homens, assumem as demais funções do seu grupo social. O que possibilitou que utilizassem seu poder de argumentação e de discussão comunitária para fomentar a criação da *Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual – Ponta do Tubarão*, como forma de resistência às intempéries socioculturais e ambientais que assolaram sua região.

O rito de criação da *RDSE – Ponta do Tubarão* pode ser compreendido como uma proposição que foi apresentada às *Velhas Mulheres* pela conjuntura, incorporada por elas, para resolverem uma crise na sua comunidade. Sentindo seu *canto* ameaçado, buscaram o que aprenderam na infância e puseram-se “em movimento”, e foram à luta, tendo como estratégia central de ação o seu discurso que uniu a comunidade pela preservação do meio ambiente, desencadeando uma campanha ambientalista que culminou com a Criação desta *Reserva*.

Os hábitos adquiridos na infância, infância de muito sofrimento e lutas, perpetuam-se até hoje. Seu olhar esta sempre voltado para o outro, preocupando-se em manter viva a

tradição da pesca e práticas comunitárias de seu *canto*, sem, no entanto, se fecharem em posturas que negam a necessidade de mudanças.

Frente à realidade delicada pela qual atravessa sua sociedade, tanto do ponto de vista ambiental quanto social, para convencer seus conterrâneos, as *Velhas Mulheres* utilizam-se de sua condição de experiência e de ingerência familiar que as colocam em lugar de destaque na comunidade. E para influenciar as novas gerações, mantêm um esforço contínuo de conversar, explicar, dialogar. Essas mulheres buscam atingir seus objetivos, apontam a ação e o trabalho comunitários como forma de solução, fazendo alusão ao passado vivido.

Sonham com uma vida sustentável de respeito à Natureza e à tradição, e entraram com garra na luta pela preservação do seu *canto*. Entendem que a criação da Reserva, como o início de uma nova ordem social, pode mobilizar cada morador (homens, mulheres e crianças) a se posicionar e a assumir o papel social que lhe cabe, com respeito aos mais velhos e aos diferentes.

Essas mulheres buscam um mundo melhor para si, para seus pares, para seus familiares. Apontam como o maior problema da comunidade a falta de emprego e as sérias conseqüências para os mais jovens. Destacam a falta de políticas públicas para resolver os problemas da comunidade e exigem que os políticos façam o que lhes compete.

Apesar de sua participação ativa na criação e manutenção da *Reserva*, decepcionam-se ao constatarem que os organizadores dos Encontros Ecológicos, mesmo reconhecendo sua importância e história, fazem opção por estratégias capitalistas, anti-sociais para o encaminhamento das questões dos Encontros. Tais atitudes desfavorecem as ações dessas senhoras no evento, fazendo parecer que estão sendo expulsas do mundo do trabalho e de um lugar de comunhão social que estão ajudando a construir.

É possível que a intenção dos organizadores seja boa, porém o fluxo imperceptível da acomodação cultural às forças da dominação masculina impede que vejam a profundidade do

conhecimento e o poder de trabalho que essas mulheres têm nas ações de gerar, nutrir e manter a vida, ou seja, fazendo alimentos, conversando, contando histórias ensinando, enfim relacionando-se humanamente.

Diante dos impedimentos e das agressões simbólicas que ainda passam em suas vidas, essas senhoras se refugiam na religiosidade cristã. Os ritos religiosos são espaços sociais de permuta e alternância de significados de valência, pois, nesses espaços encontram apoio e possibilidades de desenvolverem suas competências adquiridas ao longo de suas vidas. Aprenderam com suas mães que devem ensinar tudo que aprendeu aos mais jovens e preocupam-se por eles não aceitarem aprender aquilo que elas aprenderam. Vêem nesses ritos a oportunidade de passar esses conhecimentos e assim perpetuá-los.

No transcurso de suas ações cotidianas, nos ritos comunitários, no entanto, estimulam a educação dos jovens, e mesmo dos mais velhos, tentando promover um cruzamento continuo de gerações e de saberes. Sabem que as leis de proteção ao meio ambiente não garantem, na prática, a preservação da vida natural, dos mangues, do estuário, do mar, do seu *canto*. Acreditam na renovação pela formação educacional e pela consciência comunitária.

Por fim, observamos nesta pesquisa que as *Velhas Mulheres* não se deixam intimidar pelas forças de dominação e fazem, a seu modo, seus saberes e suas lições de vida reverberarem, sinalizando um formato de comunidade mais justo e harmonioso. Seus discursos se diferenciam de outros, pelo caráter firme e decisivo. Em que laços de comunhão e de celebração da vida do “outro” não são apenas delicadezas, características menores, frágeis, mas formas bem marcadas e definidas de respeito e convivência.

Percebemos, também, que elas se orgulham das novas gerações, especialmente quando os jovens se interessam em dar continuidade às suas ações comunitárias. Seus discursos expressam formalmente uma maneira de pensar e de agir com a convicção da necessidade da mudança de atitude frente à realidade, à Natureza.

Seus enunciados são significativos e fortes, ao passarem seus conhecimentos para as novas gerações. Assim, buscam encontrar formas de continuarem vivas, identificando-se com os ritos cotidianos, com o calendário da comunidade, verdadeiramente entoando um *canto*, uma canção em que reconhecemos o seu *lugar*.

A atuação dessas *Velhas Mulheres,* na Família, na Igreja, no Estado e na Escola, instituições que historicamente concorrem para garantia do processo de *des-historicização* do papel da mulher na humanidade (BOUDIEU, 2003), comprova as suposições inicias desta pesquisa: de que houve ingerência do discurso das *Velhas Mulheres* no rito da criação da *RDSE – Ponta do Tubarão*; de que seus discursos são veículos de poder e reverberam nas ações das novas gerações. Essa história se constitui de quase um século de resistência e de luta, mas as *Velhas Mulheres*, protagonistas da construção da resistência, foram efetivamente ignoradas nos discursos históricos, limadas do centro narrativo da ação pelas estruturas de manutenção da dominação masculina, ou seja, o Estado, a Família, a Escola e a Igreja.

Contar e recontar a história dessas *Velhas Mulheres* é contar a nossa própria história, é contar a história de todas as mulheres, é perceber o quanto contribuímos para a manutenção da vida e não nos percebemos como construtoras, nesse movimento. O *canto* das senhoras é um canto vivo que ecoa em movimentos contínuos, que passa com o vento e revive nas ondas continuas do mar.

Através da história contada pelas *Velhas Mulheres* conhecemos um tempo de união, de luta, de resistência, características marcantes desse canto. Através dos ritos que promovem, com suas ações, com seu *canto,* as *Velhas Mulheres* movimentam a sociedade, a economia local, uma vez que cada festa que promovem é motivo para angariar recursos, ora para comunidade em sua organização social, ora para as ações da igreja.

O presente exercício de pesquisa e de escritura é nossa tentativa de *historicização* da vida e do *canto* das *Velhas Mulheres* de Diogo Lopes. É nossa tentativa de preservação de

uma consciência do esforço das mulheres, pois, o *canto* destas senhoras, como o canto de todas as outras mulheres, é sempre um ato em favor da vida (gestar, nutrir, manter).

O *canto* das *Velhas Mulheres* tem o poder de unir, encantar e propor a mudança. Portanto, para a tão necessária manutenção da vida, faz-se necessário também que preservemos as *Velhas Mulheres*, assim como devemos preservar as *Velhas Árvores*, as *Velhas Águas*, os *Velhos Ecossistema*s, os *velhos*... O novo é bom, mas nem sempre é melhor.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da História Oral**. 5ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2002.

BECKER, H. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. 2ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 9ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. 2ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOSI, Ecléa. **Velhos amigos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 3ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 9ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda, 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Jangada**: uma pesquisa etnográfica. Rio de Janeiro: MEC, 1954.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Meleagro**. 2ed. Rio de Janeiro: Edições Agir, 1978.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral**. 3ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

CHIZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

CLIFFORD, James. **A Experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

DA MATA, Roberto. **A casa & A rua:** espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 6ed.; Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DE FRANCE, Claudine. **Cinema e Antropologia** – técnicas rituais. Campinas: Unicamp, 1998.

DE FRANCE, Claudine (org.). **Do filme etnográfico à antropologia fílmica**. Campinas, UNICAMP, 2000.

DEMO, P. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 5ed. São Paulo: Atlas, 1986.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti; DA VIÁ, Sarah Chucid. **Pesquisa empírica em ciências humanas** (com ênfase em comunicação). São Paulo: Futura, 2001.

DIAS, Thelma Lúcia P. 2006. **Os peixes, a pesca e os pescadores da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Ponta do Tubarão** (Macau-Guamaré/RN), Brasil. Relatório Científico de Doutorado. PPGCB (Zoologia), João Pessoa, PB. 150p.

DIAS, Thelma L. P., Rosa, Ricardo S. & Damasceno, Luis C. P. 2006. **Aspectos socioeconômicos, percepção ambiental e perspectivas das mulheres marisqueiras da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Ponta do Tubarão** (Rio Grande do Norte), Brasil. Revista Biotemas (manuscrito submetido).

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 12ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A Microfísica do Poder.** Organização e Tradução Roberto Machado. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 19ed. Introdução de Francisco C. Weffort. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 38ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GREGOLIN, Maria do Rosário, **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: – diálogos e duelos**. São Paulo: Editora Claraluz, 2004.

JOHONSON, Allan G.. **Dicionário de Sociologia:** guia prático da linguagem sociológica. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LANNA, Marcos P. D. **A dívida divina**: troca e patronagem no Nordeste brasileiro. Coleção Momento. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

LEFÉVRE, Fernando; LEFÉVRE, Ana Maria Cavalcanti; TEIXEIRA, Jorge Juares Vieira (Org.). **O discurso do sujeito coletivo**: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul: EDUCS, 2000.

LEFÈVRE, Ana Maria; LEFÈVRE, Fernando. **O discurso do sujeito coletivo:** um novo enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos). Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

LEFÈVRE, Ana Maria; LEFÈVRE, Fernando. **Depoimentos e discursos:** uma proposta de análise em pesquisa social. Brasília: Líber Livro, 2005.

LOZANO, Jorge; PEÑA-MARÍN, Cristina; ABRIL, Gonzalo. **Analise do Discurso**: por uma semiótica da interação textual. São Paulo: Littera Mundi, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Visível e o Invisível**. Tradução: José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 20ed. Petrópolis: Vozes editora; 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHES, O. **Quantitativo-Qualitativo**: oposição ou complementaridade. Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro, v.9, n.3, (1983), pp.239-262.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 2ed. São Paulo: Hucitec/ Abrasco, 1993.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência contra idosos**: relevância para um velho problema. **Cad. Saúde Pública**., Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000300010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 Set 2006. doi: 10.1590/S0102-311X200300030001.

MOURA, Getúlio. **Um Rio Grande e Macau**: cronologia da história geral. Natal: Petrobrás, 2005.

NEUMANN, Erick. **A Grande Mãe** – um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente. 13ed. Tradução Fernando Pedroza de Mattos e Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: Cultrix, 1974.

PINHEIRO, Rosa. **Revista do IV Encontro Ecológico da RDSE - PONTA DO TUBARÃO Estadual – Ponta do Tubarão**. Ano II – Nº 1 – 1ª Edição – julho de 2004, p. 14.

REVISTA ELETRÔNICA dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 1 nº 1 (1), agosto-dezembro/2003, p. 149-168 . **www.emtese.ufsc.br.**

ROCHA, Ligia. **Plano de Manejo da RDS Estadual Ponta do Tubarão.** Fundep 2006

SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca dos. **Memória das Vozes** – Cantoria, romanceiro & cordel. Salvador: SCT – Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

SILVA, Luiz Ribeiro da. **Revista do IV Encontro Ecológico da RDSE - PONTA DO TUBARÃO Estadual – Ponta do Tubarão**. Ano II – Nº 1 – 1ª Edição – julho de 2004, p. 11.

SILVA, Luis Geraldo da (Org). **Os pescadores na história do Brasil**. COMISSÃO PASTORAL DA PESCA. V.1. Colônia e Império. Recife: Editora Vozes, 1988.

SOUTO, Michael V. S. **Utilização de Técnicas de geoprocessamento e SIG para o estudo da evolução costeira na Ponta do Tubarão-Macau/RN**. (Dissertação de Mestrado) Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Programa de Pós-Graduação em em Geodinâmica e Geofísica / Agencia Nacional do Petróleo. Orientador: Venerando Eustaquio Amaro, 2004.

SOUZA, Irismar, ANJOS, Sirley. **História da criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual Ponta do Tubarão: uma lição de cidadania -** Universidade Potiguar-UnP. 2006

VANICE, Sargentini, BARBOSA, Pedro Navarro (Org). **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade.** São Paulo: Claraluz, 2004.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Lendas dos Orixás**. Salvador: Corrupio, 1981.

APÊNDICES

APÊNDICE A **TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS**

ENTREVISTA 1

MULHER - 1
(62 anos)
Duração: 17min 16seg.

QUESTÕES

1. A maneira de viver da pesca, dos dias de hoje, é igual à maneira de pescar do seu tempo de menina, o que mudou nestes anos?

OBJETIVO: Saber como o tempo passou na vida das senhoras entrevistadas, em relação à ação do trabalho pesqueiro e das formas de convívio com o mar e o meio ambiente.

Mulher 1 – Não acho que... algumas coisas mudaram, porque no tempo de eu criança é... as coisas eram mais difíceis. Num era pescaria... eu acho que não tinha as oportunidades que tem hoje de hoje é barco a motor, na minha época de criança era barco à vela, certo? E era mais sofredor, o pessoal já sofria mais. Só esperava mesmo que o vento, certo, até chegar em terra mesmo, lá no porto. Hoje não porque hoje é barco a motor, ajuda muito, né? É muito diferente. *[A pesquisadora pede pra falar como era antigamente, como ela se lembra]*. Na época que a gente ia pra costa, era assim no início de dia assim e maio junho, a gente ia, passava assim, só voltava no início de agosto, setembro que a gente trabalhava muitos meses e a gente tinha que retornar pra cá. Mas era a mesma pescaria era avoador, era agulha. Pescaria de agulha também, né? Aí meu pai, nesse tempo, possuía quatro barcos, pescar, mas só pescava avoador, né? E meu, meus irmãos todos dois também foram pescador um Jesus já levou, o outro é Luiz Gaspar continua na mesma luta ta já de idade mas, continua ainda pescador né? E era assim, era um mês difícil. As coisas assim, a gente ia embora pra lá, passava esses meses todos, e passava lá, era... escola não tinha por lá, só se encontrasse uma pessoa assim que tivesse lá e que soubesse mais ler que aí a gente ficava assim tendo aquela escola particular aqueles meses que passava por lá. E a gente tudo também ajudava no trato do peixe. Não era só, só a minha família, né? Era várias famílias que iam pra lá. Passava aqueles meses porque tinha dificuldade, a barra era longe, aí tinha dificuldade de os barcos chegar aqui. Às vezes até o peixe não chegava bem sadio, né? Não chegava bem bom, aí a gente tinha que ir pra lá por causo disso e era assim uma vida meio difícil, mas a gente tinha que, o pai e tudo ia pra lá pra botar os filhos em movimento que a barra ficava muito longe e os barcos chegarem na hora certa com a pescaria, pra aquele peixe que pescava. E aí a gente tinha que passar esses dias. Mas no final de semana, vinha fazer a feira, como a gente diz, né? Vinha fazer as compras aqui em Diogo Lopes. A água, era quase um dia outro não que a gente vinha pra pegar água também, porque a água de lá, tinha água mas a gente fazia aquelas cacimbinha assim que a gente chama no terreno lá na ilha, mas a água era salgada. Num era boa não. Aí tinha que vir pegar água aqui em Diogo Lopes, ou ali na Ponta da Pedra, pra gente beber e também pra barco, né? E era isso mesmo, era uma vida difícil, mas a gente tinha que enfrentar. E hoje a gente ainda conta as mesmas histórias que era tudo, e quando acontecia de uma pessoa ficar doente, tem que dar um jeito logo de vir aqui a Diogo Lopes, pra procurar, conseguir alguma assistência, porque lá ninguém tinha a quem se valer, só a Deus mesmo, né? Aí tinha que vir pra cá, e quando mulher era pra ganhar bebê era do mesmo jeito, tinha que vir logo pra cá porque aqui era que podia dar um jeito, e era assim. E hoje as coisas está muito diferente, porque não precisou mais ninguém, depois que barra, a barra já abriu aqui muito em cima, não precisou mais dessa dificuldade de ir pra lá, e aí foi todo mundo deixou de ir, e aí ficou todo mundo aqui mesmo, não precisou ficar mais lá atrás por causa do movimento de pesca, né? E aí, né? Também foi descobrindo o negócio da pesca da lagosta, que anda por aqui e as coisas foi melhorando um pouco porque ainda nessa época a gente só esperava o peixe mesmo era só voador e agulha, como já falei, né? E depois que a pesca da lagosta foi descoberta aí melhorou um pouco, melhorou muito porque logo no início morreu muita lagosta. Aí muitas pessoas tinham barco a motor pra essa pescaria, e aí realmente nesse tempo que a pesca da lagosta foi descoberta, evoluiu muito Diogo Lopes também, se desenvolveu melhor, e taí ainda pra agora. Muitos melhoram mais do que o que era no início de quando eu era criança. E épocas depois, aí meu pai morreu, aí foi botar em navegação, só meu irmão que ficou com um barco, né? e já era pescador. O outro gostava de pescar, mas não gostava muito não. A pescaria dele era mais aqui pelo rio, né? De pescaria assim. E foi o tempo que eu casei, também meu esposo era embarcado, trabalhava embarcado. Mas aí depois desembarcou e foi lutar com navegação também, aí passei dezesseis anos de casada, não, quinze, dezessete anos casada. Aí foi o tempo que ele morreu, mas graças a Deus que ainda tem os barcos tem 4 barcos a motor, né? E depois que ele morreu, né? aí fiquei muito sem saber o que é que se

pesca, que quando a gente perde assim, a pessoa assim, fica sem saber muito o que é que passa, né? Tirando lutar com esse negócio de navegação, com várias pessoas, porque quatro navegação é dezesseis pessoas pra lutar, né? Aí a lagosta foi ficando ruim, diminuindo, né? E eu cheguei e comecei a vender. Vendi aí tinha que fazer um inventário porque tinha outros filhos sem ser meus, né? Aí tive que fazer o inventário, pra fazer a parte deles, ai eu vendi tudo e eu dei a sua parte, eu fiz o inventário e dei aparte de todo mundo. Dei a parte de todos os filhos. E é assim, o negócio de pescaria...

2. A senhora gosta de participar da vida de sua comunidade?

OBJETIVO: Saber os níveis de participação das velhas senhoras na vida de sua comunidade.

M 1 – O que eu gosto de participar é somente da Igreja. Eu gosto muito de participar, quando eu vou, se não puder ir não tem perigo. É tanto que acontece muitas coisas aí, de brincadeiras, uma coisa e outra, e as meninas "Mamãe, vamos" e eu não saio de jeito nenhum. Eu não gosto não.

3. Em que momento, e como, a senhora dá a sua opinião sobre os problemas da comunidade?

OBJETIVO: Conhecer as formas de apresentação do discurso oral das velhas mulheres.

M 1 – Não, eu não gosto muito de opinar nessas coisas não.

4. Como é que a senhora faz para que as pessoas da comunidade aceitem a sua opinião sobre coisas da vida?

OBJETIVO: Saber se a opinião das velhas mulheres é aceita na comunidade e como elas reagem socialmente aos problemas e às inter-relações socioculturais.

M 1 – Não, que eu não gosto muito, minha filha, de falar pra que chegue até alguém a opinião. Eu vivo na minha [risos].

5. Os mais jovens da comunidade aprendem as coisas que a senhora sabe e conta para eles?

OBJETIVO: Saber se, e como, o discurso oral das velhas senhoras fomenta a transmissão de seus saberes para a comunidade em que vivem.

M 1 – Sim, às vezes alguns vêm por aqui "D. Mirian!", quando param pra conversinha, aí não. Aí eu digo, "Olhe, eu não eu não gosto muito de... Eu sou uma pessoa que não gosto muito de conversar, num tenho jeito assim de conversar. – Não, mulher! – Não, mas eu num gosto não". Aí eu digo que não gosto não. Eu não sei como eu to falando agora pra você [risos]!

6. A senhora acha que a criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável esta trazendo algum benefícios para a comunidade e para o meio ambiente?

OBJETIVO: Saber quais são os graus de consciência que as velhas senhoras possuem acerca da problemática ambiental e das atitudes de criação da RDS.

M 1 – Eu acho que sim. Eu não sei nem falar a respeito disso porque eu fico assim tão as vezes eu reclamo com as meninas porque luta tanto é uma coisa e outra que trabalham tanto, e é tanta reunião, e é tanta coisa, mas aí às vezes alguém fala que não é de acordo, que não gosta dessas coisas, e aí eu que me sinto, porque elas se envolve sempre as pessoas, aí eu não sei nem dizer. Mas eu acho que é tem tido assim, alguma coisa boa, né, tem acontecido e conseguido, né? Eu tenho muita fé, quem sabe se não vai continuar outra coisa pra melhorar para nossa comunidade. A gente quer é que melhore, que mude pra melhor. Quem sabe?

[A pesquisadora pergunta se a entrevistada quer acrescentar alguma coisa].

M 1 – Eu sempre ponho elas pra trabalharem aqui. Eu praticamente é quem crio as minhas netas, né? Eu posso dizer, porque elas trabalham em Macau. Vão todo dia. Não têm com quem deixar. Eu quem fico, desde a primeira de Arlete, até... agora ainda continuo. Eu posso dizer que eu quem crio. Quando elas chegam é assim, é à tarde e não vão trabalhar. E Arlete trabalha aí no colégio também aqui. De manhã é em Macau. E à tarde é aqui. Agora é que ela ta lá. Tava de licença e agora é que vai retornar. Luiza também, ela trabalha em Macau vai todo dia e eu quem fico com as meninas. E elas vão. Tem uma viagem pra qualquer canto se não dá pra levar as crianças, eu fico. E quando eu vejo o movimento aqui de comunidade que ta acontecendo aqui em Diogo Lopes, elas saem *praqui pracolá*, mas saem despreocupadas porque sabe que eu to com as crianças *[Risos]*. Porque logo eu mesma não participo dos Encontros das reuniões. Aí eu não sei falar. Quando a pessoa ta ali participando ainda sabe falar alguma coisa, mas quando não participando fica difícil... *[Fim da entrevista]*.

ENTREVISTA 2

Mulher - 2
(56 anos)
Duração: 21min 26seg.

QUESTÕES

1. A maneira de viver da pesca, dos dias de hoje, é igual à maneira de pescar do seu tempo de menina, o que mudou nestes anos?

OBJETIVO: Saber como o tempo passou na vida das senhoras entrevistadas, em relação à ação do trabalho pesqueiro e das formas de convívio com o mar e o meio ambiente.

M 2 – Ah, mudou muita coisa. Sabe por quê? Porque na época que eu cheguei aqui em Diogo Lopes, as coisas era mais difícil, mas era mais, entende? Era difícil, como? No movimento de pegar em dinheiro, mas a fartura era mais. Tudo era mais. O povo era inocente pela uma parte, né? Tinha como conversar com você, você sair na rua, você ficar no armazém conversando com um senhor de idade, não tinha nada de imoralidade, e era um grande respeito, e parecia até que as pessoas se sentia bem quando chegava uma pessoa pra perguntar uma coisa sobre pescaria. E hoje não, hoje ta tudo poluído, as coisas tão diferente. No saber, cresceu muito, né? Naquela época, atual, atrasada, era o povo que não sabiam muito ler, mais tinha muita inteligência. Às vezes as pessoas que não sabem ler, tem cabeça por dez que são formada. Não é verdade? Então, as pescaria era assim brutal, assim, entende? Assim… o pescador ia pra o mar com rapadura e farinha e água. Não tinha esse alimento certo. Eles passavam quatro, cinco, seis, dias no mar só com isso. É.. faziam, né? levavam às vezes rapadura, fazia assim aquela garapa pra tomar. A alimentação era muito diferente. Eles iam pescar, pescavam muito peixe, traziam muito voador, dourado. Era uma coisa fabulosa, né? Mas o passado deles era muito estranho, eles eram quem passavam muita dificuldade. Mas, mesmo assim, eles enfrentavam com aquele, com aquela garra que fazia gosto, deles ir trabalhar, né? Chegavam hoje, pegavam vinte milheiro, quinze, trinta. Eu acho que eu cansei de ver, mais de uma vez, os barco lá em Luiz Gaspar, lá cima, né? que lá onde eu morava até de quarenta milheiro de voador, os barcos conseguia trazer. Aí jogavam as pedras fora e traziam, né? Mas hoje, as coisa foram mais ficando melhor numa forma e fracassando em outra, né? Porque aí entrou muita coisa, os jovens, a juventude tomou conta, aí vem essas loucura toda, aí os pobre dos velhos foram ficando pra trás, né? Foram parando a pesca e foi… ficando diferente, foi trocando de rancho, foi trocando de comida, trocando de pescaria e aí por diante. Muita coisa mudou, muita, muita. A gente passava naqueles armazéns tava aquela ruma de mulher pisando sal, tinha outras tratando peixe, né? Era outra estendendo. Era as mulher, o trabalho braçal das mulher… que conseguia mais aqui era as mulher que trabalhava, não era só os homens. Os homens iam pescar, mas a mulher é que dava o jeito. Né? E o tempo que moía o sal naquele moinho, né? naquela roladeira, elas trabalhavam, tratavam o peixe, botava pra secar. Quando era à tarde elas voltavam pro armazém pra moer aquele sal e apanhar aquele peixe e a vida continuava desse mesmo jeito. As mulheres daqui iam pro mato buscar lenha, feixe de lenha na cabeça. Era umas guerreira, como ainda hoje são. E a senhora sabe, o que as mulheres de Diogo Lopes quer, elas vão enfrente. Não entende se é com homem, se é com mulher, o que elas vão disputar, não. Elas vão em frente e conseguem. E aqui, há muito tempo, toda vida aqui teve muita mulher guerreira, desde os tempo velho e agora no inicio é que tem mesmo. Vão pra batalha, enfrenta. Quem é que você vê? Um homem querendo fazer faculdade, né? aqui em Diogo Lopes tem poucos. Mas as mulher com aquela garra vão em frente, com sofrimento de pai e mãe. Pai trabalhando, mãe trabalhando e vão conseguir o até o objetivo que elas querem. Pelo menos eu cheguei aqui com dezenove anos de idade. Vim d'uma praia, de Canoa Quebrada, uma praia também muito sofrida, né? no inicio, porque era sofrida Canoa Quebrada, era horrível. É, fazia pena você chega naquela praia, naquelas casas, aquele povo humilde, aquelas casas tudo de alpendre, aquelas mulher trabalhando. Você fazia pena. Que lá, nessa época, não tinha desenvolvimento de nada em nada. Depois foi que começou a chegar um, uma pessoa nativa de Fortaleza, trazendo um casal de americano, e daí foi continuando o sucesso, né? Então eu cheguei aqui em Diogo Lopes, vim morar com meu irmão. Meu irmão casou, vim morar com meu irmão e depois eu conheci um rapaz. Aí então a gente veio se conhecer bem direitinho, e a gente casou e aqui eu estou. Com minha luta e a luta dele, do meu esposo, criemos nossos filhos. Hoje tenho muito orgulho de ver. Tenho cinco filhos, graças a Deus, todos sabem ler. Duas formada, graças a Deus. Todas duas são professoras, uma terminou faculdade e já vai terminar a outra etapa, né? porque e primeira é que vence, né? Depois vem às outras. E a outra ta terminando agora, a Marli, graças a Deus. Tenho muito orgulho disso. E esse esforço que a gente tivemos de trazer nossos filhos até onde eles estão, foi com o esforço meu, primeiramente Deus, meu e de meu marido. Meu marido ia pescar e eu trabalhava, fazia labirinto, não tenho vergonha de dizer, cheguei até a lavar roupa pra fora, pra famílias. Trabalhei muito pra Padre Murilo, lavando a roupa dele, ia pra lá fazer faxina e tudinho, mas com orgulho, porque era pra ajudar a minha família. E aqui eu estou, graças a Deus. Graças a Deus.

2. A senhora gosta de participar da vida de sua comunidade?

OBJETIVO: Saber os níveis de participação das velhas senhoras na vida de sua comunidade.

M 2 – Eu gosto de ajudar o próximo. Gosto muito de ajudar as pessoas carentes, mais do que eu, que ta precisando de ajuda. Gosto muito. Gosto muito de acolher uma pessoa que ta precisando, e gosto também de cuidar muito de gente idoso. Assim, quando eu vejo uma pessoa idoso, sem carinho, parece que ta com um pouco de mim. Se eu pudesse botar no colo e dar o que tava precisando, eu dava. Mas da minha maneira ajudo. Como posso. Por exemplo, também como a Igreja, gosto muito de ir pra Igreja, de ajudar. Não é porque sou carola, sabe? e ta as quatro horas, vinte e quatro horas com o terço na mão, não. É por que é de mim mesmo, e do meu pai e da manha mãe, que mim ensinaram a rezar. Principalmente meu pai, né? Meu pai era religioso, gostava de rezar o terço e nós era assim, parece, assim, uma historia: cinco filhas. Todos os dias ele fazia cada um da gente rezar um mistério. E assim essa tradição eu passei pra minha família e todos meus filhos sabem rezar, graças a Deus. Graças a Deus.

3. Em que momento, e como, a senhora dá a sua opinião sobre os problemas da comunidade?

OBJETIVO: Conhecer as formas de apresentação do discurso oral das velhas mulheres.

M 2 – Eu dou opinião assim, porque eu acho que as pessoas que são envolvidas – porque hoje tudo tem política, né? tudo que se faça na vida é com política no meio – eles podiam olhar com mais atenção a comunidade de Diogo Lopes, porque tem coisa que ta precisando, né? Não vai dizer assim, que a prefeitura tem emprego para todos, que a gente sabe que não tem, né? Mas deveria dar mais atenção às coisas que a gente mais precisa. Por exemplo: aqui em Diogo Lopes nós não temos uma parteira "deplomada". A gente não tem, e precisa. Muito. Agora, esses dois, de ano passado para cá, é que nós temos um médico aí, de plantão, um dentista pra atender. Mas antes não tinha, né? Mas nós 'tamos precisando de uma parteira, que às vezes tem uma pessoa pra ganhar neném, às vezes não, quase todo dia tem, mas tem que ir rapidamente pra Macau. Já tem acontecido de ganhar neném dentro dos carros. Nós não temos hospital ali, um mini hospital que tem um espaço? Pois então deveria ter isso pra ajudar, não é? Você não acha que é certo? Então é isso aí.

4. Como é que a senhora faz para que as pessoas da comunidade aceitem a sua opinião sobre coisas da vida?

OBJETIVO: Saber se a opinião das velhas mulheres é aceita na comunidade e como elas reagem socialmente aos problemas e às inter-relações socioculturais.

M 2 – Às vezes eu converso com alguém, mas também eu não sou muito de passar a minha vida para outra pessoa assim, porque eu não confio, sabe? Porque é muito duro você fazer confidência a uma pessoa, e depois você saber que aquilo que você conversou com tanto carinho, com tanta fé, outra pessoa já está sabendo. Não é horrível? Pois é. Eu gosto mais de falar sozinha. *[A pesquisadora pede que a entrevistada dê sua opinião sobre as "coisas da vida"]*. Eu já tenho falado várias vezes isso, já até em reunião tenho, tenho falado, que nem outro dia eu disse que precisava que, aqui em Diogo Lopes, precisa urgentemente é, um armazém grande assim, com dez metros assim, mais ou menos, pra os trabalhadores ter um canto pra onde... por exemplo eu tenho um barco de pesca, eu tenho uma rede pra consertar, aí eu não tenho um canto certo pra ficar. Porque eu não tenho um armazém, e não poderia também fazer um bocado de armazém na praia só pra isso, né? Mas deveria ter um canto certo, pra onde os pescador pudesse se reunir, independente da colônia. Porque a colônia já passa pra outra, outro progresso, né? que tem computador e essas coisas toda. Mas eu falo assim, um canto pra eles ficarem à vontade, remendar as redes deles, botar as conversas deles em dia. Porque eles ficam nas portas, nas calçadas conversando. E se desse um cantinho pra eles trabalhar? Todos se reunia, não era tão bonito e gostoso? Eu acho essa opinião, eu tenho essa opinião assim. E se eu pudesse mudar o mundo, eu pedia isso aos governantes, que fizessem isso pra eles.

5. Os mais jovens da comunidade aprendem as coisas que a senhora sabe e conta para eles?

OBJETIVO: Saber se, e como, o discurso oral das velhas senhoras fomenta a transmissão de seus saberes para a comunidade em que vivem.

M 2 – Aprendem. Eu tenho passado lições pra eles e, às vezes, eu tenho inclusive, eu tenho dois rapazes que outro dia ele… encontrou comigo aí ele disse "ah, Dona Marluce, eu agora to lembrando que eu usava um negócio que não podia ser e a senhora me tirou dessa vida, né?". Porque eu disse pra ele, que ele, encontrei com ele, ele tava sentado na calçada da Igreja ali, ainda não tinha o gradeado, né? eu passei em pé, assim, eu disse "ah, não…" eu porque aqui em Diogo Lopes, eu não tenho diferença. Eu falo com todos, pode ser a parte baixa, pode ser a parte alta, né? Porque tem pessoas que escolhem as pessoas pra conversar, né? E eu não, quando eu passo, eu falo "Fulano! Que tinha aí?". Aí me chamam de tia, e "Dona Marluce! Olha aí a rainha!",

não sei o quê. Cada uma tem um negócio pra contar, né? E eu disse a ele "rapaz, olhe, você ta dormindo! Acorde pra vida! Você é novo, tem muita coisa pra enfrentar, tanta coisa boa pra você aprender. Droga não é a vida. Droga acaba com a vida". Aí ele disse que saiu, foi pra casa, e depois meditou. Quando passou tudo, mas ele disse que não saiu mais nunca a história de eu dizer que 'droga não era a vida, acabava com a vida'. E ele disse "hoje eu sou um homem e agradeço, primeiramente a Deus, e o conselho que a senhora me deu". Eu disse "ta bom! Passe pra os outro, passe pra os outros, que é bom", né? Né porque a pessoa na família tem uma pessoa que ta precise de ajuda, que a gente vai falando, vai aconselhando, vai dando uma opinião, e às vezes as pessoas acham que a gente ta querendo se meter na vida. Às vezes se eu ta, a gente ta num canto, e conversa sobre um assunto que não diz respeito a gente, acha que é porque a gente é adiantado, quer se envolver, né? "Olha pra sua família, sua família tem problema, você não olha". Mais vezes a gente da um alô até pra alertar dum perigo maior. Não é assim?

6. A senhora acha que a criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável esta trazendo algum benefícios para a comunidade e para o meio ambiente?

OBJETIVO: Saber quais são os graus de consciência que as velhas senhoras possuem acerca da problemática ambiental e das atitudes de criação da RDS.

M 2 – Trouxe, trouxe. Sabe porque que trouxe? Agora porque o povo ainda não acordaram que a Reserva é isso, sabe? Eles tomam pra o outro lado. Algumas pessoas, que não participam de reunião, não foram à luta que nem a gente foi, porque a gente enfrentou uma batalha, agente foi pra guerra, porque enfrentar, no meio de um bocado de homem, tudo armado de foice, cada foice que fazia gosto, enxada e tudo, e a gente dentro de um mangue, só com a fé de Deus, sem nem uma arma, a gente foi a uma guerra e fomos vencedora. Porque, com aquele jeito que eles tavam ali, se eles se revoltassem matava um por um. Porque a gente tinha de arma só mente a palavra de Deus. Nós não tinha nada na mão. A gente foi pra conversar, e um ainda se virou e ainda disse assim: "é, se vier aqui, da pra gente resolver", um ainda falou pra os outros, né? Quer dizer, se a gente fosse pra braçal, ia só morrer, né? Por isso eu acho que a Reserva trouxe uma coisa boa. Outra coisa, por que a reserva trouxe uma coisa boa? Porque tavam querendo tomar frente ali da praia, né? As pessoas encostando as casas pra beira do rio, tirando a beleza da, da cidade, né? Porque, além de nós termos só o rio, nós não termos mar aberto, ir encostando as casas pra beira do rio, ia ficar como, né? Eu acho que trouxe. Principalmente nessa batalha que a gente foi, que foi muito "ferverosa". Foi uma batalha muito grande, e a gente ainda esta aqui, tudo com os braços erguidos pra enfrentar novamente tudo se fosse preciso. Foi uma coisa muito boa dentro de Diogo Lopes. E além disso, Diogo Lopes é um lugar assim quieto, mas são um povo assim, de união. Quando eles entende que é união, eles se juntam mesmo e vão à luta e conseguem o que eles querem, né? *[A pesquisadora pergunta se a entrevistada quer falar mais alguma coisa]*. Eu também acho assim, sabe? Eu agradeço muito Deus, e a vocês mesmos, que, como se diz, coincidiram de vir aqui em Diogo Lopes a, Diogo Lopes a passeio e se tornaram quase uns nativo, né? Você, Mirian, né? E outros, outros mais que eu não gravo o nome só quando… Marluce… quando to perto que eu lembro o nome depois, porque a gente também é falha, né? Aí entrar nessa batalha com a gente, foi uma coisa muito boa, muito bonita. Ainda hoje continua trabalho, né? Muito progresso, e daqui pra frente, quanto desenvolve o trabalho, mais chama atenção, mais o povo gosta, mais o povo quer e isso é que é importante. E quem sabe, se amanhã, Diogo Lopes é um lugar de gente pobre, mais humilde, quem sabe se não pode chegar um pessoa de fora, se juntar a três, quatro família e levantar um prédio "esse prédio aqui a gente vai vender quentinha, né? A gente vai vender, nesse prédio, uma merenda. A gente vai vender, aqui nesse prédio, é, doce. Vamos fazer doce pra vender, né?". Quem sabe se não pode vir uma pessoa dessas? Porque a comunidade de Diogo Lopes é uma comunidade pobre e cada um trabalha para a sua sobrevivência, não tem como dispor de dez mil, vinte mil pra gastar em um prédio, né? A senhora sabe disso, que a senhora ta conhecendo o sofrimento aqui da praia de Diogo Lopes, né isso? Seria muito bom, se alguém viesse, encostasse, tivesse garra e pudesse ajudar a comunidade, né? Isso que eu digo, ajudar a comunidade. Não é também uma coisa que eu ache falha. Porque chega uma pessoa, vai fazer um prédio em Diogo Lopes. Aí, então, o engenheiro tem que vir de fora, o mestre tem que vir de fora, porque aqui tem mestre, mas não dão muito valor, né? Mas eu acho que as outras pessoas poderia ser de Diogo Lopes, porque aqui tem tanto rapaz que sabe trabalhar, tem coragem. Poderia ser de Diogo Lopes. Não trazer já uma empresa toda completa de fora. Quando vem assim, de Diogo Lopes, chama uma pessoa, duas. E o resto? Que poderia imaginar assim: que quem vem de fora, vem com toda a despesa, e se você vem de fora trazendo quatro pessoa, chamando oito de Diogo Lopes, você vai gastar menos. Por que de Diogo Lopes? Como? Porque todos moram em Diogo Lopes. Trabalhou o dia? De tarde vai todo mundo para as suas casas. Trabalhou, chegou a hora de almoço? Vem para as suas casas almoçar. Então esse dinheiro já serveria para ajudar outros que estão precisando, não é isso? Pois é. Eu acho isso aqui. Eu penso de mim. Não sei os outros. Também eu tenho muita vontade assim,

sabe como? de participar das coisas pra ficar sabendo. Eu não sou formada, eu não tive esse privilégio de ser formada porque fui criada, na época que eu morei em Canoa Quebrada, era as coisas muito difícil. E meu pai era mais doente e minha mãe era a rainha domes…doméstica, né? Ela trabalhava muito pra criar meus sete irmãos, né? Dois foi embora, ficou cinco. Meu pai doente, num lugar que não tem emprego, é difícil, não é não? É difícil. Muito difícil, e eu queria tanto que ninguém nunca passase o que foi o início de Diogo Lopes, de sofrimento, não voltasse mais nunca. O que foi início de Canoa Quebrada também não vai voltar mais, porque cresceu demais, né? Hoje ta tudo mudado, todo mundo hoje em dia é *socialite,* não sabe mais do que é farinha com feijão, né? café com pão, um pedacinho de pão pra alimentar os outros, né? A vida não foi fácil, não. Foi de muita luta. Pelo menos pra mim, foi de muita luta. Mas tudo que eu enfrentei, agradeço a Deus, primeiramente, agradeço muito a Deus por estar aqui presente e poder conversar com alguém. Às vezes eu vou pra reunião, quando eu chego lá, as meninas dizem "eita! Chegou ela!". Quando chego bulo com uma, mexo com uma, mexo com outra, aí as meninas dizem isso assim-assim, "vamos fazer isso", eu digo "não, mulher! Vamos fazer assim, vamos dançar o coco, vamos dançar um pastoril, um negócio mais, mais alegre ta tudo morto. Cadê a caipirinha, Comadre Lelé, cadê?". Comadre Lelé diz "ela chegou. Pronto. Quando ela chega, aí, sabe, né?". Que eu chego, tudo calado, chegou Marluce, pronto aí, porque eu falo muito, né? (risos) Assim é bom, que eu me divirto com as outras. Aqui não tem filme, nem onde… uma churrascaria, uma coisa aonde a pessoa possa ficar à vontade, mas a gente tem uma casinha que se reúne dez, doze. Ali conversa uma besteira, às vezes ta até nervosa, né? às vezes tem um problema horrível em casa e quando chega naquela hora, passa quatro horas, duas horas, mas já vai saindo maneira, né? "Ai, como eu aliviei um pouco. Quando eu vou pra casa já vou pensando que vou enfrentar outra batalha, pelo menos essa hora valeu, né?". É muito bom. E também agradeço a você por você ter me escolhido. Desejo que a professora aceite de bom grado o que eu disse aqui, e peço também à senhora e à sua professora que desculpe alguma que palavra não foi dita corretamente por que é de uma pessoa que não tem nenhuma formatura, só a de Deus. *[Risos]*. *[Fim da entrevista]*.

MULHER 3
(71 anos)
Duração: 21min 30seg.

QUESTÕES

1. A maneira de viver da pesca, dos dias de hoje, é igual à maneira de pescar do seu tempo de menina, o que mudou nestes anos?

OBJETIVO: Saber como o tempo passou na vida das senhoras entrevistadas, em relação à ação do trabalho pesqueiro e das formas de convívio com o mar e o meio ambiente.

M 3 – É não. *[A pesquisadora pergunta como era no seu tempo de menina]* Na minha época *[Pigarreia]*, na minha época de, de criança, né? Era mais diferente, porque, hoje, a pesca é mais evoluída. O pessoal só quer ir pescar se for uma cabaça de, só de, de comida fina. Antigamente não. O meu pai saia de casa só uma trisca de farinha na cabaça, uma rapadura, uma banana, uma bolacha. Somente. Aí eles passavam na dois, três dias lá fora. Hoje não, eles vão pescar, levam uma cabaça, caríssima, vão pa, pagar óleo, se ganhar, pegar peixe, né? É, vai pagar cabaça, pagar óleo, e pagar gelo. E se fizer alguma coisa pra tirar algum saldo, tira. Se não fizer num traz saldo de nada pra casa. Fica só pro dono do bote e o rancheiro. E antigamente não era assim. Era do jeito que eu to dizendo. Não tinha despesa, essas despesas que tem hoje. Meu pai ele, ele era pescador e na mesma hora, no mesmo tempo ele era marítimo. Ele trabalhava na costa, fazia viagem pra, pra o norte. Carregava frete. Na época da gente aqui não tinha carro, né? Aí só transportava em barco. Aí eles saia viajando. Passava quinze dias, vinte dias fora. Se o vento desse pra chegar antes dos vinte dias ou quinze, eles chegavam. Se num desse, eles chegava com mais dias. Porque vai pelo vento, pra trazer o barco a vela pra cá. Nessa época não tinha motorizado. Hoje tem mais motorizado, a vida é mais facilitada pra o pescador. Aí ele começou a pescar, né? Deixou a vida marítima e foi pescar, sendo mesmo marítimo, mas não era mais, que trabalhava na costa, ia pescar. Mas pra nós a vida num era como hoje não. Nós tinha mais facilidade. *[A pesquisadora pergunta se hoje tem mais facilidade do que antes]* Antes. Era porque o preço do peixe tinha muito comprador. Eles não era, eles não era de fora, assim. Eles vem de carro, eles vinham de, de, eles vinham a cavalo. Comprar os peixes da gente, eles vinham a cavalo. E eu comecei a trabalhar, depois comecei a me formar, de meus dez anos em diante eu comecei a tratar peixe. Saía daqui pra costa, do outro lado, e passava três meses era, era a safra do peixe. E tratava peixe, pilava sal. Aí passava o, a semana, aí na sexta feira quando a gente achava que não tinha mais peixe pra tratar aí nós vinha pra cá. Aí na segunda feira pela

manhã, a gente já tava retornando de novo pra, pra costa. Mas hoje acho que tem a costa só pra dizer que tem a costa. Porque o vento acabou, o mar acabou com os ranchos. Porque lá na costa era como uma cidade. Era trinta, quarenta rancho. Aí se tinha violeiro, tinha pastoril, tinha coco de roda, tinha tudo na costa pr'a gente. Mas hoje acabou-se, num tem mais. Por isso que eu digo "Antes era melhor do que hoje". Mas também vai tudo com o tempo, que a gente só tem tudo quando Deus quer. Quando o povo diz que quando os homens quer mandar mais do que os deus, eles, eles muda os tempos, né? É. Aí pronto. Aí eu comecei a trabalhar. Com nove anos de idade minha mãe já ensinou a costurar, aí eu comecei a costurar. E pra mim ir pra aula, fui pra aula mas não pra aprender, só pra tirar meu certificado. Ainda ensinei a professora a cortar calça de homem, que quando eu fui pra aula, minha mãe já tinha me ensinado a cortar calça de homem e costurar, e eu ainda ensinei a professora. Ela era minha professora e eu era professora dela. Aí daí continuei a vida. Aí pra cá comecei a trabalhar até hoje. To com setenta e um anos, completei agora dia nove. To levando minha vida. Com, acho que tinha uns quarenta e poucos anos comecei a trabalhar de parteira curiosa. Comecei a trabalhar. Nunca tive uma oportunidade de eu ir um, a uma maternidade, a um hospital fazer um curso. Só o dom que Deus me deu. Teve a enchente de oitenta e cinco. Era um sufoco aqui que não tinha com o que a gente prestar socorro de uns aos outros, porque não tinha como carro passar. Aí era eu que dava assistência às mulheres grávidas daqui. Aí continuei a vida. E depois fui, de oitenta e cinco pra cá eu, foi que eu, me deram um emprego. Eu trabalhei cinco anos no Colégio José Ribeiro da Costa, eu trabalhei de ASG, e, e os outros quatros anos eu trabalhei no posto de saúde. Aí fui na época de Afonso Lemos, e aí ele e João Oliveira me deram a chance de ir pro posto de saúde. Aí trabalhava pela pelo dia pela manhã e trabalhava pela noite. Aí continuei a vida. Aí com nove anos que eu tava trabalhando na prefeitura eu me aposentei. Aí não quis mais saber de trabalho na prefeitura. Fiquei só em casa, trabalhando de doméstica. Ainda passei uns seis meses em Natal. Trabalhei de, de doméstica lá, com um pessoal de São Salvador. Queriam me levar pra lá e eu num quis. Logo eu tinha um marido, tinha filho e um neto. Aí eu num ia deixar abandonado. Aí voltei pra cá, e aqui eu to. Trabalhando com os artesanatos. Aí [aponta]. Tem artesanato aí [aponta], tem aí [aponta]. Taí um, "ói' *[Aponta]*, nas suas costas. Aí eu costuro, eu bordo, eu pinto. Faço macramé, faço tapeçaria. Eu faço ponto cruz, ponto na mão e ponto cheio. Trabalho em camiseta com a Simone. Trabalho camiseta com ela. Às vezes ela vem muito aperreada aí, pra mim costurar, ela manda me chamar, eu vou. Se ela pedir quinze camisetas, eu entrego aquelas quinze camisetas que ela pediu pra mim fazer, eu faço. Pronta, ela faz só mandar pintar. Aí continuei a vida, e aqui eu estou. Salva, viva e sã *[Sorri]*.

2. A senhora gosta de participar da vida de sua comunidade?

OBJETIVO: Saber os níveis de participação das velhas senhoras na vida de sua comunidade.

M – 3 De ajudar. Eu ajudo tudo o que for possível, o que vier pra mim ajudar, na minha frente, eu topo tudo. Eu faço tudo pela comunidade. Pode ser católica, eu já fui católica, pode ser católica, pode ser evangélica, pode ser o que for, eu to pronta pra ajudar a qualquer hora. Eu num, num, num tenho distância em nenhum, um tipo de ajuda. È só pra ajudar.

3. Em que momento, e como, a senhora dá a sua opinião sobre os problemas da comunidade?

OBJETIVO: Conhecer as formas de apresentação do discurso oral das velhas mulheres.

M 3 – Às vezes o problema da comunidade é, às vezes é mais falta de emprego. Que tem muitos jovens desempregados, terminou os estudos e fica parado sem ter um emprego, né? pra ganhar qualquer... uma ajuda pra ajudar em casa, aqui não tem. Se não sair pra fora pra arrumar um, um trabalho fora, aqui não tem. E só tem aqui pra quem é formado, e nem todos que são formados que não encontram o trabalho. Que tem trabalho, mas pobre num são formados não tem condições de chegar até lá. E hoje pra pessoa arrumar um emprego é preciso é ter um pistolão lá dentro. Se não for, acho que num consegue não. Mas ajudo. Qualquer coisa que precisar de mim eu to aqui. Pode ser quem for, chegar na minha casa "Maria, eu quero que você me ajude, eu to precisando... eu quero fazer uma viagem, arrume uma passagem pra mim". Eu às vezes eu num tenho, mas eu saio daqui, vou em Macau, vou na prefeitura, falar com o pessoal que trabalha na, com as passagens, lá, eles me ajudam, eu chego, entrego e a pessoa viaja, e me agradece. Eu gosto muito de ajudar, desde criança que eu gosto de ajudar.

4. Como é que a senhora faz para que as pessoas da comunidade aceitem a sua opinião sobre coisas da vida?

OBJETIVO: Saber se a opinião das velhas mulheres é aceita na comunidade e como elas reagem socialmente aos problemas e às inter-relações socioculturais.

M 3 – Não... muita gente, muita gente gosta da minha experiência porque eu antes de ser evangélica eu... levantei um, um grupo de idosos aqui. Eu nunca

precisei d'um político. Nunca precisei de político com meus idosos. Dia de sábado e domingo, tudo era festival com os idosos. E hoje mesmo o grupo que eu tomava conta dos idosos eu passei pra Oscar, mas muitos já disseram a mim, que só tinha alegria quando eu tomava conta dos idosos, porque eu sabia trabalhar com os idosos. Eu num tinha nada que oferecer, mas no dia do aniversário deles nós tinha tudo. Aí se fazia aquela festinha e comemorava. E passear, eles gostava muito de passear, e eu arrumava até de três ônibus em Macau, eu ia e conseguia até três ônibus pra nós ir. Nós tínhamos pra, pra Maracajaú, pra Maxaranguape, Pureza, fumos pra Caiçara. Teve um tempo que eu fiquei tomando conta. Cohab, que o pessoal da Cohab também vinha cooperar com a gente, né? a gente tinha que é, dar nossa contribuição. Eles vinham pra cá e com oito dias ou com quinze dias a gente ia pra lá. Eles contribuíam com a gente, vinha, a gente tinha que ir também. Mas eu acho que todos aqui pelo tempo que eu to trabalhando com os idosos, tudo gosta da minha opinião. Um se encontra comigo, "Maria, mulher, só tinha brincadeira, nós só tinha passeio quando era com você. Hoje ninguém tem mais passeio, o grupo dos idosos morreu". Eu digo "Mulher, ta vivo. Agora só que quem ta tomando conta num sabe movimentar com os idosos. Porque eu no dia de sábado e domingo tinha: o jogo de dominó, tinha um jogo de baralho, tinha um forró. As meninas faziam um, uma seresta". Elas faziam. Na minha época, né? E antes de eu ser evangélica eu era uma carnavalesca. Eu botava três blocos na rua. Era um de, de, era um bloco só de mulher. Botava um de, de escola de samba, e botava outro só de criança. Três blocos, eu botava. Os três dias de carnaval. E meus blocos era contratado na prefeitura. Toda época de carnaval eu recebia o, o ofício pra ir pra Macau, pegar as fantasias. Aí hoje em dia acabou-se tudo. Tem mais nada. Até o carnaval acabou-se. Eu era a mulher da folia. Agora eu sou da folia *[Risos]* sou do bloco de Jesus *[Risos]*. Agora eu trabalho só pra igreja. E com Simone, quando ela, às vezes ela num pode cooperar, nos encontros, ela manda me chamar, eu vou. Participo, porque ela é a presidente, eu sou a vice presidente da a, Associação de Mulheres, aí eu vou fazer parte. Participar. Às vezes faço parte lá do CJP. Aí o pessoal vem pra dar aula de reciclagem, eu vou pra lá pra cozinhar pro pessoal. Todo mundo gosta de mim. Assim mesmo evangélica, que tem muitos evangélicos que "Ai, eu não vou não porque eles são católicos – Não, eu não tenho nada a ver. Eu vou fazer meu trabalho. Eu to cooperando", né? Tem que cooperar.

5. Os mais jovens da comunidade aprendem as coisas que a senhora sabe e conta para eles?

OBJETIVO: Saber se, e como, o discurso oral das velhas senhoras fomenta a transmissão de seus saberes para a comunidade em que vivem.

M 3 – A minha menina, ela é por dentro de tudo. Ela trabalha com artesanato também. É, e gosta muito de, de fazer essas festas americanas, muita coisa ela faz. Hoje ela ta no Rancho. Ela ta trabalhando em rede. Agora outra que eu tenho, ela num, num trabalha não. Assim, essa, nunca gostou. Que pena, né? Foi embora pra Natal com doze anos e lá ainda ta. A primeira é evangélica. Só eu, essa que mora comigo e dois netos.

6. A senhora acha que a criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável esta trazendo algum benefícios para a comunidade e para o meio ambiente?

OBJETIVO: Saber quais são os graus de consciência que as velhas senhoras possuem acerca da problemática ambiental e das atitudes de criação da RDS.

M 3 – Até o exato momento ta trazendo alguma coisa, né? Que a gente trabalha e o que a gente faz, vende. Quem vem compra, e isso pra gente já é uma ajuda, né? E ta se desenvolvendo. Esse turismo também pra mim é uma boa. Porque tem muito jovem aí que já se congregaram aí e já fizeram o curso de guia, eles estão de frente a todos os trabalhos. Eu trabalho com Subadhro no Programa de Criança. Só na época de festa ele, ele manda os meninos pra cá só pra mim enfeitar as roupas, reformar as roupas tudinho. Tenho dois netos. Tem um com doze anos ta lá também e tem um com quinze. Ontem quem fez a abertura lá da festa o, foi o meu neto de quinze anos. Eu acho que vai ser bom né? esse, esse, a Reserva. Que na época da Reserva aqui pra gente conseguir isso a gente foi... uma tribulação muito grande pra gente conseguir. Que a gente cismando fechemos a rua. Era menina, era moça, era rapaz, era velho... O que aparecesse a gente manifestou na rua pra, pra... a gente se manifestou-se na rua pra ver se a gente conseguia essa Reserva, né? Aí tocaram fogo nos ranchos. A gente ia pra costa botar dois, dois marcos ali de barco, botar uma bandeira bem grande pra ver se os italianos iam embora, né? Até que um dia foram embora mesmo, que até que não apareceram mais. E a í a gente ta levando a vida, né? Esperando que Deus conceda a gente alcançar mais coisa na nossa vida, que ainda ta precisando de trabalho pra essa mocidade que não tem. E eu acho que pra nós essa Reserva e esse, esse projeto de criança da Petrobrás é uma coisa boa. Pra o pai que reconhece é bom. Porque os filhos não vão pra rua, pelo menos eu e meus dois netos. Um estuda de uma hora até as cinco, e o outro estuda de sete... num sei se é nove. Sei que estuda também pela noite. Aí vão de manhã

na terça feira vão pro Rancho. Um vai de manhã e outro também pela tarde. Por isso que eu digo que a Reserva vai ser, ta sendo boa e ainda vai ser muito mais. Agora nós estamos esperando aí pela vontade do povo né? comprar esse, esse prédio aí é pra fazer a nossa Cooperativa, que eu também faço parte da Cooperativa de Pescado. Trabalho com o pescado numa turma. Nós fizemos um curso de Pescado, aí o pessoal que veio que era levando do Xingo, lá da banda da Paraíba. Aí deu um transporte pra gente fazer uma excursão, a gente foi. Parece que foi bem umas doze pessoas. A gente foi, passemos cinco dias na praia de Olinda e passemos dois dias em Xingó. Lá no estado da Paraíba, dentro .. Passeemos muito e eu, pra ver a idade que eu to, eu num, num vou dizer "eu sou velha", não. Eu sou jovem. Qualquer passeio que tiver eu vo... Fomos pra Fortaleza, eu tive em Fortaleza, teve um festival lá, aí nós foi também. Passemos dois dias. Foi dois dias lá. Se pass, aparecer passeio, já to lá. Tem que despairecer um pouco, né? Pois é, eu sei que ta bom. A gente tem que trabalhar muito pra alcançar o que a gente quer. *[A pesquisadora pergunta se rtm mais alguma coisa pra acrescentar]* Não, o que eu tenho pra acrescentar é que tudo que tiver de bom, que seja pra nossa comunidade, né? Alguém quiser ajudar mais do que já está ajudando, pra nós é, é uma contribuição muito grande pra nossa comunidade, porque nós estamos precisando muito. Daqui pra frente o que as águas vão rolar, ninguém sabe, né? Quem vem aí, alguém que venha mais de mais de longe ajudar a gente também, porque eu já estou nessa idade, meus netos tão crescendo. Eu posso passar de um lado pra outro mas eles estão aqui pra contar a história. É assim. Eu pra ajudar to só. Não sei se, se daqui mais pra frente alguma... mas acho que não vão mais bulir nessa Reserva não. Acho que nada mais vai acontecer, o que acontecer é só de bom... *[Fim da entrevista]*

ENTREVISTA 4

MULHER - 4
62 anos)
Duração: 32min 17seg.

QUESTÕES

1. A maneira de viver da pesca, dos dias de hoje, é igual à maneira de pescar do seu tempo de menina, o que mudou nestes anos?

OBJETIVO: Saber como o tempo passou na vida das senhoras entrevistadas, em relação à ação do trabalho pesqueiro e das formas de convívio com o mar e o meio ambiente.

M 4 – Muito mudou muito, antes quando nós éramos crianças, passávamos uma temporada na costa na época da quaresma que o vento era brando e ficava ruim de dos barcos vim e voltar à barra muito longe mais longe que hoje, então as famílias como o meu pai, e outros muitos outros pai por aqui pai de comadre Léle, tantos outros iam para a costa e lá passava a temporada da quaresma e a safra então era um período de seis meses, mas ou menos, eles por que lá eles tinham possibilidades de chegar e descarregar e se quisesse, poderia voltar na mesma hora, voltaria e ou então só saiam de madrugada e aqui eles tiam de sair muito cedo devido à barra ser muito longe, e hoje a barra tornou-se mais perto já abriu veio abrindo, abrindo, abrindo tem uma mais perto e também eu acho que quando o preço do peixe era diferente de hoje e a os compradores de peixe viam de longe. Hoje a maioria são daqui em que pegam e vão vender fora, antes aqui não tinha quem comprasse peixe os compradores viam de longe se hospedava até nas casa da gente. Cada qual tinha seu comprador. As vezes um comprava de várias pessoas. Se hospedava eu me lembro muito de um senhor chamado sr. Alberi, ele era bem alto, e ele se hospedava na casa de, na nossa casa, quando ele chegava em uma semana ele se hospedava na nossa casa e outra semana em outra casa variando. E hoje a maioria dos peixes daqui já saem mesmo daqui pessoas daqui vem pessoas de fora não resta duvida, vem muita gente de fora compra mais a maioria dos peixes já é exportado daqui pra fora os carros vão três vezes por semana vão na terça-feira, vão na sexta-feira a noite é terça a noite sexta a noite e alguns que ainda vão nos domingos também e vai ate o estado da Paraíba. Tem pessoas aqui como Evaristo, Evaristo só vem buscar a esposa dele dois dias por semana pra Natal e ele vai pra Paraíba. Ai é diferente ne mudou muito também o que a gente sente falta hoje é da lagosta que aqui morreu muita lagosta na época que a pesca era de corgos ne? Eu lembro muito. Muita gente hoje em dia que tem casa de tijolo foi tudo com o dinheiro de lagosta, já hoje ta péssima a pesca de lagosta aqui. É tanto que aqui pouca pesca a maioria vai pra fora, esses mergulhadores de rede essas coisas vai pra fora. Acabaram a nossa lagosta aqui. O peixe era tratado lá a própria família tratava o peixe nos ranchinhos, nos os varais era cheio de varal ao redor dos ranchos era assim uma rua de ranchos e de um rancho para o outro tinha varal por traz das casas tinha varal na frente tinha também e a gente às vezes os nossos pais tinha tratadeiras que iam com a gente, mas nós que já era maiozinho já ajudava também a gente ajudava pouco no meu caso eu ajudava pouco muito pouco lá eu e meu irmão por que nós vínhamos bem cedinho pra estudar aqui pra não perder aula nós tínhamos que sair de lá bem cedinho pra estudar aqui agora quando chegava lá que voltava, tinha a história, desguerra o peixe desguerra bota na moura eram aqueles barris bem grande de moura que mais o pescado mais lá era agulha e agulhão ne na safra também morria muito voador o voador já era

salgado diferente da do agulhão e da agulha, o agulhão e a agulha colocava na moura era uma moura que fazia com bastante sal e água salgada água da própria maré que o voador ele era salgado no próprio sal, o sal era tanto que tinha quem desguerrar tinha aquela parte de pessoas que vivia ali escalava o voador outros desgarrava e os outros iam salgando. A.. já agulha era diferente agulha se tratava e desgarrava os outros iam lavando e já ia despejando na nos barril de moura no outro dia tinha gente que levantava já pra estender a tarde, tirava pra quebrar todinha vamos quebrar o peixe, quebrar o peixe é deixar toda estiradinho na medida que estendia ele, ele ficava ai no outro dia se quabrava o peixe todinho pra fazer esterinha. Que era pra terminar de secar e os compradores levar. Hoje a maioria hoje só se fala em peso antes era em milheiro era um milheiro de voador era um milheiro de agulha era um milheiro de agulhão ai hoje é tudo peso, nenhum compra mais nessa história é no peso tudo é no peso mas na nossa época de criança né. O meu pai também saia muito na no porto do Gonçalo papai pescava quando ele pegava muito agulhão mais agulhão que agulha, guaiuba esses peixe assim bastante peixe assim bastante peixe de linha ai ele ficava não tinha como conservar no rancho não é? Diferente de hoje que eles já levam o gelo pra fora então ele ia sair no porto do Gonçalo ali em Macau vendia o peixe pronto agora de tardezinha eles não chegar nós que já pensávamos ficava papai saiu no porto. Mamãe as vezes ficava preocupada mais ai quando as vezes quando tinha muito vento ele com medo que ela não se preocupa-se ele vendia o peixe e vinha primeiro em casa pra poder voltar tudo isso facilitava morar na costa por que se fosse pra chegar aqui não dava mais pra ele voltar e lá ficava perto.

2. A senhora gosta de participar da vida de sua comunidade?

OBJETIVO: Saber os níveis de participação das velhas senhoras na vida de sua comunidade.

M 4 – Eu gosto de participar da igreja de tudo de festa de tudo de festa religiosa não religiosa e então depois Encontro Ecológico eu mim realizei (risos) depois desse Encontro Ecológico depois quando eu não estou participando eu não to bem. Eu gosto de participar de tudo sou muito participativa em tudo graças a Deus. As festas do mês de maio que eu não posso nem sair daqui no mês de maio é preciso então teve uma pessoa que foi o pai de Darci faleceu e nos fomos, viche Maria pra eu sair pra passar uma noite fora e sair daqui foi mil e uma recomendação, foi ligando de um canto pra outro. Ai quando eu chego ou você não tava ontem a noite foi tão diferente que ate parece que as meninas elas já tem o habito de só de cantar não é e eu graças a Deus eu tenho o Dom de se eu estiver sozinha na igreja eu faço as mesmas coisas sozinha porque eu já tive de ficar sozinha pra ser assistente do padre pra cantar pra fazer leitura fazer pra fazer benção pra fazer tudo não é e graças a Deus eu resolvo isso sozinha. Mas já elas já se acostumam mais a cantar ai no dia que precisam delas virem celebrar ne ai quando é uma celebração assim que já tem tudo no jornal é mais fácil delas fazerem só o evangelho a leitura essas coisas salmos mais ai quando vem a estória das novenas elas já se complica mais. Eu digo isso eu já tenho o meu ritual todinho e ai preparado eu tenho o livro, ai eu digo a elas seguindo aqui esse roteiro que tem nesse livro vocês já fazem tudo direitinho do jeito que eu faço é o costume né? Da minha vós de tudo tipo de estudo e muitas vezes eu não preciso nem usar microfone de longe você ouve a minha voz que eu tenho um tom de voz muito forte, agudo nu é? E elas já disseram também habituada a essa coisa mas todos ta dizendo vocês tem que se habituar porque as pronto teve uma época também que eu lembro a minha tia que eu cuidava muito dela quando ela adoecia o primeiro telefonema que era pra ela dava era pra mim e ai me chamar quando não tinha como se comunicar por telefone. Na abertura do mês de maio que é do dia trinta a gente diz que é a licença de maio que a gente chama, hoje é o dia da licença. Oito horas da noite e eu na maternidade com Dadai que ela teve uma crise de pressão e eu tive que ir com ela oito horas da noite o telefone toca as meninas vem mim chamar no apartamento que eu tava com ela queriam saber como era que iam fazer a abertura e estava todo mundo na calçada da igreja sem saber o que fazer (risos) ai eu fui dizer por telefone tudo como elas tinham que fazer ai hoje eu digo a elas que vocês precisa saber dessas coisas ne esse tipo de coisa mas eu vejo que elas tão mais se acostumando.

3. Em que momento, e como, a senhora dá a sua opinião sobre os problemas da comunidade?

OBJETIVO: Conhecer as formas de apresentação do discurso oral das velhas mulheres.

M 4 – Quando necessita em reuniões nas reuniões nos temos o conselho daqui da comunidade o conselho da certo quando é pra discutir as coisas a gente se reuni pra discutir é o momento ne chega o momento das opiniões das criticas e de tudo que vier daquele momento não é? E nas reuniões, tem muitas reuniões na comunidade tem na escola ne que a gente participa também tem reuniões do clube e tudo isso eu to lá ne com minhas opiniões compartilhando não é.

4. Como é que a senhora faz para que as pessoas da comunidade aceitem a sua opinião sobre coisas da vida?

OBJETIVO: Saber se a opinião das velhas mulheres é aceita na comunidade e como elas reagem

socialmente aos problemas e às inter-relações socioculturais.

M 4 – Converso, dialogo com as pessoas ne? Dialogando com as pessoas converso, mostro, mostro a coisa tem de ser assim vamos ver se dar pra ser desse jeito vamos fazer uma votação pra ver se todo mundo concorda quem ganha é a maioria muitas vezes as nossas opiniões não são validas por todo mundo não é mais a gente tem que acatar porque do jeito que eu voto contra uma coisa que você diz você vota contra uma que eu digo também não é deste modo à gente vai dizendo e vai andando em conjunto comungando junto com o exemplo.

5. Os mais jovens da comunidade aprendem as coisas que a senhora sabe e conta para eles?

OBJETIVO: Saber se, e como, o discurso oral das velhas senhoras fomenta a transmissão de seus saberes para a comunidade em que vivem.

M – 4 Aprendem! Ontem *[Risos]* eu achei muito interessante ontem na no curso por que teve um momento que foi pra você escrever uma mensagem pra qualquer uma pessoa né ai eu recebi uma mensagem que dizia que estava muito feliz por eu estar ali naquele encontro que nunca tinha mim visto ali por que gostava muito de estar onde pessoas como eu da minha idade estava pra contar as histórias repassar pra eles conhecimentos que eles não sabiam e precisavam saber.

6. A senhora acha que a criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável esta trazendo algum benefícios para a comunidade e para o meio ambiente?

OBJETIVO: Saber quais são os graus de consciência que as velhas senhoras possuem acerca da problemática ambiental e das atitudes de criação da RDS.

M 4 – Esta. Esta e como está, hoje você via antes como nós comentávamos também no curso, você via antes as pessoas pra devastarem o manguezal cortavam todo mundo via que o risco era esse, cortar cortavam mesmo o mangue de machado, traziam os galhos grandes pé de mangue inteirinho quase e com a criação da reserva a gente conversando com eles como deve ser que a gente usa a natureza sem prejudicá-la hoje em dia ele já eles lá fazem o seguinte não são todos porque tem alguns que não aceito mesmo. Tem alguns que não aceitam mesmo tem uns que dizem assim pra gente minha filha eu nasci aqui me criei todo mundo arrancando esse mangue tirando pra dá de comer os bichos e ele nunca acabou mais outras pessoas aceitam. Aqueles mais idoso que já é do jeito que eles vivem mesmo, ne? Mas outros já aceitam. Hoje eles já levam sacos tiram as folhas hoje é diferente a gente já vê as próprias crianças educadamente pegando as coisas e jogando no lixo. Por que nós trabalhamos não só isso na nossa casa como na escola com as crianças. Eu fiz uma apresentação no curso mesmo de uma coisa que aconteceu comigo em Macau. Eu tava no transporte ai tinha aquela história a gente chega coloca uma bolsa ai chega tira ai eu peguei uma garrafinha peguei essa garrafa e pedi para o cobrador jogar lá no depósito grande que tinha lá no shopping pedi pra colocar ali. Eu disse meu filho coloque ali. Ele não teve dúvida pegou a garrafa chegou fora jogou. Ai eu me levantei arriei minha bolsa na cadeira, não me lembrei nem que eu tava com dinheiro dentro nem nada, ai eu arriei a bolsa na cadeira fui lá peguei a garrafinha e fui colocar, vem um senhor e disse gostei muito de vê a sua ação, a senhora é de onde? Eu disse eu Moro em uma reserva e eu sou ambientalista eu quando eu saio da minha casa a minha bolsa é a minha lixeira eu não arreio nada na rua e isso eu passo para os meus alunos eu passo para o povo da minha terra. Ele disse muito bem se todo mundo pensasse como a senhora Macau não existiria essa imundice. Alguns dias uma semana depois eu cheguei em Macau um rapaz que vendia água me perguntou como era o meu nome ai eu disse ai ele disse eu tô perguntando porque houve uma reunião sobre o meio ambiente e um senhor contou uma ação muito bonita que viu de uma mulher de Diogo Lopes e eu só me lembrei da sra. Eu disse por que? Ele disse porque eu admiro muito a senhora porque eu vejo professoras chega aqui compra sorvete compra água e joga o saquinho dentro do esgoto ai, e todas as vezes que a senhora compra a senhora tomando aqui a senhora diz coloque ai no seu lixo, e foi só o que eu me lembrei. E é dessa maneira num é. E eu aprendi muito, eu aprendi muito com a reserva com a reserva não vou dizer que eu tenho isso de muito tempo, eu vim preservar mais agora depois da Reserva, muitas coisas muitas coisas mesmo. Apareceu muito curso. Vem ai essa coisa do... Chega... *[Pede ajuda aos presentes]* do Turismo Comunitário eu acho bonito. Ta certo eu estou sentindo falta de não está lá na cozinha trabalhando fazendo comida pra vocês que eu sei que vocês adoram num é, mas estou satisfeita porque eu tenho várias pessoas fazendo aquilo que eu fazia só com um grupinho num é tem muitas pessoas fazendo. E tudo isso são coisas boas à união de Diogo Lopes com Barreiras não é total não esta total como deve ser precisava vê como era a rivalidade antes e hoje em dia estão se unindo e a Reserva quem esta fazendo isso e muitas e muitas outras coisas. O pessoal estão ficando... e outra coisa que se não fosse essa luta nossa tão grande para construirmos essa Reserva talvez Diogo Lopes estivesse privado para os nativos. Como tantas outras por ai. Por que eu nós fomos para Xingo a serviço dos trabalhos da Reserva e nós andamos em praias que hoje os nativos andam não sei quantos

quilômetros para passarem com as redes de peixe por um bequinho dessa largura (mostra com as mãos o espaço) Com as redes para pescar?. Por que? Não lutaram como nós se tivesse lutado como nós lutamos não terá acontecido. E tudo são exemplos que a gente vê que foi a Reserva que trouxe. *[A pesquisadora pergunta se deseja falar mais alguma coisa]*. Olhe, depois que nós tínhamos vindo embora da costa e foi o tempo que eu cresci me casei e fiquei indo lá tomar um banho uma coisa assim. Mas, no dia que comadre Lelé mandou me chamar pra me participar lá da queima do primeiro rancho dela quando eu cheguei lá a lua lumiou dentro do rancho eu fiquei tão endeleitada da minha vida, que eu queria morar aqui eu dizia ai meu Deus eu queria morar aqui e cai na luta mesma com gosto mesmo de vê tanta coisa boa que a natureza nos deu e gente querendo devastar e a gente sabendo que quem tem que cuidar somos nós. E que é um paraíso. Eu lembro que eu tenho um garoto que Socorro cria e quando ele ia pra lá ele dizia, eu vou pro paraíso de vovó vinha. Vamos pró paraíso, porque eu comecei a dizer que lá era o meu paraíso .Comecei a ir pra lá ai comecei a tomar gosto novamente comecei a me lembrar do meu tempo de criança. Rever tudo dali do meu tempo de criança que tava devastado, porque a natureza constrói e destrói ao mesmo tempo não é por que tem muita coisa mudada mais dava ainda pra agente se embelezar muito eu comecei pra passar o domingo comecei a ir indo dormir e passei dez dias lá fui com essa menina que ta aqui em casa, Cíntia, passei dez dias com ela e um garoto só eu e eles lá mais eu digo eu me sinto realizada indo pra lá eu não gosto de ir pra lá sozinha eu gosto de ir pra lá passar um dia dois dias três certo e agora nos estamos sem ter tudo isso porque a minha companheira dessa estadias lá era mais comadre Lelé, Aninha. Comadre Lelé não pode mais sair. Aninha trabalha direto e eu fico assim aperriada por que eu não posso ir pra lá mais pra mim lá é um paraísos mesmo, não era a toa que o menino dizia vamos pro paraíso vovó Vinha. Chegua eu vou pro paraíso com vovó Vinha hoje e ele novinho dormiu lá, lá onde você tava realizava todos os sonhos né realidade de tudo aniversario, casamento, entrada de ano novo, carnaval, semana santa, tudo nós passávamos lá esse ano nós não passamos, esse ano a ultima coisa que teve lá foi o casamento de Aninha. Foi muito bonito. Você já provou bem de lá. *[Risos]* Sabe que é uma coisa boa mesmo. *[Fim da entrevista]*.

ENTREVISTA 5

MULHER 5
(71 anos)
Duração: 32min 56seg.

QUESTÕES

1. A maneira de viver da pesca, dos dias de hoje, é igual à maneira de pescar do seu tempo de menina, o que mudou nestes anos?

OBJETIVO: Saber como o tempo passou na vida das senhoras entrevistadas, em relação à ação do trabalho pesqueiro e das formas de convívio com o mar e o meio ambiente.

Mulher 5 – Não. É muito diferente. A pesca, quando eu era criança não era sardinha, era agulha. Agulha, voador. De criança até uns vinte e tantos anos, que eu me casei, meu pai trabalhava com peixe, meu pai pescava e tomava conta de uns barcos pra tratar os peixes. Era tratado, não era, não tinha gelo, era salgado, com sal, e secava, ele trabalhava com isso. Lavava o peixe e estendia, quando era à tarde a gente apanhava, empilhava todinho pra vender no final da semana. Uns vinte e tantos anos trabalhou assim. Me casei, criei meus filhos todinhos com trabalho, trabalhando com peixe, era difícil. Mas criei, todos estudaram, não muito porque eu não tinha condições, mas só uma que não fez o segundo grau, por que não quis, deixou pra se casar, mas os outros tudo concluíram o segundo grau. Está tudo casado, só tem uma solteira. Essa ainda me ajuda, trabalha, graças a Deus fui muito feliz, com meu trabalho no tratamento de peixe. Depois me casei, passei mais de dez anos casada, aí fui ensinar. Trabalhei trinta anos na prefeitura até me aposentar. Mas a pesca era muito diferente de hoje. Hoje é com o gelo, o peixe é todo, chega bota no gelo, se quiser tratar, trata, se não quiser é só colocar no gelo, que dura muitos dias. Mas no tempo eu trabalhava com peixe, a minha mãe, o meu pai, era muito diferente. A gente se levantava oito, nove horas da noite, passava a noite todinha tratando peixe. De manhã passava, no meu tempo passava o dia todo no trabalho do peixe. Quando meu pai faleceu já fazia assim uns cinco anos que ele tinha deixado de trabalhar com peixe, mas trabalhou, até quando pode ele trabalhou com o peixe. Um senhor ai que se chamava Francisco Ribeiro, não sei se vocês chegaram a conhecer esse pessoal. Papai trabalhava com quatorze barcos, de peixe, só de pesca. Aí depois vem a pesca da lagosta, aí diminuíram mais os barcos de pesca de agulha e de voador, depois foi que começaram o pessoal a pescar sardinha, né, aí continuaram. Abandonaram mais a pesca da agulha, mas agora já tem uns homem pescando aqui novamente, né? Eu achava bom porque sabe quando a gente é moça tudo a

gente acha bom. Eles iam pra lá, onde a gente chama a Costa, eles iam pra lá e eu ficava aqui pra estudar. Só ia pra lá final da semana. Mas, quando chegar lá ir ajudar no peixe. Depois que terminei os estudos aí fiquei indo pra lá. Depois que eu me casei ainda fui uns três anos. Há doze anos a gente ia, passava seis meses lá e seis aqui. O mês da páscoa a gente passava lá. Depois eu me lembro, depois desses três anos de casada aí a gente deixou de ir. Agora é tudo diferente. Eu chega nem vou na praia olhar [risos]...os peixes, que eu acho assim tão diferente, o trabalho que a gente tinha pra hoje. Hoje dificilmente você vê uma mulher tratando um voador, só os homens. Mas de primeiro não, era muita mulher tratando o peixe. Era minha mãe, as minhas tias, tudo vivia dentro assim de armazém, noite e dia, pra ganhar o pão, né? Era muito, boa a vida, graças a Deus, eu to aqui. Eu to muito feliz. Criei meus filhos. Todos graças a Deus até aqui tem me dado bom lucro, graças a Deus. E tão boa hora eu digo que meus filhos são muito bons. Eu tenho um que agora mesmo vai esse ano, vai fazer cinqüenta anos. Tenho neto bisneta. Vou levando a vida até quando Deus quiser.

2. A senhora gosta de participar da vida de sua comunidade?

OBJETIVO: Saber os níveis de participação das velhas senhoras na vida de sua comunidade.

M 5 – Ah, eu gosto muito de participar da igreja, da igreja. E também eu não me excluo de participar de qualquer um evento que tem. O negócio 'dar pra fazer'. Que quando dá. Já ontem eu fui pra um, eu gosto muito de participar desses Encontros. Só se eu não estiver aqui, mas se eu estiver, todos os eventos assim que tem eu participo. Seja aqui, seja no Sertãozinho, quando tem festa, seja em Barreiras, por acolá. Foi reza, eu to sempre na frente.

3. Em que momento, e como, a senhora dá a sua opinião sobre os problemas da comunidade?

OBJETIVO: Conhecer as formas de apresentação do discurso oral das velhas mulheres.

M 5 – Na... Assim, em reuniões eu gosto muito de dar. De participar, falar, alguma coisa que eu to vendo que está errado, assumo o lugar de falar, dizer que "pra mim não tá dando certo". Eu gosto muito de participar, de falar sobre os problemas daqui, da minha comunidade. Tendo a oportunidade de falar, eu num me acanho de falar não. Agora eu, não tive muito estudo, mas só concluí mesmo o segundo grau, mas eu não tenho vergonha de falar, em qualquer canto que eu chegar, e a senhora disser, você tem que falar com fulano de tal, eu não me acanho de falar não. Que a gente fala do modo que a gente sabe, que a gente pode. No meio qualquer um ali qualquer canto e eu vou e eu desempenho aquele papel. Porque tem gente que fica assim, acanhado de falar, num fala não. Se disser assim, você vai pro Rio de Janeiro falar com pessoa tal, eu tiver interesse, eu vou e falo.

4. Como é que a senhora faz para que as pessoas da comunidade aceitem a sua opinião sobre coisas da vida?

OBJETIVO: Saber se a opinião das velhas mulheres é aceita na comunidade e como elas reagem socialmente aos problemas e às inter-relações socioculturais.

M 5 – Ah, dialogando, né? Chega, fala, conversa, até que chegue aquele momento que aquela pessoa aceite aquilo que a gente ta querendo, né? Porque sem a pessoa conversar, não arranja nada. Você chegar de repente na casa de uma pessoa e for diretamente àquele assunto, é mais difícil. Mas a gente chega conversa. Até chegar aquele ponto... Graças a Deus, sou aceita por toda a comunidade, graças a Deus. A gente saia assim pra fazer assim um, rezando nas casas, sabe? Trinta casas sai rezar. Passei mais de três meses. Aí foi tempo que eu fui viajar ai parei. Mas todo dia eu ia rezar o terço nessas casas. Todo dia, todo dia, todo dia. Mas teve muita gente que não sabia nem rezar o terço, e aí hoje em dia todas elas sabem rezar o terço. Através de nós.

5. Os mais jovens da comunidade aprendem as coisas que a senhora sabe e conta para eles?

OBJETIVO: Saber se, e como, o discurso oral das velhas senhoras fomenta a transmissão de seus saberes para a comunidade em que vivem.

M 5 – Os jovens, daqui mesmo, eles não gostam muito de aprender aquilo que a gente aprendeu. Porque já no tempo da minha juventude era muito diferente de hoje, as mães da gente gostavam muito de ensinar o que elas sabiam, ensinavam pra gente. Hoje os jovens não querem mais continuar aquilo que a gente fazia. Eu digo muito aqui a meus netos "olhe, o tempo da minha juventude, a gente se juntava muita moça, muito rapaz, pra brincar aqui nesse terreiro. Aqui não era calçado, era areia, aí a gente se juntava muito pra brincar de roda, brincar de jogos, que a gente jogava a noite, e que era uma brincadeira, ave Maria, era muita gente aqui pra brincar" hoje os jovens não querem mais, né? Às vezes eu ainda falo muito assim pra uma netinha pequena, ta até ali, converso muito com ela aqui, sobre a vida que era pra qual é hoje. Sempre eu digo a ela "se você seguir sempre o que eu lhe ensino, você nunca vai errar. Que hoje é muito diferente. Hoje chega uma amiga sua aqui pra chamar você pra sair pra o mundo [?], muitas vezes quer falar pra

você pra ir pra uma discoteca lá longe, que não dá futuro, não tem futuro nenhum. E até aqui ela gosta muito de sair comigo, quando eu... às vezes ela diz "Vovó, a senhora vai pra tal canto?" Que é uma festa. No dia que eu to de boa... vontade eu digo "eu vou", aí vou com ela. No dia que eu digo que eu não vou, se a mãe for, ela vai, se não for, fica. Que só não dá. Muitas vezes eu digo "Ah! Se Diogo Lopes ainda fosse aquele Diogo Lopes de antigamente!". A gente vivia sem sobresalto nenhum, se fechava a porta da gente a hora que a gente quisesse, e ficava nas calçadas, até dormia nas calçadas. Não se tinha relógio de nada. Hoje não, hoje a senhora está dentro de casa e ainda tá com medo. É um lugarzinho pequeno, como a senhora vê. Mas não é mais aquele que era antes. Logo começou a chegar muita gente de outros lugares, pra Diogo Lopes. Acontece coisa, eu digo assim "É um Diogo Lopes, gente de Diogo Lopes", não. Muitas vezes acontece que não é gente de Diogo Lopes. Mora em Diogo Lopes, mas não é daqui. Eu hoje eu digo assim "Eu não conheço o pessoal que mora lá onde chama favela, eu não conheço mais o pessoal que mora em Sertãozinho, que foi onde eu nasci, não conheço". Porque não é gente daqui. O Diogo Lopes que eu conheço é quase uma família só. Foi misturando de geração em geração, casa um com uma família, casa um com outra família, certo? E nisso Diogo Lopes foi crescendo assim, mas hoje ta muito diferente. É uma comunidade que... acolhedora, que acolhe gente de todo canto que vem prá Diogo Lopes. Faz moradia aqui. *[Risos]*.

6. A senhora acha que a criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável esta trazendo algum benefícios para a comunidade e para o meio ambiente?

OBJETIVO: Saber quais são os graus de consciência que as velhas senhoras possuem acerca da problemática ambiental e das atitudes de criação da RDS.

M 5 – De um modo eu acho que sim. Porque muitas coisas que existia como... o povo desmatava muito, porque no meu tempo a gente tinha esses... as quixabeiras era aqui bem perto, hoje não tem mais, foi muito desmatado. Agora na reserva ninguém pode fazer isso. O mangue também, muita gente ia pra lá, tirava muita madeira, hoje isso é raríssimo mesmo. Mas hoje... E através do uso da Reserva tem chegado muito conhecimento. A base do conhecimento tem chegado em Diogo Lopes. O aprendizado dessas crianças... Pra mim é muito bom, porque e eu não aprendo, não vou mais aprender, mas eu tenho meus filhos, tenho meus netos, tenho meus bisnetos, e tudo tão aprendendo alguma coisa... Desenvolveu muito Diogo Lopes. Eu espero que vá, daqui pra frente venha muita coisa boa sobre a reserva, pra aqui pra Diogo Lopes. Que eu não veja mais, mas meus ancestrais vão ver, vão trabalhar. Como essa minha nora, ela ta, fez o curso aí, confio em Deus que ela vai arranjar um meio de ganhar pra família dela. Eu achei muito bom a reserva *[Trecho Inaudível]* eu achei muito bem vindo. *[Silencio longo]* ...se eu pudesse voltar algum tempo atrás? *[Risos]* Eu muito aprenderia, ainda. *[Silencio]* Não é nem pela idade, porque a gente pode ter a idade que tiver, mas a gente gozar de boa saúde, a gente faz tudo. Às vezes a família atrapalha a vida, muita coisa, atrapalha muito, muita coisa. Muita coisa eu não participo mais porque não gosto de muito favor [?]. Incentivo muito aos meus. Enquanto você puderem aproveitar em aprender, vocês aprendam. Às vezes eu digo "O que seria de mim se eu não tivesse estudado?", aqui mesmo, em Diogo Lopes, eu fiz até a quinta série. Professora leiga, sabia... mas o que ela podia ensinar a gente ela ensinava. E quando a gente saía daqui pra estudar em Macau não tinha medo de dizer assim "Eu vou pra Macau mais eu não vou saber disso", não. O pouco que ela sabia ela ensinava à gente e a gente se desenvolvia em qualquer canto que a gente fosse. Às vezes eu digo muito "Eu não troco o meu primeiro grau que eu fiz aqui em Diogo Lopes, pelo segundo grau que os alunos tão fazendo aí em Macau". Troco não. Porque eu digo pelos meus aqui, de fato. Porque hoje um aluno ta no segundo grau, fazendo o terceiro ano em Macau, você manda ele fazer uma conta ele não sabe. Por que não sabe? Porque hoje você só faz uma conta com uma calculadora na mão. No meu tempo não. No meu tempo, era o tempo da tabuada, que se a gente não soubesse somar, diminuir, multiplicar e dividir, ninguém ia passar outra coisa não. O fundamental era a gente saber as quatro operações, e usar. Num era passar uma conta e usar uma calculadora assim. Não. Fazia pela minha cabeça. Às vezes eles diziam assim "Vovó, a senhora não esquece nada não, né? – Não, meu filho. O que eu aprendi eu não esqueço". Porque quem me ensinou, não me ensinou pra eu não aprender. Ensinou pra eu aprender e ficar comigo. Então é bom que tem uma coisa que morre e leva, não deixa pra ninguém. [risos]. Passa os conhecimentos quando a gente ensina, se dedica a ensinar, a gente passa o conhecimento praqueles alunos, mas não dá pra ninguém. O que a gente aprende fica com a gente. Graças a Deus, eu... Agora, não tenho medo de chegar em qualquer canto e a pessoa dizer assim olha Mãezinha, faça essa conta assim assim. Pode ser ela qual for, eu não me acanho, eu não tenho medo de fazer não. Mas eles? Han, sabem não! Aprende sim, naquela hora. Naquela hora passou aquilo eles fecha. Mas parece que passa assim na cabeça deles que eles não fica com aquilo gravado. Graças a Deus o meu ensino que eu tive, agora eu ainda tenho ele todinho. Às vezes elas dizem assim "D. Neném [?] por que a senhora não ensina as... – Porque eu não tenho mais paciência, minha filha". Lutei tanto com criança, que perdi a paciência de

lutar [risos]. Agora se eu tiver, agora eu digo assim, se eu ainda tiver saúde, eu já tinha saindo ensinando aqui em Diogo Lopes, quem não soubesse ler, eu ensinava. Porque muitos vem a escola, mas eles não querem, têm vergonha de sair de casa pra irem estudar. E a diferente coisa se a senhora chegar, bater na casa do senhor e dizer "Você quer aprender?" e a pessoa disser "Quero". "Eu vim lhe ensinar". Se eu tivesse saúde, gozasse de saúde, eu ainda faria. Não criança, adulto. Porque criança hoje em dia é fogo [risos]. Eu vejo passar muito mulherzinha que hoje leva os bichinhos assim pra creche, meu Deus, eu ensinei muito. Cinco anos, acho incrível. Você sabendo tanto dos sofrimento de aluno. Ensinei pré, primeira, segunda, terceira e quarta. Até a quarta série eu ensinei. Mas quando fez trinta anos que eu ensinava, pra mim ta bom. Ainda tenho vontade. Ainda sinto saudade daqueles tempos... às vezes quando a gente sai assim, pra rezar, que tem umas amigas minhas que gostam muito de rezar. Aí eu digo "E quando eu não estou aqui?", que às vezes eu viajo só com meu filho, sabe? "E quando eu não to aqui, como é que vocês rezam?" Elas dizem "A gente reza, mas não é assim, tão... não é como quando você ta pra rezar..". A gente tem um grupo do Circulo Bíblico. E quando eu não to, quando eu to só eu que faço a prece. Eu digo "E quando eu não to? – A gente faz, mas é diferente". *[Risos]* A minha mãe também ela gostava muito de rezar. Era assim, meu pai ia pra sala rezar, depois era ela. As meninas dizem, tu ficou no canto da tua mãe ai eu digo assim, ai eu digo eu mesmo não, eu gosto também. Agora é porque eu gosto de rezar. Mas a minha mãe tinha um meio e eu tenho outro. A vida é assim. Pra mim ta boa. *[A pesquisadora pergunta se quer acrescentar mais alguma coisa sobre a Reserva, se quer falar mais alguma coisa]* Não... Ta bom. Ce já está com sono. O que eu tenho pra falar é que a Reserva, pra mim, ta trazendo bons conhecimentos pra Diogo Lopes, muito desenvolvimento. Agora como a menina falou, vai vir vai ter a cooperativa também. Peço a Deus que tudo seja bem vindo, tudo o que está pra vir, né? O que seja de crescimento, pra o lugar, todos que estejam lá que arranjem trabalho, que é o que falta muito em Diogo Lopes, é o trabalho. Diogo Lopes se fosse um lugar que tivesse muito trabalho pra muita gente, seria melhor. O trabalho daqui só se for na Prefeitura. Às vezes a gente diz assim "Ah, o prefeito não arranjou trabalho pra fulano de tal. Arranjou pra um e não arranjou pra outro" Mas o prefeito também não pode arranjar pra todo mundo da comunidade, não. Ele tem que arranjar pra uns e outros ficar sem, sem trabalho. Se a prefeitura fosse como uma coisa que, vai arranjar trabalho pra todo mundo era muito bom. Mas não pode. Se o estado que é maior não arranja pra todos, como é que o município vai arranjar? O pouco que se tem vai se vivendo, que o pouco com Deus é muito, e o muito sem Deus não é nada. Dos meus filhos mesmo só tem um aqui que trabalha pela prefeitura, que ensina, também. Mas os outros tudo saíram pra trabalhar fora porque aqui não tem... Se eu pudesse juntar tudo pra aqui pra Diogo Lopes pra mim seria uma alegria muito grande. Mas não posso. Tenho que ficar com minha saudade, de filho que tem lá né? Mas estou muito conformada com a vida que Deus me deu, com os filhos que Deus me deu, e eu criei. Tão lá, eu to aqui. No dia que eu to com muita saudade eu me comunico com eles, eles se comunicam comigo e assim nós vamos vivemos, até quando Deus quiser. Agora breve, se Deus quiser, ta pra vir um. Um outro que só vem em outubro. Mas tem uma que só vem em 2009, agora. Não sei, Deus é quem sabe. Pode ser que a Reserva traga mais trabalhos bons pra Diogo Lopes, que todos possam participar, né? Eu só peço a Deus que me dê vida e saúde. Eu não peço riqueza a Deus porque riqueza não leva ninguém pra pra frente o que leva a gente pra frente é saúde vida e paz. Se tiver paz, em Diogo Lopes todo como eu tenho, graças a Deus, eu não tenho um inimigo dentro de Diogo Lopes. Sou amiga de uma ponta à outra. Graças a Deus. To seguindo o caminho que a minha mãe seguia. Morreu em Diogo Lopes com 79 anos, mãe era benquista, eu já estou com 71 e vou seguindo o caminho até quando Deus permitir. *[Fim da gravação]*.

ENTREVISTA 6

MULHER 6
(58 ANOS)
Duração: 17min 08seg.

QUESTÕES

1. A maneira de viver da pesca, dos dias de hoje, é igual à maneira de pescar do seu tempo de menina, o que mudou nestes anos?

OBJETIVO: Saber como o tempo passou na vida das senhoras entrevistadas, em relação à ação do trabalho pesqueiro e das formas de convívio com o mar e o meio ambiente.

M 6 – Não, tem um pouco de diferença. Porque naquela época a gente, eles pescavam de tresmalho *[?]* no rio, era muito peixe, pescava, pegava muitos peixes naquelas canoas chegava carregada de peixe, era ... é muito diferente de hoje em dia, que hoje em dia num pesca mais de tresmalho ali, no nosso rio, só pesca na costa, do outro lado. Aí, é muito diferente, a gente às vezes estranha porque antigamente tinha aquele peixe a gente chegava na praia quando era de manhã, a gente já sabia, "vamos na praia comprar peixe", às vezes quando não comprava eles davam. Era toda qualidade de peixe, peixe bom. E hoje em dia não só pesca ali aqueles

tresmalho do outro lado da costa do rio. A gente... trabalhei muito nos armazém. Tratava peixe, salgava peixe, estendia peixe. Voador, né? Tinha dia que a gente saia de casa de seis horas da tarde, esperava os bote chegar, e que a gente ia pra chegar em casa no outro dia de seis oito horas do dia. Aí tomava um banho, descansava um pouco e ia pro armazém de novo. Era moer o sal. Nesse tempo não tinha a salina, não tinha como moer, né? a gente era quem pilava sal. Nos pilão. Era duas pessoas, era cada uma com uma mão de pilão, pilando. Às vezes tinha um moinho que fizeram, inventaram um moinho de pau e a gente moia o sal, era o viver da gente aqui na praia. Hoje em dia está muito diferente. Hoje em dia não tem mais isto. As meninas não fazem mais, não querem mais fazer os trabalhos. Até eu casada ainda, ainda trabalhei nos armazéns. Gostava, toda vida eu gostei de trabalhar, toda vida. Eu gostava muito de trabalhar. Ainda hoje o costume da gente, não é como, no é como. O rancho? Aí a gente, era eu, era as amigas, e hoje em dia eu não trabalho mais porque não dá pra gente trabalhar. Também hoje eles não querem mais muita gente trabalhando, tem até o pessoal aqueles homens que chegam pra comprar o peixe, o voador já fresquinho né pra levar pra fora e a gente não tem como mais trabalhar nos armazéns, mas trabalhei muito. E a pesca é como eu estou lhe dizendo, muito diferente. E agora vivo aqui, trabalho aqui, muito bom o trabalho, trabalhei, você viu ali o trabalho da gente meu mais Lelé, trabalhamos muito. Ela tava até reclamando comigo, que não pode mais trabalhar. Logo quem eu ajudava muito ela, num, mas num acha quem trabalhe. *[A pesquisadora pergunta se a família da entrevistada também ia lá pra Costa, quando chegava o peixe]* Ia. Os meus irmãos, os meus irmãos também iam, meu marido, desde os dezoito anos que ele pesca, que pesca. Agora não que ele ta paralítico. Mas meus meninos, tenho só dois filhos que pescam, o outro não pesca, não. Nunca foi na água do voador. Na água do peixe, nunca foi. Vai ali na praia, mas volta. Não quer, nunca quis saber de pescaria. Só vive só pra estudar. Mas os outros dois é, um é mergulhador, mergulha e o outro pesca lagosta também. Todos dois. A vida deles é essa mesma. Que aqui num tinha trabalho. Os trabalho só era pescaria. Aqui falam que é por isso que muitos, muitos pais já sofreu muito na pescaria, não quer que hoje em dia os filhos, pelo menos tenho aquele neto lá em casa, que eu crio ele, Rafael, ele também ele nunca foi porque tem muitos que deixou o estudo pra pescar, os rapazinhos de doze anos, se dirigindo pra pescar, mas ele nunca. Toda vida eu disse, "Olhe, eu trabalho, você quer seu estudo, eu trabalho, faço de tudo pra você não caminhar essa vida de pescaria". Porque é muito arriscado. Eu sei que todo trabalho é arriscado, né não, Lenice? Mas a pescaria é muito. Porque eu tenho um cunhado que acabou-se a assim na pescaria. Deixou seis filhos. Ele foi pescar sardinha e num apareceu mais. Um tubarão comeu. Deu uma ventania, ele caiu do barco e o tubarão veio e comeu. Aí eu tenho muito medo. Eu tenho esses dois que pescam mas, eu tenho muito medo. Os pais deles dizia muito "Eu trabalhei muito na pescaria. Eu adoeci na pescaria" Aquela doença ele pegou na pesca. Mas por ele, se ele pudesse, os filhos dele nunca iam na, pescar, mas quem tem família, né? Não tem outro meio. Mas trabalhei muito em armazém. Trabalhei muito. Eu gosto de trabalhar em tudo. Em tudo que me chamem pra trabalhar. Trabalhei muito em colégio, nesses colégio tudinho eu trabalhei, nos colégios de Diogo Lopes. Eu perdi de me aposentar trabalhando. Porque se a gente não trabalha a gente não arranja nada, não é, Lenice? Eu sou de uma família que nunca teve, não foi de pessoas preguiçosas. Se você vir Lelé, trabalha. Nós somos prima legítimas. Filhas de dois irmãos. Lelé não pára. Só pára se tivesse mesmo acamada. Mas toda vida a gente gostou de trabalhar. Quando ela ia pros cantos, "Dodôia, vamos mais eu, vamos trabalhar, vamos participar" a gente ia pra todo canto, aonde chamava a gente. Eu to na idade que to, vou fazer 59, mas ainda gosto de trabalhar. Gosto que Deus me dê saúde, força pra ir à frente.

2. A senhora gosta de participar da vida de sua comunidade?

OBJETIVO: Saber os níveis de participação das velhas senhoras na vida de sua comunidade.

M 6 – Da vida da minha comunidade, eu gosto muito de freqüentar a minha igreja católica. Gosto muito. Eu só não vou à igreja quando eu não posso, mas eu gosto muito. É só o que eu gosto mais de freqüentar. Gostava muito de brincar, a gente fazia muita brincadeira animada. Mas eu tô baixando mais porque a idade já vai... *[Risos]*.

3. Em que momento, e como, a senhora dá a sua opinião sobre os problemas da comunidade?

OBJETIVO: Conhecer as formas de apresentação do discurso oral das velhas mulheres.

M 6 – Bem, eu dou minha opinião na comunidade... a gente viver em união com todos, com as coisas que devem ser, esse trabalho que ta se movimentando aqui tá, tem sido muito bom. Tem trazido muita coisa, melhor, né? pra nosso lugar. Porque de primeiro não tinha um movimento assim. To achando muito bom esse movimento, o ano todo, aí próximo mês... aí em setembro já tem a regata, aí já é outro movimento pra gente aqui. Tudo isso.

4. Como é que a senhora faz para que as pessoas da comunidade aceitem a sua opinião sobre coisas da vida?

OBJETIVO: Saber se a opinião das velhas mulheres é aceita na comunidade e como elas reagem socialmente aos problemas e às inter-relações socioculturais.

M 6 – Conversando direitinho. Concordando, às vezes a gente vê um falar uma que não ta certo. Não. Ta certo. Porque eles não entendem acho que tanta coisa. Como esse negócio da reserva. Tem uns que não entendem, né? a reserva. Chega uns de fora, quer meter a mão, e fazer isso e aquilo, e os do lugar fica de escanteio. E às vezes quer, só quer dar nome àquelas que vem de fora. E o pessoal do lugar fica sem moral. Certo? A às vezes a gente conversa com eles, muitos que agridem cheio de brutalidade, *[?]* "Ah, porque você também assinou nessa Reserva, se seu filho for fazer uma casa, num querem saber, aceita", vamos ver como é que aceita. Porque querem ultrapassar uma coisa que não pode, né? Eu num vou fazer uma casa aonde eu não posso fazer. Eu vou fazer uma casa na beira da maré? Não vou. Aí "É porque você ta nesse meio, quer dá sua opinião, é a favor". Dou, é a favor, eu dou. Sendo pra melhoria do nosso lugar, eu...ta bom.

5. Os mais jovens da comunidade aprendem as coisas que a senhora sabe e conta para eles?

OBJETIVO: Saber se, e como, o discurso oral das velhas senhoras fomenta a transmissão de seus saberes para a comunidade em que vivem.

M 6 – Conto, muitas vezes de, às vezes a gente, mesmo o pessoal de fora que vem, pergunta como é que a gente faz. Olhe, quando vem o pessoal de fora, toda semana chega gente aí, e é quarenta, cinqüenta, só de pessoas que vem "Ave Maria, como é que vocês tem uma mão tão boa pra fazer essa alimentação? Já tenho andado por muito canto e num... é vocês mesmo que faz? – É! – Esse gosto é das mãos de vocês mesmo? – É – Ave Maria, isso é uma coisa muito deliciosa. Como é?". Aí a gente vai ensinar como é que se faz. Como é que se faz uma sardinha, como é que um sorvete, como se faz uma cocada, um doce de coco, tem muitos que não sabem, uma tapioca, que às vezes eles dizem que comem umas tapiocas que num é do gosto que comeu aqui. Aí a gente vai ensinar. E aqui mesmo tem gente que não sabe fazer uma tapioca ou um cuscuz, num sabe, aí pergunta "Como é Dodôia?" Aí eu vou e ensino. Eu gosto muito de ensinar o que eu sei ao pessoal, pode ser quem for. Porque tem gente que é meio "eu vou lá ensinar ninguém a fazer isso?", eu não. Pois eu ensino. Quando a gente vai ficando velho, às vezes morre, sabe nem quando morre. Já fica aquela... "Menino, eu sei fazer isso de Dodôia ou Lelé me ensinou". Num é, mulher? Tem gente que às vezes é ... num quer ensinar. Mas eu gosto muito de ensinar. Ensino muito à minha menina. Preta, as vezes diz assim. "Mamãe, a senhora vai fazer essa tapioca que eu não sei. – Você vai fazer porque toda vida você não tem eu pra fazer não! – Ah, eu não sei não. A senhora faz uma tapioca que não se desmancha. – Ah, pois você vai fazer. Venha cá. Molhe a goma, que eu vou lhe dizer como é. O cuscuz. Ela agora faz um cuscuz bom que só. Porque eu ensino. Se ela disser assim "Ah, eu num sei fazer", e eu disser "apois deixe aí que eu vou fazer" vo. Ela vai aprender? Não aprende. E então... já tem a filha dela, que ela também já quando tiver maiorzinha vai ensinando como é, que eu fazia assim com ela. Às vezes eu saia assim pra trabalhar, deixava ela, faça esse almoço aqui. T'aqui o peixe, t'aqui o feijão. Você faça assim, assim, como é. Mas menina! Ela fazia e eu achava melhor que o que eu fazia, que o que eu faço. Que às vezes eu passo o dia aqui. Quando chego em casa, de noite, ta tudo almoçado, "almocemos o peixe, almocemos o feijão, a carne, uma coisa – Tava bom? – Tava!" Os menino diz. Preta fazia, "Mamãe, ela fez hoje um molho com o feijão bom, fez um peixe bom. Ta vendo? Olha aí! Tem que ensinar, porque se a gente não ensinar, como é que vai aprender?".

6. A senhora acha que a criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável esta trazendo algum benefícios para a comunidade e para o meio ambiente?

OBJETIVO: Saber quais são os graus de consciência que as velhas senhoras possuem acerca da problemática ambiental e das atitudes de criação da RDS.

M 6 – Eu to achando que ta melhor. Basta ver essa construção que tão fazendo aí, aqui de frente, né? Por que ali vai gerar o quê? Emprego. Não vai empregar todo mundo, né? Mas, pras pessoas que já têm um estudo, já pode se colocar ali. Eu acho que ta melhorando mais a nossa comunidade. Melhorando. Eu peço muito a Deus que melhore cada dia. *[A pesquisadora pergunta se deseja acrescentar alguma coisa]* A criação da Reserva... tem gente que diz que a criação da Reserva é ruim, foi uma coisa muito ruim que trouxe esse negócio da Reserva, mas não é. Não é, não foi ruim. Foi bom. Basta ver aquela destruição que aquele pessoal veio fazer aqui na costa, no mangue, que tava acabando com o mangue da gente. Aonde era que a gente ia comer um caranguejo, um siri, né? E depois que teve essa Reserva, que teve esse problema dessa Reserva pronto foi muito bom, ta aí, é caranguejo é siri. Tem o peixe, né? Os peixes que tinha no rio, né? Foi muito bom. Eu gostei muito. Agora é porque tem gente que não entende aquilo ali, que não entende o que é, aí fica. Porque eu sou, eu não tenho estudo, né? No meu tempo, não tem esses estudos que tem hoje, mas eu não sou tão burra [risos] assim, de não entender o que é, o que é que veio pra fazer a benfeitoria pro nosso lugar. Pra mim, pros meus

filhos, pra meus netos, que a gente já vai chegar na idade que está, e eles vão evoluindo melhor, né? Aí a gente... Mas eu achei bom esse movimento da Reserva, que ta trazendo coisas, coisas boas pra gente. *[Fim da entrevista]*.

ENTREVISTA 7

MULHER 7
(62 ANOS)
Duração: 43min 17seg

QUESTÕES

1. A maneira de viver da pesca, dos dias de hoje, é igual à maneira de pescar do seu tempo de menina, o que mudou nestes anos?

OBJETIVO: Saber como o tempo passou na vida das senhoras entrevistadas, em relação à ação do trabalho pesqueiro e das formas de convívio com o mar e o meio ambiente.

M 7 – É não. É diferente. Quer dizer, é né, é diferente num ponto. É... o que eu acho que é diferente é...a pesca da lagosta, que no meu tempo de menina não existia, né? E também a manutenção, o, a, o, a comida que o pessoal leva pras embarcação. Porque na época, na minha época de menina, é, se chamava a cabaça, que fazia, né? era umas cabaças assim de madeira, que meu pai levava somente farinha, açúcar ou rapadura e banana. Era o que levava pra comer lá fora. Hoje em dia o pessoal leva uma feira. Leva de tudo quanto é bom. Pescador bota uma banca se não tiver carne de charque, se não tiver leite moça, doce, biscoito, é, é... Danone, num sei o que, esse bocado de coisa, né? Aí já é uma coisa muito diferente, né? Só que na época que levava só essas, essa comida eu acho que era muito mais saudável pra eles, pescadores, de que hoje em dia levar esse bocado de coisa. Leva enlatado, leva essas coisas. Acho que os pescadores, hoje em dia, tem preguiça de comer peixe, lá fora. Que o peixe é pego é fresquinho, novinho, né? melhor de comer do que quando ele já trazem pra cá no gelo. E eu acho que é diferente por isso. Pelo, pelo, a, a... maneira da pescaria não, porque continua a mesma coisa que a pescaria de voador nunca mudou, é sempre a pescaria de gereré, né? Só mudou a pescaria de lagosta porque antigamente não tinha e hoje em dia tem. A pescaria de agulha, desses outros peixes de linha tudo continua do mesmo jeito, né? É o mesmo, é o mesmo estilo de pescaria. Só mudou nessa, nesse, nesse sistema de, a maneira de como eles se alimentavam lá fora né? e é hoje em dia como eles se alimentam, né? que é completamente diferente, né? *[Risos]*. Quer mais? *[Risos]* Acho que na, na, na... a pesca, continua assim mesmo. A, a... agora também, outra coisa também que mudou também, é... no tempo, no meu tempo de menina, tinha muito a pescaria de *[Ah, Lucas, passe por aí não! Ou, meu Deus, atrapalhou tudo]* No é, no meu tempo de menina também existia muito a pescaria de, de, de tresmalho de rede aqui no rio. Que hoje não existe mais essa pescaria, né? Só existe hoje a pescaria de, pessoal que pesca de eoli, canoa, que é com tainheira que chama, a rede tainheira. E na época num era. Era muita rede, meu pai fabricou muita rede. Fez muita rede pra pescar, pra pescaria de tresmalho como chamava, né? Pescada aqui no rio, pescava de canoa, chamava pescaria de camboa. No que, que o pessoal pescava nas canoa, muita rede. E hoje não existe mais essa pescaria. Existe a pesca de canoa, mas é de tainheira. Como chama o pessoal, né? Aí então, as formas que mudou o estilo de pescaria, mas o resto continua a mesma, a mesma coisa. Bom, a pesca...a assim. Mudou pelo seguinte, porque é... quando eu era menina eu também trabalhei muito, é, eu tratei muito peixe, né? Pisei sal, assim como minha mãe. Acho que essas coisa tudo eu herdei dela, né? Pisava sal e tratava o peixe. Só que a gente passava noite é... tinha vez que é... morria muito voador e a gente passava a noite toda nos, nos rancho, trabalhando. Ah, eles faziam pirão pra comer de noite, a gente tratando peixe, uns escalando, outros desguerrando e outros salgando, né? o voador, que é o que mais morria era voador, é,as outras pescarias ninguém tratava peixe assim não. Só os dono de rancho mesmo que o peixe também vendia assim fresquinho num era pra tratar como o voador e a sardinha e a agulha, né? que a gente também tratava muito pra estender, pra vender seca. E eu fiz muito esse trabalho, de tratar peixe, de desguerrar, pisar sal, de dias de passar, eu me lembro que quando na Festa de Maio, quando era época que tinha muito inverno, ano que tinha muita, muita chuva, a gente passava o dia naquela correria. Estendia o peixe, voador. Na hora que a gente chegava em casa, aí lá a minha tia, Tia Luiza, a mãe de Mãezinha, né? que morava perto, que era dona rancho, aí chamava pra gente ir apanhar o peixe. Que apanhava naquele cesto grande, aqueles balaio. Aí apanhava o peixe todinho pra num molhar de chuva porque num azedasse. Se pegasse chuva a gente tinha que emborcar o peixe todinho, virar o peixe todinho que era pra sair a água pra o peixe num ficar azedo. E então quando num tinha chuva aí a gente ia em casa e apanhava. Quando tinha chuva a gente, quando chegava em casa ela dizia assim, começava a chamar "Chega, lá vem chuva", corria todo mundo de carreira aí quem tivesse por perto tinha que ajudar, pra salvar o peixe, né? Aí era uma ruma de balai, que na época era muito era dez, quinze vinte milheiros de voador. Os varal tudo cheio que só a vista dava na praia. Que era, era.. agora nessa época não tinha nenhuma casa desse lado da praia. Era só varal de peixe, armazém, e varal de peixe. Aí com corre, corre, corre, todo mundo pra, pra ajudar a apanhar o peixe, juntar o

peixe, quando se o peixe ainda tava mole, quando passava o tempo, a chuva, o sol esquentava, lá voltava de novo pra estender aquele peixe todinho de novo, pra duma hora dessa em diante é que a gente ia apanhar, aí botar, deixava numa ruma no armazém, quando era de noite depois da janta aí que a gente ia quebrar. Quebrar é chamar emparelhar os voador um no outro pra engarajar. Nessa época, era... os matuto comprava peixe de animal. Levava pras feiras. Aí, os voador, num tinha, num era nos dia que vem nos caminhão pra levar carradas e carradas de voador. Na época era de animal. E então aí os garajal era assim um, feito de madeira, com uma... no meio passado umas cordas, eu acho que você deve se lembrar. Antigamente, aquele pessoal mais pobre que num tinha condições de ter um colchão de capim, que na época fazia né? de junco, que chamavam, aí eles faziam as camas de madeira do mangue. Tirava o pau do mangue e fazia o... tipo, assim um varal, e no meio eles passavam aquelas cordas pra botar o colchão de junco, né? de capim. Então, desse mesmo estilo, era feito os garajal. Garajal assim *[Demonstra com um gesto de braços abertos]*. Aí depois que a gente jantava, a gente voltava pro armazém, nesse tempo com piraca, as piracas grande, de, de, as luz, de lamparina, como chamava, né? Piraca e lamparina. Tudo acesa, amarrada numas cordas, nuns... no armazém, e a gente ia quebrar o peixe, como chama, aí quebrar, e a gente juntava, que ele na, no varal eles dão ficam com um jeito, né? torto. Então a gente tinha que emparelhar aquele peixe todinho, um no outro, quebrar ele, ajeitar todinho que era pra o dono do rancho engarajar. Aí ia botar todinho arrumadinho num garajal assim até a quantidade certa, uns cem, duzentos, trezentos, o que o garajal levasse, né? Já depois botava outra grade por cima, aí amarrava tudinho de corda que era pros matutos levarem nos, nos jumentos, nos animais.

2. A senhora gosta de participar da vida de sua comunidade?

OBJETIVO: Saber os níveis de participação das velhas senhoras na vida de sua comunidade.

M 7 – Eu gosto de participar de tudo. De tudo eu gosto de participar da comunidade, desde que as pessoas é, me procure, porque às vezes é uma coisa que a gente nem sabe que vai acontecer, mas quando a gente sabe, né? Eu toda vida gostei de, de participar, é... comecei primeiro é, ajudando a minha tia, essa mãe de Mãezinha a montar lá a pessoa que morria, anjo e... anjo e, e defunto, gente grande que morria, a gente saia daqui lá pro Mangue Seco, a pé, pra ir costurar mortalha de gente que morria. Costurava na mão. Eu e minha tia, me levava pra mim ajudar a ela, né? Depois que amortalhava dava, e a gente rezava, pra poder trazer, que na época pra lá não tinha, não tinha cemitério, trazia nas rede, ou quando num enterro, trazia em rede pra enterrar aqui no cemitério. E daí eu fui crescendo, comecei a trabalhar. Quando tinha uma festa, qualquer coisa, aí me chamavam pra mim ir, pra mim ajudar nas coisas. Também várias vezes também ajudei assim a cuidar de pessoas doentes, gente velha, por isso que eu acho que eu sou tão apegada a velho e quando mamãe quiser vir ter qualquer coisa mesmo se não fosse minha mãe, acho que se fosse uma pessoa que eu cuidava eu tinha mesmo, esse mesmo carinho. Porque eu tenho muito carinho com gente idoso. Porque eu cuidei de uma velha aqui eu e Leda, aí a mãe de Richard, que é minha prima, e ela era do mundo que ninguém num sabia nem de onde ela era. Ela era assim meia maluca, e o marido dela tocava viola, né? e bebia também muito. E a velha, ela morava lá nuns ranchos velho tudo desprezado. Ela morreu de, de... cancerosa, né? Câncer de útero. E eu e Comadre Leda quem cuidava dela. Muitas vezes Comadre Leda dava em Richard e Davi pra ir deixar a comida que ela morava acolá em cima do morro, porque eles num queriam a meio dia pra deixar o almoço, que ela fazia uma comidazinha, um mexidinho, um arroz e uma coisa pra ir deixar à ela, à velha, e eles num queria ir, e ela dava neles pra eles irem deixar a comida. E a gente cuidou, eu e ela cuidamos dessa velha até morrer. Ela só tinha esse marido dela. Pronto: ela morreu até no ano que papai morreu. Ela morreu dia de São Francisco, né? em outubro, dia quatro de outubro, e papai morreu dia três de novembro, do mesmo ano, ela morreu. Aí a gente cuidou dessa velha até morrer, comadre ainda é, é é, ajeitar a cadeira, a gente ia lá, varria a casa dela. Botava uns veneno, que ela criava um cachorro lá, e era cheio de, de pulga. Tinha muita pulga. A gente tirava os bicho dela, limpava ela. Só nunca criou piolho. Por incrível que pareça ela nunca criar. Ela tinha o cabelo bem ruim, o cabelo dela, bem pixaim, mas ela nunca criava piolho. Mas tinha muito bicho de pé, por conta do cachorro. E a gente limpava a casa dela, deixava toda limpinha, arrumadinha, aí mandava a comida dela, quando era de tarde a gente ia lá, no outro dia, até que ela morreu. Quando ela morreu a gente... Sim, aí a gente foi, arranjemos madeira, mandemos arrumar uma casinha pra ela, mandemos tapar de barro, ajeitemos toda direitinha a casinha, pra ela morar na outra, que ela morava era uma tapera velha toda, tap.. folhada de saco, de tudo o que é porcaria, de coisa, de esteira velha, essa coisas. Aí a gente foi e mandou fazer essa casinha pra ela, esse quartinho, e a gente cuidou dela até ela morrer. Eu sempre gostei de ajudar, e quanto às festas, as outras coisas da comunidade, tanto as festas religiosas da igreja como qualquer outra coisa que tenha, tudo que me, que me convidam eu participo.

3. Em que momento, e como, a senhora dá a sua opinião sobre os problemas da comunidade?

OBJETIVO: Conhecer as formas de apresentação do discurso oral das velhas mulheres.

M 7 – Bom eu, eu, eu sempre eu dou assim, no momento adequado, quando eu sei que ta existindo uma coisa errada na comunidade, que tem pessoas que pode ajudar, eu não tenho como ajudar, mas sempre a gente se junta numa, numa conversa, seja lá na fundação, antes da fundação que eu era, eu era a, a presidente da associação de mulheres, que eu fui presidente dez anos da associação de mulheres, né? Tudo isso foi trabalho que eu fiz pela comunidade que eu nunca ganhei de lá um centavo. Trabalhei voluntária mesmo por dez anos, né? Então a gente muitas vezes, a gente se juntava pra conversar a situação da comunidade, das pessoas carente e a gente se juntava. Quando a gente num fazia uma, assim uma cesta básica pra levar, que a gente sabia que tinha pessoas passando necessidade, a gente fazia doação, se juntava, é, arranjava aqui acolá, lençol, camisola, quando eram pessoas doente. A gente mesmo da, da associação se juntava e ia lá na casa da pessoa fazer uma visita, deixar, né? A gente trabalhou muito isso, né? Muito isso. Não só eu, junto com as outras pessoas. E sempre às vezes, é, quando acontecem reunião, seja uma reunião da festa, ou uma reunião da fundação, que a gente se junta, que a gente sabe que tem uma pessoa passando por séria dificuldade, a gente comenta. Se a gente num pode ajudar, olhe "Mulher, mas vamos ver se fulano tem, se fulano pode ajudar", se tem uma pessoa doente. Muitas vezes a gente fez isso, uma pessoa doente, na época num tinha carro, uma ambulância pra levar, vamos falar com uma pessoa, vamos se juntar. Muitas vezes a gente até se juntava pra comprar caixão e mortalha pra dar pras pessoas que morriam que num tinham condições nem de comprar nem o caixão de se enterrar. Isso eu nunca fiz sozinha não, que eu não tinha condição. Mas junto com as minhas companheiras, com pessoas da família, sempre a gente fez isso aqui em Diogo Lopes. Hoje, agora não, porque quando morre a pessoa tem a prefeitura, manda caixão, tem ambulância pra levar as pessoas doentes e trazer. Mas antes quando não tinha, esse trabalho era feito por nós, mulheres, porque é, é até vergonhoso dizer, que os homens de Diogo Lopes num se movimentam quase pra nada. Dum cento se tira um, como se diz na história. Pra se movimentar pra qualquer coisa que existe, é sempre as mulheres que tão à frente de tudo.

4. Como é que a senhora faz para que as pessoas da comunidade aceitem a sua opinião sobre coisas da vida?

OBJETIVO: Saber se a opinião das velhas mulheres é aceita na comunidade e como elas reagem socialmente aos problemas e às inter-relações socioculturais.

M 7 - Ó, é, é... quando a gente se reúne pra fazer uma, vamos supor, tem uma festa, aí vamos se reunir, vamos fazer uma festa. Por exemplo, a festa da igreja. Quando tem reunião, me convocam, quando eu posso ir, eu vou. Quando eles é, planejam pra fazer de um jeito, que eu acho que daquele jeito não vai dar certo, eu sempre dou minhas opiniões, até que sempre acatam minhas opiniões. Porque desde muito pequena que eu lido com festa, né? Porque esse, tem aí a prova, esse clube foi uma coisa que foi construída por mim e pelo pai de Arlete, que fomos os dois primeiros que começamos a fazer esse, esse clube. Com brincadeira pra criança, comecei carregando banda de tijolo, do cemitério pra fazer um piso pra os meninos brincarem pastoril e daí surgiu a idéia da gente fazer um canto pra se ter festa que num tinha, né? É, principalmente as festas da igreja, que era aqui perto. Fazer um salão. Daí a gente começou a, a... a imaginar de fazer uma associação, eu e Seu Manel, né? É tanto que as meninas às vezes ri que eu digo assim, eu já diversas vezes me arrumei pra sair e às vezes eu tenho raiva, contrariedade por conta das coisas de lá da associação e eu digo que eu vou sair, mas ao mesmo tempo eu não saio porque isso foi um pacto de mim com ele. Quando nós começamos a construir, ele era todo de palha, depois a gente fez um meio muro, era coberto de palha, depois foi melhorando, tentando fazer uma festinha, e ia arrecadando dinheiro, e melhorando, até que hoje em dia ta do jeito que ta. E ele dizia sempre "Olhe, a gente sempre vamos ta junto pra cuidar desse, pra zelar por esse, por esse, por esse clube. Se eu morrer primeiro, você vai ficar na responsabilidade, se você morrer primeiro, eu fico na responsabilidade". Até que ele morreu e eu fiquei até hoje na responsabilidade porque eu, quando, toda vida me lembro desse, desse pacto que eu fiz com ele, né? E eu penso assim, se eu sair, assim, qualquer dia desses tiver uma contrariedade e me afastar de lá, eu acho que ele vai olhar, talvez ele, eu penso assim, eu vou me arrepender depois, porque foi uma coisa que eu, nós dois juntos construímos, posso dizer que fomos nós dois que fomos as cabeças, né? E aí eu fico assim pensando, eu digo" É, num vou sair não". Mas várias vezes eu já me arrumei pra sair, porque às vezes tem umas coisas que o sócio num briga, e a gente vai pra reunião, fica debatendo, fica falando e até discutindo, né? E a gente se chateia, e aí eu digo, "Ah, vou sair, eu já assumo, já tenho tanta ocupação, já vivo com minha vida tão cheia de, de problema, ainda mais ter que tendo coisas dos outros, que isso num dá nem futuro pra mim. A gente num tem nada, é somente o nome, aí paga uma mensalidade, e às vezes nem paga, só tenho é trabalho nas festas, num ganho é nada, eu vou sair". Mas às vezes eu digo, "Mas é muito bom, é melhor a gente trabalhar de graça que por dinheiro". Num é tudo, porque a gente também sem dinheiro, né? A graça de Deus é muito

boa, mas às vezes a gente não tem o merecimento de ter, que Deus não vai jogar dinheiro do céu pra baixo, pra gente. A gente tem que se movimentar. Tem que fazer de tudo. Mas muitas coisas na comunidade da gente, é mil vezes preferível a gente trabalhar de graça do que por dinheiro. Hoje eu tava dizendo aqui a Comadre Livinha, né? Que quando a gente começou esse Encontro Ecológico né? Fomos as pessoas, você desde o primeiro que participa, né? Eu, Comadre Livinha, Dodôia, que foram as primeiras que se achou pra prestar o nosso serviço, né? Sem, sem combrar nada, sem querer nada. É, o ano atrasado, o terceiro encontro, o terceiro que tive doente e não participei, né? O terceiro encontro que eu não participei, né? Que eu tava doente. Já no quarto, já participei. Então a gente, Compadre Itá achou que a gente tava trabalhando muito, viu nas contas que sobrou alguma coisa, deu uma gratificação pra gente, né? O ano passado ele aumentou. No outro ano parecem que trinta reais que a gente ganhou, eu sei que ano passado deu pra eu dar às meninas que auxiliaram, cinqüenta e a gente ganhou cem. Esse ano, é, houve uma reunião e então todo mundo participou, é achou melhor de já começar com o turismo comunitário como já estava sendo previsto, né, então dividir as tarefas. Até porque eu tinha dito a ele "Compadre Itá, esse ano eu acho que eu não vou poder trabalhar os quatro dias, porque agora mamãe ta em casa, né? Ana trabalha no Rancho, Cristina também trabalha, estuda, eu não tenho com quem deixar, não posso passar quatro dias direto como eu passava de sair de casa cinco e meia da manhã pra chegar dez, onze, doze horas da noite, como você sabe". Ele disse "Homem, mas", aí eu digo "Não. Essa idéia que vocês fizeram ta muito boa, de dividir pra cada uma, pessoa que tem restaurante, ficar com uma parte de gente que diminui o trabalho e até a gente pode participar de alguma coisa que a gente nunca participou de uma palestra, porque o tempo não dava, que você via, né?". Só teve um ano que a gente ainda veio aí no, aí no clube só pra assinar, como a gente também eram pessoas que também participava do evento, né? Mas de participação de palestra, ninguém nunca participou de nada. Então hoje eu tava dizendo Comadre Livinha. "Comadre Livinha, olhe, melhor era no tempo que a gente trabalhava sem ganhar nada, do que agora, porque existiu isso". Porque ficou, ele tanto que lutou e ele disse "Então eu vou tirar um dia pra você que é pra você ficar lá no Rancho, né? pra fazer as coisas. Vamos tirar o sábado, que é o dia que dá mais gente, então vocês ficam com o almoço e o jantar". Eu disse, "Então, é. Um dia só assim eu vou ver se dá pra mim porque é um dia que Ana não ta no Rancho, eu vou ver se ela pode ficar lá em casa cuidando das coisas. Cristina também é envolvida sempre nesse, nesse evento, então eu vou ver se da certo". Tudo bem, ficou certo. Aí ele disse "Só que esse ano vai ser assim, a gente vai fazer um orçamento de, por refeição.Vamos combinar com o pessoal de restaurante de sete reais por refeição – Ta certo, vamos ficar. Só, Compadre Itá, que a gente não tem dinheiro pra comprar, e eu tenho medo de investir e num ter retorno com isso, porque você sabe que somos seis pessoas aqui a equipe da cozinha,né? Vá que, que no dia da gente tenha pouca gente e a gente vai investir esse dinheiro, comprar o material, num tem retorno depois pra gratificar esse povo. Por que o senhor não deixa assim, no dia que é da gente vocês compram o material a gente faz e faz o comer.. se der uma gratificação pra gente, tudo bem, se não der, a gente num já começou a trabalhar sem interesse? A gente pode continuar, porque pelo menos eu não tenho nenhum problema. Eu gosto de ajudar nas coisas da comunidade, o que está ao meu alcance eu gosto de fazer". Ele disse "Não. Num é interessante que vocês começaram a trabalhar sem ganhar nada, quando ser pra ganhar, vocês ficarem de fora, né? Num acho, num acho isso certo. Vocês tem que dar um jeito de ficarem pelo menos um dia. – Não, se você quer, vamos dar um jeito. Tudo bem". Quando foi agora essa semana, a última reunião, o menino do Rancho, lá que é o da cozinha, não participou das últimas duas reunião. Essa última reunião eu disse assim "Arlete, como é? Vai ficar mesmo o sábado pra gente?" Ela disse "Vai. – Então a gente vai ter que, vou sentar com Comadre Livinha pra gente conversar pra ver tudo como é que a gente vai fazer. Só que a gente esse ano a gente vai mudar o povo vai até estranhar. Porque todo ano, as coisas, é, eles compram, a gente, faço como diz a história, do bom e do melhor. Esse ano se a gente vai fazer uma refeição por sete reais a gente num pode fazer o que a gente faz nos outros anos. Vamos sentar, vamos ver o melhor, vamos ver o, o que o povo gosta mais, que a gente já sabe, né? o que o povo gosta, então, pra gente ver se dá pra nós, pra nós duas. Nós vamos diminuir a equipe, como é lá no Rancho tem tudo, vamos diminuir a equipe pra ver se dá pr'a gente ganhar alguma coisa – Tudo bem, ta certo". Aí o menino do Rancho foi, é... Subadhro disse que tinha noventa e cinco pessoas da Petrobrás, uns, umas pessoas que trabalham com filme, com mulher, com um bocado de gente, tinha noventa e cinco pessoas pra o sábado. Aí eu acho que foi arrumação de, do, do menino da cozinha que foi falar com eles pra trocar o dia, pra gente ficar no domingo. E o domingo era só o almoço, né? Aí eu chamei Comadre Livinha assim, e disse "Comadre Livinha isso num vai dar certo não pra gente. – Por quê? – Porque no domingo encerra com o almoço. É o almoço. Não tem café da manhã, não tem nada. Vá que a gente compre muita coisa... se tivesse o jantar, não. Se fosse no sábado, que o que ficasse do almoço a gente já fazia pro jantar. E se a gente ficar no prejuízo? Como é que vai ser? E a gente já vai, num tem dinheiro, a gente vai comprar na, nas, nas mercearias fiado, que a gente tem crédito pra comprar, né? Mas isso é uma coisa que, no dia que a

gente compra no outro dia não vai pagar porque que fazer orçamento, ainda tem que vencer dinheiro, esse repasse, dessas coisas todas, e mais assim mesmo dá pra gente comprar, agora, só que eu to com medo de fazer esse negócio". Ela disse "É, realmente, eu acho que pra gente não vai dar. Eu digo "É, eu bem que disse a Compadre Itá que num dava certo ficar um dia, que deixasse o pessoal... – Ah, num tenha queixa não! - Compadre Itá, eu não fico com queixa disso, de maneira nenhuma. Se eu ficasse com queixa na minha casa não dá pra receber porque o evento era mês passado, como mudou, eu num tinha feito o piso da minha casa. Porque se adivinho que ia mudar, eu tinha aceitado a proposta, porque eu na minha casa eu aceitava fazer, porque eu tenho tudo. Graças a Deus, como pobre, mas eu tenho, que quando vai pra lá num é eu que levo, as minhas coisas, é eu e Comadre Livinha? A nossa louças, tudo a gente leva, né? Num precisa de nada de onde a gente vai trabalhar. Então aquela coisa. Só que a minha casa ficou em reforma e eu não vou receber o pessoal na minha casa, a casa cheia de poeira, o piso todo pelado, eu não vou, né? De jeito nenhum. Aí, só que mudou os dias e ninguém sabe. Como já tinham acertado tudo, eu digo, "eu não vou mexer em nada, vamos, vamos ver se dá certo". Só que hoje eu disse a ele, eu disse "Pronto. Agora acabou de completar. Mamãe teve esse negócio. Comadre Livinha já ontem ficou doente, com dor de cabeça, nem foi pra lá pra deixar o resto", aí eles foram. Eu, eu disse "Comadre Livinha eu acho que isso foi um consolo. Arlete veio com uma história aqui pr'a gente fazer os lanches pra todo mundo, pra gente porque ela achou realmente que o domingo não ia dar pra gente, só o almoço, né?". Aí eu disse, "Não, eu fico com os lanches". Aí hoje eu disse a Comadre Livinha, "Comadre Livinha, vamos dispensar. Vamos dizer a Arlete e Compadre Itá que num tenha queixa não, mas deixe o domingo pra eles lá que já compraram muito material pra o sábado, então eles fazem o domingo e num tenho, num tenho problema, conversa não, eu num vou ficar magoada. Próximo ano se eu for viva e tiver condições de, de receber pessoas na minha casa, eu faço. Se não tiver, a mesma coisa. Então num... o senhor sabe que comigo tudo, tudo da certo. E eu não sou uma pessoa egoísta de querer, porque se eu fosse desde o ínicio eu num tinha ido trabalhar, quatro dias, três dia, quatro dias, quando começou com três dias, foi aumen... passando pra quatro dias, de graça sem, sem interesse de nada, né?". Aí por isso eu disse, tem muitas ocasiões que é melhor a gente trabalhar de graça de que trabalhar por dinheiro, num é?

5. Os mais jovens da comunidade aprendem as coisas que a senhora sabe e conta para eles?

OBJETIVO: Saber se, e como, o discurso oral das velhas senhoras fomenta a transmissão de seus saberes para a comunidade em que vivem.

M 7 – Homem, eu acho que aprende, é um, umas pessoas aprende, né? Porque é... quando é sobre negócio de assim festa, festa junina, que eu sempre é, comecei, criando, fazendo quadrilha. E eu fui pro Ceará uma época, que eu fui, passei um período lá de quatro meses, fui aprender, fiz minha, minha, meu curso de bordado à máquina lá, né? E de lá eu comecei é, ver a, as meninas fazendo quadrilha, com as crianças tudinho, e quando cheguei aí comecei a fazer quadrilha com as crianças daqui. E até hoje ainda tem gente que organiza as coisas através de mim. Vem me pedir opinião, né? Se assim dá certo, se não dá, né? Uns até que, agora não todos porque também a juventude de hoje em dia você sabe que é completamente diferente do tempo da nossa juventude, né? Porque em todos os sentidos é diferente. Mas tens uns que até acatam as opiniões da gente, quando vem pedir que a gente... quando eles vem atrás é porque tão precisando de alguma orientação, e a gente dá e eles acatam as opiniões, sempre.

6. A senhora acha que a criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável esta trazendo algum benefícios para a comunidade e para o meio ambiente?

OBJETIVO: Saber quais são os graus de consciência que as velhas senhoras possuem acerca da problemática ambiental e das atitudes de criação da RDS.

M 7 – Acho. Acho. Porque olhe, é, muita coisa depois dessa Reserva melhorou, melhorou, né? Olhe, é, a única coisa que não melhorou mesmo é, assim bem, bom mesmo, todo, fui na limpeza. Porque isso aí não depende de... nem de gari nem de... depende das próprias, da própria comunidade, das pessoas que não se liga na, na, na, na limpeza, na higiene das coisas. Tem gente aqui em Diogo Lopes, muita gente aqui que ainda tem esgoto pro meio da rua, né? pra rua. Que pode fazer um, um, uma fossa. Que eu sou pobre, não tenho nada. Graças a Deus eu tenho Deus. Mas eu tenho três fossas aqui na minha casa, né? Três fossas. Porque eu, é, pense num negócio pra eu num gostar de ver é água na rua, aquilo tudo melado a gente num pode nem passar. Eu não gosto dessas coisas. Mas aqui tem muita gente que tem condições e num faz. É um descaso muito grande isso. É, o dia da última reunião, os meninos tavam comentando que tavam se preparando os jovens da, do, que são do, do, como é? aqueles meninos que, que, que, que são da, da, da coisa da reserva, mulher? Num to me lembrando. Que eles tavam com essa proposta de Compadre Itá, de fazer...de tavam fazendo uma reunião pra falar agora também no evento sobre esse pessoal que tem esgoto ainda pra rua e pra praia. Que tem muita gente que tem esgoto pra praia, né? pra praia. Isso aí

é uma falta de higiene muito grande, é da própria comunidade, num é nem da pessoa. Porque, você passa, agora um galho e começa a varrer, quando pensa que não, ta aí! Bocado de copo descartável na rua, papel, tudo enfim, né? Isso aí é uma coisa que não podia existir, porque uma comunidade que não é nem tão grande, que Diogo Lopes não é... nem tão pequena, mas não é tão grande. Mas o pessoal, todo mundo aqui, acho que não tem mais nem analfabeto aqui, todo mundo, até as pessoas de idade, agora tem estudo, né? Às pessoas estudam, né? E eu acho que esse tipo de coisa não era mais pra existir. De jeito nenhum. Mas isso aí é um ponto que não ta bem aceito ainda não. Mesmo que o pessoal já tenha, pra dar... quando é assim nos encontros, o pessoal vem colocar depósito pra lixo, mas o povo num ta ligando muito pra isso não. Isso aí o povo é uma coisa. Mas em outras coisas eu acho que melhorou. Por exemplo, é, o mangue, né? que antes da Reserva, todo mundo tirava madeira do mangue, ó, madeira pra fazer, na época de São João pra fazer fogueira. É... caibro, e chalé como chama, e forquilha, pra armar a casa. Tudo isso o pessoal tirava, ainda tem gente que tira, mas quando uma pessoa vê e sabe, denuncia. Eu mesmo já mais de uma vez eu num já disse? Eu disse a "Compadre Itá, veja esse povo que tomaram esse povo de banda, esse povo que vem pr'aqui, bote tu pra ver que é lá quem fiscaliza essas coisas, porque tem gente eu digo que quando vou pra costa, lá perto do meu rancho tem, tem canto já de, de mangue, já ta, de gente tirando ainda, ainda continuam tirando forquilha e coisa que agora num tem mais, num existe mais essa necessidade, porque antigamente o pessoal todo mundo aqui em Diogo Lopes tinha suas casinhas de palha, feita de palha, tirava madeira da, da, dos mangues, mas hoje num existe mais isso, porque hoje tem, tem pessoal que vende material. Você compra o material do jeito que você quer, pra pagar como você, como você pode, pagar, né? O importante é você pagar, e você construir sua casinha. Um quarto, dois, o que você precisar de fazer, sua casinha, sem precisar de mexer nos mangues que é uma coisa que a gente tem mesmo que, que, que, que preservar, né? O pessoal vai lá pra costa mesmo e faz, faz sujeira, lixo. Porque de vez em quando eu passo uns dias sem ir lá no meu rancho, e quando eu chego lá eu encontro, é garrafa, é copo descartável, eu fica ali no pé do mangue tirando aqueles sacos plásticos. O povo coloca garrafa, tudo isso. Tudo isso é coisa que num, num precisava de exigir. Vai pra lá, junte, ou queime ou traga pra cá pra botar no lixo, numa sacola. Tem pessoas que vai, que trazem. Mas tem gente que deixa lá tudo sujo, né? tudo sujo. Mas no, melhorou muita coisa, eu acho que a Reserva trouxe muita coisa boa, pra cá. É, se o pessoal se conscientizasse disso, porque ainda tem muita gente que não entende e não sabe nem dizer e ainda diz assim "É, esse povo são muito besta. Deixa de, o povo num, empata o povo de fazer um rancho, uma casa na beira da praia. Fica com uma história de uma reserva, e depois que começou essa história de reserva ninguém pode mais fazer um armazém na praia, ninguém pode fazer uma casa, ninguém pode construir, num pode ir numa, num pode fazer uma, um, um negócio nas dunas porque tudo é proibido". Eu digo "Sabe por que é proibido? Porque agora a Reserva, e tem, e as coisas tem que ter limite. E se são coisas que a pessoa proíbe é porque são coisas que ta errado. Se fosse certo, ninguém empatava. Porque antes ninguém empatava, ninguém empatava ninguém de tirar madeira em mangue, tirar rama pros bichos em mangue, tudo isso ninguém num, porque ninguém tinha conhecimento das coisas, né?". Mas hoje em dia ta todo mundo esclarecido, ta, é, até as crianças participam das palestras que entendem, muitos já entendem é, o que é uma reserva que eles explicam nas palestras, o que é uma reserva, pra o, pra que serve, o meio ambiente e tudo. Eu acho que num tinha mais muito precisão de as pessoas fazerem um negócio desse não, né? ainda. Mas ainda muita gente que faz. Mas a maior parte já num faz mais. Já melhora muito, já melhorou muito, muito mesmo. *[Fim da entrevista]*.

ENTREVISTA 8

MULHER 8
(76 anos)
Duração: 32min 45seg

QUESTÕES

1. A maneira de viver da pesca, dos dias de hoje, é igual à maneira de pescar do seu tempo de menina, o que mudou nestes anos?

OBJETIVO: Saber como o tempo passou na vida das senhoras entrevistadas, em relação à ação do trabalho pesqueiro e das formas de convívio com o mar e o meio ambiente.

M 8– Não. No meu tempo de menina era mais diferente, porque no tempo do, da pesca antiga do meu tempo de menina, que eu lembro, era dos meus dez anos pra frente, era uma pesca que eles saiam de madrugada, madrugada, duas horas da madrugada, pra pesca e assim... umas três hora da tarde era que vinha chegar. Pescava agulha, pescava agulhão, peixe de linha. Eles chegavam e tirava, tratava aquele peixe nos rancho, lavava na maré, né? tirava o sangue do peixe e botava no sal. Mudou porque... É, a maneira da pesca... Bem, eles pescavam e, como eu digo, chegavam assim pelas três horas da tarde, lavava aquele peixe. No outro dia agente ia pro varal estender aquele peixe. Hoje em dia é diferente, porque eles chegam e aquele peixe vai pra o gelo. Não vão para o sal como era antigamente, e fazia aquele barril de moura, moura com água salgada e

sal, e colocava aquele peixe. De manhã lavava e estendia. Aí vendia a algum matuto do brejo que vinha. Engarajava. A gente estendia, a gente apanhava, engarajava e os matuto comprava. E hoje em dia já, assim, é diferente, porque eles botam no gelo. Quando os comprador vem leva no caminhão, leva em transporte, né? Não é mas em carga de animais. É assim... a diferença é essa, né? Mais é diferente, num acha? Antigamente? Sim, como eu digo, os matutos, que chamava matuto, né? que vinha do brejo comprar o peixe. Levava o peixe já engarajadozinho, engarajava e eles comprava e eles levava. Quando... era... no... quase todos os mês eles vinham. Trazia aqueles animais, aqueles burros com aquelas cargas, caçuá e tudo e levava o peixe. Agora hoje em dia é mais diferente, como eu estou dizendo que hoje em dia quem leva é caminhão, é carro, bota no gelo pra vender, não é mais no sol pra secar. A gente botava no sol, fazia aqueles varal, nera? Os donos de armadilha fazia aquele varal, com, com, com vara, a gente botava vara e estendia tudinho. Se levantava bem de madrugada. Eu me levantei muito de madrugada pra estender peixe da… lá do armazém do meu, do meu, do marido da minha tia. Ele tinha uma embarcação e meu pai pescava a ele. É, pescava a ele. Pescava de agulha, agulhão. Aí, quando ele pegava o peixe e vinha, eles vinham sair em Macau, para vender em Macau, no mercado de Macau, que aqui não tinha onde vender. Aqui a gente só vendia o peixe seco, e fazia de sol, engarajava e vendia aos matuto que vinha comprar. Aí esse tempo é mais diferente que não tem mais esse negócio (risos). Nesse tempo, o pessoal vem comprar nos carros, peixe no gelo, né? bota em gelo, frigorífico, essas coisas, não é mais como era antigamente. No meu tempo, que eu… já era mocinha, ajudava mamãe, minha mãe, que a minha mãe, ela, papai pescava no bote da minha tia e mamãe quem tratava aquele peixe. A gente ia ajudar a ela tratar. De manhã ela ia, estendia o peixe, eu quem ficava em casa pra cuidar dos meninos, eu fui a mais velha, primeira, eu cuidava dos meninos e ela ia… pisar sal, pro mode salgar aquele voador. Quando os botes chegava dos voador de noite tudo carregado de voador, escalava, tinha aqueles escalador, né? Escalava, mamãe, e quando acabar mamãe lavava e salgava todinho. De manhã os pessoal que lavava, lavava aquele peixe botava no varal e ia estender. E estendia tudinh, era… aqueles varal de peixe. E quando era de tarde a gente apanhava, ai quebrava ele todinho, né? aí ajeitava e engarajava. É, a nossa vida era essa mesmo *[Risos]*. Mamãe tratou muito peixe, e eu pisei, eu, quando era moça pisei muito sal. Pisava de carçula, num sabe? Pilão, duas mãos. Era duas mãos, era duas pessoas, uma sentada de um lado e de outro, e aja a pisar, carçula…era. Cada uma com uma mão do pilão. Enchia aquele caixão, e nesse tempo tinha uns caixão de, de, que o pessoal comprava querosene, as latas de querosene, era nuns caixão de tábua, num sabe? Aí quando desocupava aqueles caixão, aí ele levavam para o rancho para a gente encher de sal pilado. A gente pilava o sal, que nesse tempo não era sal moído, não. Era pisado no pilão. Mão de pilão, a gente pisava. Ainda me lembro até quanto era um caixão que a gente pisava. Era.. era… dois… quer ver? Era dois e… dois mil réis. Dois mil réis. Nesse tempo era mil réis. Era. A gente pilava por dois mil réis um… Passava o dia pilando, quando a gente acabava de almoçar já tava naquele rancho, sentada uma num tamburetinho, o pilão no meio, e uma de lado e de outro e aja... *[Risos]* Era! Aí começava a pisar. E enchia aqueles caixão de sal. Pisava dois, três caixão, no dia a gente pisava, para ganhar dois mil réis, dois e quinhentos, como chamava. Aí a gente ajuntava pra comprar roupa, calçado, essas coisas. Os pai da gente, a pescaria não dava pra dar, e a gente é que… era. Quando eu era moça eu, eu tratei muito peixe nos rancho. Ganhei muito dinheiro de pilamento de sal, e salgando peixe, tratando peixe, consertando peixe, estendendo… é. Me levantava de noite pra desguelrar voador. Desguelrar voador, salgar, é. Quando os botes chegava. Era assim a vida da gente do tempo, do meu tempo. Hoje em dia quem é que quer fazer isso? Ninguém! *[Risos]* Ninguém, né? Nenhuma mocinha hoje em dia não vai pra um armazém de peixe nem comprar um quilo de peixe pra comer, avalie pra ir consertar, tratar, estender, salgar, essa coisas, nada. Vai não *[Risos]*. É, aí a diferença é essa, né? Porque não é como… Hoje em dia as moças tem que ter um empregozinho qualquer pra se manter, pra se vestir, pra se calçar, quando é mais humilde, vai atrás de um trabalho, né? Mas não vai querer um trabalho de armazém de peixe. Qual é a moça que hoje em dia vai pra um armazém de peixe? É difícil? Não. Não tem mesmo de jeito nenhum. Num é nem difícil, porque hoje em dia é só os homens mesmo que trata um peixe, conserta um peixe pra, pra botar no gelo e tudo mais. No meu tempo, era nós mulheres quem ia pra os armazém tratar o peixe, salgar, estender. Era. Pra vender. Era assim.

2. A senhora gosta de participar da vida de sua comunidade?

OBJETIVO: Saber os níveis de participação das velhas senhoras na vida de sua comunidade.

M 8 – Não, não participo de nada, eu. Não. Só se um dia assim, me chamarem assim pra, assim uma festinha, um aniversario eu ainda vou, assim, quando for de família assim, eu só, eu ainda vou. Mas eu num gosto… até mesmo pra ir pra a festa de, da igreja eu só, a festa que mais eu vou todo ano assim é o mês de maio aqui é a coroação de Nossa Senhora. Mas às vezes tem missa, tem festa de São Francisco, tem isso, eu não saio de casa. Pra nadinha. Não tenho vontade, não. Às vezes as meninas mim perguntam se sou crente. Não, não sou

crente, eu sou crente em Deus. Porque a crença a gente faz do jeito que quer. Mas eu não sou crente assim como os pessoal vão pra assembléia, não, essas coisas não. Mas eu sou católica eu rezo em casa, na minha casa. Rezo. Rezar, eu rezo. Graças a Deus, eu rezo, que eu sei rezar, minha mãe me ensinou, né? E eu rezo. Mas não vou ta na igreja com o livro na mão lendo, rezando, não vou dizer que eu não faço isso. É. Eu já foi muito, participei muito das coisas quando eu era mais nova, mas depois que eu fiquei viúva, meu marido morreu, que eu lutei muito, tive muito trabalho com ele. Dez anos não é dez dias que a gente luta com uma pessoa inválida, né? Bem dizer. Eu lutando pra criar essa menina, lavando roupa, engomando, fazendo renda, costurando. De tudo eu, uma coisinha eu faço. Então isso aí, eu me acostumei de.. em casa, não tenho mais vontade de sair *[Risos]*. Só vivo em casa. Trabalho em casa. Saio, saio só, vou ali onde tá mamãe, tomo a bênção. A minha cunhada mora lá em cima, ela teve doente, muito doente, foi pra Natal que fez uma operação lá e até hoje eu ainda não fui lá visitar ela *[Risos]*. Toda vez eu dou uma desculpa assim e num vou. É longe, lá em cima, eu fico cansada. É.

3. Em que momento, e como, a senhora dá a sua opinião sobre os problemas da comunidade?

OBJETIVO: Conhecer as formas de apresentação do discurso oral das velhas mulheres.

M 8 – Ah, agora aí eu, sempre quando eles vem pra, aqui, eu acho que eles gosta de vir. Traz esse papel, né? pra mostrar e tudo, eu acho certo, né? Porque é uma coisa que a gente que é da comunidade, a gente tem que dar opinião das coisas que, né? Que deve ser feita. Que deve… Agora só que aqui, um lugar que nem o nosso, devia ser um lugar mais elevado, mas não é. Por que? Porque os políticos não ajuda aqui em nada. A gente não vê aqui, um lugar grande desses, já era pra ser quase uma cidade, mas não é assim. Os prefeito nunca… ajuda noutros município por aí, mas aqui faz uma coisinha aqui, outra acolá. Não passa do que é. É. Um emprego não tem pra, pras pessoas que precisam. Taí. Essa menina trabalhou seis anos no, no meu canto de zeladora, aí no posto. Aí depois que tiraram ela do emprego, até hoje, nunca arranjou um trabalho, nem de zeladora, nem de nada. Tem dois filhos pra criar, quem ajuda sou eu. Com o pouco que eu recebo, quem, ajudo ela e os filhos. Porque não tem trabalho nesse lugar pra nada. Ela sabe fazer uma coisinha, mas de que adianta? Porque não tem saída, não tem resultado. É isso.

4. Como é que a senhora faz para que as pessoas da comunidade aceitem a sua opinião sobre coisas da vida?

OBJETIVO: Saber se a opinião das velhas mulheres é aceita na comunidade e como elas reagem socialmente aos problemas e às inter-relações socioculturais.

M 8 – Não sei não, (risos). Não sei não. Elas também quando… agora as comunidade daqui é assim, elas só convida aqueles pessoas que gosta de se associar nas coisa, né? É. Aquelas pessoas que gostam de se ser sócias num, numa... que fazem reunião, e tudo. Eu não vou, eu não faço. Cada um… é. É, é. Eu não vou porque as coisas daqui não tem unidade, união, sabe? É uma coisa que tem por proteção. Muita coisa daqui é por proteção. Eu digo à senhora que é porque é de verdade, é proteção. Porque às vezes estuda, um, um, uma pessoa, estuda uma com a outra, o que uma aprendeu, aquela outra aprendeu. Mas deixa que valorizar um, elogia o outro. Porque diz assim: "Fulano não tem competência disso, Sicrano é quem tem". Deixa que o estudo foi um só. Aí, qual é a diferença, né? Qual é a diferença? Eu acho que todo mundo deve ser igual. Se aprendeu o que aquele aprendeu, aquela aprendeu, tudo foi igual. Não pode uma ser mais competente do que a outra. Tem a gente aqui de ter três emprego, que chega não pode mais nem aguar a venta. Tem outros que não tem nenhum, né? Eu não acho isso certo. Eu acho que devia que um ter três, tirar pelo menos um e dar àquele que não tem. E aquela fica com dois já é muita vantagem, muita coisa, né? E é isso. Por isso eu digo que as coisa daqui não é como devia ser. Eu num acho. E agora, pra falar a verdade, os prefeito daqui só querem o voto das pessoas, porque não ajuda em nada, eles não ajuda. Às vezes…promete, mas promessa todo mundo faz. Aqui não tem nada, não tem nada, não tem nada. É. E até hoje ta tudo assim, assim mesmo, agora ta chegando o tempo da política eles querem de novo… agora prometer pra não fazer. Eu vejo nos outros canto tudo é diferente. É. Por isso eu digo eu acho muito, muito, agora faço como… muita diferença no meu tempo, porque no meu tempo, não existia mordomia. Era tudo humilde, né? Todo mundo trabalhava, todo mundo era igual. Hoje em dia não, é diferente. Tem muita diferença do tempo de hoje pra o outro tempo que a gente nasceu, e criou-se, e viveu. Muita diferença mesmo. É.

5. Os mais jovens da comunidade aprendem as coisas que a senhora sabe e conta para eles?

OBJETIVO: Saber se, e como, o discurso oral das velhas senhoras fomenta a transmissão de seus saberes para a comunidade em que vivem.

M 8 – Eu não sei, às vezes eles vem aqui pra *[Risos]* pra, chega pra eu... eu contar as coisa do que eu passei, agora fazer como o outro "do que eu vivi", aí eu conto o que eu sei. O que eu sei eu boto pra eles,

eles escreve, vão embora. Não sei o que eles fazem desses negócios, não. Eu sei que… o que eu sei contar, o que eles me perguntam, o que eu sei responder eu respondo. O que eu não sei eu não digo a eles, que desse tempo não foi pra mim não, eu num seio não. E eu… mas sempre eles vão fazer esse negócio de umas palestrazinha, né? E vem por aqui pra mim dizer… só quem vem sempre, sempre é um sobrinho de uma prima minha, com um menino que tem aí de uma prima minha, que estuda e eles gosta muito de vir aqui "Tia Cota eu vim dar uma conversinha com a senhora, quero que a senhora me diga isso assim-assim", e o que eu souber, meu filho, eu digo. E eles escrevem e vai embora. Mas eu não participo de nada, não. Não vou dizer que minha vida é assim em casa mesmo fazendo meus trabalhos. Agora quando uma pessoa precisa de mim pra fazer o que eu sei eu faço. É. Eu sabendo, eu faço. Chega e… Agora, pra mim ir pras casa, assim procurar trabalho pra fazer, eu nunca fui, não. É isso que precisa de um trabalho, venha na minha casa. Se eu souber eu faço, agora pra mim ir pra casa de ninguém… Eu fique viúva já fazem, vinte e um, dois, já entrou pra vinte e dois anos já, vinte e um anos já tá, mas eu nunca procurei trabalho em casa de ninguém. Eu vivi só do meu trabalho, na minha casa. Tudo que eu faço é na minha casa. É. Aí a minha casinha era pequenininha, quando a senhora chegou aqui eu já estava nessa, né? A minha era bem pequenininha do tamanha dessa casinha aqui que tem ao lado, a minha era mesmo assim. Só que a minha era mais direitinha porque era encaliçadazinha, era encimentadinha. Mas e, eu trabalhava de dia e de noite. Porque de dia, de manhã, eu ia pro trabalho, ia lavar roupa pra Casa de Saúde de Macau. Eu lavei ainda mesmo uns dois anos, mais minha irmã. Eu lavava pra lá essas, essas roupas da Casa de Saúde porque não tinha máquina lá aí, botava as roupas e a gente lavava. Saía de cinco horas da manhã, vinha de onze, fazia o almoço, dava de almoçar a ela e o pai dela. Voltava de uma, chegava de cinco. Aí à noite é que eu ia fazer os trabalhos de casa. Lavava roupa, engomava, era. Eu não dormia (risos)! E quando dava fé o galo cantava, amanhecia o dia de novo, aí eu cuidava de novo de ir pro trabalho, e nisso eu vivia. Fui tão acostumada assim que eu não tenho sono pra dormir. É. Eu passo a noite até não sei que horas aí, fazendo fuxico, fazendo ontem um negocinho, fazendo outro, até ver se me dá sono, pra mim dormir. Porque já me acostumei. É assim. É… minha vida, toda vida foi assim mesmo. Quando eu era moça eu não saia muito de casa, papai não deixava muito a gente andar por certos cantos. Aí eu fui me acostumando dentro de casa. Quando eu me casei, meu marido também não gostava muito, não. Não gostava de baile, de passeio e essas coisas, não gostava, não. Só brincava um coco de roda assim, num sabe? Assim, brincar carnaval, isso ele gostava. Mas não gostava de ir pra baile, nem de sair de noite pra, pra nenhum canto. Quando era de noite ele já tava em casa, deitado. E nisso eu fui me acostumando também a viver em casa e nisso eu fui vivendo em casa. Eu saio assim, passo um dia, dois e quando eu vou lá em mamãe ela fica reclamando, porque "não sei o que Maria tem, que não veio. Eu acho que ta doente" *[Risos]*. Adora saber se eu to boa ou se to doente. Quando eu não vou lá ela pensa logo que eu to doente. Eu tenho uma irmã que mora lá em cima, um dia, outro não, ela vem por aqui, sabe que eu não vou lá.

6. A senhora acha que a criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável esta trazendo algum benefícios para a comunidade e para o meio ambiente?

OBJETIVO: Saber quais são os graus de consciência que as velhas senhoras possuem acerca da problemática ambiental e das atitudes de criação da RDS.

M 8 – A Reserva? Eu não sei dizer não, mas, eu acho que ela, mas ou menos, ela trouxe qualquer coisa, porque sempre… o… aqui essas coisas da Reserva todo ano tem, né? Essas palestras, esses negócios. Sempre eles traz, assim, uma coisa que o pessoal se agrada mais de qualquer coisa, que tenha muito aluno, né? Eles traz, umas, uma camisa pra um, um boné pra outro e tudo. Faz aquela festinha, né? os alunos. É só isso que eu sei. Eu não sei se eles trazem mais alguma coisa de melhoria pró lugar porque eu ainda não vi. É isso. Só mesmo negócio de palestra, das festa só essas coisas que eu tenho visto. Que outras coisas não conta, porque eu não sei *[Risos]*. É. Teve agora essas, esses negócio desses, dessas palestras que teve por aí, essa festa que teve aí, aí no, no, no tal dum rancho que tem pra acolá. Eu não sei nem, sei nem de que é esse rancho. Eu vejo que tem gente, eu passo quando eu vou pra Macau aí eu vejo onde é, assim, o canto. Mas eu nunca fui lá, não conheci o prédio, não sei. Tem essas festas, as meninas vão sozinhas. Muita festas aí, que tem muita gente. É bom, pro lugar, né? Animar… quem gosta de festa. No tempo que eu gostava de festa, nunca pude ir pras festa. Hoje em dia não gosto mais. Também não tenho mais idade de ir pra festa, aí num gosto. Não conto nada da, do lugar porque não saio pra saber uma coisa e outra. Sei uma besteirinha só de se uma pessoa chegar aqui e conversar, e tudo, mas que eu saiba… não sou dessas coisas, não, esses meio ambiente como dizem que vem esses negócios todinho, vem pra cá, mas eu não participo de nada. Não sei o que acontece, não sei o que é que eles falam não sei o que... *[Risos] [A pesquisadora pergunta se quer falar mais alguma coisa]*. Eu acho que ta bom, porque a gente não tem mais o que falar *[Risos]*. Já chegou, né? O que eu sabia, já disse. O que perguntar e eu souber, eu respondo. O que eu não souber, eu não vou dizer,

porque o negócio é esse. A gente quando sai de casa, sempre passeia, né? pra aqui pra acolá, a gente sabe das coisas, né? Porque também não é interessante tudo que se passa na, no lugar a pessoa vim pra minha casa me contar. Se eu quiser saber de alguma coisa eu tenho que andar, eu tenho que indagar, eu tenho que… É, pra poder saber. Mas aí é por isso que eu num, num vou dizer assim "eu conto muita coisa do lugar", porque eu não conto, porque eu não ando pelo lugar, quando o lugar é muito, é pequeno e é grande. Pra mim é grande pra andar. Eu andasse, saísse de casa, porque aqui, mesmo minhas irmãs que gosta de passeio, que vai pra Macau, pra Barreiras, vai pra Ceará, vaipra todo canto minha menina também, sai, mas eu não. Quando meu marido era vivo eu ia pra Baia Formosa, sempre eu ia todo ano assim, mais ele. Mas depois que ele morreu eu não saí mais de casa, não encontro nada desse lugar. Tem casa aqui, ruas de casa que eu não sei aonde é. Tem gente que mora aqui que eu nem conheço. Tudo porque eu não saio. Porque as pessoas que saem, sabe de tudo, mas quem não sai vai saber de que? É. Eu não gosto de andar sem quê nem mais. Eu só saio se for uma, agora faço como o outro, se for uma precisão de uma coisa. De uma coisa e disser "vá. Diga a ela que venha, que ta precisando de ela vir". Como eu vou pra Macau, quando é tempo da, eu quem tenho que ir pra assinar meus documentos, eu vou. Porque quem recebe meu dinheiro é minha sobrinha. Depois que ela começou a ajeitar minha casa comigo, aí é ela quem recebe meu dinheiro, faz meus pagamento, tudo. Aí nunca mais nem em Macau eu num fui mais. Todo mês eu ia. Aí de mês em mês é que eu ia. Agora nunca mais eu fui *[Risos]*. É assim. Nem no lugar eu não ando. É difícil… nem tenho vontade de assim, de sair. O povo vai pra festa do mês de Maio todinho aí, é festa que faz gosto. O povo vai. Eu escuto daqui de casa, o padre falar, o pessoal cantar… Eu fico sozinha aqui as meninas vão e eu nem, nem me da aquela vontade. Agora que eu sou assim: eu só vou pr'um canto se me der aquela vontade de eu ir. Também se meu coração não pedir pra mim ir, eu não vou. Vou não. Só vou se eu tiver aquela vontade de eu ir. Se não, não tem… No dia em que eu vou pra igreja, nossa, todos se admira: "eita! Hoje ela ressuscitou, não sei o que". *[Risos]* Porque eu passo um tempão, meu Deus me perdoe, né porque eu não gosto de igreja, não. Eu gosto da igreja, dos padres, dos santos, eu num… é porque num me dá vontade de eu ir, não. Aí quando dizem assim: "Mulher, tu não vai não? Fica sozinha aí?", eu fico. Não to com vontade, não vou. É, fico em casa sozinha. Lelé dizendo "Mamãe, eu vou, eu vou, quando chegar lá eu venho pra senhora ir. Se arrume, que eu vou, quando eu chegar a senhora vai". Mais vezes ela chega "vou não". Eu tenho muito é, eu tenho meus sobrinhos tudinho, tudinho em, em Canoa Quebrada, no Ceará, muitos em Juazeiro, no interior do estado e eu nunca fui lá. Todas minhas irmãs já foi, mas menos eu *[Risos]*. Ói, porque todo mundo gosta de ver Canindé, Juazeiro, quando é no tempo, ói, ela já foi pra Frei Damião, né? Pra Nova Jerusalém, já foi também. É, ela vai. Pode ir. Pra todo canto. Eu podendo ajudar ela pra ir prum canto, ela vai também. É nova ainda, num é… né? Também eu to numa idade que não presto pra sair de casa. Minha vista não é boa, eu sofro dum negócio que, sou uma pessoa de, que num, meio nervosa, eu só me lembro de no caminho eu, me assaltarem, eu morrer, o carro virar *[Risos]*. Aí eu fico nervosa, eu me lembro de tudo que é coisa, aí eu não vou (risos). Aí perco aquela vontade. Passou, acabou-se. Eu sei que eu term… eu tenho de morrer um dia, mas às vezes a gente até que os pensamento da gente é positivo. Porque no dia que eu tiver uma vontade de eu sair ir pra um canto, e eu for, me acontece qualquer coisa. Mas pra mim ter isso, aí não sei quantas vezes, é. Eu vou sem… contra a vontade. Porque aquela vontade de ir e não ir, ir e não ir. Aí eu enfrento e vou. Tem que acontecer um negócio comigo. Acontece qualquer coisa, acontece. Pode acreditar que é assim. É por isso que eu não saio de casa. Só vou no dia que me dá vontade. No dia que me dá vontade de ir, eu vou, não me acontece nada. Mas se eu for contra a minha vontade, aquela vontade de não ir, nem que eu vou mas eu tenho que acontecer alguma coisa qualquer. É, toda a vida é assim *[Risos]*. A Comadre Lelé essa é destemida. Ah… ali, ali nasceu com a estrela, a estrela cadente…. do passeio. Eu não. Mas ali já foi pra muito canto que eu nunca fui *[Risos]*. Pois eu sou assim. Quando eu era moça tudo que eu queria fazer, que vinha agora na minha vontade eu não podia, era privada, a vontade passou. Acabou. A gente só tem vontade quando é mais nova, né? Agora passou. Mas depois de velha vai fazer o quê mais? Vai é abusar as pessoas, *[Risos]* vai dar trabalho! Não! *[Risos]* Agora eu já tou com 76 anos *[Risos]*. Gosto não. Vivi assim, assim eu vou morrer. Mamãe, mamãe, minha mãe, já foi uma vez em Juazeiro. Mamãe? Ah, mamãe já foi pro Ceará, pra Fortaleza, pra todo canto. Agora eu não, eu não. Nem fui, agora nem tenho inveja de quem vai, nem dá vontade de ir *[Risos]*. Agora ela não, ela vai. Eu podendo ajudar ela, pra ela ir, eu deixo ela ir. "Va". Não quero que ninguém seja que nem eu, agora eu, quero mesmo ser como eu sou mesmo. Daqui pra frente, Deus é quem me permita a qualquer coisa… O dia que teve… ói, Comadre Lelé fez esse rancho na costa, num sabe, que ela fez ali na Costa? *[A pesquisadora confirma que já foi lá]* Eu nunca fui, Dona Bichinha! Eu nunca fui! "Mulher deixe de ser mole, vá passar um dia na costa, só vive dentro de casa!". Bah, eu já morei naquela costa muitos anos. No tempo em que eu era mais nova, mas menino. *[Risos]* Eu morei naquela costa muitos anos. muito tempo. *[Fim da entrevista]*.

ENTREVISTA 9

MULHER 9
(97 anos)
Duração: 57min 28seg

QUESTÕES

1. A maneira de viver da pesca, dos dias de hoje, é igual à maneira de pescar do seu tempo de menina, o que mudou nestes anos?

OBJETIVO: Saber como o tempo passou na vida das senhoras entrevistadas, em relação à ação do trabalho pesqueiro e das formas de convívio com o mar e o meio ambiente.

M 9 – Era diferente. Papai era pescador, aí ele pescava, e quando ele chegava, que nesse tempo era muito peixe, as embarcação vinha carregada de peixe. Mas quando não tinha comprador, algum comprador que vinha do brejo, comprava. Quando o pessoal carregava peixe assim, aquele pessoal mais, mais pobre, que morava acolá pras banda dos matos, aí ele mandava chamar para dar peixe. Aí, o resto que sobrava, ele mandava botar no cesto, mandava botar na maré, rumas e mais rumas de peixe. Hoje em dia a pessoa pega um peixe, num dá nem um pouco pra comer, nem vende pra comer, quanto mais para dar, né? Peixe, papai pescava, todo dia ele pescava. Aí foi o tempo que nós viemos, morava lá no Tubarão, aí foi o tempo que mamãe ficou doente, aí nós viemos para Barreiras. Em Barreiras ele começou, nós fiquemos lá… aí a minha madrasta, papai, mamãe tinha morrido, minha madrasta veio mais ele, aí ele casou com essa mulher, mamãe morreu logo. Aí nós viemos pr'aqui. Daqui nós fomos pro Minhoto, e lá todo dia foi tirar a safra no Minhoto, lá todo dia vinha comprador do Ceará. Comprava o peixe. Era três comprador que vinha comprar o peixe. Aí ele vendia o peixe e comprava mel, comprava rapadura, comprava a fruta. Ele comprava tudo, eles traziam, ele comprava e pagava com o peixe. Daí nós vim passar o dia ali pr'aquela costa. Ali nós passava a safra todinha, que a barra era ruim de entrar assim, nas maré, aí nós ia pra costa. Quando era no domingo, nós vinha passar o dia aqui em Diogo Lopes. Quando era de noite, voltava pra costa que era pra de manhã, ele ir pescar e assim nós vivia, passando anos e anos. Depois foi o tempo que nós pegamos de ficar, já era mocinha, eu e a minha irmã, e aí ele veio pra aqui e fez uma casa. Então a casa grande que desmancharam acolá ontem, era nossa. Aí então ele começou a pescar. Aí ele pescando, vamos cada um ficando nas suas casas, a gente ficou. Depois ele foi morar lá em cima, mas pescando. Ele tinha três, três bote, dois botes e uma baleeira. Essa baleeira ele vendeu pra Macau, um homem de Barreiras, em Macau. Três, dois botes, um levou fim com meu irmão, até hoje, e dois pescador. Todos dois era daqui. Um era filho de Auri, não sei se a senhora sabe, que a senhora anda por aqui tudinho. Era filho de Auristela, aquela Auristela dali, era rapazinho e outro era, ia casar com uma menina de acolá de dentro, mas morava tudo aqui. Aí ele foi pescar, ia pescar e ia tirar o peixe em Macau, vendia em Macau, meu irmão. Aí ele vinha, era no sábado, aí quando era no domingo, aí ele vinha pra costa. Nós tava na costa, passava a semana na costa, nera? Aí ele vinha pra costa, aí quando foi nesse dia ele foi no sábado, foi pescar, partiu para ir para Macau e foi. Quando foi de manhã, ele chegava bem cedinho, de madrugada, de Macau, que ele comprava pão e vendia para os costeiros, porque os costeiros vinha do sul, botar os tresmalhos lá, aí ele não apareceu. Aí papai se aperreou, aí mandou umas pessoas num bote atrás dele não veio nem nada, até hoje. Nunca mais apareceu. Até hoje ninguém sabe, ele e dois pescadores, ninguém sabe se virou… Foi no tempo deu uma chuva muito grande, com muito vento e eles saíram debaixo de chuva, né? ninguém sabe… Daí papai ficou com muito desgosto aí foi vendeu vendeu, vendeu o outro bote. Quando foi, vendeu a baleeira e ficou com o bote. Aí o outro meu irmão, este que morreu esse ano "trasado", foi pescar no bote… pescava no bote, que papai deu o bote a ele, papai não podia mais pescar, aí papai comprou um terreno acolá no quixadão e deu o bote a ele, e foi pescar quando foi. Me lembro mais nem se foi no mês de Maio, se foi mês, eu sei que foi um mês. Eu sei que ele disse que não pescava avoador, e quando era no mês de maio, de maio para o São João o pessoal tudo saía para pescar avoador, nera? Aí ele disse que não ia pescar. Aí meu marido pescava no bote, era o mestre do bote, o bote era de papai, mas papai deu pra ele pescar. Aí ele foi pescar, aí ele disse que não pescava avoador, não gostava de pescar avoador, pescava de agulha, que era mestre de agulha, não era mestre de avoador. Aí foi meu marido e outro rapaz acolá – a mãe dele mora até ali em baixo com o marido dela e outro pescador. Aí o pescador não quis ir pescar, aí foi só mais Chico Grosso, que era… nesse tempo era solteiro, velho, morreu agora, nesse mês "trasado". Foi pescar, quando chegou, ele disse que quando chegou lá fora, foi tirar a cabaça, chamava a cabaça que levava comer, né? Aí que ele foi tirar a cabaça, a onda do mar veio aí cobriu o bote e ele desceu com pano e com tudo. Ele disse que era mesmo um corrupio, lá na água do avoador, que é muito longe, aí ele disse que o pano do bote fazia assim rodando, rodando. Aí ele desceu com tudo. Aí eles ficaram desesperado. Por Deus que eles tinha levado dois pauzinhos de jangada, botava do lado do bote para quando a maré ta vindo, sabe as maré lá, quando vem é... eu já andei por aquele mundo todinho, pescando mais papai, nas agulha, ele ia pescar e eu ia mais ele naquelas beira ele ia pescar e eu ia mais ele. Eu governo qualquer uma embarcação. Agora não, que

eu to meio acabada, mas eu governava daqui pro Minhoto, eu botava as meninas para dentro de bote, meu marido ia mais eu, aí eu governava daqui até lá, e governava de lá até aqui. Depois vinha governando da costa pra cá, eu vinha buscar água aqui nos bote tudinho. Aí eles tinha dois, um pauzinho de jangadas que ele disse que levava assim, só pra botar na borda do bote, pra prender o bote. Ele disse que ficou com a mão em cima do bote e o pescador deitado em cima do pauzinho. Era dois pauzinho emendado um no outro, e aí pronto, não dava pra ele. Ele passou o dia todinho. Isso foi no sair do sol, ele passou o dia todinho, sem aparecer embarcação. Lá é longe, né? nas água do avoador, muito longe. Aí ele disse quando foi já… e o meu irmão ficou que não pescava avoador, aí nesse dia, Nequinho Justino, um rapaz que morava acolá em cima, chamou ele pra ir pescar, ele disse "Nequinho, eu nem queria ir, que eu deixei, eu fiz uma promessa pra não pescar avoador, só gosto de pescar agulha. Mas eu quero, me deu um pinicão". Aí ele foi. Aí quando foi, no tempo que eles foram, aí quando foi já de tardinha, ele disse que disse "Nequinho, vamos se levantar, porque que parece que eu to assim com uma coisa tão ruim". Aí ele disse "o que?", aí ele disse "eu não sei. Eu não o que é. Eu to assim, com uma impressão, pra mim compadre Mané Luca aconteceu, fosse o que fosse com ele". Aí ele disse "mas não é verdade não". Aí ele disse "apois vamos levantar", aí levantaram, ele disse que quando correu assim, o sol já ia baixinho, ele disse que correu assim um pedaço, achou a cabaça do bote, de comida. Aí ele disse "essa cabaça é do meu bote", aí ele disse assim "é o quê? É nada. Você não disse que não vinha pescar, você vem pescar pra ta com suas besteiras", porque ele era assim um pouco nervoso. Aí ele disse que correu outro pedaço, quando correu outro pedaço, aí ele avistou outro negócio assim, ele foi, aí viu, era o quartelo do bote que tinha largado. O bote já tinha afundado, tava saindo uns negócios, e eles botava bandeira, o rapaz tirou a camisa e amarrava assim num pedacinho de vara que tinha, e botava, mas ele de cá não via. Ele disse que quando o sol ia se pondo ele disse "Nequinho, eu vou me trepar aqui nesse mastro pra ver se vejo alguma coisa". Não tinha ninguém, pescaria de avoador é muito longe, é muitas légua daqui pra fora. Aí ele disse que atrepou-se, que ele enxergava muito, ele trepou-se assim na tranca, ou foi no mastro, "no meio do mar, aqui acolá naquele mundo, tem um vulto, vamos lá". Aí ele puxaram pra baixo, chegaram lá era eles em cima do bote. Passou o dia todinho dentro d'água, foi mesmo nos milagres de Deus. E não apareceu um cação, né? Que acolá é cada um monstro que faz até medo. Aí pegava ele, mas ele já tinha torado, (ela mostra com gestos com as mãos uma parte do rosto), torou isso aqui da pancada, torou isso daqui por aqui tudinho, chega a carne tava viva. E o outro em cima do bote, dizia assim "seu Mané Luca, faça uma promessa pra São Francisco, pra nós não morrer aqui. Pra passar uma embarcação pra pega nós", ele disse "faço não. Porque eu não quero morrer e ficar devendo a promessa. Porque eu faço a promessa, minha família não sabe pra pagar, e eu não faço essa promessa". Disse que parece que foi dois minutos, aí passou, quando Nequinho chegou e pegou eles, ele já tava quase… mas ele não morreu, não. Aí chegou lá levou ele pro médico, o médico passou um remédio e ele ficou bom. Aí ele, papai pegou e vendeu o bote, vendeu o bote, aí meu irmão não pescou mais. Ele pescava assim, de pinicão, não pescou mais. Foi trabalhar na costa do sul mais um rapaz, um cunhado dele, aí quando chegou em Gramami, ele disse que são cinco léguas de rio, aí sentava no rio pra carregar o bote, carregava de fruta e de cachaça, o rapaz que era o dono do bote carregava. Aí quando eles, são cinco léguas de rio, aí ele disse que quando entrou no rio, que chegou lá em cima, na cidade, ele disse que deu assim, aqueles arrepios nele, aqueles arrepios de frio, aí ele voltou, veio-se embora e quando chegou caiu com maleto. Diz que por lá dava uma tal de maleto, nera? Uma doença assim. Aí ele começou a tremer, passou seis meses, quase que morre. Depois, com os anos, chegou uma doença chamada impaludismo que morreu muita gente aqui. Aí ele ficou doente e passou seis meses de novo e assim, a minha vida era assim na beira do fogo fazendo chá, fazendo de tudo no mundo pra ver se… primeiro que não havia médico por aqui. Só tinha um médico no Açu, ninguém não ia porque não tinha transporte, só ia nos bote, não tinha transporte. Nesse tempo não tinha transporte de nada e eu sei que assim foi a nossa vida. Hoje mudou porque… hoje em dia só mudou porque, naquele tempo, tudo era franco, nera? E hoje em dia não é. Hoje em dia os homem vai pescar, até meu filho mesmo, depende de pesca, do jeito que vai volta, porque não pega nem um peixe. A pescaria ta ruim. Naquele tempo o peixe só não pegava quem não queria, e o peixe quando chegava era de ruma. Se botava era no mato. Nem urubu num queria comer. Era tanto pra todo mundo, e as embarcação eram poucas. Eu tinha, meu padrinho tinha seis bote, e tinha seis canoa de pescaria do rio, e pescava no rio, morava em Barreiras, ainda hoje se pesca, muita gente de Barreiras, mas ele pegava mais era só pra dizer, pega porque achava bonito. Era Curimã, era Xaréu, era tudo peixe bom. O povo que vinha lá de dentro do sertão já sabia, que toda semana vinha muita gente, aí levava de graça, só não tinha quem comprasse não, ninguém não fazia conta de peixe, não. Mas hoje em dia se a pessoa pegar uma piaba, é pra vender. Por isso é que eu deixei de comer peixe *[Risos]*. Pois foi assim as coisas era muito boa naquele tempo. Era boa e era ruim, porque tinha muita coisa que era ruim, porque muita gente passava muita fome, porque em Quinze *[1915]*, morreu muita gente de fome. Só se valia daqui, de Barreiras e daqui, porque aqui era tanto. Se não

tivesse a farinha, mas comia o peixe puro, mas comia assim. Mas agora, cadê? Nem dão o peixe, nem dão farinha, nem dão mais nada, ta tudo assim.

2. A senhora gosta de participar da vida de sua comunidade?

OBJETIVO: Saber os níveis de participação das velhas senhoras na vida de sua comunidade.

M 9 – Não, eu nunca vou, assim. Eu só vejo falar nessas coisas assim, mas eu nunca vou asssim, pra essas coisas assim não. Logo depois eu caí doente, faz muito tempo que eu vivo doente das pernas, não saio pra canto nenhum. Mas pra mim toda vida é boa, enquanto eu for viva, pra mim tudo é bom.

3. Em que momento, e como, a senhora dá a sua opinião sobre os problemas da comunidade?

OBJETIVO: Conhecer as formas de apresentação do discurso oral das velhas mulheres.

M 9 – Se vem conversar? Às vezes conversa algumas coisas, mas muito pouco, porque aqui só quem, que eu vivo aqui, mais essa filha, eu vivia aqui e acolá naquela, foi o tempo que eu vim pra aqui, eu vivo sozinha, não tenho mais com quem conversar. Quando vem uma pessoa conversar, é assim, quando vem me perguntar uma coisa do outro tempo, mais outras coisas ninguém conversa comigo. Elas vão assim, vão pra festa, vão pra aqui, vão pra acolá, mas e eu fico aqui. Às vezes eu fico mais Gago, é a minha companhia quando elas saem. Por isso que eu digo minhas conversas assim, num conversa não, porque não da. Eu converso mesmo as coisas do meu tempo, porque no meu tempo, no tempo de eu menina, fui moça, me casei, criei um bando de filho, que ainda hoje eu tenho essas quatro aí, graças a Deus que eu ainda tenho ela pra gostar de mim, que num precisa, que pra onde eu vou, se eu vou pra uma casa, uma tem queixa, se eu vou pra outra a outra já tem queixa e assim vai. Agora eu passei mais de um ano lá na casa da minha filha, de Cota. Aí a Lindalva aqui disse que não sabe por que eu vou pra casa das meninas e não vou pra casa dela, e assim a vida é, assim os emboléu. Quando ela fez esse quartinho pra mim, que o quarto era ruim "eu vou fazer um quarto pra senhora ficar e a senhora só sair quando morrer" e fez mesmo, que eu to aqui. Mas ela todo dia vem aqui. Tanto Lindalva, como Maria, como Malvina. Todo dia elas vem aqui. Malvina mora lá em cima mas ela todo dia ela vem aqui de manhã, e Lindalva é dali pra aqui. Mas eu sofri muito na minha vida no tempo de pequena. Com meu pai, eu sofri muito, porque logo meu pai era desses que naquele tempo as filhas dele não saía pra canto nenhum. Nós se criamos assim, como uma, um que era preso, num sabe? Ele não deixava nós sair pra canto nenhum. Nós fiquemos dentro de casa, um bando de nós, crianças dentro de casa, num saía pra canto nenhum. Depois que nós crescemos, que nos casemos, aí foi que passou umas pra aqui, outras acolá cada uma foi pra suas casas e ele ficou. Depois ele morreu, a mulher morreu, a derradeira que ele casou. Ela era até era irmã do, do… do tio de, de… esse menino como é? Desse que é vereador como é, daqui, Januário vereaor, Januário. a mulher dele era irmã do tio dele. Era assim. Logo em pequena nós sofremos muito porque mamãe morreu, morreu em catorze e em quinze papai casou de novo, com outra mulher. Foi o tempo que chegou uma febre em Barreiras, aí nós quase que morre de febre eu e a minha irmã. Nós fomos criadas pela nossa avó. Quando foi com uns tempo, quando foi em Dezoito *[1918]* apareceu uma tal de "varióla", era bexiga, aí papai foi e levou nós pra lá Costa do Tubarão, foi onde eu nasci. Aí nós lá, passamos uma temporada lá, foi quando baixou a doença, aí nós viemos embora pra cá. Aí quando viemos de lá, viemos pra aqui pra Diogo Lopes, daqui fomos pra Costa, da Costa fomos pro Minhoto, do Minhoto viemos pra aqui, e assim nós vivemos o emboléu. Não saía pra canto nenhum. Depois fiquemos moça, se casemos e cada qual foi pra seus cantinho. As outras já morreu tudo. O mês passado morreu uma e morreu o marido. Morreu o marido da outra. Eu sei que das mais velhas morreu, a mais velha morreu, era irmã Mirian. Encostada a ela era eu. Ela foi de 1908, eu fui de l909.

4. Como é que a senhora faz para que as pessoas da comunidade aceitem a sua opinião sobre coisas da vida?

OBJETIVO: Saber se a opinião das velhas mulheres é aceita na comunidade e como elas reagem socialmente aos problemas e às inter-relações socioculturais.

M 9 – Às vezes eu dou opinião assim, eu acho bom, num sabe? essas coisas assim, eu dou ponto essas coisas. Mas as meninas daqui só vive assim tudo gosta de festa, de tudo, e eu foi quem nunca gostei de festa. Elas aqui gosta de festa e eu dou opinião, e o que elas gostam, enquanto forem viva e forem moça e podem andar na festa. Eu sou mesmo até de ficar em casa sozinha, se possível for, mas quero que ela participe do que tem. Elas gostam mesmo. Desde de elas pequenas que não saía porque o pai não deixava, mas depois que tomaram conta de família, que se casaram tudo, tiveram filho todas elas gostam muito de festa. Minha opinião é assim, elas, assim como eu gosto das opinião dos outros, também podem gostar das minha, né? É a mesma coisa, né? Eu não dou opinião de qualidade nenhuma. Elas é quem resolve tudo. Mas eu não. Pra mim tanto faz como tanto fez. Tanto faz que eu goste de uma coisa como que não goste de outra, mas eu não falo, fico calada. Opinião assim que eu gosto, toda festa eu

gosto, mas não que vá pra festa. Porque no tempo que eu podia ir, eu não ia porque meu marido não gostava. Eu tinha filho e não deixava mais ninguém. Pra ninguém prestar atenção e por isso eu não ia à festa. Eu ia assim, as quatro festa do ano, quando eu ia batizar algum menino que se batizasse eu ia pra igreja batizar, numa missa de finado, se morresse uma pessoa minha eu gostava de ir pra missa de finados. Uma coisa assim. Mas minha vida era em casa. Eu trabalhei pra sustentar minha família todinha. Era eu na boca de um forno, meu marido vivia doente, era doente, eu passava o dia todinho. Eu ia pros armazéns de peixe pisar sal pra ganhar o quê? pra ganhar um cruzado, quinhentos réis, que nesse tempo era assim, cruzado, quinhentos réis, até meio dia. Eu pisava três caixão de sal. Quando eu vinha do armazém, aí eu comprava o milho, pisava treze litro de milho, nesse tempo era litro, treze litro de milho eu pisava, pra tirar a palha,. deixava em casa os milhos e ia pro mato buscar um fecho de lenha pra botar no forno. Aí eu ia, quando chegava de tardinha, já de tardinha, por Deus que ela já ela era maiorzinha, fazia o comer e comia, quando eu chegava eu ia fazer o resto. Quando eu chegava eu ia sacudir aquele milho todinho, tirar aquela palha todinha pra botar de molho. Aí quando era na janta, ele já tava em casa fazia a janta. Mandava… dava banho nelas pequenas, as grandes já tomava banho, aí eu deitava os pequenos e as grandes ficava por ali. Só quem era as mais velhas era Maria e Mazinho, comadre Lelé é em cima. Nazaré e Lindalva era mais pequena. Aí eu fazia a janta, aí quando acabava, o pai se levantava, já doente, mas se ele se levantava, dizia "agora vem para aqui jantar", eu ia jantar, quando acabava de jantar, "agora vai, agora vai tudo rezar pra aproveitar". Porque as filhas dele não dormia enquanto não rezava, ele ensinava a rezar. E o tempo passou, ensinava a rezar daí quando acabava de rezar ia tudo se deitar e eu ficava mais ele. Quando era de meia noite, aí eu botava o moinho pra moer o milho. Quando era de madrugada ele me ajudava a moer o milho, aí eu ia trabalhar. Quando era de manhã, amanhecia já os cuscuz tudo feito, aí os meninos que era mais pequenos ia vender, os maiozinho, Maninho, Nazareno ia vender. Os meninos chorava pra não ir pra rua vender. Eles tinham vergonha, sabe? "Mas é o jeito. Eu não era de pedir esmola pra dar de comer a vocês. Enquanto eu poder, eu fazia isso tudinho". Passava o dia todinho, de noite eu não dormia. De manhã eu não tinha tempo pra nada porque tinha que lavar aquelas roupa todinha deles, porque de manhã cedo tudo era na escola. Eu chamava tudo pro estudo, eles se levantava cedo. Era na escola era Maria, Malvina, como é? Lindalva, Maninho e Nazareno tudinho na escola, lá na aquele clube d'acolá em cima. Estudava lá perto, pra escola. Pra cuidar desses meninos todinho pra ir pra escola, pra limpar, pra tomar café tudinho pra ir pra escola. Aí eu ficava, aí tomava conta do resto. Ainda ia pro varal de compadre Luiz Gaspar, ainda estendia o peixe mais a minha irmã, a mãe de Mirian, ela ajudava a estender o peixe e vinha pra casa. E assim foi muitos anos eu vivia nessa luta. Eu acho que é por isso que eu ainda to aturando muito, porque *[Risos]* Deus via que eu tinha sofrido muito e me deu esses anos de vida pro mode eu ainda viver aqui, por certo. Porque, senão, meu Deus do céu, se eu for contar minha vida a senhora ia passar aqui o dia todinho desde do meu nascimento pra cá que eu nunca tive descanso na minha vida, nunca, nunca. Tive agora, porque assim mesmo a doença é só atrás de mim. Eu não posso tirar ela de cima de mim. Agora eu já sofri muito na minha vida. É por isso que eu to aturando tanto. É brincadeira não, a pessoa passar noventa e sete anos já entrei pra noventa e oito só de sofrimento, porque quando passou de eu não poder fazer mais nada, lá chegou a doença eu não posso fazer nada. Vivo assim esperando por outros. Por isso que eu digo, não posso contar aqui de nada porque eu não saio de casa. Minha vida, toda vida foi assim em casa, fazendo as coisas em casa, prestando atenção as coisas em casa.

5. Os mais jovens da comunidade aprendem as coisas que a senhora sabe e conta para eles?

OBJETIVO: Saber se, e como, o discurso oral das velhas senhoras fomenta a transmissão de seus saberes para a comunidade em que vivem.

M 9 – Se eles sabe? Se eu conto? Sabe que já tem vindo muita gente aqui os meninos todinho que fica vem pra acolá, todinho pra saber as coisa, me perguntar as coisas tudinho, eu conto, eu conto muita coisa. Já essa semana eu tava dizendo aqui as meninas "olha vocês, muita gente diz que é mentira, mas não é, não. Porque quem fosse da minha idade, se ainda fosse vivo, aqui não tem mais ninguém da minha idade". Eu ia ver, só tem um veio, mas assim mesmo ainda tá em Natal. Mas eu disse a ela "ói, você pode dizer que é mentira, mas sabe o que eu alcancei? Eu não alcancei, eu não alcancei aqueles fogão, com fogão, desses fogão aí conzinhando, não. Eu alcancei uma pessoa pegava três caviazinha e botava no chão e fazia uma trempe. Três caviazinha e ali fazia o fogo. Era a lenha, fogo de lenha, ninguém não ouvia falar nesses outro fogo, fazia o fogo de lenha na… botava aquelas trempezinha, fazia o fogo ali sabe com o quê? A pessoa quando, a pessoa matava boi aqueles fazendeiro que tudo criava o boi prá acolá, pra Cacimba da Baixa, por Barreiros pra acolá. Quando matava o boi, quando tirava aquele chifre e botava enfiava assim nas coisas do curral. Aí quando secava, aí eles tiravam e às vezes botava no mato e às vezes uma pessoa pedia, dava. Aí pegavam aquele chifre, lá e quando acabar, rapava por dentro bem rapadinho, quando acabava lavava e botava no sol e quando enxugava, enchia de algodão, desses algodão de roçado, sabe?

Enchia daquela lã, da lã, do algodão. Aí pegava três, duas pedra de fogo, num tem umas pedras de fogo? Pegava aquelas duas pedras de fogo e guardava, só vivia guardada esses dois aparelhos, e quando era pra fazer o fogo, aí se riscava aquela pedra uma na outra, acendia, pegava no algodão, aí o foguinho já tava, os pauzinho já tava pronto, aí era só pegar e botar, era assim que fazia. Mas não havia gás, nem havia foscro, não. Era pedra de fogo. Pois eu alcancei tudo isso. E teve mais outras coisas. Alcancei, a gente, cansei de ver muita gente que morava por aqui, muita gente não que nesse tempo não morava muita gente não, morava pouca gente mas, era um pote de barro e um coco, agora aquele coco serrava, fazia dois buracos, um do lado outro do outro, e botava um cabo, era um caneco de beber água. E as panela era de barro. Comprava assim fora, em Macau, as mulheres vinha vender de Macau aquelas panelinhas de barro, aqueles pratinhos, naquele tempo não se vendia esses pratos, que hoje em dia, se não tiver um prato de flores, isso e daquilo, ave Maria, se ignora numa casa. Mas naquele tempo não havia prato de louça, não era só *[– Deus te faça feliz! Fala com uma criança que entra no quarto]*, só era só de barro. Era o pontinho de barro, de fazer café, de coar café, tudo era de barro. Tinha uma mulher que morava lá pra banda de Quixadá que fazia tudo isso, que comprava e as arrumação das casas era assim. Aqueles homens trabalhava com aquelas camisas tão rasgadas aquilo era tudo arremendada, ninguém não, era muito custoso a pessoa ver uma, uma, uma pessoa com a roupa prontinha assim, de coisa. Era aquelas camisas velha de saco, arremendada. Se comprava saco de farinha, os que vendia, comprava um saco de farinha, que vinha aquelas pintinha assim, nos sacos, nera? Como que queria fazer aquelas flor, aí já era encomendado, uns chegava dizia assim: "quando secar esses sacos de farinha, eu quero comprar, que era pra fazer uma roupa" ou pra fazer uma camisa pra o homem, ou então uma roupa pra a mulher. Era assim, as coisas tudo foi assim, e se a pessoa for contar, a pessoa pensa assim, tudo é mentira dela, mas não é mentira, não. O mundo começou assim. Do meu tempo pra cá, agora do meu tempo pro tempo de papai eu não sei, se ele não era daqui, era do sul, meu avó também era tudo do sul, mas os daqui eu conto tudo isso. Eu alcancei tudo isso.

6. A senhora acha que a criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável esta trazendo algum benefícios para a comunidade e para o meio ambiente?

OBJETIVO: Saber quais são os graus de consciência que as velhas senhoras possuem acerca da problemática ambiental e das atitudes de criação da RDS.

M 9 – Eu acho bom pra mim. [Intervalo, enquanto troca a fita. Diogo pergunta se ela andava de barco]. No barco, se eu andava de barco? Andava muito, na costa, de Barreira pra Tubarão de Tubarão pra Costa, daqui pro Minhoto. Era oito barco à vela. Eu governava o barco, meu marido ia pra proa pra ver quando o mar vinha, que era a dois pano o bote, era dois pano, um pano pra frente e outro pra trás. Agora ali se ele botasse aquela tranca se o pegava assim o mar, se o vento viesse de cá, e aquele bote se empanasse, era a continha de virar e ia morrer todo mundo. Mas ele ia pra frente e eu ficava cá atrás, eu pegava no leme do bote, ele mandava eu pegar no leme pra, mandava botar no sotavento, sotavento era pra esse lado, aí eu pegava e o bote virava assim pro vento, aí aparava e se acertava, mas, se não pegasse, ele virava, era a continha de... Às vezes eu ia lá fora, via era os peixe voando, era agulha, era avoador, tudinho, a gente via tudinho. Eu tinha muita coragem. Papai foi pescador até morrer, bem dizer, meu marido também, do jeito que meus filhos tudo é pescador, porque Nazareno, morre por… ave Maria, ainda ta doente. Mas a vida dele só é pescar. Porque agora ele comprou um motorizado, e motorizado depois que inventaram, né? ficou até melhor. Mas no tempo que os bote era à vela, ave Maria, que ir pra esse meio de mundo pescar avoador, a gente ficava com o coração que só Deus sabe como era que ficava. Porque tava vendo a hora uma tragédia, o que aconteceu muito aqui. Morreu muita gente por aqui no meio do mar. Andava por muito risco, por maré grande. Teve bote, embarcação que desapareceu no tempo que andava umas lancha pegando o povo, levava por esse meio de mundo. Esse ninguém via não mais. O povo era tudo assombrado, às vezes não queria nem ir pescar, com medo. Mas depois com uns tempos… Ainda sumiu parece que foi três botes daqui e dois, parece que dois de Caiçara. Levou fim, ninguém sabe como foi que levou fim. Esses foi que pegaram. Eu conhecia muitas coisas aqui nesse lugar. Até peixe por aqui, uma vez apareceu um pedaço de peixe, o peixe era tão grande que cabia um homem dentro do pedaço cortado de machado. Mas era só gordura. Teve um bote, o pai de, de, avô de Mirian, levaram o machado cortaram os toros fizeram não sei quantos barril desse tamanho, cheinho, só de banha, daquela banha tão alva. Chamava-se "golfin". Nunca tinha visto, não. Deu acolá fora. Só um pedaço, lá em baixo, lá naquela costa do Tubarão. Já faz muitos anos. Depois veio outro pedaço de peixe acolá, não sei pra onde. Já acontecia as coisas, agora é que não acontece mais porque peixe agora parece que acabou-se do mar. Os tresmalhos dava Curimã que era cada uma ruma, de Xaréu que era deste tamanho. O povo levava o que queria. As coisas era muito ruim naquele tempo, mas nós nunca não teve quem tivesse morrendo de fome, não. Tudo era barriga cheia. Podia faltar a farinha no lugar, mas o peixe? Era da qualidade que a gente queria comer. Hoje em dia o povo, muitos que pega

não querem nem vender, vendem pra, pra fora mas não vende pro lugar. Vi meu pai botar muito, muito peixe no mato, as ruma de peixe, que nem urubu não queria comer mais. Fazia falta, quem achava bonito as ruma, quando chegava dava ao povo. Vinha dacolá, ali daquele Minhoto, o povo vinha lá de dentro da Guamaré, daqui, de lá todo canto, só buscar peixe de graça. Aí quando vinha trazia pra ele queijo, trazia garrafa de mel, trazia melancia, tudo trazia lá pra casa e ele dava peixe. Agora acabou-se o que era bom. Hoje não tem mais nada aqui que seja bom, não. A gente vive porque tem que viver, porque Deus quer assim. *[Silêncio]* As meninas daqui, não sei quantas, já veio aqui bem umas dez menina pra eu contar estórias, pra elas botar no livro. Pra mim eu acho, eu acho sim, que seja bom porque, de primeiro não tinha nada, não, havia nada, e agora tem tudo isso, né? e essas coisa é o povo quer, gosta tão contente pra mim tudo ta bom (risos) eu não sou dessas coisas mas pelo menos minha família tudo gosta dessas coisas, pra mim tudo já bom... Eu sei que não vivo mais muito tempo não, porque o meu tempo já chegou, é tempo então na minha idade. O povo ainda se admira porque do meu tempo de menina até agora eu me lembro de tudo, agora de indagora por diante eu vou esquecendo das coisas. Tem vez que eu luto aqui pra lembrar o nome das minhas meninas e não digo. É preciso eu pensar muito, ficar ali pensando, de noite eu me deito aqui e fico pensando, pedindo a Deus que me dê mais um, um negócio assim na cabeça que eu me lembre das coisas. Aí eu vou indo, me lembro e digo "ah! uma coisa tão fácil e eu me esqueço". Mas é mesmo a cabeça da gente enfraquece, né? fica fraca dessas coisas, fica velha. Eu lutei muito na minha vida. Prestar atenção a tudo no mundo, criar um bando de filho, olhe, é só a bem dizer, eu trabalhando e eu só pra sustentar. Porque o ganho do meu marido era pouco. O peixe era muito peixe mas não havia dinheiro. Não tinha quem comprar. Aquela besteirinha que ele pegava era só pra comprar farinha da semana e o açúcar, pronto, e o resto era pra mim. Até uma casa que eu comprei, comprei só pisando sal nos armazém, levando chuva, ainda hoje em dia fico com esse pingado no coro das chuvas que levava de noite, à meia noite, de madrugada, tratando peixe, apanhando peixe, era chovendo e a gente era botando pra dentro e botando pra fora. Tudo foi sofrimento pra mim. Muita gente acha que eu pelo sofrimento que eu tive ainda estou aturando esse tempo. Muitos que já se foi há muito tempo. As minhas irmãs tudo já foram. Já esse mês passado morreu ela e morreu o marido dessa outra, de comadre Mariquinha. Ele morreu de tarde e ela foi se arrumar pra ir pro enterro, quando chegou ali caiu e morreu. Já tinha morrido duas, parece que fazia seis meses que tinha morrido duas. Morreu uma filha de Leda, ou a mãe de Lêda e morreu a mãe de Maria, dali de baixo. Morreu Marina e Elisa que era minha irmã. Morreu e agora morreu Severina, que era a mais moça de todas, morreu. Já o marido dela já tinha morrido, não fazia um mês que ele tinha morrido. Tinha ido pra acolá, pra banda de Natal e não ficou bom, não sei como foi, morreu assim. De um mês pra outro morreu quatro pessoas minha. E já tinha morrido um outro um sobrinho meu, tinha morrido fazia já um ano que tinha morrido. E assim, morrendo tudinho e eu ficando. Mas Deus quer assim, eu não tenho o que fazer. Vontade eu tenho de já ter ido mas, Deus não quer, por certo, certamente alguma coisa, eu não sei,não. Deus é quem sabe. Não posso nem, nem dizer nada. Agora enquanto ele quiser que viva, eu to vivendo aqui, com meus problemas, chega pra ali, conversa pra acolá, chega pra ali, conversa pra aqui, assim eu vou vivendo até quando Deus quiser. As meninas é quem tem uma besteira de sair daqui e "olha, ficar mais mamãe. Vocês não sai daqui nenhum, fica um mais mamãe, que não vou deixa ela sozinha. – Menina, deixa de besteira, que se eu tiver de morrer sozinha eu morro, se eu tiver de morrer no meio de muita gente, eu morro no meio de muita gente e o povo nem vê. Quando dá fé dá um pasamento aí morre". A vida do mundo é essa. Mas elas, não. Não querem que eu fique sozinha não. Essa noite elas foram, saiu tudinho, mas Gago ficou aqui. Gago fica dormindo mais eu, quando Gago num fica, é Marcelo. Marcelo ta fazendo uns trabalho lá em cima às vezes, vem se deitar. Não me deixa sozinha, de jeito nenhum não deixa. "Eu quero ver quando eu morrer, como é que vocês passa". Tem que passar. A vida do mundo é essa mesmo. É assim a gente luta, luta e no fim… *[A pesquisadora pergunta se quer falar mais alguma coisa]*. Não tá bom. *[Risos]* Se eu for falar muita coisa… Sim, o que eu ia dizer ainda dos negócios das trempe do fogo. Sim, eu ia perguntar se a senhora sabe como era que se fazia se lavava roupa naquele tempo? Pegava, o povo ia pros curral de boi, pegava as fezes do boi, quando acabar botava de molho dentro de uma água, esfregava bem esfregado, que fica aquela água verde, né? Que ele só come rama, aquela água verde, né? Quando acabar pegava as roupas brancas, bem branca, fazia um buraco assim no chão, quando acabar, botava aquelas roupa naquele buraco e despejava aquela água, coava e botava aquela água das fezes do boi, botava dentro, quando era no outro dia que você ia lavar, estava mesmo que essa parede: limpinha, limpinha. Sabão não existia. Hoje em dia se a pessoa não lavar uma roupa com sabão Omo e com esse sabão de barra, quem é que quer mais? Não tem quem queria. É só sabão Omo. Já alcancei tudo isso… hoje em dia ainda alcancei a barra de sabão…se comprar um tostão de sabão pra lavar prato, uma coisa assim. Era assim que se comprava. E comprava a uma mulher fazia, que vinha de Barreiras, comprava um pedaço de bolo desse tamanho assim, se comprava por um vintém, dois vintém, era assim, tudo era vintém, era tostão e vintém. Um selo era um cruzado, uma pataca era

oito vintém, meia pataca era quatro vintém. E isso tudo foi assim, eu alcancei tudinho assim, muitas coisa que alcancei na vida que eu até já me esqueci. Se eu for contar hoje em dia a uma pessoa que não acredita, as pessoas diz que é mentira, mas não é mentira, não. Eu queria que tivesse alguém do meu tempo aqui, dois ou três do meu tempo, que contava mais do que eu. Porque eu alcancei tudo isso lá em Barreiras, a família por parte da minha mãe era todinha dali… de Barreiras. Amanhecia o dia que ia tomar café, não tinha outra coisa não. Tomava café, a minha mãe de criação que vivia com o meu avô, que meu avô também era viúvo quando veio para cá também era viúvo, ela botava o café no fogo, nesse tempo se torrava café num caco de barro, de panela de barro. Se botava açúcar no café, quando o café já tava pegando a mexer, eu torrei muito café pra vender também, quando ele tava bem vermelhinho, a gente botava o doce e dava o ponto, nera? Que hoje em dia são esses café ruim que não tem nem gosto. Torrava aquele café, quando acabar fazia aquele café. Botava no fogo aquele café, botava aquela água, botava num potinho e botava no fogo. Aí aquelas quenguinhas de coco era os prato da gente era aquelas quenguinha de coco. Tirava, relava bem reladinho, ficava bem pretinho. Cada um tinha as quenguinas que eram os pratos. Pratos não havia, era só… Aí botava o café no fogo, botava um pouquinho de farinha e cada uma quenguinha daquela. Aí quando aquela garapa fervia, a garapa tão sem gosto, aí eu botava, mexia, mexia fazia aquele escaldadozinho e quando acabar pegava aquele outro café, coava, num, num, num pano, chamava mochila de coar o café, coava, quando acabar pegava aquela coisinha de café, botava naqueles buraquinho. Aí a gente comia por almoço, muitos dias, comia por almoço, quando a gente não tinha nenhum peixe, comia por almoço. Assim foi que eu me criei. É por isso que eu tenho muita força viu? Eu só não tenho força nas minhas pernas, mas nos meus braços, eu ainda tenho força para pegar peso, o peso que for. Por isso que eu digo, aí hoje em dia tem muita gente que pode dizer que é mentira, mas tudo que eu contar é mais do que verdade. Porque tudo, eu participei de tudo, e talvez se fosse minha mãe que me tivesse criado, talvez até não tivesse acontecido assim. Mas, quem me criou foi a mulher que viveu com meu avô, que eles também já era viúvo. Agora é porque eu era, eu era muito sem vergonha. Papai comprava uma roupa para mim, neste tempo já tinha essa casa grande, nos tava no Tubarão, naquela casa grande que tinha ali, até já desmancharam, aí papai vinha ali, o dono da casa grande vendia fazenda, vendia uns panos assim, da cor desse aqui assim desta, cor assim, chamava pechincha, azul desta cor e branco, parece. Papai vinha e comprava, pegava e levava para fazer vestido para mim e sabe o que eu fazia? Eu inventava de bater, de, de lavar as roupinhas dos meninos pequenos na cacimba que tinha na frente, em Barreiras, acabar tinha um cercado assim de pau, aí eu me trepava na cerca, pegava o abainhado do vestido, enfiava assim na ponta da cerca, quando acabava pendurava para baixo, quando dava fé era duas bandas. Quando chegava em casa era com o vestido assim, rasgado, aí a minha madrinha dizia assim, que ela era a mulher de papai, "o que é que tu quer aí? Com este vestido? Que tu quer com esse vestido?". E eu dizia nada, aí eu entrava assim com o vestido e olhava para ver se ela ia reparar o lascão daqui até em baixo. Quando era no outro dia, aí papai queria dar em mim. Mas ele não dava, não, porque tinha pena de dar em mim. Ele dizia que nós não tinha minha mãe. Era só eu e uma irmã minha, a mãe de Mirian, que ela morreu. Aí ele tinha pena de mim. Mas ele ainda me deu duas surras… por nadinha, só porque eu corri. Ele tinha raiva de quem corria, a pessoa que ia apanhar, que corria. Nesses tempo, nós tava em Tubarão, minha avó estava lá e meu avô morando lá, quando Catô era pequena, meu avô criava Catô. Aí papai fez um ranchinho assim pra baixo e o rancho do meu avô era assim mais em cima. E eu botava uma água pra ela no cabaçinha assim, eu era pequena, só podia com aquele cabacinha. Aí eu botava assim nas costas e todo dia de manhã ele me mandava botar. Aí quando foi nesse dia a minha mãe estava torrando um café, e eu defronte assim junto dela. Aí ela botou o doce no café, que levou a pá do café, aí eu fui na ração pra pegar a pá, aí disse "deixe de ser alesada. Num tem pra quê", aí ela saiu com o pote de café, café torrado. O café já estava com doce, nera? Fervendo, aí quando a pá bateu aí aquela… saiu o pedaço assim, com o couro, com tudo. Assim contava a minha vó. Assim com couro e com tudo. Passei, muitos tempos com esse pé assim. Mas assim mesmo com o pé assim, aí foi indo e foi indo, assim já estava grande, nesse tempo eu gostava de me sentar junto dela, aí ele chegou, sentou-se assim junto de mim e disse você já foi botar a água da minha mãe? Eu morava no ranchinho mais pra esse lado assim. Aí eu já tinha me esquecido eu disse assim, eu botava numa cabacinha assim colocava nas costas, eu disse assim "não fui, não". Aí eu corri. Ai, meu Deus, pra que eu corri? Ele pegou um pendão desses de coqueiro, aqueles que bota os coco, saiu dando em mim. Eu corri para a praia, na praia eu corria e ele dando em mim. Mas ele corria mais do que eu, se eu pequena, a minha perna era curta. Eu corri, fui pra praia e ele dando em mim. Estalou esse pendão todinho nas minhas costas. Isso aqui meu ainda hoje eu tenho as marcas da ferida que escorria sangue. Aí eu corri para pra ir o rancho do senhor Carlos que morava lá embaixo, aí mas não puderam nem alcançar nem o rancho, eu gritava, gritava dizendo "Isaura, me acode, Isaura". Isaura era a mulher dele, mas ela não ouvia porque o rancho era até em baixo. Aí quando ele chegou eu vim, quando cheguei ele botou o cabacinho nas minhas costas, e eu fui. Quando chegou lá em cima

aí meu avô viu ele disse "o que foi isso? O que é que você tem aí? – Foi papai que deu uma surra porque mandou eu vim botar água, e eu não sabia, disse que não tinha vindo botar e eu corri e ele correu atrás de mim", ele tinha raiva de quem disse que ia dar numa pessoa, porque nesses tempos os pais quando pegava um filho era pra dar de pé na pessoa, ele botava no chão, botava o pé em cima e dava até não querer mais. Era capaz de matar se não chegasse uma pessoa, e ele era assim dessa qualidade. Nesse dia ele disse "sorte que seu avô veio"… Aí ele disse assim: "apois eu vou lá". Aí a minha avó disse assim: "deixe estar, que quem vai sou eu". Chegou lá aí foi e perguntou por que era, aí ele foi e disse, aí ela disse "apois, seu pai disse que você não fizesse um atrevimento de enquanto você fosse vivo de essa menina você não tocar nela. Essa menina não tem mãe, todo mundo pode dizer que você judia porque vive com outra mulher". Mas também essa foi a derradeira vez que ele deu em mim. Mas ainda hoje tenho a marca, tem a marca. O pai da gente era carrasco, naquele tempo por qualquer coisa já sabia. A gente não saía de casa pra canto nenhum, porque se a gente, ói, se eu fosse num caminho e achasse alguma coisa, chegasse em casa e ele perguntasse "o que é isso aí?" e eu dizia "foi que achei ali" e ele dizia "vá botar lá, não é seu vá botar lá". A gente tinha que ir botar lá. Coisa que nem prestava, que já tinham botado até no mato, a gente tinha que ir deixar lá. Assim foi a criação. Hoje em dia se cria os filhos pelo meio do mundo. À meia, noite de madrugada só se vê o chororô dos meninos por aqui de madrugada. Esses meninos… ave Maria, como uma mãe cria os filhos assim? A mãe em casa dormindo, os pais, e os meninos na rua fazendo arte. Tirando as coisas das casas dos outros, como já tem uns deles aí que estão roubando as coisas das casas dos outros, que faz isso mesmo… Eu não me não criei assim, nem criei meus filhos desse jeito, não. Eu criei, eu tive quatorze filhos, mas tive, tive duas gêmeas, duas meninas gêmeas, e tive três aborto fora destes quatorze filhos. Mas nunca foi uma queixa lá em casa de um filho meu. Não fazia porque eu não dava esse cabimento. Eu dizia logo, quando anoitecia tudo jantar, tomar banho e jantar, quando acabar rezava e ia tudo dormir. Quando era de manhãzinha que o sol vinha saindo, aí eles saíam, ficava três na cama, ficava outros lá debaixo de uns pés de velame que tinha assim na porta da entrada e ia tudo estudar, pra ir para a escola. Tudo, tudo aprendeu. Eu não aprendi porque papai nunca me botou na escola, nem eu e nem a outra, mas os meus filho aprendeu, tudinho. Ele dizia que não botava nunca que era pra quando a gente crescer não botar carta para namorado e assim nós não faz um "o" com uma quenga eu não faço, nem eu nem minha irmã, porque ele não me botou na escola. Ele também não sabia ler. Naquele tempo o povo não sabia ler não, era como ele… Mas as minhas filhas aprenderam tudinho. Tanto ele, como Nazareno, como Maninho, o que morreu, que era muito sabido ele, tão sabido que comadre Luzia que ensinava a ele disse que botasse em outro canto, porque ela não tinha o que ensinasse, ele tanto lia como contava. Mas não teve gosto, morreu, morreu ali na Petrobrás. O marido de Severina… deixou oito filho no Ceará e cinco aqui. Tinha um pra banda de acolá depois. Ele casou com uma mulher, depois a mulher botou chifre nele, ele veio e casou com Severina. … com Severina tem cinco quatro homem, e uma mulher, mora lá em Cabedelo mais ela. Do jeito que eu me criei, desse jeito que criei desse jeito criei meus filhos. Nem criei pedindo na casa dos outros, nem comendo na casa dos outros. Eu dizia "olhe, quando você for para uma casa que a dona da casa for servir uma mesa, ou se vir a dona da casa botando os pratos na mesa, venha para casa mesmo que você estiver com fome". Aí eles faziam. Quando eu ia para casa de comadre Maria Justina, que as casas eram quase pegadas, e via eles por ali, até de brincar, mas não podia, que pai não deixava, que quando ele via comadre Maria ia botar a mesa "venha para casa. Já vieram?". Se fosse brincar, eu ia para casa Dona Maria estava botando a mesa, papai disse que quando tivesse botando a mesa nas casa, viesse se embora. Aí é assim. Hoje em dia é assim, os meninos roubam até dos pais para cocaína, maconha aí se eu for contar a minha vida até o tempo que eu estou vocês passava aqui o mês inteirinho gravando *[Risos]*. Ainda tão aqui escutando a minha palestra. Se eu for contar, minha filha… *[Fim da entrevista]*.

IAD 1 – EXPRESSÕES-CHAVE – *IDÉIAS CENTRAIS (IC) & ANCORAGENS (AC)* – **PERGUNTA 1**

Legenda:

VM = *Velha Mulher*;

IC = Palavras grafadas na cor **Azul**;

AC = Palavras com bordas marcadas na cor **Cinza.**

***Expressões-chave (ECH) – VM* 1**:

[...] no tempo de eu criança as coisas eram mais difíceis [...] eu acho que não tinha as oportunidades que tem hoje. Hoje é barco a motor, na minha época de criança era barco à vela [...] o pessoal já sofria mais. Só esperava mesmo que o vento [...] Na época que a gente ia pra costa, era assim no início de maio, junho, a gente ia [...] só voltava no início de agosto, setembro [...] trabalhava muitos meses e a gente tinha que retornar pra cá [...] escola não tinha por lá, só se encontrasse uma pessoa assim que tivesse lá e que soubesse mais ler que aí a gente ficava assim tendo aquela escola particular [...] E a gente tudo também ajudava no trato do peixe [...] Era várias famílias que iam pra lá [...] a barra era longe, aí tinha dificuldade de os barcos chegar aqui. Às vezes até o peixe não chegava bem sadio [...] aí a gente tinha que ir pra lá por causo disso e era assim uma vida meio difícil, mas a gente tinha que, o pai e tudo ia pra lá pra botar os filhos em movimento que a barra ficava muito longe e os barcos chegarem na hora certa com a pescaria [...] no final de semana, vinha fazer a feira aqui em Diogo Lopes [...] um dia outro não que a gente vinha pra pegar água também, porque a água de lá, tinha água mas a gente fazia aquelas cacimbinha assim que a gente chama no terreno lá na ilha [...] a água era salgada. Num era boa não [...] aí meu pai morreu [...] só meu irmão que ficou com um barco [...] já era pescador [...] foi o tempo que eu casei, também meu esposo era embarcado [...] passei dezessete anos casada [...] depois que ele morreu, fiquei muito sem saber o que é que se pesca, que quando a gente perde assim, a pessoa assim, fica sem saber muito o que é que passa [...] Tirando lutar com esse negócio de navegação, com várias pessoas, porque quatro navegação é dezesseis pessoas pra lutar, né? Aí a lagosta foi ficando ruim, diminuindo [...] eu cheguei e comecei a vender [os barcos].

***Idéias Centrais (IC) – VM* 1**:

1) *As coisas eram difíceis, havia sofrimento e dependia-se muito da Natureza;*
2) *O trabalho era unicamente pesqueiro e não havia instrução profissional;*
3) *Não havia escola nem infra-estrutura básica (água potável, saneamento, transporte, saúde, etc.);*
4) *O trabalho com a pesca teve declínio por escassez de peixe e por falta de gerenciamento;*

***Ancoragens (AC) – VM* 1**:

***Expressões-chave (ECH) – VM* 2**:

[...] Me casei, criei meus filhos todinhos com trabalho [...] com peixe, era difícil mas criei, todos estudaram [...] graças a Deus fui muito feliz, com meu trabalho no tratamento de peixe. Depois me casei, passei mais de dez anos casada, aí fui ensinar. Trabalhei trinta anos na prefeitura até me aposentar. [...] eu trabalhava com peixe, a minha mãe, o meu pai, era muito diferente. A gente se levantava oito, nove horas da noite, passava a noite todinha tratando peixe. De manhã passava, no meu tempo passava o dia todo no trabalho do peixe. [...] Eles iam pra lá, onde a gente chama a Costa, eles iam pra lá e eu ficava aqui pra estudar. Só ia pra lá final da semana. [...] eu me lembro, depois desses três anos de casada aí a gente deixou de ir. Agora é tudo diferente. [...] Hoje dificilmente você vê uma mulher tratando um voador, só os homens. Mas de primeiro não, era muita mulher tratando o peixe. Era minha mãe, as minhas tias, tudo vivia dentro assim de armazém, noite e dia, pra ganhar o pão, né? [...] até aqui [o peixe] tem me dado bom lucro, graças a Deus.

***Idéias Centrais (IC) – VM* 2**:

1) *O trabalho com o peixe como meio de sustento da família e desenvolvimento social;*
2) *O trabalho com o peixe (tratar) era exaustivo (dia e noite);*
3) *Havia divisão do trabalho por sexo: os homens pescavam no alto-mar, além da Costa, e as mulheres tratavam o peixe em terra;*
4) *Agora tudo é diferente, as mulheres não tratam mais o peixe;*

***Ancoragens (AC) – VM* 2**:

1) *Religiosidade do pensamento tradicional cristão;*

***Expressões-chave (ECH) – VM* 3**:

[...] quando eu era menina eu também trabalhei muito, é, eu tratei muito peixe [...] Pisei sal, assim como minha mãe. Acho que essas coisa tudo eu herdei dela [...] e a gente passava a noite toda nos, nos rancho, trabalhando [...] na Festa de Maio, quando era época que tinha muito inverno, ano que tinha muita, muita chuva, a gente passava o dia naquela correria. [...].

***Idéias Centrais (IC) – VM* 3**:

1) *As mulheres trabalhavam com o peixe;*
2) *O trabalho com o peixe era exaustivo;*
3) *O trabalho era familiar, passado (herdado) de mãe para filha;*

***Ancoragens (AC) – VM* 3**:

***Expressões-chave (ECH) – VM* 4**:

[...] trabalhei muito nos armazém. Tratava peixe, salgava peixe, estendia peixe [...] a gente saia de casa de seis horas da tarde, esperava os bote chegar, e que a gente ia pra chegar em casa no outro dia de seis oito horas do dia. Aí tomava um banho, descansava um pouco e ia pro armazém de novo. Era moer o sal. [...] a gente era quem pilava sal. Nos pilão. [...] inventaram um moinho de pau e a gente moia o sal, era o viver da gente aqui na praia. [...] a gente não tem como mais trabalhar nos armazéns, mas trabalhei muito. [...] Toda vida eu disse, "Olhe, eu trabalho, você quer seu estudo, eu trabalho, faço de tudo pra você não caminhar essa vida de pescaria". Porque é muito arriscado.

***Idéias Centrais (IC) – VM* 4**:

1) *Muito trabalho com o peixe, dia e noite;*
2) *Trabalho no armazém, pilando o sal;*
3) *Hoje não se pode mais trabalhar como antes;*
4) *Estímulo ao estudo como forma de mudança de condição de trabalho;*

***Ancoragens (AC) – VM* 4**:

1) *Educação como forma de ascensão social;*

***Expressões-chave (ECH) – VM* 5**:

[...] mudou muito, antes quando nós éramos crianças, passávamos uma temporada na Costa na época da quaresma que o vento era brando e ficava ruim de dos barcos vim e voltar à barra muito longe [...] a gente sente falta hoje é da lagosta que aqui morreu muita lagosta na época que a pesca era de *corgos* [córregos] [...] Muita gente hoje em dia que tem casa de tijolo foi tudo com o dinheiro de lagosta [...] esses mergulhadores de rede [...] Acabaram a nossa lagosta aqui. [...] O peixe era tratado lá a própria família [...] os varais era cheio [...] ao redor dos ranchos era assim [...] o agulhão e a agulha colocava na moura [...] uma moura que fazia com bastante sal e água salgada. Água da própria maré [...] o voador [..] era salgado no próprio sal [...] o sal era tanto que tinha quem desguerrar [...] agulha era diferente [...] se tratava e desguerrava [...] os outros iam lavando e já ia despejando na nos barril de moura [...] no outro dia tinha gente que levantava já pra estender [...] quebrar o peixe é deixar toda estiradinho [...] ele ficava ai no outro dia se quabrava o peixe todinho pra fazer esterinha [...] pra terminar de secar e os compradores levar. [...].

***Idéias Centrais (IC) – VM* 5**:

1) *Mudou muito de antigamente para hoje;*
2) *As crianças iam pra Costa ajudar no trabalho com o peixe, que envolvia muita gente, principalmente a família;*
3) *Havia fartura de lagosta, as pessoas ganhavam muito dinheiro com ela e hoje já não há mais;*
4) *Tratava-se do peixe para deixá-lo seco e vender para compradores de fora;*

***Ancoragens (AC) – VM* 5**:

1) *A pesca predatória e danosa à Natureza;*

***Expressões-chave (ECH) – VM* 6**:

Ah, mudou muita coisa. [...] na época que eu cheguei aqui em Diogo Lopes, as coisas era mais difícil [...] O povo era inocente pela uma parte [...] não tinha nada de imoralidade [...] hoje ta tudo poluído, as coisas tão diferente. [...] as pescaria era assim brutal [...] o pescador ia pra o mar com rapadura e farinha e água. Não tinha esse alimento certo. Eles passavam quatro, cinco, seis, dias no mar só com isso. [...] as coisa foram mais ficando melhor numa forma e fracassando em outra [...] a juventude tomou conta, aí vem essas loucura toda, aí os pobre dos velhos foram ficando pra trás [...] Foram parando a pesca [...] ficando diferente, foi trocando de rancho, foi trocando de comida, trocando de pescaria [...] aquela ruma de mulher pisando sal, tinha outras tratando peixe [...] Era outra estendendo. Era as mulher, o trabalho braçal das mulher [...] aqui era as mulher que trabalhava, não era só os homens. [...] Os homens iam pescar, mas a mulher é que dava o jeito. [...] moía o sal naquele moinho [...] elas trabalhavam, tratavam o peixe, botava pra secar. [...] elas voltavam pro armazém pra moer aquele sal e apanhar aquele peixe e a vida continuava desse mesmo jeito. [...] As mulheres daqui iam pro mato buscar lenha, feixe de lenha na cabeça [...] Era umas guerreira, como ainda hoje são. [...] o que as mulheres de Diogo Lopes quer, elas vão enfrente. Não entende se é com homem, se é com mulher, o que elas vão disputar, não. Elas vão em frente e conseguem. [...] toda vida aqui teve muita mulher guerreira, desde os tempo velho e agora no inicio é que tem mesmo. [...] Quem é que você vê? Um homem querendo fazer faculdade, né? [...] as mulher com aquela garra vão em frente, com sofrimento de pai e mãe. [...] Tenho cinco filhos [...] todos sabem ler. [...] Tenho muito orgulho disso. E esse esforço que a gente tivemos de trazer nossos filhos até onde eles estão [...] Meu marido ia pescar e eu trabalhava, fazia labirinto, não tenho vergonha de dizer, cheguei até a lavar roupa pra fora, pra famílias. [...] ia pra lá fazer faxina [...] pra ajudar a minha família. [...].

***Idéias Centrais (IC) – VM* 6**:

1) *Mudou muita coisa, era mais difícil, foi ficando melhor numas coisas e pior noutras, hoje está tudo poluído;*
2) *A pescaria era brutal e o pescador ia pro mar com pouco ou sem alimento certo;*
3) *A juventude, com "essa loucura", descarta os mais velhos;*
4) *Mudança de modos de trabalhar e viver;*
5) *Os homens iam pescar e as mulheres trabalhavam em terra, faziam o trabalho braçal;*
6) *As mulheres são guerreiras e conseguem o que querem em Diogo Lopes;*
7) *Hoje, não se vê homens querendo fazer faculdade, mas mulheres sim;*
8) *Orgulho dos filhos saberem ler e estudarem;*
9) *Trabalho de empregada doméstica das mulheres pra ajudar no sustento e na construção da família;*

***Ancoragens (AC) – VM* 6**:

1) *Poluição ambiental e social;*
2) *Falta de condição para o trabalho;*
3) *Consciência da luta e da condição de luta das mulheres;*
4) *Descarte dos mais velhos no sistema produtivo;*

***Expressões-chave (ECH) – VM* 7**:

É não. [...] E eu comecei a trabalhar [...] de meus dez anos em diante eu comecei a tratar peixe. [...] tratava peixe, pilava sal. [...] lá na Costa era como uma cidade. Era trinta, quarenta rancho. Aí se tinha violeiro, tinha pastoril, tinha coco de roda, tinha tudo na Costa prá gente. [...] Mas hoje, acabou-se. Num tem mais. [...] vai tudo com o tempo [...] o povo diz que quando os homens quer mandar mais do que Deus [...] Ele muda os tempos [...] Com nove anos de idade minha mãe já ensinou a costurar [...] ensinei a professora a cortar calça de homem, que quando eu fui pra aula [...] tinha uns quarenta e poucos anos comecei a trabalhar de parteira curiosa. [...] trabalhei de ASG [...] outros quatros anos eu trabalhei no posto de saúde [...] trabalhava [...] pela manhã e trabalhava pela noite [...] Fiquei só em casa, trabalhando de doméstica. [...] voltei pra cá, e aqui eu to. Trabalhando com os artesanatos. [...].

***Idéias Centrais (IC) – VM* 7**:

1) *Desde cedo as crianças trabalhavam com o peixe na Costa e aprendem ofícios profissionais;*
2) *A Costa era como uma cidade, tinha até vida cultural, mas hoje não tem mais nada;*
3) *O progresso no tempo mudou muitas coisas;*
4) *As mulheres trabalham em muitas atividades, especialmente as de serviços gerais e braçais, para dar*

sustento às famílias;

5) *As necessidades criam estratégias de luta e sobrevivência;*

***Ancoragens (AC) – VM* 7**:

1) *O progresso é danoso para as coisas "tradicionais";*
2) *Religiosidade cristã – há uma força divina que castiga os homens que querem e provocam mudanças;*

***Expressões-chave (ECH) – VM* 8**:

[...] me levantei muito de madrugada pra estender peixe [...] aqui não tinha onde vender. [...] Aqui a gente só vendia o peixe seco, e fazia de sol, engarajava e vendia aos matuto que vinha comprar. [...] esse tempo é mais diferente que não tem mais esse negócio [...] o pessoal vem comprar nos carros, peixe no gelo [...] frigorífico, essas coisas, não é mais como era antigamente. [...] já era mocinha, ajudava [...] minha mãe [...] papai pescava no bote da minha tia e mamãe quem tratava aquele peixe [...] eu quem ficava em casa pra cuidar dos meninos [...] moça pisei muito sal [...] Pilão, duas mãos. Era duas mãos, era duas pessoas, uma sentada de um lado e de outro, e aja a pisar, caçula [...] Pisava dois, três caixão [...] para ganhar dois mil réis, dois e quinhentos, como chamava [...] a gente ajuntava pra comprar roupa, calçado, essas coisas. [...] Qual é a moça que hoje em dia vai pra um armazém de peixe? É difícil? [...] Num é nem difícil, porque hoje em dia é só os homens mesmo que trata um peixe, conserta um peixe pra, pra botar no gelo e tudo mais. [...].

***Idéias Centrais (IC) – VM* 8**:

1) *Ontem não havia onde vender o peixe. Vendia-se a compradores de fora (Matutos). Hoje o peixe é comprado por comerciantes dos frigoríficos;*
2) *O pai pescava no mar, a mãe tratava o peixe na praia, nos armazéns, e as filhas tomavam conta das crianças pequenas em casa e ajudavam no tratamento do peixe;*
3) *Pisava o sal pra ganhar dinheiro e juntar pra comprar roupas e calçados;*
4) *Hoje as moças não querem trabalhar no serviço braçal;*
5) *Hoje os homens tratam o peixe;*

***Ancoragens (AC) – VM* 8**:

1) *Preconceito social de classe (matutos x pessoal dos frigoríficos);*
2) *Trabalho braçal para consumo e não para subsistência;*
3) *A mudança do perfil de trabalho das moças, das mulheres e dos homens;*

***Expressões-chave (ECH) – VM* 9**:

Era diferente. [...] Peixe, papai pescava, todo dia ele pescava. [...] todo dia vinha comprador do Ceará. Comprava o peixe. [...] comprava mel, comprava rapadura, comprava a fruta. Ele comprava tudo, eles traziam, ele comprava e pagava com o peixe. [...] eu já andei por aquele mundo todinho, pescando mais papai [...] Eu governo qualquer uma embarcação [...] naquele tempo, tudo era franco [...] hoje em dia não é [...] A pescaria ta ruim. Naquele tempo o peixe só não pegava quem não queria [...].

***Idéias Centrais (IC) – VM* 9**:

1) *Os compradores vinham do Ceará e traziam produtos de necessidade básica para trocar pelo pescado;*
2) *O peixe era moeda de troca;*
3) *Algumas mulheres sabem conduzir os barcos como os homens e conhecem toda a região;*
4) *Antes havia muito peixe (franco), hoje não há mais;*

***Ancoragens (AC) – VM* 9**:

1) *Pensamento ambientalista acerca da escassez de peixes;*

IAD 1 – **EXPRESSÕES-CHAVE** – *IDÉIAS CENTRAIS (IC) & ANCORAGENS (AC)* – **PERGUNTA 2**
Legenda: ***VM*** = *Velha Mulher*; **IC** = Palavras grafadas na cor **Azul**; **AC** = Palavras com bordas marcadas na cor **Cinza.**

***Expressões-chave (ECH) – VM* 1**:
O que eu gosto de participar é somente da igreja. [...] É tanto que acontece muitas coisas aí, de brincadeiras, uma coisa e outra, [...] e eu não saio de jeito nenhum. Eu não gosto não.
***Idéias Centrais (IC) – VM* 1**: *1) Prazer em participar unicamente dos eventos da Igreja;*
***Ancoragens (AC) – VM* 1**:

***Expressões-chave (ECH) – VM* 2**:
[...] eu gosto muito de participar da igreja [...] eu gosto muito de participar desses Encontros. [...] todos os eventos assim que tem eu participo. [...] Foi reza, eu to sempre na frente.
***Idéias Centrais (IC) – VM* 2**: *1) Prazer na participação nos eventos da Igreja, nos Encontros Ecológicos e nos eventos similares;* *2) Participação ativa e constante nas "rezas";*
***Ancoragens (AC) – VM* 2**:

***Expressões-chave (ECH) – VM* 3:**
De tudo eu gosto de participar da comunidade [...] várias vezes também ajudei assim a cuidar de pessoas doentes, gente velha [...].
***Idéias Centrais (IC) – VM* 3**: *1) Prazer em participar dos eventos da comunidade;* *2) Disponibilidade para cuidar das pessoas doentes e velhas da comunidade;*
***Ancoragens (AC) – VM* 3**:

***Expressões-chave (ECH) – VM* 4:**
Da vida da minha comunidade, eu gosto muito [...] freqüentar a minha Igreja Católica. Gosto muito [...] de brincar, a gente fazia muita brincadeira animada. Mas eu tô baixando mais porque a idade já vai [...].
***Idéias Centrais (IC) – VM* 4**: *1) Gosto por participar da vida da comunidade;* *2) Sentimento participativo quanto a igreja católica;* *3) Gosto por brincadeiras animadas;* *4) Consciência repressiva apoiada na decrepitude da idade;*
***Ancoragens (AC) – VM* 4**: *1) Consciência de pertencimento à comunidade;* *2) Reprodução do discurso católico de envolvimento dos fiéis na instituição Igreja, pela fé;*

***Expressões-chave (ECH) – VM* 5:**

Eu gosto de participar da Igreja [...] de tudo de festa religiosa, não religiosa [...] depois Encontro Ecológico eu mim realizei [...] quando eu não estou participando eu não to bem. [...] sou muito participativa em tudo graças a Deus. [...] eu tenho o dom [...] se eu estiver sozinha na Igreja eu faço as mesmas coisas [...] pra ser assistente do padre, pra cantar, pra fazer leituras [...] pra fazer benção, pra fazer tudo. [...] eu resolvo isso sozinha. [...] quando é uma celebração [...] é mais fácil delas fazerem só o evangelho, a leitura [...] salmos [...] mais aí, quando vem a história das novenas, elas já se complica mais. [...] eu já tenho o meu ritual todinho [...] preparado [...] eu tenho o livro [...] nesse livro vocês já fazem tudo direitinho do jeito que eu faço, é o costume [...] muitas vezes eu não preciso nem usar microfone, de longe você ouve a minha voz, que eu tenho um tom de voz muito forte. [...].

***Idéias Centrais (IC) – VM* 5**:

1) *Participação prazerosa e ativa na nos ritos da Igreja Católica;*
2) *O trabalho como profunda realização pessoal e projeção social;*
3) *Consciência de um "dom" divino que a diferencia do grupo social;*
4) *Domínio dos procedimentos do rito católico;*
5) *Consciência da força de sua voz, como instrumento de promoção pessoal e de organização coletiva;;*

***Ancoragens (AC) – VM* 5**:

1) *Eco divinatório católico da diferenciação dos sujeitos pelo "dom" divino;*

***Expressões-chave (ECH) – VM* 6:**

Eu gosto de ajudar [...] as pessoas carentes [...] de cuidar muito de gente idoso. [...] quando eu vejo uma pessoa idoso, sem carinho, parece que ta com um pouco de mim. [...] gosto muito de ir pra Igreja, de ajudar. [...] Meu pai era religioso, gostava de rezar o terço e nós era assim [...] Todos os dias ele fazia cada um da gente rezar um mistério. [...] essa tradição eu passei pra minha família e todos meus filhos sabem rezar.

***Idéias Centrais (IC) – VM* 6**:

1) *Prazer em ajudar os carentes e idosos;*
2) *Prazer em participar dos ritos da Igreja;*
3) *Tradição religiosa do pai que se transmite para a família, os filhos;*

***Ancoragens (AC) – VM* 6**:

***Expressões-chave (ECH) – VM* 7:**

Eu ajudo tudo o que for possível [...] eu topo tudo. [...] Eu faço tudo pela comunidade. [...].

***Idéias Centrais (IC) – VM* 7**:

1) *Disponibilidade para participar da vida da comunidade, colaborando, ajudando no que for preciso;*

***Ancoragens (AC) – VM* 7**:

***Expressões-chave (ECH) – VM* 8:**

Não, não participo de nada [...] a crença a gente faz do jeito que quer [...].

***Idéias Centrais (IC) – VM* 8**:

1) *Indisponibilidade para participar dos ritos da comunidade;*
2) *Consciência de possuir o poder de autogestão nos assuntos da crença;*

***Ancoragens (AC) – VM* 8**:

1) *Pensamento autônomo e libertário de oposição ao fluxo geral;*

***Expressões-chave (ECH) – VM* 9:** [...] pra mim tudo é bom. [...].
***Idéias Centrais (IC) – VM* 9**: *1) Conformação passiva à realidade;*
***Ancoragens (AC) – VM* 9**: *1) Submissão acrítica;*

IAD 1 – EXPRESSÕES-CHAVE – *IDÉIAS CENTRAIS (IC) & ANCORAGENS (AC)* – PERGUNTA 3
Legenda: ***VM** = Velha Mulher*; **IC** = Palavras grafadas na cor **Azul**; **AC** = Palavras com bordas marcadas na cor **Cinza.**

***Expressões-chave (ECH) – VM* 1**: [...] eu não gosto muito de opinar nessas coisas [...] Não, que eu não gosto muito [...] Eu vivo na minha [...].
***Idéias Centrais (IC) – VM* 1**: *2) Não gosta de opinar e prefere ficar isolada;*
***Ancoragens (AC) – VM* 1**: *1) Princípio "pequeno burguês" de individualismo auto-protecionista, anti-comunitário;*

***Expressões-chave (ECH) – VM* 2:** [...] em reuniões eu gosto muito de [...] participar, falar, alguma coisa que eu to vendo que está errado, assumo o lugar de falar [...] sobre os problemas daqui, da minha comunidade. [...] a gente fala do modo que a gente sabe, que a gente pode. No meio qualquer um ali qualquer canto e eu vou e eu desempenho aquele papel.
***Idéias Centrais (IC) – VM* 2**: *1) Consciência da necessidade de participação discursiva nos problemas comuns ao grupo;* *2) Participação ativa como representante social;*
***Ancoragens (AC) – VM* 2**: *1) Representação social participante;*

***Expressões-chave (ECH) – VM* 3:** [...] quando eu sei que ta existindo uma coisa errada na comunidade [...] a gente se junta [...] numa conversa, seja lá na fundação [...] antes da fundação que eu era [...] fui presidente dez anos da associação de mulheres [...] Tudo isso foi trabalho que eu fiz pela comunidade que eu nunca ganhei de lá um centavo. Trabalhei voluntária mesmo por dez anos [...] a gente se juntava pra conversar a situação da comunidade, das pessoas carente [...] a gente sabia que tinha pessoas passando necessidade, a gente fazia doação, se juntava [...] arranjava aqui acolá, lençol, camisola, quando eram pessoas doente. [...] se juntava e ia lá na casa da pessoa fazer uma visita, deixar [...] A gente trabalhou muito isso [...] Não só eu, junto com as outras pessoas [...] uma pessoa doente [...] uma ambulância pra levar [...] a gente até se juntava pra comprar caixão e mortalha pra dar pras pessoas que morriam que num tinham condições [...] Isso eu nunca fiz sozinha não [...] Mas junto com as minhas companheiras, com pessoas da família, sempre a gente fez isso aqui em Diogo Lopes [...] antes quando não tinha, esse trabalho era feito por nós, mulheres, porque é, é até vergonhoso dizer, que os homens de Diogo Lopes num se movimentam quase pra nada. Dum cento se tira um [...] Pra se movimentar pra qualquer coisa que existe, é sempre as mulheres que tão à frente de tudo.
***Idéias Centrais (IC) – VM* 3**:

1) *Problemas da comunidade discutidos e resolvidos em grupo, pelas mulheres;*
2) *Trabalho de base na preparação de uma consciência de grupo;*
3) *Crítica à não participação dos homens nas questões comunitárias de Diogo Lopes;*

***Ancoragens (AC) – VM* 3**:

1) *Consciência coletiva e de necessidade de grupo;*

***Expressões-chave (ECH) – VM* 4:**

[...] a gente viver em união com todos, com as coisas que devem ser, esse trabalho que ta se movimentando aqui [...] tem sido muito bom [...] trazido muita coisa, melhor [...] pra nosso lugar [...] To achando muito bom esse movimento [...].

***Idéias Centrais (IC) – VM* 4**:

1) *Viver em união;*
2) *O trabalho em movimento tem trazido coisas boas para a comunidade;*

***Ancoragens (AC) – VM* 4**:

1) *Ideal católico de convivência sem conflito – "viver em paz com a divergência";*

***Expressões-chave (ECH) – VM* 5:**

[...] nós temos o Conselho daqui da comunidade. O Conselho da certo. Quando é pra discutir as coisas, a gente se reune pra discutir [...] chega o momento das opiniões, das criticas [...] tem muitas reuniões na comunidade, tem na escola [...] a gente participa também [...] tem reuniões do clube e tudo isso eu to lá com minhas opiniões compartilhando. [...].

***Idéias Centrais (IC) – VM* 5**:

1) *O Conselho comunitário é eficaz;*
2) *As pessoas se reúnem muito para discutirem seus problemas;*
3) *Participação ativa nas reuniões, compartilhando opiniões;*

***Ancoragens (AC) – VM* 5**:

1) *Política de ação compartilhada;*

***Expressões-chave (ECH) – VM* 6:**

Eu dou opinião [...] porque hoje tudo tem política [...] tudo que se faça na vida é com política no meio [...] eles podiam olhar com mais atenção a comunidade de Diogo Lopes, porque tem coisa que ta precisando [...] deveria dar mais atenção às coisas que a gente mais precisa. [...] nós não temos uma parteira "deplomada". [...] Já tem acontecido de ganhar neném dentro dos carros. [...].

***Idéias Centrais (IC) – VM* 6**:

1) *Opina pra ocupar um espaço político no grupo;*
2) *Consciência da papel político nas relações sociais;*
3) *Consciência das necessidades comunitárias;*

***Ancoragens (AC) – VM* 6**:

1) *Pensamento político-participativo;*

***Expressões-chave (ECH) – VM* 7:**

[...] o problema da comunidade [...] é mais falta de emprego. Que tem muitos jovens desempregados [...] terminou os estudos e fica parado sem ter um emprego [...] hoje pra pessoa arrumar um emprego é preciso é ter um pistolão [...] desde criança que eu gosto de ajudar. [...].

***Idéias Centrais (IC) – VM* 7**:

1) *Falta de emprego na comunidade, especialmente para os jovens;*
2) *Denúncia do "pistolão", do clientelismo e assistencialismo político, que perduram no lugar;*

***Ancoragens (AC) – VM* 7**:

1) Pensamento progressista liberal de oposição;

***Expressões-chave (ECH) – VM* 8:** [...] não tem trabalho nesse lugar pra nada. [...].
***Idéias Centrais (IC) – VM* 8**: *1) Crítica desencantada da oferta de vagas de trabalho na comunidade;*
***Ancoragens (AC) – VM* 8**:

***Expressões-chave (ECH) – VM* 9:** Quando vem uma pessoa conversar, é assim, quando vem me perguntar uma coisa do outro tempo [...] Eu converso mesmo as coisas do meu tempo, porque no meu tempo [...] Com meu pai, eu sofri muito, porque logo meu pai era desses que naquele tempo as filhas dele não saía pra canto nenhum. Nós se criamos assim, como uma, um que era preso, num sabe? [...].
***Idéias Centrais (IC) – VM* 9**: *1) Respeito ao passado no presente – memória viva;* *2) Repressão histórica à presença da mulher nas atividades de rua;*
***Ancoragens (AC) – VM* 9**: *1) Tradicionalismo cultural;*

IAD 1 – **EXPRESSÕES-CHAVE** – *IDÉIAS CENTRAIS (IC) & ANCORAGENS (AC)* – **PERGUNTA 4**
Legenda: ***VM*** = *Velha Mulher*; **IC** = Palavras grafadas na cor **Azul**; **AC** = Palavras com bordas marcadas na cor **Cinza.**

***Expressões-chave (ECH) – VM* 1**: [...] Eu sou uma pessoa que não gosto muito de conversar [...].
***Idéias Centrais (IC) – VM* 1**: *3) Consciência do gosto do silêncio;*
***Ancoragens (AC) – VM* 1**:

***Expressões-chave (ECH) – VM* 2**: [...] dialogando, né? Chega, fala, conversa, até que chegue aquele momento que aquela pessoa aceite aquilo que a gente ta querendo, né? [...] todo dia eu ia rezar o terço nessas casas.
***Idéias Centrais (IC) – VM* 2**: *1) Consciência do valor e do poder da argumentação;*
***Ancoragens (AC) – VM* 2**: *1) Pensamento dialógico persistente, convencimento ideológico;*

***Expressões-chave (ECH) – VM* 3**: [...] a festa da igreja. Quando tem reunião, me convocam, quando eu posso ir, eu vou. [...] sempre dou minhas opiniões, até que sempre acatam minhas opiniões [...] desde muito pequena que eu lido com festa, né? [...] esse clube foi uma coisa que foi construída por mim e pelo pai de Arlete [...] comecei carregando banda de tijolo, do

cemitério, pra fazer um piso pra os meninos brincarem pastoril e daí surgiu a idéia da gente fazer um canto pra se ter festa que num tinha [...] A gente num tem nada [...] A gente tem que se movimentar. Tem que fazer de tudo. Mas muitas coisas na comunidade da gente, é mil vezes preferível a gente trabalhar de graça do que por dinheiro. [...] quando a gente começou esse Encontro Ecológico né? Fomos as pessoas, você desde o primeiro que participa, né? Eu, Comadre Livinha, Dodôia, que foram as primeiras que se achou pra prestar o nosso serviço, né? Sem, sem cobrar nada, sem querer nada. [...] Esse ano [...] houve uma reunião e então todo mundo participou, é achou melhor de já começar com o Turismo Comunitário como já estava sendo previsto, né, então dividir as tarefas. [...] não posso passar quatro dias direto como eu passava de sair de casa cinco e meia da manhã pra chegar dez, onze, doze horas da noite, como você sabe [...] Essa idéia que vocês fizeram ta muito boa, de dividir pra cada uma, pessoa que tem restaurante [...] olhe, melhor era no tempo que a gente trabalhava sem ganhar nada, do que agora, porque existiu isso [...] porque você sabe que somos seis pessoas aqui a equipe da cozinha [...] a gente vai investir esse dinheiro, comprar o material, num tem retorno depois pra gratificar esse povo [...] Eu gosto de ajudar nas coisas da comunidade, o que está ao meu alcance eu gosto de fazer [...] é interessante que vocês começaram a trabalhar sem ganhar nada, quando ser pra ganhar, vocês ficarem de fora, né? Num acho, num acho isso certo. Vocês tem que dar um jeito de ficarem pelo menos um dia. [...] Só que a gente esse ano a gente vai mudar o povo vai até estranhar. [...] Nós vamos diminuir a equipe [...] pra ver se dá prá gente ganhar alguma coisa [...] E se a gente ficar no prejuízo? [...] E a gente já vai [...] comprar [...] nas mercearias fiado, que a gente tem crédito pra comprar [...] não dá pra receber porque o evento era mês passado, como mudou [...] se adivinho que ia mudar, eu tinha aceitado a proposta [...] só que mudou os dias e ninguém sabe [...] por isso eu disse, tem muitas ocasiões que é melhor a gente trabalhar de graça de que trabalhar por dinheiro [...].

***Idéias Centrais (IC) – VM* 3**:

1) *Consciência de sua importância nas reuniões na comunidade e de que o grupo acata seu modo de pensar e agir;*
2) *Consciência da necessidade de mobilização da comunidade;*
3) *Crítica à disputa por dinheiro dentro dos encaminhamentos da infra-estrutura dos Encontros Ecológicos;*
4) *Registro de que as Velhas Mulheres fazem parte dos primórdios dos Encontros Ecológicos, cooperando na realização, dando apoio e prestando serviço, sem cobrar nada, sem querer nada;*
5) *Registro da mudança que houve na estrutura dos Encontros em favor do Turismo Comunitário;*
6) *Registro de que as Velhas Mulheres trabalhavam sem ganhar nada nos outros Encontros, antes da mudança e que agora, depois da mudança, não podem mais trabalhar;*
7) *Denúncia de que não podem competir com quem tem restaurante, na produção de alimentação para os Encontros, pois precisariam investir muito em matéria prima e para gratificar o pessoal que lhes apoiavam, antes, gratuitamente, comunitariamente, agora com remuneração;*
8) *Registro de que começaram a trabalhar sem ganhar nada, mas quando agora, podem ganhar alguma coisa, estão de fora;*
9) *Registro da mudança da data do evento, e que ninguém sabia que mudaria, dificultando mais ainda as suas estratégias de ação;*
10) *Confirmação de que, nos acontecimentos comunitários, é melhor trabalhar de graça de que trabalhar por dinheiro;*

***Ancoragens (AC) – VM* 3**:

1) *Princípios do trabalho comunitário;*
2) *Discursos recorrentes da tradição da população de Diogo Lopes;*
3) *Opinião dominante – repressiva e reificante – acerca do trabalho produtivo e da mensura do valor de produção;*

***Expressões-chave (ECH) – VM* 4**:

Tem uns que não entendem [...] a Reserva. [...] Chega uns de fora, quer meter a mão, e fazer isso e aquilo, e os do lugar fica de escanteio. [...] só quer dar nome àquelas que vem de fora. E o pessoal do lugar fica sem moral. [...] às vezes a gente conversa com eles, muitos que agridem cheio de brutalidade [...] Porque querem ultrapassar uma coisa que não pode [...] Eu num vou fazer uma casa aonde eu não posso fazer. Eu vou fazer uma casa na beira da maré? Não vou. [...].

***Idéias Centrais (IC) – VM* 4**:

1) *Consciência da importância da política de preservação que advém com a Reserva;*

2) *Crítica à exaltação e supervalorização dos sujeitos externos à comunidade ("os de fora") em detrimento da população da comunidade (nativos – "os do lugar");*
***Ancoragens (AC) – VM* 4**:
1) *Preservação ambiental e cultural;*

***Expressões-chave (ECH) – VM* 5**:
[...] dialogo com as pessoas [...] Dialogando com as pessoas, converso [...] mostro a coisa tem de ser assim [...] desse jeito [...] vamos fazer uma votação pra ver se todo mundo concorda [...] quem ganha é a maioria [...] muitas vezes as nossas opiniões não são validas por todo mundo [...] a gente tem que acatar porque do jeito que eu voto contra uma coisa que você diz, você vota contra uma que eu digo também [...] deste modo a gente vai dizendo e vai andando em conjunto, comungando junto com o exemplo. [...].
***Idéias Centrais (IC) – VM* 5**:
1) *Diálogo como forma de convencimento;* 2) *Comunhão comunitária como política de grupo;*
***Ancoragens (AC) – VM* 5**:
1) *Catolicismo;*

***Expressões-chave (ECH) – VM* 6**:
[...] eu não sou muito de passar a minha vida para outra pessoa, assim [...] já até em reunião [...] tenho falado [...] aqui em Diogo Lopes, precisa urgentemente é, um armazém grande [...] pra os trabalhadores ter um canto [...] tenho um barco de pesca, eu tenho uma rede pra consertar, aí eu não tenho um canto certo pra ficar. [...] deveria ter um canto certo, pra onde os pescador pudesse se reunir, independente da Colônia. [...] um canto pra eles ficarem à vontade, remendar as redes deles, botar as conversas deles em dia. Porque eles ficam nas portas, nas calçadas conversando. [...].
***Idéias Centrais (IC) – VM* 6**:
1) *Discrição pessoal em relação ao coletivo;* 2) *Percepção da necessidade de doação, pelo poder público, de um armazém para os pescadores, independentemente da Colônia de Pescadores, para que realizem suas necessidades diárias de preparação para a pesca e para o convívio social e de lazer;*
***Ancoragens (AC) – VM* 6**:

***Expressões-chave (ECH) – VM* 7**:
Nunca precisei de político com meus idosos. [...] hoje mesmo o grupo que eu tomava conta dos idosos eu passei pra Oscar, mas muitos já disseram a mim, que só tinha alegria quando eu tomava conta dos idosos [...] Mas eu acho que todos aqui pelo tempo que eu to trabalhando com os idosos, tudo gosta da minha opinião. [...] antes de eu ser evangélica eu era uma carnavalesca. Eu botava três blocos na rua. [...] era um bloco só de mulher. [...] de escola de samba e botava outro só de criança. [...] três dias de carnaval. [...] hoje em dia acabou-se tudo. Tem mais nada. Até o carnaval acabou-se. [...] Eu era a mulher da folia. Agora eu sou da folia [...] Agora eu trabalho só pra igreja. [...] eu vou pra lá pra cozinhar pro pessoal. [...].
***Idéias Centrais (IC) – VM* 7**:
1) *Prazer em participar unicamente dos eventos da Igreja;*
***Ancoragens (AC) – VM* 7**:

***Expressões-chave (ECH) – VM* 8**: Não sei não [...] as comunidade daqui é assim, elas só convida aqueles pessoas que gosta de se associar nas coisa [...] que fazem reunião, e tudo. Eu não vou, eu não faço. [...] Eu não vou porque as coisas daqui não tem unidade, união, sabe? É uma coisa que tem por proteção. [...] no meu tempo, não existia mordomia. Era tudo humilde [...] Todo mundo trabalhava, todo mundo era igual. [...] Tem muita diferença do tempo de hoje pra o outro tempo que a gente nasceu, e criou-se, e viveu. [...].
***Idéias Centrais (IC) – VM* 8**: *1) Registro do modo de organização protecionista dos grupos na comunidade;* *2) Crítica à falta de unidade, ao protecionismo e à desunião, que ocorre no grupo social;* *3) Reflexão sobre a mudança de postura atual frente ao trabalho, que considera desigual e cheia de mordomias;*
***Ancoragens (AC) – VM* 8**: *1) Esperança católica na harmonia que gera união e comunhão nos grupos;* *2) Tradicionalismo cultural;*

***Expressões-chave (ECH) – VM* 9**: Tanto faz que eu goste de uma coisa, como que não goste de outra. Mas eu não falo, fico calada. Opinião assim que eu gosto, toda festa eu gosto, mas não que vá pra festa. Porque no tempo que eu podia ir, eu não ia porque meu marido não gostava. [...] Eu tinha filho e não deixava mais ninguém. Pra ninguém prestar atenção e por isso eu não ia à festa. [...] Eu trabalhei pra sustentar minha família todinha. [...].
***Idéias Centrais (IC) – VM* 9**: *1) Calar diante das situações e evitar o confronto;* *2) Condição da mulher de obediência ao marido e às necessidades dos filhos;*
***Ancoragens (AC) – VM* 9**: *1) Tradicionalismo de submissão, frente à opressão masculina;*

IAD 1 – **EXPRESSÕES-CHAVE** – *IDÉIAS CENTRAIS (IC) & ANCORAGENS (AC)* – **PERGUNTA 5**
Legenda: ***VM*** = *Velha Mulher*; **IC** = Palavras grafadas na cor **Azul**; **AC** = Palavras com bordas marcadas na cor **Cinza**.

***Expressões-chave (ECH) – VM* 1**: [...] às vezes eu reclamo com as meninas porque luta tanto é uma coisa e outra que trabalham tanto, e é tanta reunião, e é tanta coisa, mas aí às vezes alguém fala que não é de acordo, que não gosta dessas coisas, e aí eu que me sinto, porque elas se envolve sempre as pessoas, aí eu não sei nem dizer [...].
***Idéias Centrais (IC) – VM* 1**: *4) Questionamento da necessidade de muitas reuniões e trabalho deixando as ações de casa em segundo plano;*
***Ancoragens (AC) – VM* 1**: *1) Discurso recorrente da "dominação masculina" – a mulher tem que, primeiramente, cumprir suas obrigações domésticas;*

***Expressões-chave (ECH) – VM* 2**: Os jovens, daqui mesmo, eles não gostam muito de aprender aquilo que a gente aprendeu [...] As mães da gente gostavam muito de ensinar o que elas sabiam [...] Hoje, os jovens não querem mais continuar aquilo que a gente fazia. [...] Muitas vezes eu digo "Ah! Se Diogo Lopes ainda fosse aquele Diogo Lopes de antigamente!". A

gente vivia sem sobressalto nenhum, se fechava a porta da gente a hora que a gente quisesse, e ficava nas calçadas, até dormia nas calçadas. Não se tinha relógio de nada. Hoje, não. Hoje a senhora está dentro de casa e ainda tá com medo. [...] O Diogo Lopes que eu conheço é quase uma família só. Foi misturando de geração em geração, casa um com uma família, casa um com outra família, certo? [...] É uma comunidade que [...] acolhe gente de todo canto que vem prá [...] Faz moradia aqui.

***Idéias Centrais (IC) – VM* 2**:

1) *Os jovens não gostam de aprender os modos da tradição para continuarem o que faziam seus pais;*
2) *As mães do passado gostavam muito de ensinar o que elas sabiam às filhas e aos filhos;*
3) *Em Diogo Lopes do passado não se tinham exigências de controle do tempo, nem de segurança;*
4) *Em Diogo Lopes os casamentos eram deito entre parentes de uma mesma família;*
5) *Diogo Lopes é uma comunidade acolhedora e permite a moradia de pessoas de diversos lugares;*

***Ancoragens (AC) – VM* 2**:

***Expressões-chave (ECH) – VM* 3**:

[...] eu acho que aprende [...] quando é sobre negócio de assim festa [...] também a juventude de hoje em dia [...] é completamente diferente do tempo da nossa juventude [...] tens uns que até acatam as opiniões da gente [...] quando eles vem atrás é porque tão precisando de alguma orientação [...].

***Idéias Centrais (IC) – VM* 3**:

1) *A juventude é completamente diferente da do passado, não acompanham a tradição;*
2) *Alguns jovens pedem conselho e acatam as orientaçõs;*

***Ancoragens (AC) – VM* 3**:

1) *Tradicionalismo;*

***Expressões-chave (ECH) – VM* 4**:

[...] eu vou e ensino. Eu gosto muito de ensinar o que eu sei ao pessoal, pode ser quem for. [...] a gente vai ficando velho, às vezes morre, sabe nem quando morre. [...].

***Idéias Centrais (IC) – VM* 4**:

1) *Tem alegria em ensinar a qualquer pessoa, acreditando que o importante é fazer o conhecimento se perpetuar;*

***Ancoragens (AC) – VM* 4**:

***Expressões-chave (ECH) – VM* 5**:

Aprendem [...] naquele Encontro [...] nunca tinha mim visto ali [...] gostava muito de estar onde pessoas como eu, da minha idade, estava [...] pra contar as histórias, repassar pra eles conhecimentos, que eles não sabiam e precisavam saber. [...].

***Idéias Centrais (IC) – VM* 5**:

1) *Prazer em participar unicamente dos eventos da Igreja;*

***Ancoragens (AC) – VM* 5**:

***Expressões-chave (ECH) – VM* 6**:

Aprendem. [...] inclusive, eu tenho dois rapazes que outro dia ele… encontrou comigo aí ele disse: “Ah, Dona [...] eu usava um negócio que não podia ser e a senhora me tirou dessa vida, né?” [...] tem muita coisa pra enfrentar, tanta coisa boa pra você aprender. Droga não é a vida. Droga acaba com a vida [...].

***Idéias Centrais (IC) – VM* 6**:

1) *Os jovens aprendem com o conselho dos mais velhos;*

2) *A droga não é vida e acaba com a vida;*
***Ancoragens (AC) – VM* 6**:
1) *Campanhas Anti-drogas veiculadas nas mídias;*

***Expressões-chave (ECH) – VM* 7**:
A minha menina, ela é por dentro de tudo. Ela trabalha com artesanato também. [...].
***Idéias Centrais (IC) – VM* 7**:
1) *Minha filha sabe das coisas;*
***Ancoragens (AC) – VM* 7**:

***Expressões-chave (ECH) – VM* 8**:
Eu fique viúva [...] já entrou pra vinte e dois anos [...] nunca procurei trabalho em casa de ninguém. [...] Eu vivi só do meu trabalho, na minha casa. Tudo que eu faço é na minha casa. [...] eu trabalhava de dia e de noite. [...] Quando eu era moça eu não saia muito de casa, papai não deixava muito a gente andar por certos cantos. Aí eu fui me acostumando dentro de casa. [...] meu marido também não gostava muito [...] Não gostava de baile, de passeio e essas coisas, não gostava, não. Só brincava um coco de roda assim, num sabe? Assim, brincar carnaval, isso ele gostava. Mas não gostava de ir pra baile, nem de sair de noite [...] de noite ele já tava em casa, deitado. [...].
***Idéias Centrais (IC) – VM* 8**:
1) *Ficou viúva e assumiu o sustento da família sozinha sem precisar trabalhar em outros lugares,apenas com as prendas domésticas;* 2) *Quando moça não saía de casa por causa do pai, depois, por causa do marido;*
***Ancoragens (AC) – VM* 8**:
1) *Tradicionalismo de submissão, frente à opressão masculina;*

***Expressões-chave (ECH) – VM* 9**:
[...] naquele tempo não havia prato de louça, não. Era só de barro. Era o pontinho de barro, de fazer café, de coar café, tudo era de barro. Tinha uma mulher que morava lá pra banda de Quixadá que fazia tudo isso. Que comprava e as arrumação das casas, era assim. [...] Aqueles homens trabalhava com aquelas camisas tão rasgadas aquilo era tudo arremendada, ninguém não, era muito custoso a pessoa ver uma, uma, uma pessoa com a roupa prontinha assim [...] O mundo começou assim. Do meu tempo pra cá. Agora, do meu tempo pro tempo de papai eu não sei [...].
***Idéias Centrais (IC) – VM* 9**:
1) *No passado, os utensílios de cozinha eram de barro. Tinha uma mulher que os fazia e trazia do Cera pra vender em Diogo Lopes;*
***Ancoragens (AC) – VM* 9**:

IAD 1 – **EXPRESSÕES-CHAVE** – *IDÉIAS CENTRAIS (IC) & ANCORAGENS (AC)* – **PERGUNTA 6**
Legenda: ***VM*** = *Velha Mulher*; **IC** = Palavras grafadas na cor **Azul**; **AC** = Palavras com bordas marcadas na cor **Cinza.**

***Expressões-chave (ECH) – VM* 1**:
Eu praticamente é quem crio as minhas netas [...] quando eu vejo o movimento aqui de comunidade que ta

acontecendo aqui em Diogo Lopes, elas saem prá aqui, prá acolá, mas saem despreocupadas porque sabe que eu to com as crianças [...].

***Idéias Centrais (IC) – VM* 1**:

5) *Toma conta das netas para que suas filhas possam sair de casa para trabalhar;*

***Ancoragens (AC) – VM* 1**:

***Expressões-chave (ECH) – VM* 2**:

[...] o povo desmatava muito, porque no meu tempo a gente tinha esses... as quixabeiras era aqui bem perto, hoje não tem mais, foi muito desmatado. Agora na Reserva ninguém pode fazer isso. O mangue também. Muita gente ia pra lá, tirava muita madeira, hoje isso é raríssimo mesmo. [...] E através do uso da Reserva tem chegado muito conhecimento. [...] Eu espero que daqui pra frente venha muita coisa boa sobre a Reserva [...] Que eu não veja mais, mas meus *ancestrais* [descendentes] vão ver, vão trabalhar [...] Eu achei muito bom a Reserva [...] Às vezes a família atrapalha a vida [...] atrapalha muito [...] Muita coisa eu não participo mais, porque não gosto de muito favor [...] minha mãe também ela gostava muito de rezar. [...] As meninas dizem: "Tu ficou no canto da tua mãe." Ai eu digo: "Eu mesmo, não!" É porque eu gosto de rezar. Mas a minha mãe tinha um meio e eu tenho outro. [...] a Reserva, pra mim, ta trazendo bons conhecimentos pra Diogo Lopes, muito desenvolvimento. [..] Pode ser que a Reserva traga mais trabalhos bons pra Diogo Lopes, que todos possam participar, né? [...] To seguindo o caminho que a minha mãe seguia.

***Idéias Centrais (IC) – VM* 2**:

1) *Diante do desmatamento, a Reserva é uma possibilidade de conhecimento e preservação. Pode também trazer desenvolvimento e trabalho para todos;*
2) *Às vezes não participa dos eventos por que não pode sair de casa, para não deixar de cumprir as obrigações, nem dever favor à família, que atrapalha muito;*
3) *Segue a tradição que tinha a mãe, de rezar. Cada uma ao seu modo, com seu estilo próprio;*

***Ancoragens (AC) – VM* 2**:

1) *Discurso ambientalista;*

***Expressões-chave (ECH) – VM* 3**:

Reserva melhorou [...] a única coisa que não melhorou mesmo é [...] foi na limpeza [...] depende [...] da própria comunidade, das pessoas que não se liga [...] na limpeza, na higiene das coisas [...] Tem gente aqui em Diogo Lopes, muita gente aqui que ainda tem esgoto pro meio da rua [...] pode fazer [...] uma fossa [...] tem muita gente que tem condições e num faz. É um descaso muito grande isso [...] Que tem muita gente que tem esgoto pra praia [...] uma falta de higiene muito grande [...] da própria comunidade, num é nem da pessoa [...] você passa, agora um galho e começa a varrer, quando pensa que não, ta aí [...] copo descartável na rua, papel, tudo [...] é uma coisa que não podia existir [...] Diogo Lopes [...] o pessoal, todo mundo aqui, acho que não tem mais nem analfabeto aqui [...] até as pessoas de idade, agora tem estudo [...] pessoas estudam [...] quando é assim, nos Encontros, o pessoal vem colocar depósito pra lixo, mas o povo num ta ligando muito pra isso não. [...] em outras coisas eu acho que melhorou [...] o mangue [...] que antes da Reserva, todo mundo tirava madeira do mangue, ó, madeira pra fazer, na época de São João pra fazer fogueira. É... caibro, e chalé, como chama, e forquilha, pra armar a casa. Tudo isso o pessoal tirava, ainda tem gente que tira, mas quando uma pessoa vê e sabe, denuncia. [...] mangues que é uma coisa que a gente tem mesmo que [...] preservar [...] O pessoal vai lá pra Costa mesmo e faz, faz sujeira, lixo [...] é garrafa, é copo descartável [...] O povo coloca garrafa, tudo isso. Tudo isso é coisa que num, num precisava de exigir. Vai pra lá, junte, ou queime ou traga pra cá pra botar no lixo, numa sacola. [...] Mas melhorou muita coisa, eu acho que a Reserva trouxe muita coisa boa, pra cá. [...] ainda tem muita gente que não entende [...] e ainda diz assim: "É, esse povo são muito besta. Deixa de, o povo num, empata o povo de fazer um rancho, uma casa na beira da praia. Fica com uma história de uma Reserva, e depois que começou essa história de Reserva ninguém pode mais fazer um armazém na praia, ninguém pode fazer uma casa, ninguém pode construir, num pode ir numa, num pode fazer uma, um, um negócio nas dunas porque tudo é proibido". [...] é proibido [...] Porque agora a Reserva [...] e as coisas tem que ter limite. [...] E se são coisas que a pessoa proíbe é porque são coisas que ta errado. Se fosse certo, ninguém empatava. [...] Mas hoje em dia ta todo mundo esclarecido [...] até as crianças participam das palestras que entendem, muitos já entendem é, o que é uma Reserva [...] pra que serve, o meio ambiente e tudo [...].

***Idéias Centrais (IC) – VM* 3**:

1) *Reserva melhorou muita coisa em Diogo Lopes. A única coisa que não melhorou mesmo diz respeito à limpeza ambiental. Nos Encontros, os organizadores colocam depósito pra lixo nas ruas, mas o povo da comunidade ainda não se acostumou a usá-los;*
2) *Na comunidade, muita gente ainda tem esgoto que corre para o meio da rua. Isso é um descaso muito grande. Tem muita gente que despeja o esgoto na praia. Uma falta de higiene da própria comunidade. Não é nem de uma pessoa. É coisa que não podia existir. O pessoal vai lá pra Costa e faz sujeira;*
3) *Não tem mais nem analfabeto na comunidade. Até as pessoas de idade, agora tem estudo. Mas hoje em dia, com todo mundo esclarecido, entendem o que é uma Reserva, pra que serve o meio ambiente;*
4) *Antes da Reserva, todo mundo tirava madeira do mangue, ainda tem gente que tira, mas quando uma pessoa vê e sabe, denuncia. Mangues são coisas que a gente tem mesmo que preservar;*
5) *Mas com a Reserva melhorou muita coisa. Trouxe muita coisa boa, pra a comunidade. Tem muita gente que não entende ainda e diz assim: "É, esse povo são muito besta. O povo empata e deixa de fazer um rancho, uma casa, na beira da praia. Fica com uma história de uma Reserva. Porque tudo é proibido?" É proibido porque agora há uma Reserva e as coisas têm que ter um limite;*

***Ancoragens (AC) – VM* 3**:

1) *Discurso ambientalista;*
2) *Discurso educacional;*

***Expressões-chave (ECH) – VM* 4**:

Por que ali vai gerar o quê? Emprego. Não vai empregar todo mundo, né? Mas, pras pessoas que já têm um estudo, já pode se colocar ali. Eu acho que ta melhorando mais a nossa comunidade. [...] tem gente que diz que a criação da Reserva é ruim [...] mas não é. [...] Foi bom. Basta ver aquela destruição que aquele pessoal veio fazer aqui na costa, no mangue, que tava acabando com o mangue da gente. Aonde era que a gente ia comer um caranguejo, um siri, né? E depois que teve essa Reserva [...] pronto foi muito bom, ta aí, é caranguejo é siri. Tem o peixe [...] Foi muito bom. Eu gostei muito. [...] tem gente que não entende aquilo ali, que não entende o que é [...] de não entender o que é, o que é que veio pra fazer a benfeitoria pro nosso lugar. Pra mim, pros meus filhos, pra meus netos, que a gente já vai chegar na idade que está, e eles vão evoluindo melhor [...].

***Idéias Centrais (IC) – VM* 4**:

1) *Tem gente que diz que a criação da Reserva é ruim, mas não é! A Reserva veio para fazer a benfeitoria da comunidade, por que vai gerar emprego. As pessoas que já têm um estudo, já podem se colocar na ali;*

***Ancoragens (AC) – VM* 4**:

1) *Discurso do desenvolvimentismo auto-sustentável;*

***Expressões-chave (ECH) – VM* 5**:

[...] antes as pessoas pra devastarem o manguezal cortavam. Todo mundo via que o risco era esse [...] cortavam mesmo o mangue de machado, traziam os galhos grandes, pé de mangue inteirinho [...] com a criação da Reserva, a gente conversando com eles, como deve ser, que a gente usa a Natureza sem prejudicá-la [...] não são todos porque tem alguns que não aceitam mesmo. [...] tem uns que dizem [...] eu nasci aqui, me criei, todo mundo arrancando esse mangue, tirando pra dá de comer, os bichos, e ele nunca acabou [...] Aqueles mais idosos que já é do jeito que eles vivem mesmo [...] outros já aceitam [...] a gente já vê as próprias crianças educadamente pegando as coisas e jogando no lixo [...] nós trabalhamos, não só isso na nossa casa como na escola, com as crianças. [...] eu moro em uma Reserva e eu sou ambientalista [...] eu não arreio nada na rua e isso eu passo para os meus alunos, eu passo para o povo da minha terra [...] eu aprendi muito com a Reserva [...] não vou dizer que eu tenho isso de muito tempo, eu vim preservar mais agora depois da Reserva [...] Turismo Comunitário eu acho bonito. [...] Eu estou sentindo falta de não está lá na cozinha trabalhando, fazendo comida [...] mas estou satisfeita porque eu tenho várias pessoas fazendo aquilo que eu fazia só com um grupinho [...] tem muitas pessoas fazendo. [...] se não fosse essa luta nossa, tão grande, para construirmos essa Reserva, talvez Diogo Lopes estivesse privado para os nativos. [...] fomos para Xingo [...] andamos em praias que hoje os nativos andam não sei quantos quilômetros para passarem com as redes de peixe por um bequinho [...] Por que [...] Não lutaram como nós! Se tivesse lutado como nós lutamos não teria acontecido. [...] cai na luta mesma com gosto mesmo de vê tanta coisa boa que a Natureza nos deu e gente querendo devastar e a gente sabendo que quem tem que cuidar somos nós. [...].

***Idéias Centrais (IC) – VM* 5**:

1) *Antes as pessoas cortavam o mangue de machado, traziam os galhos grandes, pé de mangue inteirinho. Com a criação da Reserva, a gente usa a Natureza sem prejudicá-la;*
2) *Tem alguns que não aceitam a Reserva, e dizem: "Eu nasci aqui e me criei, com todo mundo arrancando esse mangue, tirando pra dar de comer aos bichos, e ele nunca acabou!". Outros já aceitam. A gente já vê as próprias crianças, educadamente, pegando as coisas e jogando no lixo. Nós trabalhamos, não só isso na nossa casa, como na escola, com as crianças;*
3) *Estou sentindo falta de não está lá, na cozinha, trabalhando, fazendo comida. Mas estou satisfeita porque eu tenho várias pessoas fazendo aquilo que eu fazia só, com um grupinho;*
4) *Se não fosse essa luta nossa, tão grande, para construirmos essa Reserva, talvez Diogo Lopes estivesse privado para os nativos;*

***Ancoragens (AC) – VM* 5**:

1) *Discurso ambientalista;*

***Expressões-chave (ECH) – VM* 6**:

[...] o povo ainda não acordaram que a Reserva é isso [...] não participam de reunião, não foram à luta que nem a gente foi, porque a gente enfrentou uma batalha, a gente foi pra guerra. Porque enfrentar, no meio de um bocado de homem, tudo armado de foice, cada foice que fazia gosto, enxada e tudo, e a gente dentro de um mangue, só com a fé de Deus, sem nem uma arma... A gente foi a uma guerra e fomos vencedora! [...] a Reserva trouxe uma coisa boa. [...] e a gente ainda esta aqui, tudo com os braços erguidos pra enfrentar novamente tudo se fosse preciso. [...] Foi uma coisa muito boa dentro de Diogo Lopes. [...] Diogo Lopes é um lugar assim quieto, mas são um povo assim, de união. [...] Quando eles entende que é união, eles se juntam mesmo e vão à luta e conseguem o que eles querem, né? [...] Ainda hoje continua trabalho [...] quanto desenvolve o trabalho, mais chama atenção, mais o povo gosta, mais o povo quer e isso é que é importante. [...].

***Idéias Centrais (IC) – VM* 6**:

1) *O povo ainda não reconhece que a Reserva foi e é uma conquista;*
2) *Não foram à luta que nem a gente foi;*
3) *Agente enfrentou uma batalha no meio de um bocado de homens armados de foice;*
4) *A gente dentro de um mangue, só com a fé de Deus, sem nem uma arma;*
5) *A gente foi a uma guerra e fomos vencedoras;*
6) *A gente ainda está aqui, todas com os braços erguidos, pra enfrentar tudo, novamente, se fosse preciso;*
7) *Diogo Lopes é um lugar quieto, mas com um povo de união;*
8) *O trabalho continua. E quanto mais desenvolve o trabalho, mais chama atenção, mais o povo gosta, mais o povo quer. E isso é que é importante;*

***Ancoragens (AC) – VM* 6**:

1) *Discurso ambientalista comunitário;*
2) *Discurso politizado;*

***Expressões-chave (ECH) – VM* 7**:

Esse turismo também pra mim é uma boa. Porque tem muito jovem aí que já se congregaram aí e já fizeram o curso de guia, eles estão de frente a todos os trabalhos. [...] Eu trabalho com Subadhro no Programa de Criança. [...] na época da Reserva aqui pra gente conseguir isso a gente foi... uma tribulação muito grande pra gente conseguir. Que a gente cismando fechemos a rua. Era menina, era moça, era rapaz, era velho... O que aparecesse a gente manifestou na rua [...] Aí tocaram fogo nos ranchos. A gente ia pra costa botar dois, dois marcos ali de barco, botar uma bandeira bem grande pra ver se os italianos iam embora [...] um dia foram embora, mesmo [...] que não apareceram mais. [...] acho que pra nós essa Reserva e esse, esse projeto de Criança da Petrobrás é uma coisa boa. [...] Porque os filhos não vão pra rua, pelo menos eu e meus dois netos. [...] a Reserva vai ser, ta sendo boa e ainda vai ser muito mais. [...] Pois é, eu sei que ta bom. A gente tem que trabalhar muito pra alcançar o que a gente quer. [...] Daqui pra frente o que as águas vão rolar, ninguém sabe, né? [...] eu já estou nessa idade, meus netos tão crescendo. Eu posso passar de um lado pra outro mas eles estão aqui pra contar a história. [...] acho que não vão mais bulir nessa Reserva [...] Acho que nada mais vai acontecer, o que acontecer é só de bom [...].

***Idéias Centrais (IC) – VM* 7**:

9) *Prazer em participar unicamente dos eventos da Igreja;*
***Ancoragens (AC) – VM* 7**:

***Expressões-chave (ECH) – VM* 8**: A Reserva? Eu não sei dizer não [...] Eles traz [...] uma camisa pra um, um boné pra outro e tudo. Faz aquela festinha, né? [...] Eu não sei se eles trazem mais alguma coisa de melhoria pró lugar porque eu ainda não vi. [...] Não sei o que acontece, não sei o que é que eles falam [...].
***Idéias Centrais (IC) – VM* 8**: 1) *Não sei dizer nada sobre a Reserva;* 2) *Não sei se e trazem mais alguma coisa de melhoria pro lugar, porque eu ainda não vi;* 3) *Sei que eles trazem uma camisa para um, um boné pra outro;* 4) *Não sei sobre o que é que eles falam;*
***Ancoragens (AC) – VM* 8**:

***Expressões-chave (ECH) – VM* 9**: Eu acho bom pra mim. [...] agora é que não acontece mais porque peixe agora parece que acabou-se do mar. [...] As coisas era muito ruim naquele tempo, mas nós nunca não teve quem tivesse morrendo de fome, não. Tudo era barriga cheia. [...] Eu lutei muito na minha vida. Prestar atenção a tudo no mundo, criar um bando de filho. [...] como uma mãe cria os filhos assim? A mãe em casa dormindo, os pais, e os meninos na rua fazendo arte. Tirando as coisas das casas dos outros, como já tem uns deles aí que estão roubando as coisas das casas dos outros, que faz isso mesmo [...] Eu não aprendi porque papai nunca me botou na escola [...] Ele dizia que não botava nunca que era pra quando a gente crescer não botar carta para namorado. e assim nós não faz um "o" com uma quenga [...] Ele também não sabia ler. [...].
***Idéias Centrais (IC) – VM* 9**: 1) *Eu lutei muito na minha vida. Prestando atenção a tudo no mundo, para criar meus filhos;* 2) *Como pode uma mãe criar seus filhos na rua, fazendo arte? A mãe em casa dormindo e os meninos roubando as coisas das casas dos outros;* 3) *Papai nunca me botou na escola. Ele dizia que não botava filhas pra estudar para que quando a gente crescesse não escrevesse cartas para os namorados;*
***Ancoragens (AC) – VM* 9**: 1) *Discurso repressivo sobre a responsabilidade da mulher;* 2) *Discurso de controle do **masculino** sobre o **feminino**.*

<table>
<tr><th colspan="3">IAD 1</th></tr>
<tr><th colspan="3">GRUPAMENTO – A “TRABALHO”</th></tr>
<tr><th>Idéias Centrais e Ancoragens
(Amostragem recolhida aleatoriamente)</th><th>Ancoragem-síntese
(1º tratamento)</th><th>Ancoragem-síntese
(Tratamento final)</th></tr>
<tr><td>• As coisas eram difíceis, havia sofrimento e dependia-se muito da Natureza;
• O trabalho era unicamente pesqueiro e não havia instrução profissional;
• O trabalho com a pesca teve declínio por escassez de peixe e por falta de gerenciamento;
• Antes havia muito peixe (franco), hoje não há mais;
• A pesca predatória é danosa à Natureza;</td><td>Registro de que o trabalho com o peixe era rentável, porém brutal e difícil no passado, mas que esteve sob risco, devido à pesca predatória.</td><td rowspan="5">O trabalho pesqueiro foi rentável, brutal e predatório, no passado, hoje, mesmo com a possibilidade do trabalho comunitário, ainda há desigualdade e descarte dos mais velhos na cadeia produtiva, embora estes ainda apresentem disponibilidade para o trabalho.</td></tr>
<tr><td>• Mudou muita coisa, era mais difícil, foi ficando melhor numas coisas e pior noutras, hoje está tudo poluído;
• Mudança de modos de trabalhar e viver;
• Trabalho de base na preparação de uma consciência de grupo;
• Princípios do trabalho comunitário;</td><td>Registro dos modos de trabalhar. Da poluição e escassez do peixe. Apontamento do trabalho comunitário como possibilidade de transformação.</td></tr>
<tr><td>• A mudança do perfil de trabalho das moças, das mulheres e dos homens;
• O trabalho continua. E quanto mais desenvolve o trabalho, mais chama atenção, mais o povo gosta, mais o povo quer. E isso é que é importante;
• O trabalho em movimento tem trazido coisas boas para a comunidade;</td><td>Registro da mudança do perfil do trabalho, quanto à divisão sexual, reafirmando a luta contínua pelo trabalho comunitário, que traz benefícios para o lugar.</td></tr>
<tr><td>• Falta de condição para o trabalho;
• Registro de que começaram a trabalhar sem ganhar nada, mas quando agora, podem ganhar alguma coisa, estão de fora;
• Estou sentindo falta de não está lá, na cozinha, trabalhando, fazendo comida. Mas estou satisfeita porque eu tenho várias pessoas fazendo aquilo que eu fazia só, com um grupinho;
• Denúncia de que não podem competir com quem tem restaurante, na produção de alimentação para os Encontros, pois precisariam investir muito em matéria prima e para gratificar o pessoal que lhes apoiavam, antes, gratuitamente, comunitariamente, agora com remuneração;
• Descarte dos mais velhos no sistema produtivo;</td><td>Denúncias quanto à falta de condição para o trabalho, quanto ao descarte dos mais velhos do sistema produtivo, quanto à competição desigual e à falta de visão comunitária na nova organização dos Encontros Ecológicos.</td></tr>
<tr><td>• Consciência repressiva apoiada na decrepitude da idade;
• Disponibilidade para cuidar das pessoas doentes e velhas da comunidade;
• Disponibilidade para participar da vida da comunidade, colaborando, ajudando no que for preciso;
• Prazer em ajudar os carentes e idosos;</td><td>Consciência da idade que não suplanta a disponibilidade para trabalhar e o prazer em ajudar aos mais necessitados.</td></tr>
</table>

<table>
<tr><th colspan="3">IAD 1</th></tr>
<tr><th colspan="3">GRUPAMENTO – B “COMUNIDADE”</th></tr>
<tr><th>Idéias Centrais e Ancoragens
(Amostragem Recolhida aleatoriamente)</th><th>Ancoragem-síntese
(1º Tratamento)</th><th>Ancoragem-síntese
(Tratamento final)</th></tr>
<tr><td>As pessoas se reúnem muito para discutirem seus problemas;
Comunhão comunitária como política de grupo;
Viver em união;
Princípios do trabalho comunitário;
Problemas da comunidade discutidos e resolvidos em grupo, pelas mulheres;
Consciência coletiva e de necessidade de grupo;
Consciência da força de sua voz, como instrumento de promoção pessoal e de organização coletiva;;
Consciência do papel político nas relações sociais;
Consciência do valor e do poder da argumentação;</td><td>Trabalho comunitário como modelo de vida e como solução para os problemas dos conflitos com a Natureza.</td><td rowspan="4">Trabalho comunitário como modelo de vida e como solução para os problemas dos conflitos com a Natureza. Apelo à participação dos homens e ao acatamento dos jovens pela história das Velhas Mulheres na luta de criação da Reserva para uma mudança de vida e condição de trabalho e no processo comunitário, principalmente no encaminhamento dos trabalhos nos Encontros Ecológicos.</td></tr>
<tr><td>Crítica à não-participação dos homens nas questões comunitárias de Diogo Lopes;
Participação ativa como representante social, nas reuniões, compartilhando opiniões;
Pensamento ambientalista acerca da escassez de peixes;
Pensamento autônomo e libertário de oposição ao fluxo geral;
Discurso ambientalista;
Discurso ambientalista;</td><td>Crítica a não-participação dos homens no processo comunitários, carregada de politização e de discurso ambientalista.</td></tr>
<tr><td>Em Diogo Lopes do passado não se tinham exigências de controle do tempo, nem de segurança;
Em Diogo Lopes os casamentos eram deito entre parentes de uma mesma família;
Esperança católica na harmonia que gera união e comunhão nos grupos;
Diogo Lopes é um lugar quieto, mas com um povo de união;
Diogo Lopes é uma comunidade acolhedora e permite a moradia de pessoas de diversos lugares;
Crítica à exaltação e supervalorização dos sujeitos externos à comunidade (“os de fora”) em detrimento da população da comunidade (nativos – “os do lugar”);</td><td>Registro do formato de sociedade que ocorre em Diogo Lopes, sobre a identidade de sua gente em relação aos problemas locais.</td></tr>
<tr><td>Diante do desmatamento, a Reserva é uma possibilidade de conhecimento e preservação. Pode também trazer desenvolvimento e trabalho para todos;
A pesca predatória é danosa à Natureza;
Agente enfrentou uma batalha no meio de um bocado de homens armados de foice;
A gente ainda está aqui, todas com os braços erguidos, pra enfrentar tudo, novamente, se fosse preciso;
A gente dentro de um mangue, só com a fé de Deus, sem nem uma arma;
A gente foi a uma guerra e fomos vencedoras;</td><td>Criação da Reserva como luta contra as agressões ao meio ambiente e para organizar a sociedade local.</td></tr>
</table>

• *As mulheres são guerreiras e conseguem o que querem em Diogo Lopes;* • *As necessidades criam estratégias de luta e sobrevivência;* • *Antes da Reserva, todo mundo tirava madeira do mangue, ainda tem gente que tira, mas quando uma pessoa vê e sabe, denuncia. Mangues são coisas que a gente tem mesmo que preservar;* • *Se não fosse essa luta nossa, tão grande, para construirmos essa Reserva, talvez Diogo Lopes estivesse privado para os nativos;* • *Sei que eles trazem uma camisa para um, um boné pra outro;*		
• *A juventude é completamente diferente da do passado, não acompanham a tradição;* • *A juventude, com "essa loucura", descarta os mais velhos;* • *A droga não é vida e acaba com a vida;* • *Alguns jovens pedem conselho e acatam as orientações;* • *Campanhas Anti-drogas, veiculadas nas mídias;* • *Consciência repressiva apoiada na decrepitude da idade;* • *Descarte dos mais velhos no sistema produtivo;* • *Disponibilidade para cuidar das pessoas doentes e velhas da comunidade;* • *Disponibilidade para participar da vida da comunidade, colaborando, ajudando no que for preciso;* • *Prazer em ajudar os carentes e idosos;* • *Gosto por brincadeiras animadas;* • *Gosto por participar da vida da comunidade;*	*Denúncia do conflito que opõe jovens e velhos, informando a necessidade de espaço que os velhos têm para trabalhar e intervir na sociedade.*	
• *Não foram à luta que nem a gente foi;* • *Não gosta de opinar e prefere ficar isolada;* • *Não sei dizer nada sobre a Reserva;* • *Não sei se e trazem mais alguma coisa de melhoria pro lugar, porque eu ainda não vi;* • *Preservação ambiental e cultural;* • *Princípio "pequeno burguês" de individualismo auto-protecionista, anti-comunitário;* • *Registro da mudança da data do evento, e que ninguém sabia que mudaria, dificultando mais ainda as suas estratégias de ação;* • *Registro da mudança que houve na estrutura dos Encontros em favor do Turismo Comunitário;* • *Representação social participante* • *Confirmação de que, nos acontecimentos comunitários, é melhor trabalhar de graça de que trabalhar por dinheiro;*	*Denúncia sobre as mudanças na estrutura comunitária dos Encontros Ecológicos, prejudicando as bases do processo de vida e mudança e descartando o trabalho das Velhas Mulheres, que foram personagens fundamentais na luta, desde o início, pra criar a Reserva.*	
• *Mas com a Reserva melhorou muita coisa. Trouxe muita coisa boa, pra a comunidade. Tem muita gente que não entende ainda e diz assim: "É, esse povo são muito besta. O povo empata e deixa de fazer um rancho, uma casa, na beira da praia. Fica com uma história de uma Reserva. Porque tudo é proibido?" É proibido porque agora há uma Reserva e as coisas têm que ter um limite;* • *Opina pra ocupar um espaço político no grupo;*	*Registro da necessidade de criação da Reserva, denunciando a cultura exploratória predadora e, especialmente, a união e a luta das mulheres por um lugar de qualidade.*	

• *Mudou muito de antigamente para hoje;* • *Na comunidade, muita gente ainda tem esgoto que corre para o meio da rua. Isso é um descaso muito grande. Tem muita gente que despeja o esgoto na praia. Uma falta de higiene da própria comunidade. Não é nem de uma pessoa. É coisa que não podia existir. O pessoal vai lá pra Costa e faz sujeira;*		

<table>
<tr><th colspan="3">IAD 1</th></tr>
<tr><th colspan="3">GRUPAMENTO C – “FAMÍLIA, ESCOLA E RELIGIOSIDADE”</th></tr>
<tr><th>Idéias Centrais e Ancoragens
(Amostragem recolhida aleatoriamente)</th><th>Ancoragens-síntese
(1º Tratamento)</th><th>Ancoragens-síntese
(Tratamento final)</th></tr>
<tr><td>Em Diogo Lopes do passado não se tinham exigências de controle do tempo, nem de segurança;
Em Diogo Lopes os casamentos eram feitos entre parentes de uma mesma família;</td><td>Mudança dos modos de viver em Diogo Lopes.</td><td rowspan="4">Crítica ao formato de sociedade masculino que descarta as estratégias comunitárias na solução dos problemas e as Velhas Mulheres no processo produtivo.</td></tr>
<tr><td>Às vezes não participa dos eventos por que não pode sair de casa, para não deixar de cumprir as obrigações, nem dever favor à família, que atrapalha muito;
Submissão acrítica;
Tradicionalismo de submissão, frente à opressão masculina;
Tradicionalismo;
Calar diante das situações e evitar o confronto;
Condição da mulher de obediência ao marido e às necessidades dos filhos;
Discurso recorrente da “dominação masculina” – a mulher tem que, primeiramente, cumprir suas obrigações domésticas;
Discurso de controle do masculino sobre o feminino.</td><td>Crítica ao modelo de submissão das mulheres à estrutura familiar tradicionalista e masculina.</td></tr>
<tr><td>Esperança católica na harmonia que gera união e comunhão nos grupos;
Consciência da força de sua voz, como instrumento de promoção pessoal e de organização coletiva;
Não tem mais nem analfabeto na comunidade. Até as pessoas de idade, agora tem estudo. Mas hoje em dia, com todo mundo esclarecido, entendem o que é uma Reserva, pra que serve o meio ambiente;
Prazer na participação nos eventos da Igreja, nos Encontros Ecológicos e nos eventos similares</td><td>Esperança religiosa, sobretudo católica, na união da comunidade para a fé, a caridade e a solução dos problemas.</td></tr>
<tr><td>A juventude é completamente diferente da do passado, não acompanham a tradição;
Alguns jovens pedem conselho e acatam as orientações;
Descarte dos mais velhos no sistema produtivo;</td><td>Crítica ao modo como os jovens descartam aos mais velhos, especialmente na cadeia produtiva.</td></tr>
</table>

IAD 2	
DSC DO GRUPAMENTO "A" – TRABALHO	
ECH	**DSC**
• [...] no tempo de eu criança as coisas eram mais difíceis [...] eu acho que não tinha as oportunidades que tem hoje. Hoje é barco a motor, na minha época de criança era barco à vela [...] o pessoal já sofria mais. Só esperava mesmo que o vento [...] Na época que a gente ia pra costa, era assim no início de maio, junho, a gente ia [...] só voltava no início de agosto, setembro [...] trabalhava muitos meses e a gente tinha que retornar pra cá [...] E a gente tudo também ajudava no trato do peixe [...] Era várias famílias que iam pra lá [...] a barra era longe, aí tinha dificuldade de os barcos chegar aqui. Às vezes até o peixe não chegava bem sadio [...] aí a gente tinha que ir pra lá por causo disso e era assim uma vida meio difícil, mas a gente tinha que, o pai e tudo ia pra lá pra botar os filhos em movimento que a barra ficava muito longe e os barcos chegarem na hora certa com a pescaria [...] no final de semana, vinha fazer a feira aqui em Diogo Lopes [...] um dia outro não que a gente vinha pra pegar água também, porque a água de lá, tinha água mas a gente fazia aquelas cacimbinha assim que a gente chama no terreno lá na ilha [...] a água era salgada. Num era boa não [...] aí meu pai morreu [...] só meu irmão que ficou com um barco [...] já era pescador [...] foi o tempo que eu casei, também meu esposo era embarcado [...] passei dezessete anos casada [...] depois que ele morreu, fiquei muito sem saber o que é que se pesca, que quando a gente perde assim, a pessoa assim, fica sem saber muito o que é que passa [...] Tirando lutar com esse negócio de navegação, com várias pessoas, porque quatro navegação é dezesseis pessoas pra lutar, né? Aí a lagosta foi ficando ruim, diminuindo [...] eu cheguei e comecei a vender [os barcos]. • [...] Me casei, criei meus filhos todinhos com trabalho [...] com peixe, era difícil mas criei, todos estudaram [...] graças a Deus fui muito feliz, com meu trabalho no tratamento de peixe. Depois me casei, passei mais de dez anos casada, aí fui ensinar. Trabalhei trinta anos na prefeitura até me aposentar. [...] eu trabalhava com peixe, a minha mãe, o meu pai, era muito diferente. A gente se levantava oito, nove horas da noite, passava a noite todinha tratando peixe. De manhã passava, no meu tempo passava o dia todo no trabalho do peixe. [...] Eles iam pra lá, onde a gente chama a Costa, eles iam pra lá e eu ficava aqui pra estudar. Só ia pra lá final da semana. [...] eu me lembro, depois desses três anos de casada aí a gente deixou de ir. Agora é tudo diferente. [...] Hoje dificilmente você vê uma mulher tratando um voador, só os homens. Mas de primeiro não, era muita mulher tratando o peixe. Era minha mãe, as minhas tias, tudo vivia dentro assim de armazém, noite e dia, pra ganhar o pão, né? [...] até aqui [o peixe] tem me dado bom lucro, graças a Deus. • [...] quando eu era menina eu também trabalhei muito, é, eu tratei muito peixe [...]	*Eu já andei por aquele mundo todinho, pescando mais papai. Eu governo qualquer uma embarcação. Tirando lutar com esse negócio de navegação, com várias pessoas. Porque quatro navegações são dezesseis pessoas pra lutar, né?* *No tempo de eu criança, as coisas eram mais difíceis. Eu acho que não tinha as oportunidades que tem hoje. Hoje é barco a motor, na minha época de criança era barco à vela. O pessoal já sofria mais. Só esperava mesmo o vento. Na época que a gente ia pra Costa, era assim no início de maio, junho, a gente ia e só voltava no início de agosto, setembro. Trabalhava muitos meses e a gente tinha que retornar pra cá. E a gente tudo também ajudava no trato do peixe. A gente se levantava oito, nove horas da noite, passava a noite todinha tratando peixe. De manhã, no meu tempo, passava o dia todo no trabalho do peixe.* *Quando eu era menina eu também trabalhei muito, é, eu tratei muito peixe. Pisei sal, assim como minha mãe. Acho que essas coisas, tudo, eu herdei dela. E a gente passava a noite toda nos, nos rancho, trabalhando. Me levantei muito de madrugada pra estender peixe. Tudo*

Pisei sal, assim como minha mãe. Acho que essas coisa tudo eu herdei dela [...] e a gente passava a noite toda nos, nos rancho, trabalhando [...] na Festa de Maio, quando era época que tinha muito inverno, ano que tinha muita, muita chuva, a gente passava o dia naquela correria. [...]. • [...] trabalhei muito nos armazém. Tratava peixe, salgava peixe, estendia peixe [...] a gente saia de casa de seis horas da tarde, esperava os bote chegar, e que a gente ia pra chegar em casa no outro dia de seis oito horas do dia. Aí tomava um banho, descansava um pouco e ia pro armazém de novo. Era moer o sal. [...] a gente era quem pilava sal. Nos pilão. [...] inventaram um moinho de pau e a gente moia o sal, era o viver da gente aqui na praia. [...] a gente não tem como mais trabalhar nos armazéns, mas trabalhei muito. [...] Toda vida eu disse, "Olhe, eu trabalho, você quer seu estudo, eu trabalho, faço de tudo pra você não caminhar essa vida de pescaria". Porque é muito arriscado. • [...] mudou muito, antes quando nós éramos crianças, passávamos uma temporada na Costa na época da quaresma que o vento era brando e ficava ruim de dos barcos vim e voltar à barra muito longe [...] a gente sente falta hoje é da lagosta que aqui morreu muita lagosta na época que a pesca era de *corgos* [córregos] [...] Muita gente hoje em dia que tem casa de tijolo foi tudo com o dinheiro de lagosta [...] esses mergulhadores de rede [...] Acabaram a nossa lagosta aqui. [...] O peixe era tratado lá a própria família [...] os varais era cheio [...] ao redor dos ranchos era assim [...] o agulhão e a agulha colocava na moura [...] uma moura que fazia com bastante sal e água salgada. Água da própria maré [...] o voador [..] era salgado no próprio sal [...] o sal era tanto que tinha quem desguerrar [...] agulha era diferente [...] se tratava e desguerrava [...] os outros iam lavando e já ia despejando na nos barril de moura [...] no outro dia tinha gente que levantava já pra estender [...] quebrar o peixe é deixar toda estiradinho [...] ele ficava ai no outro dia se quabrava o peixe todinho pra fazer esterinha [...] pra terminar de secar e os compradores levar. [...]. • Ah, mudou muita coisa. [...] na época que eu cheguei aqui em Diogo Lopes, as coisas era mais difícil [...] O povo era inocente pela uma parte [...] não tinha nada de imoralidade [...] hoje ta tudo poluído, as coisas tão diferente. [...] as pescaria era assim brutal [...] o pescador ia pra o mar com rapadura e farinha e água. Não tinha esse alimento certo. Eles passavam quatro, cinco, seis, dias no mar só com isso. [...] as coisa foram mais ficando melhor numa forma e fracassando em outra [...] a juventude tomou conta, aí vem essas loucura toda, aí os pobre dos velhos foram ficando pra trás [...] Foram parando a pesca [...] ficando diferente, foi trocando de rancho, foi trocando de comida, trocando de pescaria [...] aquela ruma de mulher pisando sal, tinha outras tratando peixe [...] Era outra estendendo. Era as mulher, o trabalho braçal das mulher [...] aqui era as mulher que trabalhava, não era só os homens. [...] Os homens iam pescar, mas a mulher é que dava o jeito. [...] moía o sal naquele moinho [...] elas trabalhavam, tratavam o peixe, botava pra secar. [...] elas voltavam pro armazém pra moer aquele sal e apanhar aquele peixe e a	*mudou muito. Antes, quando nós éramos crianças, passávamos essa temporada anual na Costa, na época da quaresma, que o vento era brando e ficava ruim dos barcos irem e voltarem. A Barra era muito longe. Hoje dificilmente você vê uma mulher tratando um voador. Só os homens. Mas de primeiro, não. Era muita mulher tratando o peixe. Era minha mãe, as minhas tias, tudo. Viviam dentro, assim, de armazém, noite e dia, pra ganhar o pão, né? Aquela ruma de mulher pisando sal, tinha outras tratando peixe, era outra estendendo. Eram as mulheres. O trabalho braçal era das mulheres. Aqui eram as mulheres que trabalhavam, não eram só os homens. Os homens iam pescar, mas as mulheres é que davam o jeito. Moíam o sal naquele moinho... Elas trabalhavam, tratavam o peixe, botavam pra secar. Elas voltavam pro armazém pra moer aquele sal e apanhar aquele peixe e a vida continuava desse mesmo jeito. E o peixe dava bom lucro, graças a Deus.* *Mas aqui não tinha onde vender. O peixe era tratado lá pela própria família. Os varais eram cheios, ao redor dos ranchos. Era assim. O agulhão e a agulha, colocava-os na moura, feita com bastante sal e água salgada. Água da própria maré. Já o voador, era salgado no próprio sal. O sal era tanto que tinha que desgüerrar. A agulha era diferente, se tratava e desgüerrava, e os*

vida continuava desse mesmo jeito. [...] As mulheres daqui iam pro mato buscar lenha, feixe de lenha na cabeça [...] Era umas guerreira, como ainda hoje são. [...] o que as mulheres de Diogo Lopes quer, elas vão enfrente. Não entende se é com homem, se é com mulher, o que elas vão disputar, não. Elas vão em frente e conseguem. [...] toda vida aqui teve muita mulher guerreira, desde os tempo velho e agora no inicio é que tem mesmo. [...] Quem é que você vê? E esse esforço que a gente tivemos de trazer nossos filhos até onde eles estão [...] Meu marido ia pescar e eu trabalhava, fazia labirinto, não tenho vergonha de dizer, cheguei até a lavar roupa pra fora, pra famílias. [...] ia pra lá fazer faxina [...] pra ajudar a minha família. [...]. • É não. [...] E eu comecei a trabalhar [...] de meus dez anos em diante eu comecei a tratar peixe. [...] tratava peixe, pilava sal. [...] lá na Costa era como uma cidade. Era trinta, quarenta rancho. Aí se tinha violeiro, tinha pastoril, tinha coco de roda, tinha tudo na Costa prá gente. [...] Mas hoje, acabou-se. Num tem mais. [...] vai tudo com o tempo [...] o povo diz que quando os homens quer mandar mais do que Deus [...] Ele muda os tempos [...] tinha uns quarenta e poucos anos comecei a trabalhar de parteira curiosa. [...] trabalhei de ASG [...] outros quatros anos eu trabalhei no posto de saúde [...] trabalhava [...] pela manhã e trabalhava pela noite [...] Fiquei só em casa, trabalhando de doméstica. [...] voltei pra cá, e aqui eu to. Trabalhando com os artesanatos. [...]. • [...] me levantei muito de madrugada pra estender peixe [...] aqui não tinha onde vender. [...] Aqui a gente só vendia o peixe seco, e fazia de sol, engarajava e vendia aos matuto que vinha comprar. [...] esse tempo é mais diferente que não tem mais esse negócio [...] o pessoal vem comprar nos carros, peixe no gelo [...] frigorífico, essas coisas, não é mais como era antigamente. [...] já era mocinha, ajudava [...] minha mãe [...] papai pescava no bote da minha tia e mamãe quem tratava aquele peixe [...] eu quem ficava em casa pra cuidar dos meninos [...] moça pisei muito sal [...] Pilão, duas mãos. Era duas mãos, era duas pessoas, uma sentada de um lado e de outro, e aja a pisar, caçula [...] Pisava dois, três caixão [...] para ganhar dois mil réis, dois e quinhentos, como chamava [...] a gente ajuntava pra comprar roupa, calçado, essas coisas. [...] Qual é a moça que hoje em dia vai pra um armazém de peixe? É difícil? [...] Num é nem difícil, porque hoje em dia é só os homens mesmo que trata um peixe, conserta um peixe pra, pra botar no gelo e tudo mais. [...]. • Era diferente. [...] Peixe, papai pescava, todo dia ele pescava. [...] todo dia vinha comprador do Ceará. Comprava o peixe. [...] comprava mel, comprava rapadura, comprava a fruta. Ele comprava tudo, eles traziam, ele comprava e pagava com o peixe. [...] eu já andei por aquele mundo todinho, pescando mais papai [...] Eu governo qualquer uma embarcação [...] naquele tempo, tudo era franco [...] hoje em dia não é [...] A pescaria ta ruim. Naquele tempo o peixe só não pegava quem não queria [...]. • Eu gosto de ajudar [...] as pessoas carentes [...] de cuidar muito de gente idoso. [...] quando eu vejo uma pessoa idoso, sem carinho, parece	*outros iam lavando e já iam despejando nos barris de moura. No outro dia, tinha gente que levantava já pra estender, quebrar o peixe, deixar todo estiradinho. Ele ficava ali. No outro dia se quebrava o peixe todinho pra fazer esterinha. Pra terminar de secar e os compradores levarem.* *Meu marido ia pescar e eu trabalhava. Fazia labirinto, não tenho vergonha de dizer, cheguei até a lavar roupa pra fora, pra famílias. Ia fazer faxina pra ajudar a minha família. Não é fácil, não. Eu comecei a trabalhar desde cedo. Com nove anos de idade minha mãe já ensinou a costurar. Ensinei a professora a cortar calça de homem, quando eu fui pra aula. Dos meus dez anos em diante, eu comecei a tratar peixe. Já era mocinha, ajudava minha mãe. Papai pescava no bote da minha tia e mamãe quem tratava aquele peixe. Eu quem ficava em casa pra cuidar dos meninos. Desde moça, pisei muito sal no pilão de duas mãos. Eram duas mãos, eram duas pessoas, uma sentada de um lado e de outro. E aja a pisa na caçula [pilão de madeira onde trabalham duas pessoas]. Pisava dois, três caixões de sal para ganhar dois mil réis, dois e quinhentos, como se chamava. Tratava peixe, pilava sal. Trabalhava pela manhã e trabalhava pela noite. Trabalhei de ASG [auxiliar de serviços gerais]. Outros quatros anos eu trabalhei no*

que ta com um pouco de mim. [...] • fui presidente dez anos da associação de mulheres [...] Tudo isso foi trabalho que eu fiz pela comunidade que eu nunca ganhei de lá um centavo. Trabalhei voluntária mesmo por dez anos [...] a gente se juntava pra conversar a situação da comunidade [...] A gente trabalhou muito isso [...] • [...] nós não temos uma parteira "deplomada". [...] Já tem acontecido de ganhar neném dentro dos carros. [...]. • [...] o problema da comunidade [...] é mais falta de emprego. Que tem muitos jovens desempregados [...] terminou os estudos e fica parado sem ter um emprego [...] hoje pra pessoa arrumar um emprego é preciso é ter um pistolão [...] desde criança que eu gosto de ajudar. [...]. • [...] não tem trabalho nesse lugar pra nada. [...]. • [...] comecei carregando banda de tijolo, do cemitério, pra fazer um piso pra os meninos brincarem pastoril e daí surgiu a idéia da gente fazer um canto pra se ter festa que num tinha [...] Mas muitas coisas na comunidade da gente, é mil vezes preferível a gente trabalhar de graça do que por dinheiro. [...] melhor era no tempo que a gente trabalhava sem ganhar nada, do que agora, porque existiu isso [...] porque você sabe que somos seis pessoas aqui a equipe da cozinha [...] a gente vai investir esse dinheiro, comprar o material, num tem retorno depois pra gratificar esse povo [...] Eu gosto de ajudar nas coisas da comunidade, o que está ao meu alcance eu gosto de fazer [...] é interessante que vocês começaram a trabalhar sem ganhar nada, quando ser pra ganhar, vocês ficarem de fora, né? Num acho, num acho isso certo. Vocês tem que dar um jeito de ficarem pelo menos um dia. [...]E se a gente ficar no prejuízo? [...] E a gente já vai [...] comprar [...] nas mercearias fiado, que a gente tem crédito pra comprar [...] por isso eu disse, tem muitas ocasiões que é melhor a gente trabalhar de graça de que trabalhar por dinheiro [...]. • aqui em Diogo Lopes, precisa urgentemente é, um armazém grande [...] pra os trabalhadores ter um canto [...] tenho um barco de pesca, eu tenho uma rede pra consertar, aí eu não tenho um canto certo pra ficar. [...] deveria ter um canto certo, pra onde os pescador pudesse se reunir, independente da Colônia. [...] um canto pra eles ficarem à vontade, remendar as redes deles, botar as conversas deles em dia. Porque eles ficam nas portas, nas calçadas conversando. [...]. • Mas eu acho que todos aqui pelo tempo que eu to trabalhando com os idosos, tudo gosta da minha opinião. • A minha menina, ela é por dentro de tudo. Ela trabalha com artesanato também. [...]. • Eu fique viúva [...] já entrou pra vinte e dois anos [...] nunca procurei trabalho em casa de ninguém. [...] Eu vivi só do meu trabalho, na minha casa. Tudo que eu faço é na minha casa. [...] eu trabalhava de dia e de noite. [...] • Eu praticamente é quem crio as minhas netas [...]porque sabe que eu to com as crianças [...]. • Por que ali vai gerar o quê? Emprego. Não vai empregar todo mundo, né? Mas, pras pessoas que já têm um estudo, já pode se colocar ali.	*posto de saúde. Tinha uns quarenta e poucos anos comecei a trabalhar de parteira curiosa. Fiquei só em casa, trabalhando de doméstica. Voltei pra cá, e aqui estou, trabalhando com os artesanatos.* *Eu trabalhei pra sustentar minha família todinha. Eu fique viúva, já entrou pra vinte e dois anos e nunca procurei trabalho em casa de ninguém. Eu vivi só do meu trabalho, na minha casa. Tudo que eu faço é na minha casa. Eu trabalhava de dia e de noite.* *Aí, a lagosta foi ficando ruim, diminuindo. Eu cheguei e comecei a vender os barcos. Foram parando a pesca. Tudo foi ficando diferente. Foi trocando de rancho, foi trocando de comida, trocando de pescaria.* *Aqui em Diogo Lopes, precisa urgentemente era de um armazém grande, para os trabalhadores terem um canto. "Tenho um barco de pesca, eu tenho uma rede pra consertar, aí, eu não tenho um canto certo pra ficar." Deveria ter um canto certo, pra onde os pescadores pudessem se reunir, independente da Colônia. Um canto pra eles ficarem à vontade, remendar as redes deles, botar as conversas deles em dia. Porque eles ficam nas portas, nas calçadas, conversando.*

IAD 2	
DSC DO GRUPAMENTO "B" – COMUNIDADE	
ECH	**DSC**
• Era várias famílias que iam pra lá [...] a barra era longe, aí tinha dificuldade de os barcos chegar aqui. Às vezes até o peixe não chegava bem sadio [...] aí a gente tinha que ir pra lá por causo disso e era assim uma vida meio difícil, mas a gente tinha que, o pai e tudo ia pra lá pra botar os filhos em movimento que a barra ficava muito longe e os barcos chegarem na hora certa com a pescaria [...] no final de semana, vinha fazer a feira aqui em Diogo Lopes [...] um dia outro não que a gente vinha pra pegar água também, porque a água de lá, tinha água mas a gente fazia aquelas cacimbinha assim que a gente chama no terreno lá na ilha [...] a água era salgada. Num era boa não [...] Aí a lagosta foi ficando ruim, diminuindo [...] eu cheguei e comecei a vender [os barcos]. • [...] Eles iam pra lá, onde a gente chama a Costa, eles iam pra lá e eu ficava aqui pra estudar. Só ia pra lá final da semana. [...] eu me lembro, depois desses três anos de casada aí a gente deixou de ir. Agora é tudo diferente. [...] • [...] quando eu era menina eu também trabalhei muito, assim como minha mãe. Acho que essas coisa tudo eu herdei dela [...] na Festa de Maio, quando era época que tinha muito inverno, • [...] mudou muito, antes quando nós éramos crianças, passávamos uma temporada na Costa na época da quaresma que o vento era brando e ficava ruim de dos barcos vim e voltar à barra muito longe [...] a gente sente falta hoje é da lagosta que aqui morreu muita lagosta na época que a pesca era de *corgos* [córregos] [...] Muita gente hoje em dia que tem casa de tijolo foi tudo com o dinheiro de lagosta [...] esses mergulhadores de rede [...] Acabaram a nossa lagosta aqui. [...] • Ah, mudou muita coisa. [...] na época que eu cheguei aqui em Diogo Lopes, as coisas era mais difícil [...] O povo era inocente pela uma parte [...] não tinha nada de imoralidade [...] hoje ta tudo poluído, as coisas tão diferente. [...] • lá na Costa era como uma cidade. Era trinta, quarenta rancho. Aí se tinha violeiro, tinha pastoril, tinha coco de roda, tinha tudo na Costa prá gente. [...] Mas hoje, acabou-se. Num tem mais. [...] vai tudo com o tempo [...] o povo diz que quando os homens quer mandar mais do que Deus [...] Ele muda os tempos [...] • [...] todo dia vinha comprador do Ceará. Comprava o peixe. [...] comprava mel, comprava rapadura, comprava a fruta. Ele comprava tudo, eles traziam, ele comprava e pagava com o peixe. [...] eu já andei por aquele mundo todinho, pescando mais papai [...] Eu governo qualquer uma embarcação [...] naquele tempo, tudo era franco [...] hoje em dia não é [...] A pescaria ta ruim. Naquele tempo o peixe só não pegava quem	*Acabaram a nossa lagosta, aqui. A gente sente falta hoje é da lagosta, por que aqui morreu muita lagosta, a época que a pesca era de corgos [córregos]. Muita gente, hoje em dia, que tem casa de tijolo, foi tudo feito com o dinheiro de lagosta. Esses mergulhadores de rede. As pescarias eram, assim, brutal. O pescador ia pro mar com rapadura, farinha e água. Não tinha alimento certo. Eles passavam quatro, cinco, seis, dias no mar, só com isso. As coisas foram ficando melhores numa forma, e fracassando em outra. Agora é que não acontece mais, porque peixe agora parece que se acabou do mar. As coisas eram muito ruim, naquele tempo, mas nós nunca tivemos quem tivesse morrendo de fome aqui. Não! Tudo era barriga cheia.* *Ah, mudou muita coisa. Na época em que eu cheguei aqui, em Diogo Lopes, as coisas eram mais difíceis. O povo era inocente, por uma parte, não tinha nada de imoralidade. Hoje, está tudo poluído, as coisas estão diferente. Lá na Costa era como uma cidade. Era trinta, quarenta rancho. Ali se tinha violeiro, tinha pastoril, tinha coco-de-roda, tinha tudo, na Costa, prá gente. No final de semana, vinha fazer a feira aqui em Diogo Lopes. Um dia ou outro era que a gente vinha pra Diogo Lopes, pra pegar água também, porque a água de lá, da Costa, era salgada. Num era boa não. A gente fazia aquelas cacimbinhas, assim, que a gente chama no terreno, lá na ilha. Tudo era assim, de coisas naturais.* *Naquele tempo não havia prato de louça, não. Era só de barro. Era o pontinho de barro, de fazer café, de coar café, tudo era de barro. Tinha uma mulher que morava lá pra banda de Quixadá que fazia tudo isso. A quem a gente comprava as arrumações das casas. Era assim. Aqueles homens trabalhavam com aquelas camisas tão rasgadas... Aquilo era tudo arremendada. Era muito custoso se ver uma pessoa com a roupa prontinha assim. Ninguém via, não. O mundo começou assim. Do meu tempo pra cá. Agora, do meu tempo pro tempo de papai eu não sei...* *Mas hoje, acabou-se. Num tem mais. Vai tudo com o tempo. O povo diz que quando os homens querem mandar mais do que Deus, ele muda os tempos.* *Era diferente. O peixe, papai pescava. Todo dia ele pescava. Todo dia vinham compradores do Ceará. Compravam o peixe. E ele comprava mel, comprava rapadura, comprava a fruta. Ele comprava tudo que eles traziam. Meu pai comprava e pagava com o peixe. Mas*

não queria [...]. • É tanto que acontece muitas coisas aí, de brincadeiras, uma coisa e outra, [...] e eu não saio de jeito nenhum. Eu não gosto não. • [...] eu gosto muito de participar desses Encontros. [...] todos os eventos assim que tem eu participo. [...] Foi reza, eu to sempre na frente. • De tudo eu gosto de participar da comunidade [...] várias vezes também ajudei assim a cuidar de pessoas doentes, gente velha [...]. • Da vida da minha comunidade, eu gosto muito [...] freqüentar a minha Igreja Católica. Gosto muito [...] de brincar, a gente fazia muita brincadeira animada. Mas eu tô baixando mais porque a idade já vai [...]. • Eu gosto de participar da Igreja [...] de tudo de festa religiosa, não religiosa [...] depois Encontro Ecológico eu mim realizei [...] quando eu não estou participando eu não to bem. [...] sou muito participativa em tudo graças a Deus. [...] eu tenho o dom [...] se eu estiver sozinha na Igreja eu faço as mesmas coisas [...] pra ser assistente do padre, pra cantar, pra fazer leituras [...] pra fazer benção, pra fazer tudo. [...] eu resolvo isso sozinha. [...] quando é uma celebração [...] é mais fácil delas fazerem só o evangelho, a leitura [...] salmos [...] mais aí, quando vem a história das novenas, elas já se complica mais. [...] eu já tenho o meu ritual todinho [...] preparado [...] eu tenho o livro [...] nesse livro vocês já fazem tudo direitinho do jeito que eu faço, é o costume [...] muitas vezes eu não preciso nem usar microfone, de longe você ouve a minha voz, que eu tenho um tom de voz muito forte. [...]. • Eu gosto de ajudar [...] as pessoas carentes [...] de cuidar muito de gente idoso. [...] quando eu vejo uma pessoa idoso, sem carinho, parece que ta com um pouco de mim. [...] gosto muito de ir pra Igreja, de ajudar. [...] Meu pai era religioso, gostava de rezar o terço e nós era assim [...] Todos os dias ele fazia cada um da gente rezar um mistério. [...] essa tradição eu passei pra minha família e todos meus filhos sabem rezar. • Eu ajudo tudo o que for possível [...] eu topo tudo. [...] Eu faço tudo pela comunidade. [...]. • Não, não participo de nada [...] a crença a gente faz do jeito que quer [...]. • [...] eu não gosto muito de opinar nessas coisas [...] Não, que eu não gosto muito [...] Eu vivo na minha [...]. • [...] em reuniões eu gosto muito de [...] participar, falar, alguma coisa que eu to vendo que está errado, assumo o lugar de falar [...] sobre os problemas daqui, da minha comunidade. [...] a gente fala do modo que a gente sabe, que a gente pode. No meio qualquer um ali qualquer canto e eu vou e eu desempenho aquele papel. • [...] quando eu sei que ta existindo uma coisa errada na comunidade [...] a gente se junta [...] numa conversa, seja lá na fundação [...] antes da fundação que eu era [...] fui	*naquele tempo, tudo era franco [abundante]. Hoje em dia, não é. A pescaria ta ruim. Naquele tempo, só não pegava o peixe quem não queria.* *Eu só ia lá pra Costa no final da semana. Eu me lembro, depois desses três anos de casada aí a gente deixou de ir. Agora é tudo diferente. Aqui, a gente só vendia o peixe seco, e fazia de sol, engarajava e vendia aos matutos, que vinham comprar. Esse tempo é mais diferente, por que não tem mais esse negócio. O pessoal vem comprar nos carros, peixe no gelo, para os frigoríficos. Essas coisas, não são mais como eram antigamente.* *A gente ajuntava [dinheiro] pra comprar roupa, calçado, essas coisas. Qual é a moça que hoje em dia vai pra um armazém de peixe? É difícil? Num é nem difícil, porque hoje em dia são os homens mesmos, que tratam o peixe, consertam o peixe pra botar no gelo e tudo mais.* *O povo desmatava muito, porque, no meu tempo, a gente tinha as quixabeiras [árvores nativas da região], que eram aqui, bem perto. Hoje não tem mais. Foi muito desmatado. Agora com a Reserva, ninguém pode fazer isso. O mangue também. Muita gente ia pra lá, tirava muita madeira, hoje isso é raríssimo, mesmo. E através do uso da Reserva, tem chegado muito conhecimento. Eu espero que, daqui pra frente, venha muita coisa boa, sobre a Reserva. Que eu não veja mais, mas, meus ancestrais [quis dizer descendentes] vão ver, vão trabalhar. Eu achei muito boa a implantação da Reserva.* *A Reserva melhorou a comunidade. A única coisa que não melhorou mesmo, foi na limpeza, que depende da própria comunidade, das pessoas, que não se ligam na limpeza, na higiene das coisas. Tem gente aqui, em Diogo Lopes, muita gente aqui, que ainda tem esgoto despejado pro meio da rua. Gente que pode fazer uma fossa e num faz. Tem muita gente que tem condições. É um descaso muito grande, isso, pois tem muita gente que tem esgoto que dá pra praia. Uma falta de higiene muito grande da própria comunidade. Num é nem da pessoa. Você passa, agora, um galho e começa a varrer, quando pensa que não, ta aí, copo descartável na rua, papel, tudo. É uma coisa que não podia existir em Diogo Lopes. O pessoal, todo mundo aqui, acho que não tem mais nem analfabeto. Até as pessoas de idade, agora tem estudo. As pessoas estudam. Quando é assim, nos Encontros, o pessoal vem colocar depósito pra lixo, mas o povo num ta ligando muito pra isso, não.* *Em outras coisas, eu acho que melhorou. O mangue, que antes da Reserva, todo mundo tirava madeira do mangue. Madeira pra fazer fogueira, na época de São João, pra fazer caibro, chalé, como chama, forquilha pra armar a casa. Tudo isso o pessoal tirava. Ainda tem gente*

presidente dez anos da associação de mulheres [...] Tudo isso foi trabalho que eu fiz pela comunidade que eu nunca ganhei de lá um centavo. Trabalhei voluntária mesmo por dez anos [...] a gente se juntava pra conversar a situação da comunidade, das pessoas carente [...] a gente sabia que tinha pessoas passando necessidade, a gente fazia doação, se juntava [...] arranjava aqui acolá, lençol, camisola, quando eram pessoas doente. [...] se juntava e ia lá na casa da pessoa fazer uma visita, deixar [...] A gente trabalhou muito isso [...] Não só eu, junto com as outras pessoas [...] uma pessoa doente [...] uma ambulância pra levar [...] a gente até se juntava pra comprar caixão e mortalha pra dar pras pessoas que morriam que num tinham condições [...] Isso eu nunca fiz sozinha não [...] Mas junto com as minhas companheiras, com pessoas da família, sempre a gente fez isso aqui em Diogo Lopes [...] antes quando não tinha, esse trabalho era feito por nós, mulheres, porque é, é até vergonhoso dizer, que os homens de Diogo Lopes num se movimentam quase pra nada. Dum cento se tira um [...] Pra se movimentar pra qualquer coisa que existe, é sempre as mulheres que tão à frente de tudo. • [...] a gente viver em união com todos, com as coisas que devem ser, esse trabalho que ta se movimentando aqui [...] tem sido muito bom [...] trazido muita coisa, melhor [...] pra nosso lugar [...] To achando muito bom esse movimento [...]. • [...] nós temos o Conselho daqui da comunidade. O Conselho da certo. Quando é pra discutir as coisas, a gente se reune pra discutir [...] chega o momento das opiniões, das criticas [...] tem muitas reuniões na comunidade, tem na escola [...] a gente participa também [...] tem reuniões do clube e tudo isso eu to lá com minhas opiniões compartilhando. [...]. • Eu dou opinião [...] porque hoje tudo tem política [...] tudo que se faça na vida é com política no meio [...] eles podiam olhar com mais atenção a comunidade de Diogo Lopes, porque tem coisa que ta precisando [...] deveria dar mais atenção às coisas que a gente mais precisa. [...] nós não temos uma parteira “deplomada”. [...] Já tem acontecido de ganhar neném dentro dos carros. [...]. • [...] o problema da comunidade [...] é mais falta de emprego. Que tem muitos jovens desempregados [...] terminou os estudos e fica parado sem ter um emprego [...] hoje pra pessoa arrumar um emprego é preciso é ter um pistolão [...] desde criança que eu gosto de ajudar. [...]. • [...] não tem trabalho nesse lugar pra nada. [...]. • Quando vem uma pessoa conversar, é assim, quando vem me perguntar uma coisa do outro tempo [...] Eu converso mesmo as coisas do meu tempo, porque no meu tempo [...] Com meu pai, eu sofri muito, porque logo meu pai era desses que naquele tempo as filhas dele não saía pra canto nenhum. Nós se criamos assim, como uma, um que era preso, num sabe? [...]. • [...] Eu sou uma pessoa que não gosto muito de conversar [...].	*que tira, mas quando uma pessoa vê e sabe, denuncia. Os mangues são uma coisa que a gente tem mesmo que preservar. O pessoal vai lá pra Costa, mesmo, e faz sujeira, jogam lixo: é garrafa, é copo descartável... O povo coloca garrafa, tudo isso. Tudo isso é coisa que num precisava de se exigir. Vai pra lá? Junte, ou queime ou traga pra cá o lixo, numa sacola...* *Mas melhorou muita coisa. Eu acho que a Reserva trouxe muita coisa boa, pra cá. Ainda tem muita gente que não entende. E ainda diz assim: "É, esse povo são muito besta. Deixa de, o povo num, empata o povo de fazer um rancho, uma casa na beira da praia. Fica com uma história de uma Reserva, e depois que começou essa história de Reserva, ninguém pode mais fazer um armazém na praia, ninguém pode fazer uma casa, ninguém pode construir, num pode ir numa duna, num pode fazer um negócio nas dunas, porque tudo é proibido." É proibido, porque agora é uma Reserva, e as coisas têm que ter limite. E se são coisas que se proíbem, é porque são coisas que estão erradas. Se fosse certo, ninguém empatava.* *Mas hoje em dia, está todo mundo esclarecido, até as crianças, que participam das palestras e entendem. Muitos já entendem, já sabem o que é uma Reserva, pra que serve, sabem o que é o meio ambiente e tudo...* *Antes, as pessoas, pra devastarem o manguezal, cortavam. Todo mundo via que o risco era esse, e cortavam mesmo o mangue, de machado. Traziam os galhos grandes, às vezes, um pé de mangue inteirinho. Com a criação da Reserva, a gente conversando com eles, como deve ser, que a gente usa a Natureza sem prejudicá-la, não são todos, mas muitos já aceitam.* *A gente já vê as próprias crianças educadamente pegando as coisas e jogando no lixo. Nós trabalhamos, não só isso, na nossa casa, como na escola, com as crianças. Porque, tem alguns que não aceitam mesmo. Tem uns que dizem: “Eu nasci aqui, me criei, com todo mundo arrancando esse mangue, tirando pra dá de comer aos bichos, e ele nunca acabou!” Aqueles mais idosos, que já são do jeito que eles vivem mesmo.* *Eu moro em uma Reserva e eu sou ambientalista. Eu não arreio nada na rua e isso eu passo para os meus alunos, eu passo para o povo da minha terra. Eu aprendi muito com a Reserva. Não vou dizer que eu tenho isso de muito tempo, eu vim preservar mais agora, depois da Reserva.* *Turismo Comunitário eu acho bonito. Mas eu estou sentindo falta de não estar lá, na cozinha, trabalhando, fazendo comida. Mas estou satisfeita, porque tem várias pessoas fazendo aquilo que eu fazia só, com um grupinho. Tem muitas pessoas fazendo.*

- [...] dialogando, né? Chega, fala, conversa, até que chegue aquele momento que aquela pessoa aceite aquilo que a gente ta querendo, né? [...] todo dia eu ia rezar o terço nessas casas.
- [...] a festa da igreja. Quando tem reunião, me convocam, quando eu posso ir, eu vou. [...] sempre dou minhas opiniões, até que sempre acatam minhas opiniões [...] desde muito pequena que eu lido com festa, né? [...] esse clube foi uma coisa que foi construída por mim e pelo pai de Arlete [...] comecei carregando banda de tijolo, do cemitério, pra fazer um piso pra os meninos brincarem pastoril e daí surgiu a idéia da gente fazer um canto pra se ter festa que num tinha [...] A gente num tem nada [...] A gente tem que se movimentar. Tem que fazer de tudo. Mas muitas coisas na comunidade da gente, é mil vezes preferível a gente trabalhar de graça do que por dinheiro. [...] quando a gente começou esse Encontro Ecológico né? Fomos as pessoas, você desde o primeiro que participa, né? Eu, Comadre Livinha, Dodôia, que foram as primeiras que se achou pra prestar o nosso serviço, né? Sem, sem cobrar nada, sem querer nada. [...] Esse ano [...] houve uma reunião e então todo mundo participou, é achou melhor de já começar com o Turismo Comunitário como já estava sendo previsto, né, então dividir as tarefas. [...] não posso passar quatro dias direto como eu passava de sair de casa cinco e meia da manhã pra chegar dez, onze, doze horas da noite, como você sabe [...] Essa idéia que vocês fizeram ta muito boa, de dividir pra cada uma, pessoa que tem restaurante [...] olhe, melhor era no tempo que a gente trabalhava sem ganhar nada, do que agora, porque existiu isso [...] porque você sabe que somos seis pessoas aqui a equipe da cozinha [...] a gente vai investir esse dinheiro, comprar o material, num tem retorno depois pra gratificar esse povo [...] Eu gosto de ajudar nas coisas da comunidade, o que está ao meu alcance eu gosto de fazer [...] é interessante que vocês começaram a trabalhar sem ganhar nada, quando ser pra ganhar, vocês ficarem de fora, né? Num acho, num acho isso certo. Vocês tem que dar um jeito de ficarem pelo menos um dia. [...] Só que a gente esse ano a gente vai mudar o povo vai até estranhar. [...] Nós vamos diminuir a equipe [...] pra ver se dá prá gente ganhar alguma coisa [...] E se a gente ficar no prejuízo? [...] E a gente já vai [...] comprar [...] nas mercearias fiado, que a gente tem crédito pra comprar [...] não dá pra receber porque o evento era mês passado, como mudou [...] se adivinho que ia mudar, eu tinha aceitado a proposta [...] só que mudou os dias e ninguém sabe [...] por isso eu disse, tem muitas ocasiões que é melhor a gente trabalhar de graça de que trabalhar por dinheiro [...].
- Tem uns que não entendem [...] a Reserva. [...] Chega uns de fora, quer meter a mão, e fazer isso e aquilo, e os do lugar fica de escanteio. [...] só quer dar nome àquelas que vem de fora. E o pessoal do lugar fica sem moral. [...] às vezes a gente conversa com eles, muitos que agridem cheio de brutalidade [...] Porque querem ultrapassar uma coisa que não pode [...] Eu num vou fazer uma casa aonde eu não posso fazer. Eu

Diogo Lopes é uma comunidade que acolhe gente de todo canto, que vem prá cá, fazer moradia aqui. Mas tem uns que não entendem a Reserva. Chegam uns de fora, querendo meter a mão e fazer isso e aquilo. E os do lugar ficam de escanteio. Só querem dar nome àquelas que vem de fora. E o pessoal do lugar fica sem moral. Às vezes, a gente conversa com eles, muitos até que agridem, cheios de brutalidade. Porque querem ultrapassar uma coisa que não pode. Eu num vou fazer uma casa aonde eu não posso fazer. Eu vou fazer uma casa na beira da maré? Não vou!

Se não fosse essa luta nossa, tão grande, para construirmos essa Reserva, talvez Diogo Lopes estivesse privado para os nativos. Nós fomos para Xingo [outro lugar], andamos em praias, que hoje os nativos andam não sei quantos quilômetros para passarem com as redes de peixe por um bequinho, por que não lutaram como nós! Se tivessem lutado como nós lutamos, não teria acontecido isso. As mulheres de Diogo Lopes caíram na luta mesma, com gosto mesmo, de vê tanta coisa boa que a Natureza nos deu e gente querendo devastar. A gente sabendo que quem tem que cuidar somos nós.

O povo ainda não acordou que a Reserva é isso. Não participam de reunião, não foram à luta que nem a gente foi. Porque a gente enfrentou uma batalha. A gente foi para a guerra. Porque enfrentar, no meio de um bocado de homens, todos armados de foice, cada foice que fazia gosto, enxada e tudo, e a gente dentro de um mangue, só com a fé de Deus, sem nem uma arma... A gente foi a uma guerra e fomos vencedoras! A Reserva trouxe uma coisa boa. E a gente ainda esta aqui, com os braços erguidos, pra enfrentar novamente tudo, se fosse preciso.

Foi uma coisa muito boa, dentro de Diogo Lopes, que é um lugar assim quieto, mas são um povo assim, de união. Quando eles entendem que é união, eles se juntam mesmo, e vão à luta, e conseguem o que eles querem, né? Ainda hoje continua o trabalho. E quanto mais desenvolve o trabalho, mais chama atenção, mais o povo gosta, mais o povo quer. E isso é que é o importante.

As mulheres daqui eram umas guerreiras, como ainda hoje são!

As mulheres daqui iam pro mato buscar lenha, feixe de lenha na cabeça... O que as mulheres de Diogo Lopes querem, elas vão em frente. Não entende se é com homem, se é com mulher, o que elas vão disputar, não. Elas vão em frente e conseguem. Toda vida aqui teve muita mulher guerreira, desde os tempos velhos, e agora, no inicio, é que tem mesmo.

Depois dos Encontros Ecológicos, eu me realizei. Quando eu não estou participando eu não estou bem. Sou muito participativa em tudo, graças a Deus. De tudo eu

vou fazer uma casa na beira da maré? Não vou. [...]. • [...] dialogo com as pessoas [...] Dialogando com as pessoas, converso [...] mostro a coisa tem de ser assim [...] desse jeito [...] vamos fazer uma votação pra ver se todo mundo concorda [...] quem ganha é a maioria [...] muitas vezes as nossas opiniões não são validas por todo mundo [...] a gente tem que acatar porque do jeito que eu voto contra uma coisa que você diz, você vota contra uma que eu digo também [...] deste modo a gente vai dizendo e vai andando em conjunto, comungando junto com o exemplo. [...]. • [...] eu não sou muito de passar a minha vida para outra pessoa, assim [...] já até em reunião [...] tenho falado [...] aqui em Diogo Lopes, precisa urgentemente é, um armazém grande [...] pra os trabalhadores ter um canto [...] tenho um barco de pesca, eu tenho uma rede pra consertar, aí eu não tenho um canto certo pra ficar. [...] deveria ter um canto certo, pra onde os pescador pudesse se reunir, independente da Colônia. [...] um canto pra eles ficarem à vontade, remendar as redes deles, botar as conversas deles em dia. Porque eles ficam nas portas, nas calçadas conversando. [...]. • Nunca precisei de político com meus idosos. [...] hoje mesmo o grupo que eu tomava conta dos idosos eu passei pra Oscar, mas muitos já disseram a mim, que só tinha alegria quando eu tomava conta dos idosos [...] Mas eu acho que todos aqui pelo tempo que eu to trabalhando com os idosos, tudo gosta da minha opinião. [...] antes de eu ser evangélica eu era uma carnavalesca. Eu botava três blocos na rua. [...] era um bloco só de mulher. [...] de escola de samba e botava outro só de criança. [...] três dias de carnaval. [...] hoje em dia acabou-se tudo. Tem mais nada. Até o carnaval acabou-se. [...] Eu era a mulher da folia. Agora eu sou da folia [...] Agora eu trabalho só pra igreja. [...] eu vou pra lá pra cozinhar pro pessoal. [...]. • Não sei não [...] as comunidade daqui é assim, elas só convida aqueles pessoas que gosta de se associar nas coisa [...] que fazem reunião, e tudo. Eu não vou, eu não faço. [...] Eu não vou porque as coisas daqui não tem unidade, união, sabe? É uma coisa que tem por proteção. [...] no meu tempo, não existia mordomia. Era tudo humilde [...] Todo mundo trabalhava, todo mundo era igual. [...] Tem muita diferença do tempo de hoje pra o outro tempo que a gente nasceu, e criou-se, e viveu. [...]. • Tanto faz que eu goste de uma coisa, como que não goste de outra. Mas eu não falo, fico calada. Opinião assim que eu gosto, toda festa eu gosto, mas não que vá pra festa. Porque no tempo que eu podia ir, eu não ia porque meu marido não gostava. [...] Eu tinha filho e não deixava mais ninguém. Pra ninguém prestar atenção e por isso eu não ia à festa. [...] Eu trabalhei pra sustentar minha família todinha. [...]. • [...] às vezes eu reclamo com as meninas porque luta tanto é uma coisa e outra que trabalham tanto, e é tanta reunião, e é tanta coisa, mas aí às vezes alguém fala que não é de acordo, que não gosta dessas coisas, e aí	*gosto de participar da comunidade. Várias vezes também ajudei assim a cuidar de pessoas doentes, gente velha. Eu gosto de ajudar as pessoas carentes, de cuidar muito de gente idosa. Quando eu vejo uma pessoa idosa, sem carinho, parece que ta com um pouco de mim.* *Agora, a juventude tomou conta. Aí vem, essa loucura toda, e os pobres dos velhos foram ficando pra trás. Eu não gosto muito de opinar nessas coisas. Não, que eu não gosto muito. Eu vivo na minha. Eu sou uma pessoa que não gosto muito de conversar. Eu não sou muito de passar a minha vida para outra pessoa, assim. Quando vem uma pessoa conversar, é assim, quando vem me perguntar uma coisa do outro tempo. Eu converso mesmo as coisas do meu tempo, porque no meu tempo era diferente.* *Da vida da minha comunidade, eu gosto muito. De freqüentar a minha Igreja Católica. Gosto muito de brincar. A gente fazia muita brincadeira animada. Mas eu estou baixando mais, porque a idade já vai...* *Eu ajudo tudo o que for possível. Eu topo tudo. Eu faço tudo pela comunidade. Pra mim tudo é bom.* *Já até em reunião eu tenho falado. Em reuniões eu gosto muito de participar, falar, alguma coisa que eu to vendo que está errado, assumo o lugar de falar sobre os problemas daqui, da minha comunidade. A gente fala do modo que a gente sabe, que a gente pode, no meio. Qualquer um ali, qualquer canto. E eu vou e eu desempenho aquele papel.* *Quando eu sei que ta existindo uma coisa errada na comunidade, a gente se junta, numa conversa, seja lá na fundação, ou antes da fundação, que eu fui presidente dez anos da associação de mulheres. Tudo isso foi trabalho que eu fiz pela comunidade, que eu nunca ganhei de lá um centavo. Trabalhei voluntária mesmo por dez anos. A gente se juntava pra conversar a situação da comunidade, das pessoas carentes. Quando a gente sabia que tinha pessoas passando necessidade, a gente fazia doação, se juntava, arranjava aqui, acolá, lençol, camisola... Quando eram pessoas doentes, a gente se juntava e ia lá na casa da pessoa, fazer uma visita, deixar as coisas... até mesmo* quando precisava de uma ambulância pra levar... *A gente se juntava até pra comprar caixão e mortalha, pra dar pras pessoas que morriam e que num tinham condições. Isso eu nunca fiz sozinha, não. Mas junto com as minhas companheiras, com pessoas da família. Sempre a gente fez isso aqui em Diogo Lopes. Antes, quando não se tinha. Esse trabalho era feito por nós, mulheres. Porque, é até vergonhoso dizer, que os homens de Diogo Lopes não se movimentam para quase nada. De cem, se tira um, pra se movimentar, pra qualquer coisa que existe. É sempre as mulheres que estão à frente de tudo.*

eu que me sinto, porque elas se envolve sempre as pessoas, aí eu não sei nem dizer [...]. • [...] naquele tempo não havia prato de louça, não. Era só de barro. Era o pontinho de barro, de fazer café, de coar café, tudo era de barro. Tinha uma mulher que morava lá pra banda de Quixadá que fazia tudo isso. Que comprava e as arrumação das casas, era assim. • [...] o povo desmatava muito, porque no meu tempo a gente tinha esses... as quixabeiras era aqui bem perto, hoje não tem mais, foi muito desmatado. Agora na Reserva ninguém pode fazer isso. O mangue também. Muita gente ia pra lá, tirava muita madeira, hoje isso é raríssimo mesmo. [...] E através do uso da Reserva tem chegado muito conhecimento. [...] Eu espero que daqui pra frente venha muita coisa boa sobre a Reserva [...] Que eu não veja mais, mas meus *ancestrais* [descendentes] vão ver, vão trabalhar [...] Eu achei muito bom a Reserva [...] Às vezes a família atrapalha a vida [...] atrapalha muito [...] Muita coisa eu não participo mais, porque não gosto de muito favor [...] minha mãe também ela gostava muito de rezar. [...] As meninas dizem: "Tu ficou no canto da tua mãe." Ai eu digo: "Eu mesmo, não!" É porque eu gosto de rezar. Mas a minha mãe tinha um meio e eu tenho outro. [...] a Reserva, pra mim, ta trazendo bons conhecimentos pra Diogo Lopes, muito desenvolvimento. [..] Pode ser que a Reserva traga mais trabalhos bons pra Diogo Lopes, que todos possam participar, né? [...] To seguindo o caminho que a minha mãe seguia. • Reserva melhorou [...] a única coisa que não melhorou mesmo é [...] foi na limpeza [...] depende [...] da própria comunidade, das pessoas que não se liga [...] na limpeza, na higiene das coisas [...] Tem gente aqui em Diogo Lopes, muita gente aqui que ainda tem esgoto pro meio da rua [...] pode fazer [...] uma fossa [...] tem muita gente que tem condições e num faz. É um descaso muito grande isso [...] Que tem muita gente que tem esgoto pra praia [...] uma falta de higiene muito grande [...] da própria comunidade, num é nem da pessoa [...] você passa, agora um galho e começa a varrer, quando pensa que não, ta aí [...] copo descartável na rua, papel, tudo [...] é uma coisa que não podia existir [...] Diogo Lopes [...] o pessoal, todo mundo aqui, acho que não tem mais nem analfabeto aqui [...] até as pessoas de idade, agora tem estudo [...] pessoas estudam [...] quando é assim, nos Encontros, o pessoal vem colocar depósito pra lixo, mas o povo num ta ligando muito pra isso não. [...] em outras coisas eu acho que melhorou [...] o mangue [...] que antes da Reserva, todo mundo tirava madeira do mangue, ó, madeira pra fazer, na época de São João pra fazer fogueira. É... caibro, e chalé, como chama, e forquilha, pra armar a casa. Tudo isso o pessoal tirava, ainda tem gente que tira, mas quando uma pessoa vê e sabe, denuncia. [...] mangues que é uma coisa que a gente tem mesmo que [...] preservar [...] O pessoal vai lá pra Costa mesmo e faz, faz sujeira, lixo [...] é garrafa, é copo descartável [...] O povo coloca garrafa, tudo isso. Tudo isso é coisa que	*Nós temos o Conselho, daqui da comunidade. O Conselho dá certo. Quando é pra discutir as coisas, a gente se reúne pra discutir. Chega o momento das opiniões, das criticas. Tem muitas reuniões na comunidade, tem na escola. A gente participa também. Tem reuniões do clube e tudo isso eu to lá com minhas opiniões compartilhando. Por que, é bom a gente viver em união com todos, com as coisas que devem ser. Esse trabalho que ta se movimentando aqui, tem sido muito bom. Trazido muita coisa melhor pra nosso lugar. Estou achando muito bom, esse movimento.* *Desde criança que eu gosto de ajudar. Eu dou opinião, porque hoje tudo tem política. Tudo que se faça na vida é com política no meio. Mas os políticos podiam olhar com mais atenção à comunidade de Diogo Lopes. Porque tem coisa que ta precisando. Eles deveriam dar mais atenção às coisas que a gente mais precisa. Por exemplo, aqui nós ainda não temos uma parteira diplomada. Já tem acontecido de gente ganhar neném dentro dos carros.* *O maior problema da comunidade é a falta de emprego. Por que tem muitos jovens desempregados, gente que terminou os estudos, e fica parado, sem ter um emprego. Hoje, pra pessoa arrumar um emprego, é preciso é ter um pistolão. Não tem trabalho, nesse lugar, pra nada.* *Nunca precisei de político com meus idosos. Hoje, mesmo o grupo que eu tomava conta dos idosos eu passei, mas muitos já disseram a mim, que só tinha alegria quando eu tomava conta dos idosos. Mas eu acho que todos aqui, pelo tempo que eu to trabalhando com os idosos, tudo gosta da minha opinião. Antes de eu ser evangélica, eu era uma carnavalesca. Eu botava três blocos na rua. Era um bloco só de mulher, outro, de escola de samba, e botava outro, só de criança. Nos três dias de carnaval. Hoje em dia, acabou-se tudo. Tem mais nada. Até o carnaval acabou-se. Eu era a mulher da folia. Agora eu trabalho só pra igreja. Muitas vezes eu digo "Ah! Se Diogo Lopes ainda fosse aquele Diogo Lopes de antigamente!". A gente vivia sem sobressalto nenhum, se fechava a porta da gente a hora que a gente quisesse, e ficava nas calçadas, até dormia nas calçadas. Não se tinha relógio de nada. Hoje, não. Hoje a senhora está dentro de casa e ainda está com medo.* *A Reserva? Eu não sei dizer não. Eles trazem uma camisa pra um, um boné pra outro e tudo. Faz aquela festinha, né? Eu não sei se eles trazem mais alguma coisa de melhoria pro lugar, porque eu ainda não vi. Não sei o que acontece, não sei o que é que eles falam. Não sei não. As comunidades daqui são assim. Elas só convidam aquelas pessoas que gostam de se associar nas coisas, que fazem reunião e tudo. Eu não vou, eu não faço. Eu não vou,*

num, num precisava de exigir. Vai pra lá, junte, ou queime ou traga pra cá pra botar no lixo, numa sacola. [...] Mas melhorou muita coisa, eu acho que a Reserva trouxe muita coisa boa, pra cá. [...] ainda tem muita gente que não entende [...] e ainda diz assim: "É, esse povo são muito besta. Deixa de, o povo num, empata o povo de fazer um rancho, uma casa na beira da praia. Fica com uma história de uma Reserva, e depois que começou essa história de Reserva ninguém pode mais fazer um armazém na praia, ninguém pode fazer uma casa, ninguém pode construir, num pode ir numa, num pode fazer uma, um, um negócio nas dunas porque tudo é proibido". [...] é proibido [...] Porque agora a Reserva [...] e as coisas tem que ter limite. [...] E se são coisas que a pessoa proíbe é porque são coisas que ta errado. Se fosse certo, ninguém empatava. [...] Mas hoje em dia ta todo mundo esclarecido [...] até as crianças participam das palestras que entendem, muitos já entendem é, o que é uma Reserva [...] pra que serve, o meio ambiente e tudo [...].

- Por que ali vai gerar o quê? Emprego. Não vai empregar todo mundo, né? Mas, pras pessoas que já têm um estudo, já pode se colocar ali. Eu acho que ta melhorando mais a nossa comunidade. [...] tem gente que diz que a criação da Reserva é ruim [...] mas não é. [...] Foi bom. Basta ver aquela destruição que aquele pessoal veio fazer aqui na costa, no mangue, que tava acabando com o mangue da gente. Aonde era que a gente ia comer um caranguejo, um siri, né? E depois que teve essa Reserva [...] pronto foi muito bom, ta aí, é caranguejo é siri. Tem o peixe [...] Foi muito bom. Eu gostei muito. [...] tem gente que não entende aquilo ali, que não entende o que é [...] de não entender o que é, o que é que veio pra fazer a benfeitoria pro nosso lugar. Pra mim, pros meus filhos, pra meus netos, que a gente já vai chegar na idade que está, e eles vão evoluindo melhor [...].
- [...] antes as pessoas pra devastarem o manguezal cortavam. Todo mundo via que o risco era esse [...] cortavam mesmo o mangue de machado, traziam os galhos grandes, pé de mangue inteirinho [...] com a criação da Reserva, a gente conversando com eles, como deve ser, que a gente usa a Natureza sem prejudicá-la [...] não são todos porque tem alguns que não aceitam mesmo. [...] tem uns que dizem [...] eu nasci aqui, me criei, todo mundo arrancando esse mangue, tirando pra dá de comer, os bichos, e ele nunca acabou [...] Aqueles mais idosos que já é do jeito que eles vivem mesmo [...] outros já aceitam [...] a gente já vê as próprias crianças educadamente pegando as coisas e jogando no lixo [...] nós trabalhamos, não só isso na nossa casa como na escola, com as crianças. [...] eu moro em uma Reserva e eu sou ambientalista [...] eu não arreio nada na rua e isso eu passo para os meus alunos, eu passo para o povo da minha terra [...] eu aprendi muito com a Reserva [...] não vou dizer que eu tenho isso de muito tempo, eu vim preservar mais agora depois da Reserva [...] Turismo Comunitário eu acho bonito. [...] Eu estou sentindo falta de não está lá na cozinha trabalhando, fazendo comida [...] mas estou

porque as coisas daqui não têm unidade, união, sabe? É uma coisa que tem por proteção. No meu tempo, não existia mordomia. Era tudo humilde. Todo mundo trabalhava, todo mundo era igual. Tem muita diferença do tempo de hoje pra o outro tempo que a gente nasceu, e criou-se, e viveu.

Quando tem reunião, me convocam, quando eu posso ir, eu vou. Sempre dou minhas opiniões, até que sempre acatam minhas opiniões. Dialogando, né? A gente chega, fala, conversa, até que chegue aquele momento que aquela pessoa aceite aquilo que a gente ta querendo, né? Eu dialogo com as pessoas. Dialogando com as pessoas, converso, mostro: "a coisa tem de ser assim, desse jeito!" Proponho: "vamos fazer uma votação pra ver se todo mundo concorda, quem ganha é a maioria!" Muitas vezes, as nossas opiniões não são validadas por todo mundo. A gente tem que acatar, porque do jeito que eu voto contra uma coisa que você diz, você vota contra uma que eu digo também. Deste modo, a gente vai dizendo e vai andando em conjunto, comungando junto com o exemplo.

Tanto faz que eu goste de uma coisa, como que não goste de outra. Mas eu não falo, fico calada. Opinião, assim que eu gosto. Toda festa eu gosto, mas não que vá pra festa. Porque no tempo que eu podia ir, eu não ia porque meu marido não gostava. Eu tinha filho e não deixava mais ninguém prestar atenção. E por isso eu não ia à festa.

Às vezes, eu reclamo com as meninas porque luta tanto é uma coisa e outra; que trabalham tanto, e é tanta reunião e é tanta coisa. Mas aí, às vezes, alguém fala que não é de acordo, que não gosta dessas coisas, e aí eu que me sinto, porque elas se envolvem sempre com as pessoas, aí eu não sei nem o que dizer...

A Reserva, pra mim, ta trazendo bons conhecimentos pra Diogo Lopes, muito desenvolvimento. Pode ser que a Reserva traga mais trabalhos bons, pra Diogo Lopes, que todos possam participar, né? Eu acho bom pra mim. Eu vou pra lá, pra cozinhar pro pessoal. Por que ali vai gerar o quê? Emprego. Não vai empregar todo mundo, né? Mas, pras pessoas que já têm um estudo, já pode se colocar ali. Eu acho que está melhorando mais, a nossa comunidade.

Tem gente que diz que a criação da Reserva é ruim... Mas não é! Foi bom. Basta ver aquela destruição que aquele pessoal veio fazer aqui na Costa, no mangue, que tava acabando com o mangue da gente. Aonde era que a gente ia comer um caranguejo, um siri, né? E depois que teve essa Reserva, pronto! Foi muito bom. Ta aí! É caranguejo, é siri. Tem o peixe... Foi muito bom. Eu gostei muito. Tem gente que não entende aquilo ali, que não

satisfeita porque eu tenho várias pessoas fazendo aquilo que eu fazia só com um grupinho [...] tem muitas pessoas fazendo. [...] se não fosse essa luta nossa, tão grande, para construirmos essa Reserva, talvez Diogo Lopes estivesse privado para os nativos. [...] fomos para Xingo [...] andamos em praias que hoje os nativos andam não sei quantos quilômetros para passarem com as redes de peixe por um bequinho [...] Por que [...] Não lutaram como nós! Se tivesse lutado como nós lutamos não teria acontecido. [...] cai na luta mesma com gosto mesmo de vê tanta coisa boa que a Natureza nos deu e gente querendo devastar e a gente sabendo que quem tem que cuidar somos nós. [...].

- [...] o povo ainda não acordaram que a Reserva é isso [...] não participam de reunião, não foram à luta que nem a gente foi, porque a gente enfrentou uma batalha, a gente foi pra guerra. Porque enfrentar, no meio de um bocado de homem, tudo armado de foice, cada foice que fazia gosto, enxada e tudo, e a gente dentro de um mangue, só com a fé de Deus, sem nem uma arma... A gente foi a uma guerra e fomos vencedora! [...] a Reserva trouxe uma coisa boa. [...] e a gente ainda esta aqui, tudo com os braços erguidos pra enfrentar novamente tudo se fosse preciso. [...] Foi uma coisa muito boa dentro de Diogo Lopes. [...] Diogo Lopes é um lugar assim quieto, mas são um povo assim, de união. [...] Quando eles entende que é união, eles se juntam mesmo e vão à luta e conseguem o que eles querem, né? [...] Ainda hoje continua trabalho [...] quanto desenvolve o trabalho, mais chama atenção, mais o povo gosta, mais o povo quer e isso é que é importante. [...].
- Esse turismo também pra mim é uma boa. Porque tem muito jovem aí que já se congregaram aí e já fizeram o curso de guia, eles estão de frente a todos os trabalhos. [...] Eu trabalho com Subadhro no Programa de Criança. [...] na época da Reserva aqui pra gente conseguir isso a gente foi... uma tribulação muito grande pra gente conseguir. Que a gente cismando fechemos a rua. Era menina, era moça, era rapaz, era velho... O que aparecesse a gente manifestou na rua [...] Aí tocaram fogo nos ranchos. A gente ia pra costa botar dois, dois marcos ali de barco, botar uma bandeira bem grande pra ver se os italianos iam embora [...] um dia foram embora, mesmo [...] que não apareceram mais. [...] acho que pra nós essa Reserva e esse, esse projeto de Criança da Petrobrás é uma coisa boa. [...] Porque os filhos não vão pra rua, pelo menos eu e meus dois netos. [...] a Reserva vai ser, ta sendo boa e ainda vai ser muito mais. [...] Pois é, eu sei que ta bom. A gente tem que trabalhar muito pra alcançar o que a gente quer. [...] Daqui pra frente o que as águas vão rolar, ninguém sabe, né? [...] eu já estou nessa idade, meus netos tão crescendo. Eu posso passar de um lado pra outro mas eles estão aqui pra contar a história. [...] acho que não vão mais bulir nessa Reserva [...] Acho que nada mais vai acontecer, o que acontecer é só de bom [...].
- A Reserva? Eu não sei dizer não [...] Eles traz [...] uma camisa pra um, um boné pra outro e tudo. Faz aquela festinha, né? [...] Eu não sei se eles trazem mais alguma coisa de

entende o que é. De não entender o que é, o que é que veio pra fazer, a benfeitoria pro nosso lugar. Pra mim, pros meus filhos, pra meus netos, que a gente já vai chegar na idade que está, e eles vão evoluindo melhor.

Desde muito pequena que eu lido com festa, né? Esse clube foi uma coisa que foi construída por mim e pelo pai de Arlete. Comecei carregando banda de tijolo, do cemitério, pra fazer um piso, pra os meninos brincarem o pastoril. E daí, surgiu a idéia da gente fazer um canto pra se ter festa. Que num tinha... A gente num tem nada, então, tem que se movimentar. Tem que fazer de tudo.

Mas muitas coisas, na comunidade da gente, é mil vezes preferível a gente trabalhar de graça do que por dinheiro. Quando a gente começou esse Encontro Ecológico, fomos as pessoas que foram as primeiras que se achegaram pra prestar o nosso serviço. Desde o primeiro que participam: eu, comadre Livinha, Dodôia... Sem cobrar nada, sem querer nada. Esse ano, houve uma reunião e então todo mundo participou e achou melhor de: já começar com o Turismo Comunitário, como já estava sendo previsto. Então, assim, dividir as tarefas. Não posso passar quatro dias direto, como eu passava. De sair de casa cinco e meia da manhã pra chegar dez, onze, doze horas da noite. Como você sabe... Essa idéia que vocês fizeram, está muito boa. De dividir pra cada uma pessoa que tem restaurante... Olhe! Melhor era no tempo que a gente trabalhava sem ganhar nada, do que agora. Porque existiu isso.

Porque você sabe que somos seis pessoas aqui, a equipe da cozinha. A gente vai investir esse dinheiro, comprar o material, num tem retorno, depois, pra gratificar esse povo... Eu gosto de ajudar nas coisas da comunidade, o que está ao meu alcance, eu gosto de fazer. "É interessante que vocês começaram a trabalhar sem ganhar nada. Quando deveria ser pra vocês ganharem, vocês ficarem de fora, né? Num acho, num acho isso certo. Vocês têm que dar um jeito de ficarem pelo menos um dia!" Dizem.

Só que a gente, esse ano, a gente vai mudar, o povo vai até estranhar. Nós vamos diminuir a equipe, pra ver se dá para a gente ganhar alguma coisa. E se a gente ficar no prejuízo? E a gente já vai comprar nas mercearias, fiado, que a gente tem crédito pra comprar. Mas não dá pra receber, porque o evento era mês passado, como mudou...

Se adivinho que ia mudar, eu tinha aceitado a proposta. Só que mudou os dias e ninguém sabe. Por isso eu disse: tem muitas ocasiões na comunidade, que é melhor a gente trabalhar de graça, do quê trabalhar por dinheiro.

Esse turismo também, pra mim é uma boa. Porque tem muito jovem aí, que já se congregaram aí, e já fizeram

melhoria pró lugar porque eu ainda não vi. [...] Não sei o que acontece, não sei o que é que eles falam [...]. • Eu acho bom pra mim. [...] agora é que não acontece mais porque peixe agora parece que acabou-se do mar. [...] As coisas era muito ruim naquele tempo, mas nós nunca não teve quem tivesse morrendo de fome, não. Tudo era barriga cheia. [...] Eu lutei muito na minha vida. Prestar atenção a tudo no mundo, criar um bando de filho. [...] como uma mãe cria os filhos assim? A mãe em casa dormindo, os pais, e os meninos na rua fazendo arte. Tirando as coisas das casas dos outros, como já tem uns deles aí que estão roubando as coisas das casas dos outros, que faz isso mesmo [...] Eu não aprendi porque papai nunca me botou na escola [...] Ele dizia que não botava nunca que era pra quando a gente crescer não botar carta para namorado. e assim nós não faz um "o" com uma quenga [...] Ele também não sabia ler. [...].	*o curso de guia, eles estão de frente a todos os trabalhos. Eu trabalho com Subadhro, no Programa de Criança. Na época da Reserva aqui, pra gente conseguir isso, foi uma tribulação muito grande. Que a gente cismando, fechemos a rua. Era menina, era moça, era rapaz, era velho... O que aparecesse, a gente manifestava na rua. Aí, tocaram fogo nos ranchos, e a gente ia pra Costa, botar dois marcos ali, de barco, pra botar uma bandeira bem grande, pra ver se os italianos iam embora.* *Um dia, foram embora, mesmo. Que não apareceram mais! Acho que pra nós, essa Reserva, e esse projeto de Criança da Petrobrás é uma coisa boa. Porque os filhos não vão pra rua, pelo menos, eu e meus dois netos.* *A Reserva vai ser, ta sendo, boa e ainda vai ser muito mais. Pois é, eu sei que ta bom. A gente tem que trabalhar muito pra alcançar o que a gente quer. Daqui pra frente, o que as águas vão rolar, ninguém sabe, né? Eu já estou nessa idade, meus netos tão crescendo. Eu posso passar de um lado pra outro, mas eles estão aqui pra contar a história. Acho que não vão mais bulir nessa Reserva. Acho que nada mais vai acontecer. O que acontecer, é só de bom.*

IAD 2	
DSC DO GRUPAMENTO "C" – FAMÍLIA, EDUCAÇÃO E RELIGIOSIDADE	
ECH	**DSC**
• [...] escola não tinha por lá, só se encontrasse uma pessoa assim que tivesse lá e que soubesse mais ler que aí a gente ficava assim tendo aquela escola particular; • [...] Eles iam pra lá, onde a gente chama a Costa, eles iam pra lá e eu ficava aqui pra estudar. Só ia pra lá final da semana. • [...] assim como minha mãe. Acho que essas coisa tudo eu herdei dela. • [...]Quem é que você vê? Um homem querendo fazer faculdade, né? [...] as mulher com aquela garra vão em frente, com sofrimento de pai e mãe. [...] Tenho cinco filhos [...] todos sabem ler. [...] Tenho muito orgulho disso. E esse esforço que a gente tivemos de trazer nossos filhos até onde eles estão. • [...] Mas hoje, acabou-se. Num tem mais. [...] vai tudo com o tempo [...] o povo diz que quando os homens quer mandar mais do que Deus [...] Ele muda os tempos [...] Com nove anos de idade minha mãe já ensinou a costurar [...] ensinei a professora a cortar calça de homem, que quando eu fui pra aula [...] tinha uns quarenta e poucos anos comecei a trabalhar de parteira curiosa. • O que eu gosto de participar é somente da igreja. • [...] eu gosto muito de participar da igreja [...] Foi reza, eu to sempre na frente. • Da vida da minha comunidade, eu gosto muito [...] freqüentar a minha Igreja Católica. Gosto muito [...] • Eu gosto de participar da Igreja [...] de tudo de festa religiosa, não religiosa [...] graças a Deus. [...] eu tenho o dom [...] se eu estiver sozinha na Igreja eu faço as mesmas coisas [...] pra ser assistente do padre, pra cantar, pra fazer leituras [...] pra fazer benção, pra fazer tudo. [...] eu resolvo isso sozinha. [...] quando é uma celebração [...] é mais fácil delas fazerem só o evangelho, a leitura [...] salmos [...] mais aí, quando vem a história das novenas, elas já se complica mais. [...] eu já tenho o meu ritual todinho [...] preparado [...] eu	*Eu lutei muito na minha vida. Prestando atenção a tudo no mundo, para criar um bando de filhos. Quando eu era moça eu não saia muito de casa. Papai não deixava muito a gente andar por certos cantos. Aí eu fui me acostumando dentro de casa. Meu marido também não gostava muito. Não gostava de baile, de passeio e essas coisas. Não gostava, não. Só brincava um coco-de-roda assim, num sabe? Assim, brincar carnaval, isso ele gostava. Mas não gostava de ir pra baile, nem de sair de noite. De noite, ele já tava em casa, deitado. Me acostumei dentro de casa. Tem vezes que eu me pergunto, como é que uma mãe cria os filhos assim? A mãe em casa dormindo, os pais, e os meninos na rua fazendo arte. Tirando as coisas das casas dos outros, como já tem uns deles aí que estão roubando as coisas das casas dos outros, por que fazem isso mesmo. Eu, praticamente, sou quem crio as minhas netas. Quando eu vejo o movimento aqui, de comunidade, que ta acontecendo aqui em Diogo Lopes, minhas filhas saem prá aqui, prá acolá, mas saem despreocupadas, porque sabem que eu estou com as crianças.* *Toda vida eu disse, "Olhe, eu trabalho, você quer seu estudo, eu trabalho, faço de tudo pra você não caminhar essa vida de pescaria". Porque é muito arriscado. Como na Costa, escola não tinha por lá, só se encontrasse uma pessoa assim, que tivesse lá, e que soubesse mais ler, que aí, a gente ficava assim, tendo aquela escola particular. Eu não aprendi porque papai nunca me botou na escola. Ele dizia que não botava nunca, que era pra quando a gente crescesse não botasse carta para namorado. E assim, nós não fazemos um "o" com uma quenga. Ele também não sabia ler.* *Eram várias famílias que iam pra lá. A Barra era longe, aí tinha dificuldade de os barcos chegar aqui. Às vezes até o peixe não chegava bem sadio. Aí, a gente tinha que ir pra lá, por causo disso, e era assim, uma vida meio difícil. Mas a gente tinha que ir, o pai e tudo ia pra lá, pra botar os filhos em movimento, que a Barra ficava muito longe e os barcos chegarem na hora certa com a pescaria. Eles iam pra lá, onde a gente chama a Costa, eles iam pra lá e eu ficava aqui pra estudar. Aí, meu pai morreu. Só meu irmão que ficou com um barco, pois já era pescador.* *Com meu pai, eu sofri muito, porque logo meu pai era desses que naquele tempo as filhas dele não saía pra canto nenhum. Nós se criamos assim, como uma... como preso, num sabe? O Diogo Lopes que eu conheço é quase uma família só. Foi misturando de geração em geração, casa um com uma família, casa um com outra família, certo?* *Depois me casei. Criei meus filhos todinhos com trabalho*

tenho o livro [...] nesse livro vocês já fazem tudo direitinho do jeito que eu faço, é o costume [...] muitas vezes eu não preciso nem usar microfone, de longe você ouve a minha voz, que eu tenho um tom de voz muito forte. [...]. • Eu gosto de ajudar [...] as pessoas carentes [...] de cuidar muito de gente idoso. [...] quando eu vejo uma pessoa idoso, sem carinho, parece que ta com um pouco de mim. [...] gosto muito de ir pra Igreja, de ajudar. [...] Meu pai era religioso, gostava de rezar o terço e nós era assim [...] Todos os dias ele fazia cada um da gente rezar um mistério. [...] essa tradição eu passei pra minha família e todos meus filhos sabem rezar. • Não, não participo de nada [...] a crença a gente faz do jeito que quer [...]. • Quando vem uma pessoa conversar, é assim, quando vem me perguntar uma coisa do outro tempo [...] Eu converso mesmo as coisas do meu tempo, porque no meu tempo [...] Com meu pai, eu sofri muito, porque logo meu pai era desses que naquele tempo as filhas dele não saía pra canto nenhum. Nós se criamos assim, como uma, um que era preso, num sabe? [...]. • [...] antes de eu ser evangélica eu era uma carnavalesca. [...] Eu era a mulher da folia. Agora eu sou da folia [...] Agora eu trabalho só pra igreja. • Eu praticamente é quem crio as minhas netas [...] quando eu vejo o movimento aqui de comunidade que ta acontecendo aqui em Diogo Lopes, elas saem prá aqui, prá acolá, mas saem despreocupadas porque sabe que eu to com as crianças [...]. • [...] Às vezes a família atrapalha a vida [...] atrapalha muito [...] Muita coisa eu não participo mais, porque não gosto de muito favor [...] minha mãe também ela gostava muito de rezar. [...] As meninas dizem: “Tu ficou no canto da tua mãe.” Ai eu digo: “Eu mesmo, não!” É porque eu gosto de rezar. Mas a minha mãe tinha um meio e eu tenho outro. [...] To seguindo o caminho que a minha mãe seguia. • [...] a gente já vê as próprias crianças educadamente pegando as coisas e jogando no lixo [...] nós trabalhamos, não só isso na nossa casa como na escola, com as crianças. [...] eu moro em uma Reserva e eu sou ambientalista [...] eu não arreio nada na rua e isso eu passo para os meus alunos, eu passo para o povo da minha terra [...] eu aprendi muito	*com peixe. Era difícil, mas criei. Todos estudaram, com meu trabalho no tratamento de peixe, graças a Deus. Fui muito feliz. passei mais de dez anos casada, aí fui ensinar. Trabalhei trinta anos na prefeitura até me aposentar. Também meu esposo era embarcado. Passei dezessete anos casada. Depois que ele morreu, fiquei muito sem saber o que é que se pesca, que quando a gente perde assim, a pessoa, assim, fica sem saber muito o que é que se passa.* *Eu trabalhava com peixe, a minha mãe, o meu pai, era muito diferente. Acho que essas coisas tudo, eu herdei dela. Na Festa de Maio, quando era época que tinha muito inverno, ano que tinha muita, muita chuva, a gente passava o dia naquela correria.* *Trabalhei muito nos armazém. Tratava peixe, salgava peixe, estendia peixe. A gente saia de casa de seis horas da tarde, esperava os bote chegar, e que a gente ia, pra chegar em casa no outro dia, de seis ou oito horas do dia. Aí tomava um banho, descansava um pouco e ia pro armazém de novo. Era moer o sal, a gente era quem pilava sal. Nos pilão. Inventaram um moinho de pau e a gente moía o sal. Era o viver da gente, aqui na praia. A gente não tem mais como trabalhar nos armazéns, mas trabalhei muito.* *Eu gosto de participar da Igreja, das festas da Igreja. De tudo de festa religiosa, não religiosa. Eu gosto muito de participar da Igreja. Eu gosto muito de participar desses Encontros. Todos os eventos assim, que tem aqui, eu participo. Foi reza, eu to sempre na frente. Eu tenho o dom. Se eu estiver sozinha, na Igreja, eu faço as mesmas coisas, pra ser assistente do padre, pra cantar, pra fazer leituras, pra fazer benção, pra fazer tudo. Eu resolvo muita coisa sozinha. Quando é uma celebração, é mais fácil delas fazerem só o Evangelho, a leitura, os salmos. Mas, aí, quando vem a história das novenas, elas já se complicam mais.* *Eu já tenho o meu ritual todinho preparado. Eu tenho o livro e nesse livro vocês já fazem tudo direitinho, do jeito que eu faço, é o costume. Muitas vezes, eu não preciso nem usar microfone, de longe você ouve a minha voz, que eu tenho um tom de voz muito forte.* *Eu não. Não participo de nada. A crença a gente faz do jeito que quer. Às vezes, a família atrapalha a vida, atrapalha muito. Muita coisa eu não participo mais, porque não gosto de muito favor. O que eu gosto de participar é somente da Igreja. É tanto que acontece muitas coisas aí, de brincadeiras, uma coisa e outra, e eu não saio de jeito nenhum. Eu não gosto não. E todo dia eu ia rezar o terço nessas casas.* *Os jovens, daqui mesmo, eles não gostam muito de aprender aquilo que a gente aprendeu. As mães da gente gostavam muito de ensinar o que elas sabiam. Hoje, os jovens não querem mais continuar aquilo que a gente fazia. Quem é que você vê? Um homem querendo fazer faculdade, né? As mulheres, com aquela garra, vão em frente, com sofrimento de pai e mãe. Tenho cinco filhos e todos sabem ler. Tenho muito orgulho disso. E esse esforço*

com a Reserva [...] não vou dizer que eu tenho isso de muito tempo, eu vim preservar mais agora depois da Reserva [...] Turismo Comunitário eu acho bonito. • [...] tem muito jovem aí que já se congregaram aí e já fizeram o curso de guia, eles estão de frente a todos os trabalhos. • [...] Eu lutei muito na minha vida. Prestar atenção a tudo no mundo, criar um bando de filho. [...] como uma mãe cria os filhos assim? A mãe em casa dormindo, os pais, e os meninos na rua fazendo arte. Tirando as coisas das casas dos outros, como já tem uns deles aí que estão roubando as coisas das casas dos outros, que faz isso mesmo [...] Eu não aprendi porque papai nunca me botou na escola [...] Ele dizia que não botava nunca que era pra quando a gente crescer não botar carta para namorado. e assim nós não faz um "o" com uma quenga [...] Ele também não sabia ler. [...].	*que a gente teve de trazer aos nossos filhos, até onde eles estão.* *E eles aprendem. Eu acho que aprendem, quando é sobre negócio de assim festa. Também a juventude de hoje em dia é completamente diferente do tempo da nossa juventude. Tens uns que até acatam as opiniões da gente, quando eles vem atrás, é porque tão precisando de alguma orientação. Eu vou e ensino. Eu gosto muito de ensinar o que eu sei ao pessoal, pode ser quem for. [...] a gente vai ficando velho, às vezes morre, sabe nem quando morre. Naquele Encontro, uma vez, um disse que nunca tinha me visto ali e gostava muito de estar onde pessoas como eu, da minha idade, estavam, pra contar as histórias, repassar pra eles conhecimentos, que eles não sabiam e precisavam saber.* *Assim, acho que eles aprendem. Inclusive, eu tenho dois rapazes que outro dia um se encontrou comigo aí ele disse: "Ah... Eu usava um negócio que não podia ser e a senhora me tirou dessa vida, né?" Tem muita coisa pra enfrentar, tanta coisa boa pra você aprender. Droga não é a vida. Droga acaba com a vida.* *Gosto muito de ir pra Igreja, de ajudar. Meu pai era religioso, gostava de rezar o terço e nós era assim. Todos os dias ele fazia cada um da gente rezar um mistério. Essa tradição eu passei pra minha família e todos meus filhos sabem rezar. A minha menina, ela é por dentro de tudo. Ela trabalha com artesanato também. Minha mãe também ela gostava muito de rezar. As meninas dizem: "Tu ficou no canto da tua mãe." Ai eu digo: "Eu mesmo, não!" É porque eu gosto de rezar. Mas a minha mãe tinha um meio e eu tenho outro. To seguindo o caminho que a minha mãe seguia.*

ANEXOS

LEI Nº 8.349, DE 18 DE JULHO DE 2003

Cria a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual Ponta do Tubarão, na região de Diogo Lopes e Barreiras nos Municípios de Macau e Guamaré no Rio Grande do Norte e dá outras providências.

A GOVERNADORA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE, no uso das atribuições constitucionais: FAÇO SABER que o Poder Legislativo aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1° Fica declarada como Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual Ponta do Tubarão a região compreendida pelo sistema estuarino do Rio do Tubarão, a Ponta do Tubarão, as dunas e a restinga adjacentes aos Distritos de Diogo Lopes e Barreiras, conforme a delimitação geográfica constante do artigo 3º desta Lei.

Art. 2º A Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual Ponta do Tubarão tem como objetivo preservar a natureza e, ao mesmo tempo, assegurar as condições e os meios necessários para a reprodução, a melhoria dos modos e da qualidade de vida e exploração dos recursos naturais pelas populações tradicionais, bem como valorizar, conservar e aperfeiçoar o conhecimento e as técnicas de manejo do ambiente desenvolvido por estas populações, consoante os seguintes objetivos específicos:

I – disciplinar os procedimentos e a utilização de equipamentos de pesca artesanal ecologicamente corretos;

II – incentivar a realização de pesquisas científicas para o conhecimento dos ecossistemas existentes visando o uso sustentável da área;

III – desenvolver na comunidade local, nos empreendedores e nos visitantes, uma consciência ecológica e conservacionista sobre o patrimônio natural e os recursos ambientais;

IV – assegurar o espaço comum e a sustentabilidade dos recursos naturais como patrimônio natural e social, para os moradores e suas futuras gerações;

V – fortalecer a organização comunitária e propiciar condições para a gestão participativa e co-responsável dos bens ambientais;

VI – criar condições para a melhoria da qualidade de vida dos moradores através do desenvolvimento de atividades auto-sustentáveis;

VII – compatibilizar as atividades econômicas instaladas na Reserva com o uso sustentável dos recursos ambientais;

VIII – disciplinar os novos usos a serem implantados em consonância com a sustentabilidade ambiental, econômica e social da área;

IX – harmonizar o desenvolvimento local com a preservação dos valores culturais;

X – estimular a realização de parcerias para a viabilização da implantação e gestão da Reserva.

Art. 3° A área referida no artigo anterior passa a denominar-se Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual Ponta do Tubarão e está inserida no polígono delimitado pelas seguintes coordenadas: latitude 5º2’ S e 5º16’ S e de longitude 36º23’ WGr e 36º32’ WGr, incluindo uma parte terrestre e outra marinha, conforme mapa e Memorial Descritivo, constantes dos Anexos I e II desta Lei.

Art. 4º Na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual Ponta do Tubarão serão permitidos os seguintes usos:

I – a pesca artesanal mediante a utilização de práticas compatíveis com a conservação ambiental;

II – atividades econômicas compatíveis com a manutenção da qualidade ambiental, dos interesses das comunidades locais e de acordo com o disposto no Zoneamento Ecológico-Econômico e no Plano de Manejo da área;

III – a pesquisa científica voltada para a conservação da natureza, a melhor relação das populações residentes com o seu ambiente e à educação ambiental, desde que devidamente autorizado pelo Conselho Gestor da Reserva.

Art. 5º Ficam proibidas as seguintes atividades:

I – instalação de novos empreendimentos de carcinicultura e ampliação da área dos viveiros de camarão já instalados, na área da Reserva;

II – a captura, a conservação, o beneficiamento, a industrialização, a comercialização, sobre qualquer forma e em qualquer local do território do Estado, de lagosta da espécie: *Panulirus argus* (lagosta vermelha), de comprimento inferior a 13 cm de cauda e 7,5 cm de comprimento cefalotórax;

III – a captura, a conservação, o beneficiamento, a industrialização, a comercialização, sobre qualquer forma e em qualquer local do território do Estado, de lagosta da espécie: *Panulirus laevicauda* (lagosta Cabo Verde), de comprimento inferior a 11 cm de cauda e 6,5 cm de cefalotórax;

IV – a pesca por mergulho com a utilização de ar comprimido;

V – o uso de explosivos e de substâncias que em contato com a água produzam efeitos semelhantes ao das substâncias tóxicas, conforme determinam a Lei Federal n.º 9.605, de 12 de fevereiro de 1998 e o Decreto Federal n.º 3.179, de 21 de setembro de 1999;

VI – em qualquer época do ano, a captura de fêmeas, de qualquer tamanho, e de machos, menores de 4,5 cm de comprimento da carapaça, do Caranguejo Uçá (*Ucides cordatus*);

VII – a captura de cavalos marinhos e peixes para fins ornamentais;

VIII – a lavagem de porões de qualquer tipo de embarcação, como também o despejo de óleo, seus derivados, outras substâncias químicas, lixo e poluentes de origem orgânica ou inorgânica.

Art. 6º Fica constituído o Conselho Gestor da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual Ponta do Tubarão, como instância Deliberativa, para o planejamento estratégico da unidade.

Art. 7º O Presidente do Conselho Gestor da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual Ponta do Tubarão e o seu Suplente serão escolhidos, dentre os conselheiros componentes do Conselho, através de eleição.

Parágrafo único. O Presidente do Conselho e seu Suplente serão eleitos por maioria simples dos votos dos seus membros.

Art. 8º O Conselho Gestor da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual Ponta do Tubarão será composto por um membro titular e respectivo suplente, representantes de cada um dos seguintes órgãos e entidades:

I – Instituto de Desenvolvimento Econômico e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte;

II – Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis e da Amazônia Legal;

III – Gerência Regional do Patrimônio da União;

IV – Poder Executivo do Município de Guamaré;

V – Poder Executivo do Município de Macau;

VI – Poder Legislativo do Município de Guamaré;

VII – Poder Legislativo do Município de Macau;

VIII – Representante do setor produtivo instalado na Reserva;

IX – Instituição de Ensino Superior, escolhida pela comunidade local, que desenvolva atividades de pesquisa na área da Reserva;

X – Representantes de dez entidades civis, sediadas nos Municípios de Guamaré e Macau, que representem os interesses das populações tradicionais residentes na área de abrangência da Reserva.

§ 1º Às instituições identificadas nos incisos II a VII é facultada a indicação e a substituição dos membros, titulares e suplentes, que poderão representá-las no Conselho, competindo às demais instituições a indicação compulsória dos respectivos membros, titulares e suplentes.

§ 2º As entidades civis, representantes dos interesses das populações tradicionais, devidamente registradas em cartório, escolherão, mediante eleição efetuada em fórum específico para essa finalidade, os dez membros titulares e respectivos suplentes que representarão a comunidade local no Conselho.

Art. 9º Poderão fazer parte das Câmaras Técnicas do Conselho Gestor da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual Ponta do Tubarão os órgãos federais, com atribuições e atuação na área, bem como organismos privados, de âmbito nacional, regional, ou local, cuja participação na gestão da Reserva seja considerada relevante, pelo Conselho Gestor.

Parágrafo único. Cabe ao Conselho Gestor, no prazo de 90 (noventa) dias após a publicação desta Lei, elaborar seu Regimento Interno que será submetido à apreciação do Conselho Estadual de Meio Ambiente –CONEMA.

Art. 10. O Conselho Gestor deverá elaborar, no prazo de 180 (cento e oitenta) dias após a aprovação do seu Regimento Interno, a proposta de Zoneamento Ecológico-Econômico da Reserva, definindo diretrizes que disciplinarão os usos e atividades da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual Ponta do Tubarão.

§ 1º A proposta de Zoneamento Ecológico-Econômico de que trata o *caput* deste artigo deverá contar com a participação ampla da população local e, em seguida, ser submetida à apreciação do Conselho Estadual de Meio Ambiente – CONEMA.

§ 2º O Zoneamento Ecológico-Econômico da Reserva identificará as áreas e seus respectivos usos, bem como definirá as condições de utilização e ocupação dessas áreas, de acordo com o que estabelece os artigos 4º e 5º desta Lei, e será instituído por Lei de iniciativa do Poder Executivo Estadual, com base na proposta encaminhada pelo Conselho Gestor da Reserva, apreciada pelo Conselho Estadual de Meio Ambiente – CONEMA.

Art. 11. Os Planos de Gestão e Manejo da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual Ponta do Tubarão deverão ser elaborados, com ampla participação da comunidade local, no prazo máximo de 02 (dois) anos, contados a partir da data de implantação do Zoneamento Ecológico-Econômico da Reserva, e submetidos à apreciação do Conselho Estadual de Meio Ambiente – CONEMA.

§ 1º No prazo de que trata o *caput* deste artigo, serão desenvolvidos estudos que subsidiarão a elaboração dos referidos Planos de Gestão e Manejo, bem como as estratégias que viabilizarão a implementação da Reserva, considerando as normas e diretrizes de uso e ocupação do Zoneamento Ecológico-Econômico.

§ 2º Os Planos de Gestão e Manejo propostos pelo Conselho Gestor, deverão conter programas que assegurem a conservação, proteção dos ecossistemas e sustentabilidade sócio-ambiental da reserva, demonstrando a viabilidade econômica e identificando as fontes de recursos e prazos para implementação e revisão.

Art. 12. Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio de Despachos de Lagoa Nova, em Natal, 17 de julho de 2003, 115º da República.

WILMA MARIA DE FARIA
Francisco Vagner Gutemberg de Araújo

...

ANEXO II (Lei Nº 8.349, de 18 de julho de 2003)
MEMORIAL DESCRITIVO

O perímetro que delimita a RDS inicia-se no ponto P-01 **de coordenadas TM E= 774 824m e N= 9 437 164m situado próximo à praia na curva da estrada que vem do povoado de Soledade para as instalações de prospecção de óleo da PETROBRAS. Do ponto P-01 segue em linha reta na direção noroeste até o ponto** P- 02 **de coordenadas E= 772 926m e N= 9 438 080m situado no mar, nas proximidades do spit da ponta da Ilha do Tubarão.**

Deste ponto, segue em linha reta na direção norte, mantendo a ordenada E= 772 926m até chegar ao ponto **P-03** de coordenadas E= 772 926 e N= 9 441 885m situado em mar aberto. Do ponto P-03 segue em outra linha reta, na direção este, mantendo a ordenada N= 9 441 885m, até o ponto **P-04** de coordenadas E= 777 800m e N= 9 441 885m situado também no mar. Do ponto P-04 segue-se em linha reta na direção sul, mantendo a ordenada E= 777 800m até chegar ao ponto **P-05**, de coordenadas E= 777 800m e N= 9 441 599m localizado em mar aberto. Do ponto P-05 segue-se em linha reta na direção este, mantendo a ordenada N= 9 441 599m até chegar ao ponto **P-06** de coordenadas E= 784 000m e N= 9 441 599m localizado em mar aberto. Do ponto P-06 segue-se em linha reta na direção sul mantendo a ordenada E= 784 000m até chegar ao ponto **P-07** de coordenadas E= 784 000m e N= 9 441 266m. Do ponto P-07 segue-se em linha reta na direção este mantendo a ordenada N= 9 441 266m até encontrar o ponto **P-08** de coordenadas E= 786 000m e N= 9 441 266m. Do ponto P-08 segue-se em linha reta na direção sul mantendo a ordenada E= 786 000m até chegar ao ponto **P-09** de coordenadas E= 786 000m e N= 9 439 810m. Do ponto P-09 segue-se em linha reta na direção este mantendo a ordenada N= 9 439 810m até chegar ao ponto **P-10** de coordenadas E= 788 000m e N= 9 439 810m.

Do ponto P-10 segue em linha reta no sentido sul, na direção do continente até encontrar a RN-221 que vai para Macau e Diogo Lopes, chegando ao ponto **P-11** de coordenadas E= 788 000m e N= 9 430 238m localizado no continente. Do ponto P-11 segue pela RN-221 no sentido de Macau e Diogo Lopes, até chegar ao ponto **P-12** de coordenadas E= 787 048m e N= 9 430 333m. Do ponto P-12 segue-se pela mesma RN até encontrar a estrada de terra que vai para o pólo da PETROBRAS, aonde chega ao ponto **P-13** de coordenadas E= 785 103m e N= 9 432 036m.

Prosseguindo pela RN-221 chega ao ponto **P-14**, de coordenadas E= 776 477m e N= 9 431 206m no entroncamento da estrada que dá acesso a Barreiros e Diogo Lopes. Seguindo nessa estrada, no sentido de Barreiros, chega ao entroncamento com a estrada que vai para o povoado de Soledade, encontrando o ponto **P-15** de coordenadas E= 776 548m e N=9 436 349m. Prossegue pela estrada, no sentido de Soledade onde, na curva que dá acesso à praia, encontra o ponto **P-16** de coordenadas E= 774 920m e N= 9 436 379m. Daí segue pela estrada em direção à praia chegando ao ponto P-01, origem desse perímetro.

Observações:

1. As coordenadas dos pontos estão referidas ao Sistema UTM, Zona 24 Sul, em relação ao datum Córrego Alegre.
2. Os pontos P-02, P-03 e P-04 poderão ser relocados, tendo suas coordenadas alteradas, com a finalidade de manter eventuais avanços da costa e do *spit* da ponta da Ilha do Tubarão dentro da área da RDS.
3. As coordenadas de todos os pontos poderão ser alteradas posteriormente por ocasião de determinações GPS mais precisas.

I - Encontro Ecológico da RDS – Ponta do Tubarão
de 18 a 20 de maio de 2001
Tema: ***Em defesa do nosso futuro***
Fonte: Relatório - Ano 2001

Objetivos
Atender as preocupações e solicitações da população de Diogo Lopes e Barreiras, promover palestras e cursos sobre Educação Ambiental, explicando a comunidade sobre o meio ambiente onde vive e como continuar sua preservação de forma sustentável, para que a comunidade entenda cientificamente a importância do mangue e da restinga e como preservá-los; conhecer as diretrizes dos órgãos ambientais esclarecendo temas como gestão, tipos de Reservas, formas de preservação e exemplos tanto do meio empresarial como público, reconhecer os verdadeiros donos dos mangues e da restinga, saber como melhorar o desenvolvimento sustentável e das futuras gerações.

Instituições públicas
Prefeitura de Macau, Petrobrás, IBAMA, IDEMA, GRPU, OAB, Procuradoria da República, UFRN, UFPE.

Participação da comunidade
Uniram-se 18 entidades civis e públicas, das comunidades e da cidade de Macau.

Conteúdos:
Cursos
- Curso de práticas de educação ambiental para professor - Petrobrás
- Palestra: ecossistemas costeiros - Petrobrás

Palestras:
- Painel com as questões ambientais e do direito do cidadão apresentadas pela população de Diogo Lopes e Barreiras. Luís Ribeiro da Silva Itá – Representante das comunidades.
- Política Estadual de Meio Ambiente para o Rio Grande do Norte. Dr. Geraldo Magela- Presidente do IDEMA
- Gerenciamento Costeiro. Ana Marcelino, Coordenadora do Gerenciamento Costeiro do IDEMA.
- Educação ambiental e Unidades de Conservação. Iramises Paiva de Paula, Coordenadora de Educação Ambiental do IDEMA.
- Unidade de Conservação: Categoria de Manejo. Alvamar Costa de Queiroz, técnico do IBAMA-RN.
- A Importância dos estuários para a manutenção das atividades pesqueiras. Dr. Jorge Lins, prof. do Departamento de Oceanografia e Liminologia da UFRN.
- Problemática ambiental dos manguezais do Rn. Ecologista Francisco Iglesias, Associação Amigos da Natureza.
- A ciclagem dos nutrientes nos manguezais nordestinos. Dr Everardo Sampaio, Prof. Titular do Depto. de Energia Nuclear da UFPE.
- Gestão ambiental na Petrobras. Dr. Milas Evangelista, Gerente da SMS da Petrobras-Rn.
- Terrenos da União. Dr. Carlos José de Lima , Gerente Regional do Património da União-Rn.
- Meio Ambiente na Constituição Federal: O papel da OAB-Rn. Dra. Marize Costa, Presidente da Comissão de Meio Ambiente da OAB-Rn.
- O Direito do cidadão em ambiente ecologicamente equilibrado. Dr. Marcos André Seift, Procurador Regional do Direito do Cidadão-Rn. Procuradoria Regional da República.
- Defesa integral da Zona Costeira. Dra. Gilka da Mata, Promotora do Estado do Rio Grande do Norte.

Mesa Redonda: Tema – **Exploração sustentável dos recursos naturais de Diogo Lopes e Barreiras**. (Coordenador: Dr. Everardo Sampaio, Prof. Titular do Depto. de Energia Nuclear da UFPE. - Debatedores: Dr. Marcus Egito-representante da OAB / RN , Dr. Milas Evangelista de Sousa - Representante da PETROBRAS / RN, Dr. Roberto Menescal Técnico do Ministério da Agricultura/RN; Bióloga Ivanosca Rocha Miranda, Subcoordenadora de licenciamento de Controle Ambiental; Dr. Leão Neto, prof. de Geologia da CEFET-Rn, Ana Marcelino, Técnica do IDEMA; Sebastião Damião Dantas, Técnico representante do IBAMA; Luís Ribeiro da Silva, Representante das Comunidades de Diogo Lopes e Barreiras.)

Eventos culturais e sociais:
- **Show musical** - cantor Tarcísio Flor e banda.
- **Apresentação de teatro-** Programa de Criança da Petrobras

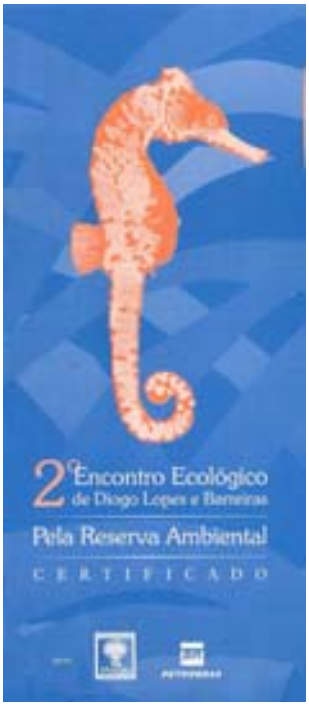
- **Hasteamento dos Pavilhões Nacional, Estadual e Municipal**

Encaminhamentos:

- Moção encaminhada ao presidente do IDEMA para criação e implantação de uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável, com 210 assinaturas.
- Recomendações deste Encontro entre elas a criação de um grupo de trabalho para levar as reivindicações as autoridades foram também referendadas pelo mesmo público presente, inclusive seus palestrantes e governantes.
- Para referendar a moção logo após o I Encontro foi feito um abaixo-assinado pela população de Diogo Lopes, Barreiras e Sertãozinho solicitando a criação de uma RDS com 1.336 assinaturas.

Resultados:

- A partir de discussões embasadas pelo novo Sistema Nacional de Unidade de Conservação – SNUC chegou-se ao consenso que a unidade de conservação mais adequada à realidade das comunidades seria uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável.
- Recomendação: Realização anual de Encontros Ecológicos.



II Encontro Ecológico da
RDS – Ponta do Tubarão
Data de 05 a 09 de junho do Ano de 2002
Tema: ***Pela Preservação Ambiental.***
Fonte: Relatório - Ano 2002

Objetivos

Objetivo Geral - Situar a população das comunidades sobre o andamento técnico – jurídico - burocrático para a criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável, além de promover cursos e palestras sobre Educação Ambiental e reunir pesquisadores que investigam os meios ambientes costeiros e marinhos de Diogo Lopes e Barreiras. **Objetivos Específicos-** Cobrar das autoridades competentes prazos para criação e implantação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável e saber o que impede o processo de aceleração; colocar a importância cientifica da preservação do ambiente Marinho-Costeiro das localidades de Diogo Lopes, Barreiras e arredores, e seu frágil equilíbrio; conscientizar através do agente multiplicador – Professor – curso sobre o meio ambiente; oferecer palestras de prevenção de acidente tanto para o lar como para vazamento de óleo e primeiros socorros; incentivar os trabalhos dos alunos o tema Reserva e o Meio Ambiente; promover inicialmente uma caminhada do verde, de Barreiras à Diogo Lopes unindo as duas comunidades e depois o evento para defender um fim comum: A Reserva Ambiental, pois só a união faz a força.

Participação da comunidade

As comunidades de Diogo Lopes e Barreiras surpreendem a todos com seu poder de organização e

união reunindo 19 entidades nem sempre convergentes em atuação e ideologias.

Conteúdo:
Cursos e palestras antes do evento propriamente dito:

- Curso de práticas de educação ambiental para professor - Equipe da Saúde, Meio Ambiente e Segurança da Petrobrás
- Palestra- Resposta a emergência ambiental - Equipe da Saúde, Meio Ambiente e Segurança da Petrobrás
- Palestra – Segurança no lar - Petrobrás
- Palestra – Primeiros Socorros - Petrobrás

Filme:

O Meio Ambiente de Diogo Lopes e Barreiras: uma visão biológica do terrestre e do aquático.

Palestras:

- Palestras: Dr. Alberto Kioharu Nishida UFPB, exporá sobre o manejo de caranguejos em mangues e as condições sócio-econômicas, Dra. Helenice Vital (UFRN) falará sobre as características geoambientais de Diogo Lopes e Barreiras, a pesquisadora Telma Lúcia P. Dias (UFPB) dissertará sobre os cavalos marinhos e a qualidade ambiental do mangue de Diogo Lopes e Barreiras , M.S. Ivan César Lobo Resende (PETROBRÁS), falará sobre a atuação da Petrobrás em Diogo Lopes e Barreiras,.MS Roberto Menescal- Ministério da Agricultura-Rn, discorrerá sobre pesca e aqüicultura sustentável, o professor Francisco Seixas UFRN, comentará pesquisas sobre a criação de camarões em gaiolas em Diogo Lopes monitorado por alguns parâmetros ecológicos, a especialista Iramisis Paiva de Paula IDEMA, discorrerá sobre a Criação, implantação e gestão de uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável – O caso de Mamirauá/AM. Nesta ocasião falará também o representante das duas comunidades realizadoras do encontro, Luis Ribeiro da Silva - Itá, sobre a Situação atual das providências tomadas para criação da Reserva de Desenvolvimento sustentável da Ponta do Tubarão ânsia de toda a população e o maior objetivo deste encontro.
- Problemática ambiental dos manguezais do Rn. Ecologista Francisco Iglesias, Associação Amigos da Natureza.
- Situação atual das providências tomadas para criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável da Ponta do Tubarão. Luís Ribeiro da Silva - Itá - Representante das comunidades
- Criação, implantação e gestão de uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável - O caso de Mamirauá/AM. Especialista Iramisis Paiva de Paula - Coordenadora da Subcoordenadoria de Planejamento e Educação Ambiental/ IDEMA.
- Manejo de caranguejos em mangues e as condições sócio-econômicas - Dr. Alberto Kioharu Nishida - Prof. do Departamento de Sistemática e Ecologia da UFPB.
- Atuação da Petrobrás em Diogo Lopes e Barreiras - MS. Ivan César Lobo Resende, gerente da Gerência de Saúde Meio Ambiente e Segurança da UN-RNCE- PETROBRAS.
- Criação de camarões em gaiolas em Diogo Lopes monitorado por alguns parâmetros ecológicos. Prof. Fco Seixas, Dep. de Limnologia e Oceonografia da UFRN.
- Características geoambientais de Diogo Lopes e Barreiras - Dra. Helenice Vital - Prof. do Departamento de Geologia da UFRN.
- Os cavalos marinhos e a qualidade ambiental do mangue de Diogo Lopes e Barreiras - MS Telma Lúcia P. Dias - Bolsista CNPq do Dep. de Sistemática e Ecologia da UFPB
- O papel dos manguezais na produção pesqueira - Dr. Naírio Serpa Simões - IBAMA/Brasília.
- Pesca e aqüicultura sustentável - MS. Roberto Menescal - Técnico do Ministério da Agricultura/RN

Mesa Redonda: Tema - **Situação atual do processo para a criação da Reserva Sustentável da Ponta do Tubarão**. (Coordenador: MS. Leão Neto, Prof. de Geologia da CEFET/RN - Expositora: Técnica Ana Marcelino - Representante do IDEMA - Debatedores: Tec. Carlos José Cavalcanti de Lima, Gerente Regional do Patrimônio da União/GRPU/RN, Procurador Marcos André Seift, Procuradoria Regional do Direito do Cidadão / RN, Advogada Marize Costa de S. Duarte, Presidente da Comissão de Meio Ambiente da OAB/RN, MS Ivan César Lobo Resende - Gerente da Gerência de Saúde Meio Ambiente e Segurança da UN-RNCE-PETROBRAS, Técnico Claudius Monte Sena - Gerente Executivo do IBAMA/ RN, MS. Roberto Menescal - Ministério da Agricultura/Rn, Arquiteto Francisco Iglesias - Representante da Associação Amigos da Natureza, Técnico Fernando Luiz Lopes Dantas, Chefe dos Empreendimentos Sociais da GRPU/RN, Advogado Marcos Egito - Advogado OAB/RN, MS. Iracema Miranda - Profª. do Museu Câmara Cascudo/UFRN, Luiz Ribeiro da Silva - Itá - Representante das comunidades)

Eventos culturais e sociais:

- Marcha verde - caminhada de Barreiras para Diogo Lopes;
- Peças de Teatro - crianças do Programa de Criança da Petrobrás/Macau;
- Show com Ismael Alves e artistas da terra;
- Hasteamento de Bandeiras - Pavilhões Nacional, Estadual e Municipal;
- Hino Nacional - Filarmônica Monsenhor Honório;

- Exposição de trabalhos - tema Reserva Ambiental - poesia, artesanato, pinturas além de uma exposição no Museu do Pescador;
- Limpeza do mangue – Barreiras;
- Show musical - Banda Flor de Liz;

Encaminhamentos:
- Concluir rapidamente o zoneamento e a importância de ter o plano de manejo.
- Solicitar a Petrobras um estudo para a recuperação da praia de Soledade.

Resultados:
- Referendado mais uma vez a escolha de uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável para Diogo Lopes, Barreiras e inclusão de parte do município de Guamaré, caracterizando-se como uma Reserva Estadual.
- A moção deste II Encontro solicita agilidade na criação da reserva e obtendo 232 assinaturas dos presentes.
- A comunidade decidiu por uma Reserva Estadual após ouvir explicações de Representantes do IBAMA – Brasília/DF sobre as dificuldades de se criar uma Reserva Federal e preocupados com a ameaça de ocupação desordenada nas áreas da restinga, e com as instalações de viveiros que não pararam continuando os desmatamentos e os resíduos jogados nas águas do estuário apressaram-se de proteger o ecossistema
- Depois de uma ampla discussão com representantes das comunidades e de cada entidade e órgãos ambientais presentes ao evento, foi homologada as recomendações.
- Turismo deve ter participação da comunidade.

III Encontro Ecológico da
RDS – Ponta do Tubarão
de 05 a 08 de julho do Ano de 2003
Tema: *Pela Implantação da Reserva.*
Fonte: Relatório - Ano 2003

Objetivos
- Iniciar o planejamento para implantação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual Ponta do Tubarão
- Proporcionar a população uma educação informal sobre os problemas inerentes das comunidades e do seu Meio Ambiente.
- Respaldar o decreto da lei que cria a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual Ponta do Tubarão, aprovado por unanimidade, pelo CONEMA para ter aprovado em todas as instâncias na sua íntegra.
- Contatar profissionais do meio científico capazes de se reunirem para formar projetos de pesquisas na Reserva a fim de respaldar o diagnostico e consequentemente o zoneamento, o plano de manejo e o plano de gestão da Reserva
- Aperfeiçoar informalmente os professores em cursos sobre o Meio ambiente e Artes Criativas.
- Ofertar treinamento de simulação de acidentes de óleo no mar para equipe previamente escolhida na comunidade
- Incentivar trabalhos confeccionados pelos alunos e professores tendo como tema a Reserva
- Promover uma caminhada verde de Barreiras até a Sertãozinho unindo as três comunidades após a abertura do evento
- Promover Educação Ambiental com os alunos da 1ª a 8ª Série do 1º grau, de forma que eles venham compreender a importância do meio ambiente em suas vidas.

Participação da comunidade
23 entidades. A exemplo dos outros encontros houve um engajamento das populações das comunidades mobilizando-se voluntariamente em prol da criação da Reserva e na realização dos eventos.

Conteúdo

Cursos:
- Beneficiamento de Pescado - Professores do Depto. de meio ambiente da CHESF.

- Conceitos Fundamentais de Ecologia com Prática - Professoras: Dra. Ierecê Lucena (UFPB) e Ms.Thelma Dias (UFPB)
- Criatividade com Mamulengo e Confecção de Boneco - Professor: Jornalista, folclorista e Prof. Emanoel Amaral
- (Re) Construindo Brinquedos - Professora: Pedagoga Sayonara Albuquerque

Palestras

- "Água fonte de vida". Monitores: Petrobrás;
- "Plano de Respostas e Simulação de emergências" Petrobrás (CDA);
- "Sessão de filmes sobre água e meio ambiente" Petrobrás;
- Situação atual da Reserva de Desenvolvimento Sustentável da Ponta do Tubarão. Luís Ribeiro da Silva - Itá – Representante das comunidades;
- Ecologia e Religião – Pe. Antonio Murilo de Paiva – Pároco de Parnamirim;
- Debate - Uma Política de Desenvolvimento Sustentável para a Região Costeira do RN – Dr. Eugenio Cunha - Presidente do IDEMA;
- O Petróleo no Município de Macau – Dr. Augusto Franklin – Gerente da Gerência de Assessoria de Comunicação da Petrobrás;
- Movimentação dos peixes ao longo da Costa – Prof. Dr. Fabio Hazin do Departamento de Engenharia de Pesca da UFRPE
- A importância do conhecimento dos pescadores para a conservação do meio ambiente. Profa. Dra. Irecê Lucena Rosa Profa. do Departamento de Sistemática e Ecologia da UFPB;
- Pesquisas e monitoramentos realizados pela Petrobras nas áreas de Diogo Lopes e Barreira e seu entorno. Dr. Ivan César Lobo Resende – Gerente da SMS/ PETROBRAS/ RN
- Debate - Os processos geológicos influenciando o equilíbrio costeiro de Diogo Lopes e Barreiras – Prof. Dr. Venerando Eustáquio Amaro, Prof. do Dep. de Geologia da UFRN;
- Ver, Identificar e conhecer: a relação existente entre o homem e seu meio natural em Diogo Lopes. Jornalista e MS. Itamar Nobre. Bolsista do Dep. Ciências Sociais UFRN ;
- Como manter a tolerância dentro das comunidades – Roberto Malvezzi Gogó - Comissão Pastoral da Terra/Petrolina/PE
- Os peixes como indicadores de qualidade ambiental - Pesquisadora Thelma Lucia Dias/UFPB;

Mesa Redonda: Tema - **Estudos para o plano de manejo e operacionalidade para se implantar a Reserva de Desenvolvimento Sustentável da Ponta do Tubarão**. (Coordenador: Prof. Dr. Everardo V. S. B. Sampaio, Dep. de Energia Nuclear da UFPE, Secretário: Prof. Leão Neto, Dep. de Geologia da CEFET/RN, Expositores: Urbanista Rosa Pinheiro – Sub- coordenadora do GERCO/ IDEMA. Prof. Renato de Medeiros Rocha – Dep. Geografia UFRN – Caicó. Debatedores: Prof. Dr. Luiz Antonio Cestaro, do Departamento de Geografia/UFRN, Dra. Ieda Cunha, Gerente Regional do Patrimônio da União no RN, Dra. Marize Costa de S. Duarte, Presidente da Comissão de Meio Ambiente da OAB / RN, Dr. Ivan César Lobo Resende - Representante da PETROBRAS /RN, Dr. Claudius Monte Sena – Gerente Executivo do IBAMA/RN, Luiz Ribeiro da Silva – Itá – Representante das comunidades, Arquiteto Francisco Iglesias – Representante da Associação Amigos da Natureza, Representante da Secretaria de aqüicultura e pesca, Juliano Batista Siqueira – Secretário de meio ambiente do município de Macau).

Eventos Culturais e Sociais:

- Hasteamento dos pavilhões: Nacional, Estadual e Municipal.
- Hino Nacional com a presença da Filarmônica Monsenhor Honório.
- Marcha verde de Barreiras para Sertãozinho acompanhado de carro de som.
- Show da banda de Mestre Avelino.
- Limpeza do mangue de Diogo Lopes e Barreiras.
- Exposição de trabalhos com tema ***Os ambientes da reserva***. Nela todas as escolas e entidades participaram com poesias, artesanatos, pinturas, além de uma exposição do "Museu do Pescador". Concursos de poesia, conto, pintura e desenho para alunos e professores, escolhendo os 3 melhores trabalhos com direito a um troféu por categoria e nível. Os alunos foram divididos nos níveis infantil e juvenil.
- Apresentação teatral com o Programa de Criança da Petrobras.
- Show musical com Roberto Malvezzi (Gogó), participação especial de Ismael Alves e banda.

Encaminhamentos:

- Para que as comunidades participem ativamente do processo de formação do Conselho Gestor da RDS.
- Seja dada a continuação da publicação da revista do Encontro Ecológico.
- Seja incentivada a realização de pesquisas científicas para o conhecimento sócio-ambiental.

Resultados

Durante os festejos de abertura a governadora do Estado assinou o Projeto de Lei de criação da Reserva e enviou a Assembléia Legislativa para ser apreciada.

IV Encontro Ecológico da
RDS – Ponta do Tubarão
De 15 a 18 de julho de 2004
Tema: ***Comunidade e Reserva de Mãos Dadas***
Fonte: Relatório - Ano 2004

Objetivos
Gerar subsídios a partir da participação popular e do conhecimento científico para implantação da Reserva, encontrar o caminho para os arranjos produtivos da Reserva principalmente para pesca artesanal sustentável. Objetivos específicos: Expor os problemas das comunidades e implantação da RDS Estadual Ponta do Tubarão; Ministrar cursos dos professores sobre o Meio Ambiente e implantação da Agenda Ambiental nas escolas; Estimular os alunos na produção de trabalhos de literaturas e artes plásticas, tendo como tema a Reserva e premia-los; Despertar a comunidade em especial os pescadores através da oficina "planejamentos das unidades produtivas com sustentabilidade"; Promover Educação Ambiental aos alunos da 1ª a 8ª Séries do 1º grau, de forma a que eles compreendam a importância do meio ambiente em suas vidas; Promover palestras com temas ecológicos de interesse para a RDS Estadual Ponta do Tubarão.

Participação da comunidade - 25 entidades que se fizeram presente lotando os espaços onde estava sendo ministrados os cursos, oficinas palestras.

Conteúdo:
Cursos:
- **Como implantar a agenda ambiental na escola** - Monitores: Equipe do IBAMA.
- **Sociedade e Meio Ambiente** - Monitor: Bhaskara Canan – SESI/Natal

Filmes:
- **Educação Ambiental** . Facilitadoras: Educadoras da comunidade
- **A importância da Preservação – A História da Reserva Ponta do Tubarão**. Documentário realizado por José Paulo de Melo Goulart, João Roberto Fernandes e Lenice Goulart.

Oficinas:
- **Confecções de apitos e barcos de palhas de coqueiros**. Facilitadoras: Alessandra.
- **Planejamento das Unidades Produtivas com Sustentabilidade**. Facilitador: Prof. Josenildo Souza e Silva – Engº de Pesca/UFRPE. Foi apresentado um filme para subsidiar a oficina.

Palestras:
- **A importância da Reserva em nossa vida** - facilitadora: Profa Ierecê Lucena Rosa – UFPB.
- **Como podemos agregar valor ao pescado.** Facilitador : Josenildo Souza e Silva – engº de Pesca/UFRPE e Andréia.
- **Apresentação do Programa de Educação Ambiental da Petrobras**
- **Comunicação do Projeto de Desenvolvimento de Campos da Petrobrás na área de influência da RDS Estadual Ponta do Tubarão**. Monitores: Equipe da Saúde, Meio Ambiente e Segurança da Petrobras.
- **Estudos práticos na RDS Ponta do Tubarão: Caracterização Sócio-Econômica da Reserva, História do pescador, Características Culturais da Vida do Pescador e A Reserva em cartilha –** Alunos do Pró-básico da UFRN/Macau.
- **Relação do barramento do rio Piranhas/Açu (RN) com alterações ambientais em seu baixo curso e zona costeira"** – Paulo Ribeiro - Bel. Geografia/UFRN
- **Monitoramento Ambiental da Petrobrás –** Representante da Petrobrás.
- **Apresentação do Código de Meio Ambiente do Município de Macau e Revitalização do Conselho Municipal de Meio Ambiente** – Representante da Prefeitura de Macau

Mesa Redonda: Tema – **Exposição dos problemas das comunidades e implantação da RDS Ponta do Tubarão**. (Coordenadora - Ierecê Lucena Rosa – Profa do Departamento de Sistemática e Ecologia da UFPB - Debatedores: Técnica Yeda Cunha, Gerente Regional do Patrimônio da União no RN, MS Ivan César Lobo Resende - Representante da PETROBRAS / RN, Rosa Pinheiro – Representante técnica do IDEMA; Dr. Alvamar Queiroz – Chefe do departamento de Educação Ambiental do IBAMA/ RN; Ivanilson – Secretário Estadual da Secretaria Especial de Aqüicultura e Pesca; Representante da Comunidade de Barreiras; Representante da Comunidade de Diogo Lopes; Representante da Comunidade de Lagoa Doce; Representante da Comunidade de Mangue Seco I; Representante da Comunidade de Mangue Seco II; Representante da Comunidade de Sertãozinho; Representante do Conselho Gestor da RDS Ponta do Tubarão).

Eventos Culturais e Sociais:

- **Hasteamento dos pavilhões**: Nacional, Estadual e Municipal.
- **Hino Nacional**: Filarmônica Monsenhor Honório.
- **Apresentação de coco de roda**: Escola Clara Teteo e Grupo de Idosos Afonso Solino
- **Marcha verde**: de Barreiras para Sertãozinho acompanhado de carro de som.
- **Limpeza do mangue**: de Diogo Lopes e Barreiras.
- **Lançamento de Jornal**: Jornal da Reserva.
- **Apresentação teatral** : Programa de Criança da Petrobras.
- **Apresentação Musical** : Casa Talento Petrobras
- **EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS COM O TEMA: "Comunidades e Reserva de mãos dadas".** Nela todas as escolas e entidades participaram com poesias, artesanatos, pinturas, além de uma exposição do "Museu do Pescador". Concurso de poesia, conto, desenho e pintura nas categorias infantil e juvenil, escolhendo os 3 melhores trabalhos com direito a um troféu.
- Exposição fotográfica da atividade da pesca do arrasto na RDS Estadual Ponta do Tubarão – doutorando: Itamar Nobre.

Encaminhamentos

- Levantamento fundiário da área da Reserva e a preservação das áreas que integram o Patrimônio da União para o usufruto da população tradicional, proibindo-se o repasse dessas áreas para uso em ocupações privadas.
- Realização de uma audiência pública para discutir as medidas de combate à pesca predatória e problemas específicos da reserva.
- Adotar as medidas voltadas a solucionar os problemas relativos ao gerenciamento dos resíduos (lixo urbano, esgotos, efluentes domésticos e resíduos da pesca) da reserva.

Resultados

- Considerando a importância da implantação da reserva e a necessidade do zoneamento ecológico e plano de gestão para se que consolide de uma vez por todas a sustentabilidade social e econômica das comunidades as comunidades recomendaram:
- Ao Instituto de Desenvolvimento Econômico e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte - Idema, a viabilização dos recursos para a implantação da reserva conforme a lei número 8349/2003 que criou a RDS Ponta do Tubarão.
- Ao Conselho Gestor da RDS Ponta do Tubarão que atue em suas deliberações em consonância com os interesses da comunidade.
- Como resultado do Curso de Unidades Produtivas foi concluído que:
- as 3 principais unidades produtivas na Reserva são: Pesca (principal), turismo com a participação dos moradores das comunidades e artesanato.

V - Encontro Ecológico da RDS – Ponta do Tubarão
De 13 a 17 de julho do Ano de 2005

Tema: ***Construindo o Desenvolvimento Sustentável***
Fonte: Relatório - Ano 2005.

Objetivos

- Atingir os diversos segmentos da sociedade da RDS sobre o que é uma Reserva, o que é desenvolvimento sustentável.
- Gerar subsídios para uma maior participação dos seus grupos de trabalho da pesca, turismo e uso e ocupação do solo.
- Despertar na população da RDS, que assim como a costa, a Reserva é um bem comum e que o desenvolvimento sustentável é responsabilidade de todos aqueles que optam por ele.
- Direcionar os cursos para professores e enfatizar a ética e valores morais além da essência do que é uma reserva e o desenvolvimento sustentável
- Estimular os alunos a participarem do concurso na produção de trabalhos de literatura e artes plásticas, tendo como tema "Construindo o desenvolvimento sustentável"
- Despertar nas crianças e adolescentes a idéia de desenvolvimento sustentável, o sentimento compartilhado de amor pela Reserva e a responsabilidade em mantê-la.
- Fundamentar os conceitos do que é uma reserva e o que é desenvolvimento sustentável por toda a população da RDS, ampliando as palestras

para três locais diferentes: Diogo Lopes, Barreiras e Mangue Seco.

Participação da comunidade: 26 entidades
Conteúdo:
Cursos para professores:

- Criação e Implantação de uma Reserva e o Desenvolvimento Sustentável. Facilitador: Renato Sales – Equipe de Educação Ambiental/IDEMA;
- Noções do Programa Educare sobre valores humanos: método direto e indireto. Facilitador: Fernando Hollanda – Centro Sathya Sai/Natal.

Oficinas:

- Teatro de Mamulengo apresentando a peça "O que é desenvolvimento sustentável?" Facilitador: Jornalista e mamulengueiro; Emanoel Amaral.

Palestras:

- Recursos pesqueiros explorados pelos pescadores artesanais da RDS Estadual Ponta do Tubarão: importância sócio-econômica e ambiental pela Doutoranda do Dep. de Sistemática e Ecologia/UFPB, Mestra Thelma Lúcia Pereira Dias;
- Apresentação das ações do grupo de turismo – Educadora Arlete Oliveira do Nascimento.
- Apresentação das ações do grupo de uso e ocupação do solo - Luís Ribeiro da Silva (Itá)
- Apresentação das ações do grupo de pesca – Sílvio Mário Martins da Silva
- Energia é o nosso desafio: produzir preservando ou preservar produzindo, pela Bióloga Técnica de Segurança, Meio Ambiente e Saúde da UN-RNCE – Petrobras, Bárbara Prates Carpeggiani;
- Desenvolvimento Sustentável - Dr. Cheng Hsin Nery Chao – Depto. de Educação Física/ UEPB;
- Turismo comunitário e desenvolvimento econômico local, René Schärer – Fundador do Instituto Terramar e membro do Comitê de Gestão Nacional da Pesca Sustentável da Lagosta;
- O acesso a terra e aos recursos naturais pelas comunidades tradicionais em unidades de conservação – Dr. André Rodolfo de Lima – Instituto Sócio-Ambiental-ISA/DF;
- A pesca artesanal e suas possibilidades econômicas– Dr. José Telino Neto – Gerente Regional da Secretária Especial de Aqüicultura e Pesca- SEAP/PR;
- Na palma da mão: sujeitos ecológicos na RDS Estadual Ponta do Tubarão - Eliane Nascimento de Farias – Curso de Especialização em Educação Ambiental /UFRN;
- RDS Estadual Ponta do Tubarão: criação, desafios e ações pedagógicas Luís Ribeiro da Silva (Itá) - Curso de Especialização em Educação Ambiental / UFRN.
- O que é criação e implantação de uma reserva? Ministrado por Miriam Cunha – Equipe de SMS/Petrobras;
- O que é responsabilidade social? Valdyr Negreiros **–** Gerente Empresarial do Ativo Produtivo do Alto do Rodrigues / Petrobras;
- O que é desenvolvimento sustentável? Equipe de Educação Ambiental/IDEMA;
- O que é criação e implantação de uma reserva? Equipe de Educação Ambiental/IDEMA.
- Alongamento é bom... Equipe da SMS/Petrobrás.
- O que é criação e implantação de uma reserva? Miriam Cunha- Equipe de SMS da Petrobras.

Mesa Redonda - Tema: **O Desenvolvimento Sustentável e a RDS Estadual Ponta do Tubarão**. (Coordenadora da mesa - Profª Drª Marta Pernambuco– Coordenadora do NEPECT – Departamento de Educação/ UFRN. - Debatedores: Dr. Fábio Góes - Diretor adjunto do IDEMA, Dr. Alvamar Queiroz - Gerente Executivo do IBAMA/RN, Engª. Yeda Cunha - Gerente Regional do Patrimônio da União / RN, Dr. Jorge Amorim - Representante da PETROBRAS / RN, Dr. José Telino - Gerente Regional da SEAP/PR, René Schärer - Fundador do Instituto Terramar e membro do CGSL, Oscar Paulino - Representante da Prefeitura de Macau, José Câmara - Prefeito de Guamaré, Valfran de M. Lima - Representante da Comunidade de Diogo Lopes, Wiziley de Q. Freire - Representante das Comunidades de Lagoa Doce, Mangue Seco I e II.

Eventos Sócio-culturais :

- Orquestra Filarmônica Monsenhor Honório executou o Hino Nacional
- Apresentação do Grupo de Jovens da Igreja Metodista Wesleyana
- Benção Ecumênica
- Barracas de artesanato e comidas típicas durante todo o evento à noite.
- Limpeza do Manguezal de Barreiras e Diogo Lopes
- Apresentação do Grupo de Dança do Porto de Ama (GRUDANPORAM)
- Apresentação do Programa de Criança da Petrobras de Macau
- Exposição de trabalhos e concurso de pintura, desenho e poesia com premiação nas categorias: Infantil, Juvenil e Adultos (Alunos do EJA).
- Exposição de painéis com estudos ambientais desenvolvidos na RDS Estadual Ponta do Tubarão com alunos de nível médio da Escola Estadual Clara Teteo/Macau.
- Apresentação da quadrilha junina do arraiá do Zé Matuto de Guamaré.
- Barracas de artesanato e comidas típicas.

Encaminhamentos:

- Recomendar uma atuação Institucional, coordenada pela Prefeitura de Macau para buscar soluções imediatas aos problemas da área da comunidade de Soledade;
- Sugerir ao Conselho Gestor da RDS Estadual Ponta do Tubarão a intensificação do processo de implantação da RDS Estadual Ponta do Tubarão
- Sugerir ao Conselho Gestor da RDS Estadual Ponta do Tubarão o apoio à comunidade de Soledade no sentido de sua organização para participar da busca de soluções para aquela área;
- Sugerir ao Conselho Gestor da RDSEPT a discussão da aplicação do DLIS (Desenvolvimento Local integrado e Sustentável) no desenvolvimento do modelo da RDS Estadual Ponta do Tubarão;
- Recomenda ao Conselho Gestor da RDSEPT que solicite ao governo do Estado a formalização junto ao Patrimônio da União do pedido de cessão da área da RDS Estadual Ponta do Tubarão

Resultados:

- MOÇÃO DO 5º ENCONTRO ECOLÓGICO DA RDS ESTADUAL PONTA DO TUBARÃO - baseados no artigo 28 da Lei 9.985/2000 e no Regulamento da Reserva, Lei Estadual 8.349 de 2003, em seu artigo 5o, inciso I solicitando a Excelentíssima Senhora Governadora Wilma de Faria, determine, em regime de urgência, a revisão do parecer da Procuradoria Geral do Estado, que obriga o IDEMA a emitir licenças para instalação de projetos de carcinicultura na área da Reserva. Nesta moção assinaram 223 pessoas
- Certificados aos participantes
- Produção de um vídeo documentário cobrindo o Evento
- Produção de uma revista com 24 páginas (em anexo), contendo 7 resumos de trabalhos científicos produzidos na Reserva e 6 artigos de temas diversos, histórico das entidades realizadoras, programa do evento, comissão organizadora e equipe de realização. As características da revista são: Ano 3, vol. 1, série 1, 1ª edição. Julho de 2005. RDS Estadual Ponta do Tubarão-RN;
- Produção do 2º informativo da Reserva contendo a filosofia do V Encontro, os grupos de trabalhos desenvolvidos pelo Conselho Gestor, poesias e curiosidades dos pescadores. As características do informativo são: Ano 2, nº 1. julho de 2005 – Barreiras, Diogo Lopes, Mangue Seco/Lagoa Doce e Sertãozinho-RN.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo